

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
CURSO: DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA APLICADA**

**MOTIVAÇÕES SEMÂNTICO-COGNITIVAS E DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS
NOS PROCESSOS DE INTENSIFICAÇÃO**

JOSÉ ROMERITO SILVA

**NATAL/RN
2008**

JOSÉ ROMERITO SILVA

**MOTIVAÇÕES SEMÂNTICO-COGNITIVAS E DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS
NOS PROCESSOS DE INTENSIFICAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem, área de concentração em Lingüística Aplicada.

Orientação:

Prof^a Dr^a Maria Angélica Furtado da Cunha.

**NATAL/RN
2008**

**DEFESA DE TESE
PÁGINA DE AVALIAÇÃO**

SILVA, José Romerito. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. Tese de Doutorado. Natal, RN: PPgEL (Letras)/UFRN, 2008.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Angélica Furtado da Cunha
Orientadora

Profª Drª Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo
Examinadora Externa

Profª Drª Edair Maria Görski
Examinadora Externa

Prof. Dr. Marcos Antônio Costa
Examinador Interno

Profª Drª Maria Alice Tavares
Examinadora Interna

Prof. Dr. Luis Álvaro Sgadari Passeggi
Examinador Suplente

Natal, 14 de novembro de 2008.

"A mente não se desliga do corpo e está situada em contextos físicos, sociais e históricos carregados de culturas e vivências."

(Luiz Antônio Marcuschi, 2005).

"... somos, especialmente pela linguagem, centelha de uma grande e ininterrupta chama, que confere sentido a tudo o que existe."

(Irandé Antunes, 2007)

"Considerações funcionais têm um papel fundacional na investigação lingüística e não apenas um papel subordinado."

(Ronald W. Langacker, 1997).

DEDICATÓRIA

À minha família,
esteio e refúgio imprescindíveis
em todos os momentos,
dedico.

AGRADECIMENTOS

À *Profª Maria Angélica*,
por sua participação inestimável em meu aprimoramento acadêmico e profissional, bem como pela orientação segura e sempre presente.

Aos professores *Luis Passeggi* e *Alice Tavares*, participantes da Banca de Qualificação, pelos comentários apreciativos sobre minha pesquisa e valiosas sugestões para o seu aperfeiçoamento.

Ao *Prof. Marcos Costa*,
pela colaboração solidária e desprendida, fornecendo parte do material de análise.

Aos professores participantes da Banca de Defesa,
pelas tão bem-vindas observações, com certeza, úteis para ajustes necessários a este trabalho.

Aos que, de algum modo, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

A *intensificação*, também denominada de *grau* (ou *gradação*) nos estudos da linguagem, apesar de sua produtividade e importância na interação verbal, não tem recebido a merecida atenção na investigação lingüística. Excetuam-se raríssimas abordagens mais recentes, as quais debatem esse fenômeno ultrapassando os limites da caracterização formal e afastando-se da atitude prescritivista. Sendo as construções lingüísticas uma codificação simbólica do modo como conceitualizamos, através de operações cognitivas, as coisas com as quais interagimos no ambiente físico e social, advogo que, na maioria dos processos de intensificação, estabelece-se uma associação de natureza abstrata entre o conteúdo intensivo significado e outro de base mais concreta, derivado de nossa relação corporal com o meio em que vivemos. Assim, boa parte dos intensificadores resulta de uma extensão metonímica e/ou metafórica de noções adquiridas pela experiência. Por outro lado, a atribuição de intensidade e sua codificação formal são também orientadas por fatores discursivo-interacionais, como o perfil dos interlocutores, necessidades e intenções comunicativas etc. Nesse contexto, os componentes lingüísticos sinalizadores do conceito intensivo apresentam-se num *continuum* de regularidade gramatical, em que uns demonstram maior fixidez e outros em incerta variação. Utilizo como referencial teórico os postulados da Semântica Cognitiva, conforme defendidos por pesquisadores como Lakoff e Johnson (1980, 1987, 1999), Taylor (1992), Tomasello (1998, 2003), entre outros, e da Lingüística Funcional contemporânea, representada, sobretudo, por Heine (1997), Givón (1998, 2001), Hopper (2003) e outros. O material de análise é constituído de textos coletados no *Corpus Discurso & Gramática*, em suas versões do Rio de Janeiro, Rio Grande e Natal. Além disso, recorro, ainda, a textos de variadas fontes, a fim de captar a diversidade de usos do conceito intensivo. Espero, através deste trabalho, contribuir de algum modo para a melhoria da ação pedagógica e da aprendizagem quanto ao estudo da língua em sala de aula, em especial, no que se refere ao recurso à intensificação, com vistas ao aperfeiçoamento das habilidades de leitura e produção textual dos alunos.

Palavras-chave: *Intensificação. Lingüística Cognitiva. Lingüística Funcional. Ensino de língua.*

ABSTRACT

Intensity is best known as *degree* in the study of language. In spite of its importance in human communication, it has not been deeply investigated. The exception is some recent approaches that have studied this subject beyond formal and normative descriptions. Linguistic constructs are symbolic encoding of the way we conceptualize, through cognitive operations, the world around us and the things which we interact with. So I claim that most of intensity concepts emerge from the relationship between them and those more "concrete" concepts based on our everyday experience. On the other hand, intensive notions and their formal encoding are also motivated by discourse and interactional factors, *i.e.*, who the speaker/writer and the hearer/reader are, communicative purposes, and so on. Because of that, linguistic components that express intensity represent a *continuum* of grammatical regularity in which some forms seem more fixed and others exhibit uncertain variation. The theoretical background used is based on Cognitive Semantics, represented by Lakoff and Johnson (1980, 1987, 1999), Taylor (1992), Tomasello (1998, 2003), and Functional Linguistics, as postulated by Heine (1997), Givón (1998, 2001), Hopper (2003) and others. The texts I analyze are from the *Corpus Discurso & Gramática*, sections of Rio de Janeiro, Rio Grande and Natal. In addition I use texts of different genres collected from several sources of actual communicative contexts. I hope that this study about intensity may contribute for language teaching and learning in some way, specially in terms of textual reading and writing.

Key words: *Intensity. Cognitive Linguistics. Functional Linguistics. Language teaching.*

RELAÇÃO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- *Corpus D&G: Corpus Discurso & Gramática*
- DL: descrição de local
- MCI: modelo cognitivo idealizado
- MPB: música popular brasileira
- NE: narrativa de experiência pessoal
- NR: narrativa recontada
- PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais
- PNLD: Programa Nacional do Livro Didático
- RG: Rio Grande
- RJ: Rio de Janeiro
- RO: relato de opinião
- RP: relato de procedimento
- SA: sintagma adjetival
- SAdv: sintagma adverbial
- SN: sintagma nominal

RELAÇÃO DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

- Quadro esquemático sobre o grau/a intensificação conforme a abordagem tradicional (Q1) – p. 46;
- Quadro resumitivo sobre os tipos de gramaticalização (Q2) – p. 93;
- Quadro resumitivo sobre os mecanismos atuantes na trajetória da gramaticalização (Q3) – p. 97;
- Quadro resumitivo sobre a atuação da metáfora e da metonímia na gramaticalização (Q4) – p. 118;
- Quadro esquemático sobre o processo de reanálise/metonímia na intensificação (Q5) – p. 134;
- Quadro resumitivo sobre a caracterização tipológica do grau (Q6) – p. 141;
- Quadro demonstrativo da trajetória de modificação funcional de *aquele* (Q7) – p. 263.

TABELAS

- Tabela sobre o uso de intensificadores nos *corpora D&G RJ, RG e NATAL*, considerando os modos de codificação lingüística e suas respectivas categorias lexicais, distribuídos conforme o grau de escolaridade (T1) – p. 184;
- Tabela sobre o uso de intensificadores nas categorias textuais dos *corpora D&G RJ, RG e NATAL* (T2) – p. 186;
- Tabela sobre os termos intensificadores mais utilizados nos *corpora D&G RJ, RG e Natal* (T3) – p. 189;
- Tabela sobre as funções sintáticas das categorias lexicais intensificadas nos *corpora D&G RJ, RG e Natal* (T4) – p. 191.

SUMÁRIO

Conteúdo	Página
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	13
1. Do tema da pesquisa e das razões para sua escolha	14
2. Do trabalho anterior	19
3. Problematização	29
4. Dos pressupostos	29
5. Das hipóteses	30
6. Dos objetivos	31
6.1. Geral	32
6.2. Específicos	32
7. Do método e dos procedimentos de pesquisa	33
7.1. O método de investigação	33
7.2. O material de análise	34
7.3. O tratamento dos dados	35
8. Do embasamento teórico	37
CAPÍTULO 2: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A INTENSIFICAÇÃO	39
1. As abordagens tradicionais	40
1.1. O que diz a tradição gramatical	40
1.2. Trabalhos específicos de orientação tradicional	47
2. Enfoques recentes sobre a intensificação	49
3. Estudos do grau/da intensificação fora do âmbito da língua portuguesa	56
CAPÍTULO 3: EMBASAMENTO TEÓRICO	64
1. O modelo de abordagem cognitivista	65
1.1. A Lingüística Cognitiva	65
1.2. A Semântica Cognitiva	70
2. A Lingüística Funcional	75
2.1. O Funcionalismo norte-americano	75
2.2. Algumas categorias explanatórias da Lingüística Funcional contemporânea	80
2.2.1. Informatividade	80
2.2.2. O fenômeno da gramaticalização	86
3. As concepções de metáfora e de metonímia	98
3.1. A metáfora	98
3.1.1. A abordagem da Semântica Cognitiva	98
3.1.2. O enfoque da Lingüística Funcional contemporânea	109

3.2. A metonímia	111
3.2.1. O tratamento da Semântica Cognitiva	111
3.2.2. A perspectiva funcionalista	116
CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE GRAU E INTENSIFICAÇÃO E ALGUMAS ANÁLISES PRELIMINARES	119
1. A distinção entre grau e intensificação	120
1.1. O grau	121
1.1.1. Bases semântico-cognitivas do grau	123
1.1.2. Caracterização tipológica do grau	135
1.1.3. A escalaridade das noções graduáveis	138
1.2. A intensificação	146
1.2.1. Conceito de intensificação	147
1.2.2. Caracterização do grau intensivo	148
1.2.3. Escopo da intensificação	153
1.2.4. Estratégias de significação da intensidade	161
1.2.5. Modos expressivos de codificação das noções intensivas	164
1.2.6. Conteúdos lexicais intensificáveis e suas respectivas funções sintáticas	179
2. Dados quantitativos sobre a intensificação nos <i>Corpora D&G</i>	183
CAPÍTULO 5: DEMANDAS COGNITIVO-INTERACIONAIS NO RECURSO À INTENSIFICAÇÃO	193
1. Bases cognitivo-conceituais da intensificação	194
1.1. Conceitos metafóricos e metonímicos de intensidade mais gerais e recorrentes	196
1.1.1. A metáfora de quantidade como recurso intensificador	196
1.1.2. A noção intensiva derivada do conceito de tamanho/dimensão	202
1.1.3. A conceitualização de peso/força extensiva à noção de intensidade	212
1.1.4. A idéia de intensidade oriunda do conceito de localização	216
1.1.5. A abstratização intensiva advinda de experiências biofísicas e psicoafetivas	225
1.1.6. O conceito intensivo através de metáforas novas	230
2. Fatores discursivo-interacionais consideráveis no recurso à intensificação	235
2.1. O valor informacional da intensificação em conceitos específicos	240
2.2. A funcionalidade dos conceitos intensivos no todo discursivo	248
3. Considerações sobre a gramaticalização de recursos intensificadores	253
CAPÍTULO 6: CONCLUSÃO	268
1. Resumo apreciativo das conclusões deste trabalho	269
2. Sugestões de trabalho em sala de aula sobre a intensificação	280
REFERÊNCIAS	293

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Em caráter introdutório, neste capítulo, traço um esboço geral de minha pesquisa. Primeiramente, apresento o tema do trabalho, eleito como objeto de estudo – a *intensificação* e os fatores envolvidos em sua formação conceitual e codificação formal –, esclarecendo os motivos que justificam sua escolha. Em seguida, faço uma breve retomada de minha pesquisa anterior (parcialmente relacionada a esse tema) durante o mestrado. Depois, levanto algumas questões para as quais busco resposta através desta pesquisa. Na sequência, explico os pressupostos subjacentes a esse estudo e, após isso, avento algumas hipóteses em torno da questão intensiva, cuja validade pretendo averiguar ao longo deste trabalho. Continuando, esclareço os objetivos a serem alcançados e, logo a seguir, os procedimentos metodológicos que adoto. Por fim, exponho o quadro teórico que fornece sustentação epistemológica ao fenômeno sob exame.

1. Do tema da pesquisa e das razões para sua escolha

A *intensificação*¹, inscrita nos estudos relativos aos fatos da linguagem na categoria "grau" (ou "gradação"/"graduação"), daí, *grau intensivo*, figura como um dos universais semântico-lingüísticos² (FONSECA, 1985, p. 222; CROFT, 1990, p. 190; LEHMANN, 1991, p. 520; HEINE, 1997, p. 111; WIERZBICKA, 1998, p. 115), ao lado de conceitos como *transitividade* e *estrutura argumental* (SLOBIN, 1982, p. 409-410; GIVÓN, 1984, p. 85-86), *pessoa e tempo* (BENVENISTE, 1989, p. 68-70), *posse e espacialidade* (KEMMER, 2003, p. 90-

¹ No capítulo 4 (*Considerações gerais sobre grau e intensificação...*), apresento o conceito de intensificação tal como é entendido neste trabalho. A propósito, utilizarei as expressões *intensificação*, *grau intensivo* e *intensidade* como noções conceitualmente intercambiáveis.

² Por *universais semântico-lingüísticos*, quero referir-me a determinadas noções cognitivas (*i.e.*, representações/modelos conceituais sobre referentes, propriedades, ações, eventos e estados de coisas em geral) extensivas especificamente à espécie humana (nas palavras de WIERZBICKA, 1998, p. 114, "*primitivos conceituais universais*"), encontradas em todas as comunidades de fala e codificadas translingüisticamente, não obstante suas especificidades socioculturais e léxico-gramaticais.

91), *número e negação* (MARTIN, 2003, p. 97-98), entre outros. Não há dúvida de que se trata de uma das estratégias discursivas mais utilizadas nos processos de interação verbal, dos mais simples e descontraídos, como é o caso de uma conversa íntima, àqueles mais formais e ritualizados, como um texto acadêmico, por exemplo. No entanto, diferentemente dos demais, esse tema não tem recebido atenção proporcional, reservada a seus pares, nas investigações acerca dos fenômenos lingüísticos, nem pela tradição gramatical nem por parte dos lingüistas.

Conforme Barros (1985, p. 189), a pouca atenção dos lingüistas ao tema da intensificação se deve pelo motivo de a maioria não o considerar "*pertinente às estruturas básicas da língua. Consideram-no, sim, e com razão, recursos estilísticos de grande validade para a comunicação...*" Do mesmo modo, Fonseca (1985, p. 215) também afirma que esse tópico tem sido tratado "*de modo claramente marginal na descrição-explicação das línguas naturais*". Para esse autor, tal atitude se explica em razão de a intensificação situar-se no domínio da subjetividade e da criatividade estilística, não se inscrevendo, portanto, no quadro das grandes regularidades do sistema lingüístico.

Ora, é, de certo modo, estranho que um estudioso da língua reconheça o valor comunicativo de uma dada manifestação de linguagem e isso não lhe desperte interesse, sob a desculpa de se tratar de um "recurso estilístico de natureza subjetiva". Essa postura, tal como observa Fonseca (*ibidem*), parece revelar uma concepção de língua cuja conseqüência é a opção por descrevê-la apenas em seus aspectos estruturais, de forma idealizada e abstraída das motivações subjacentes ao seu uso.

Quanto a isso, observei que, mesmo em abordagens que se afastam um tanto do modelo tradicional, a exemplo de Neves, em sua "*Gramática de usos do português*" (2000), os intensificadores são mencionados em relação a algumas classes lexicais, porém de forma bastante inexpressiva. Há também o caso da extensa coleção "*Gramática do português falado*", composta por uma quantidade considerável de trabalhos de diversos lingüistas, que quase passa completamente ao largo desse assunto, apesar da vasta gama de temas abordados em diferentes áreas dos estudos lingüísticos. A exceção é Ilari et al. (1996), que, ao tratar da posição dos advérbios na sentença, descreve a dos "*intensificadores*" (p. 119-122).

A abordagem dos gramáticos renomados e da literatura especializada tradicional, como havia de se esperar, limita-se à descrição semântico-estrutural imanente (isto é, alheia ao uso efetivo da língua), aliada, na maioria dos casos, à prescrição normativa do que

costumam denominar de "*grau*" (ou "*gradação*"). O tratamento dispensado a esse assunto é, em geral, relegado a um plano secundário, como parte do estudo dos aspectos semântico-formais das categorias lexicais (mais especificamente substantivos, adjetivos e alguns advérbios), de modo bastante idealizado e superficial.

Esses estudos, invariavelmente, apresentam o perfil nocional do *grau*, no que se refere aos traços *aumentativo* e *diminutivo* do substantivo e *comparativo* e *superlativo* dos adjetivos e advérbios, bem como as possibilidades de sua estruturação lingüística nas formas *sintética* e *analítica*. Após essa caracterização, em geral, segue-se uma listagem dos usos canônicos eruditos, com acentuada tendência prescritivista. Entre os autores que se destacam nessa linha de abordagem, são dignos de nota, por exemplo, nomes como Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1998) Almeida (1999), Bechara (2001), entre outros. Nesse cenário, devo aqui mencionar a gramática de Barros (1985), que, apesar de poder ser enquadrada no modelo tradicional, destoa um pouco dessa orientação. Em sua abordagem sobre a intensificação, considera diversos casos não contemplados nas descrições clássicas e se resguarda quanto à tendência prescritivista. Por outro lado, não vai além da mera descrição formal dos variados recursos intensificadores.

Ancorados nessa tradição, os livros didáticos, nos níveis fundamental e médio, também não fogem à regra: restringem-se à reprodução do que ensinam os compêndios gramaticais clássicos, e, do mesmo modo, com indisfarçável preferência pelos modelos da norma culta/padrão³. E, mesmo aqueles que, aparentemente, alinham-se à orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (como é o caso de CEREJA e MAGALHÃES, 2006, para o ensino fundamental, e de TERRA e NICOLA, 2004, para o ensino médio, por exemplo), acabam enveredando pela mesma perspectiva de enfoque.

Após intensa busca bibliográfica em outras fontes de estudo fora do âmbito e da doutrina das gramáticas tradicionais⁴, descobri que um dos poucos trabalhos dedicados

³ Embora sabedor da distinção teórica entre *norma culta* e *norma padrão*, prefiri ignorá-la aqui, tratando estas como conceitualmente intercambiáveis. O mesmo se dá com a terminologia *gramática tradicional* e *gramática normativa*.

⁴ Cabe registrar aqui a gramática de Mateus et al. (1983), que, adotando a perspectiva gerativista, examina as "*Construções de graduação*" considerando apenas seus aspectos estruturais (formação sintagmática e/ou oracional, no âmbito da teoria X-barra) e semânticos.

exclusivamente à intensificação, pelo menos em língua portuguesa, é o de Cruzeiro (1973)⁵, que aborda essa questão no português dos séculos XIII a XV. É uma obra de cunho predominantemente descritivo (mas não normatizador nem restrito aos padrões cultos), que nos fornece um panorama dos diversos recursos intensificadores utilizados nesse período no português europeu.

Outros trabalhos sobre esse tema são o de Staub e Regueira (1975), o de Fonseca (1985), o de Lopes (2000), o de Melo (2003) e dois textos de Gonçalves (2003, 2007). O primeiro constitui uma explanação eminentemente descritiva, que trata das origens etimológicas do sufixo superlativo erudito (nas formas *-íssimo*, *-érrimo* e *-ílimo*), discutindo, ainda, a questão flexão/derivação quanto à categoria *grau*. O segundo dedica-se a analisar a configuração e o funcionamento da comparação enfática (denominada por Fonseca de "*comparação emblemática*"), procurando conjugar fatores de ordem sintática, semântica e pragmática, no âmbito da Linguística da Enunciação. O terceiro, que se insere num projeto de pesquisa maior sobre os mecanismos de intensificação na fala culta de Salvador/BA, tem como objetivo específico identificar os fatores enunciativos e argumentativos subjacentes ao uso dos prefixos intensificadores, sob a ótica da Análise do Discurso. O texto de Melo é um pequeno artigo, de orientação laboviana, enfocando a intensificação "não-convencional" em narrativas orais como "*avaliação implícita*". Quanto aos de Gonçalves, um (de 2003) concentra-se na "*função indexical*"⁶ dos sufixos *-íssimo*, *-érrimo* e *-ésimo*. É um trabalho que, situado no campo da Sociolinguística, intenta promover a interface entre prosódia, morfologia e pragmática, procurando estabelecer uma relação entre o sexo dos falantes e a escolha dessas formas intensivas. O outro (de 2007) encaminha-se para o domínio da morfologia lexical, retomando a velha controvérsia flexão/derivação do grau no português.

Há também outros dois trabalhos aos quais não tive acesso. São eles o de Rio-Torto (1987, *apud* LOPES, 2000, p. 2), que analisa itens lexicais de intensidade no português atual, portanto, mais propriamente situado no campo da semântica lexical, e o de Brunner

⁵ Nesse trabalho, a autora menciona duas outras obras em torno desse tema (com as quais não tive contato), a saber: a de Oliveira (1962), sobre os processos de intensificação (mais especificamente, o superlativo absoluto) no português contemporâneo, e a de Berthelon (s.d.), sobre a expressão de grau no francês contemporâneo, com especial atenção ao caráter afetivo dos intensificadores. Pelos comentários da autora, suponho serem alinhados ao modelo tradicional, de cunho igualmente descritivo.

⁶ Ver o esclarecimento dessa noção no capítulo 2, em que faço a revisão bibliográfica sobre algumas abordagens existentes acerca do grau/da intensificação.

(1995, *apud* GONÇALVES, 2003, p. 48), que investiga os processos de intensificação restritos à fala culta carioca. Mesmo sem o conhecimento de seus respectivos suportes teóricos e modos de abordagem, por essas poucas informações, posso inferir que ambos os estudos possuem, provavelmente, um escopo bastante específico.

Com respeito à discussão desse tema em outras línguas, tenho conhecimento de algumas poucas publicações. No contexto dos compêndios gramaticais, destaco aqui a gramática de Quirk e Greenbaum (1979). Nessa obra, mais especificamente na seção sobre *adjetivos e advérbios*, os autores tratam dos aspectos semântico-formais relacionados à *comparação* e à *intensificação*, propondo uma caracterização tipológica inovadora para esta última. Há também a gramática de Leech e Svartvik (1994), que, apesar de se pretender "*comunicativa*" (*A communicative grammar...*), pelo menos no que se refere à questão do grau ("*expressions of degree*"), acaba limitando-se a expô-la quase nos mesmos moldes dos enfoques tradicionais, descrevendo a comparação e a superlativação em termos nocionais e estruturais, abstraídas de qualquer vínculo com suas respectivas funções interlocutivas.

Fora desse contexto, identifiquei, ainda, outras publicações tratando da questão intensiva. Uma delas é um estudo de Labov – "*Intensity*", de 1984 (*apud* MELO, 2003) –, em que, procurando redimensionar a proposta das gramáticas normativas, descreve as diversas manifestações de intensidade nos itens lexicais e em outras formas de codificação gramatical. Outra é um trabalho de Heine (1997) sobre os *fundamentos cognitivos da gramática*, em cuja seção exclusiva sobre *comparação*, discute esse tema em referência às bases cognitivas de sua conceitualização, em especial, os marcadores gramaticais comparativos. Encontrei, ainda, a dissertação de mestrado de Flores (2004)⁷ sobre "*o grau mais alto*", em termos estritamente semânticos, na qual a autora estabelece uma comparação dessa categoria entre o alemão e o português.

Os outros trabalhos pesquisados constituem, relativamente, menções esparsas e de âmbito específico sobre a noção de intensidade. Uma delas encontra-se na clássica obra de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) sobre a *metáfora*. Em seu texto, os autores chamam a atenção

⁷ Flores nos dá conta de outros trabalhos sobre o tema da *intensificação* em outras línguas, a saber: Bolinger (1972), para o inglês; Rainer (1983), para o italiano; e Van Os (1989), para o alemão. Segundo a autora, tais textos abordam questões quanto aos aspectos semânticos e estruturais desse fenômeno. A essas obras também não consegui ter acesso.

para o caráter motivado de algumas expressões intensivas, especialmente aquelas formatadas por meio de alongamento ou acento fonético. As outras se acham, respectivamente, num texto de Traugott (1982), tratando da origem de alguns intensificadores no inglês; num artigo de Lehmann (1991) sobre alguns casos de intensificação no alemão; e numa passagem do trabalho de Hopper e Traugott (2003), exemplificando casos de renovação gramatical. Em todos esses trabalhos, os autores abordam esse fenômeno numa perspectiva diacrônica, relacionando-o aos processos de mudança lingüística e de gramaticalização.

Registro, ainda, um trabalho de Croft e Cruise (2004) sobre Linguística Cognitiva. Num dos tópicos tratando sobre semântica lexical, os autores debatem a conceitualização de intensidade – com especial ênfase no *grau comparativo dos adjetivos opostos* –, vinculada exclusivamente às noções da *antonímia* e da *complementaridade*.

2. Do trabalho anterior

Em minha pesquisa de mestrado (SILVA, 2000), dediquei-me exclusivamente em investigar as manifestações não-canônicas (que eu denominei "*estratégias discursivas*"⁸) de superlativação em adjetivos e advérbios. São aquelas codificações do *superlativo absoluto* distintas das formas padronizadas⁹, mais comumente utilizadas na comunicação cotidiana informal (porém bastante recorrentes e produtivas), as quais ainda não foram reconhecidas oficialmente pela tradição gramatical dado o seu caráter criativo e aparentemente irregular.

Eis algumas amostras desses casos, colhidas do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998)¹⁰ – doravante, *Corpus D&G/Natal*:

⁸ Denominei-as "*discursivas*" pelo fato de se situarem mais no âmbito da criatividade discursiva dos locutores e, portanto, ainda não formalmente regulares, isto é, dentro de um padrão gramatical constante e previsível (embora obedeçam, relativamente, a determinados "esquemas" de formação), como é o caso das construções canônicas (não que estas também não sejam discursivas, no sentido de serem igualmente utilizadas nos variados eventos de interlocução).

⁹ Ilustro aqui as formas padronizadas (ou canônicas) com exemplos extraídos de Rocha Lima (1998, p. 101):

1- "Esta cidade é *muito antiga* (ou *antiquíssima*)" – para o adjetivo;

2- "Cumprir *muito fielmente* (ou *fidelíssimamente*) os compromissos" – para o advérbio.

¹⁰ Esse foi o material básico de análise utilizado em minha pesquisa.

- 1- "... a pessoa é *ruim... ruim... ruim... ruim...* aí resolve ficar bom e passa para outra religião..." (p. 65);
- 2- "... lá tinha... coral de missa né... Igreja Católica... tinha que ser aquele negócio *super bem formal...*" (p. 279);
- 3- "... eu só conheço... quer dizer eu num conheço... só vejo de longe... achei [o rapaz] *bem bonitão...*" (p. 339);
- 4- "Eu acho isso que o namoro de hoje esta *muito avançado demais...*" (p. 363).

Evidências como essas revelam um processo de variação gramatical na forma de codificação do superlativo absoluto bastante peculiar e distinto dos padrões canônicos admitidos pelas gramáticas tradicionais. No exemplo 1-, observa-se o fenômeno da repetição lexical; nos casos 2- e 4-, tem-se o emprego de dois termos intensificadores ao mesmo tempo; e no fragmento 3-, encontramos uma construção híbrida, em que o adjetivo aparece duplamente intensificado por um vocábulo adverbial e um sufixo de valor aumentativo (este, costumeiramente, mais comum em substantivos).

O que motivou meu interesse por esses tipos de superlativo foi, em primeiro lugar, a constatação de que seu uso é bastante comum e profícuo – principalmente na oralidade –, com falantes de diferentes níveis escolares e faixas etárias. Esse fato contradizia o que afirmam alguns estudiosos do assunto (CUESTA e LUZ, 1971, p. 479; ALMEIDA, 1999, p. 151, por exemplo): que a utilização desses recursos formais se deve à deficiência de escolaridade e à ignorância dos falantes quanto aos padrões cultos.

Confirmou-se, entretanto, através de levantamento quantitativo-percentual, que os locutores de nível superior utilizavam-se dessas estruturas até em maior proporção do que informantes menos escolarizados (os do ensino fundamental): dos 95 casos coletados, os alunos da 8ª série apresentam 26 usos (27,4%) contra 30 ocorrências (31,6%) dos universitários (p. 88 da dissertação). Curiosamente, também, flagrou-se o recurso a essas formas até mesmo em textos escritos, nos quais se poderia esperar que tais usos fossem evitados, devido à pressão normativa (registram-se dois casos – p. 86 da dissertação). Sendo assim, a explicação para isso deveria ser buscada em outro(s) fator(es) – no caso, o alto efeito de transparência entre conteúdo e expressão e a conveniência discursiva dessas formas – que não o desconhecimento ou o pouco domínio da norma culta por parte do locutor.

Outro motivo que me incentivou à pesquisa durante o mestrado foi a inexistência de um tratamento adequado desse fenômeno pelos gramáticos e demais autores que o reconhecem – aliás, com reservas. Como foi visto, esses estudiosos (entre eles, além dos já citados, SILVEIRA, 1972; BARRETO, 1980; BASÍLIO, 1989), no máximo, fornecem alguns poucos exemplos desses casos, lembrando sempre se tratar de expressões populares casuais e subjetivas, caracterizando desconhecimento e desvio dos usos normativos, típicos de falantes iletrados ou de pouca instrução escolar.

Ainda um ponto a ser destacado é o fato de eu ter descoberto na Linguística Funcional contemporânea um aparato teórico-metodológico que me daria condições mais vantajosas de investigar essa questão a partir de outro(s) ângulo(s) distinto(s) daqueles que pautam as abordagens tradicionais. Assim, amparado em autores como Givón (1984, 1995), Haiman (1980, 1983), Bybee (1985), Hopper e Thompson (1994), entre outros, interessei-me mais especificamente em estudar alguns princípios de análise adotados pelo Funcionalismo norte-americano relacionados a aspectos cognitivos dos padrões não-canônicos de superlativação. Tais princípios são: *iconicidade* e *marcação* e as categorias funcionais *plano (figural/fundo)* e *contrastividade*. Também, buscando suporte na proposta teórica de Halliday (1976, 1985) sobre as *funções da linguagem* (isto é, *ideacional*, *interpessoal* e *textual*), analisei os determinantes funcionais, conforme essa ótica, no uso dessas formas. Desse modo, procurei conjugar ambas as perspectivas epistemológicas de orientação funcionalista.

Quanto à *iconicidade* em lingüística, esta é definida, de uma maneira geral, como a correlação motivada entre forma e função, em outras palavras, entre o código lingüístico e seu *designatum* (GIVÓN, 1984, p. 30; HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 26). Segundo nos informa Croft (1990, p. 163), os lingüistas funcionais advogam a idéia de que a estrutura da língua tende a se equiparar à conceitualização humana do mundo. Sendo assim, a estrutura de uma construção gramatical reflete, de algum modo, a estrutura do conceito que ela expressa. Quanto a isso, vale observar, ainda, que, na língua, ao contrário do que defendiam os de posicionamento mais extremista (como BOLINGER, 1977, por exemplo), a relação entre conteúdo e codificação formal não é absoluta (isto é, de um-para-um), mas relativa (cf. GIVÓN, 1995, p. 59).

Entre os três subprincípios básicos da iconicidade, a saber, *quantidade*, *proximidade* e *ordenação linear* (GIVÓN, 1995; VOTRE e CEZARIO, 1996, p. 118-119),

selecionei apenas o primeiro, por estar mais diretamente relacionado ao estudo em tela. Dito sucintamente, o subprincípio da *quantidade* revela que a extensão da embalagem lingüística deverá refletir, de alguma maneira, o volume referencial e/ou o grau de complexidade semântica do conteúdo, o nível de (im)previsibilidade informacional e/ou sua relevância discursiva.

Exemplo disso é o alongamento de certas construções lingüísticas, em que o falante deseja expressar os aspectos progressivo ou iterativo e/ou a intensidade da ação descrita, como nos fragmentos textuais que seguem:

5- "*Kofi dzó*" = "*Kofi saiu*" – aspecto pontual <¹¹ "*Kofi le dzó-dzó-m*" = "*Kofi está saindo*" – aspecto progressivo (exemplo do ewe – língua falada por alguns povos africanos –, coletado em HEINE, 1994, p. 260);

6- "*I(um)akad*" = "*caminhar uma vez*" < "*(mag)la-lakad*" = "*caminhar repetidamente*" (amostra em tagalog/Filipinas, encontrada em McMAHON, 1995, p. 87);

7- "... ele fugiu com a moça... daí fugiram... começaram a correr e o homem atrás deles... *correram... correram... correram...* enquanto isso... o homem *correndo... correndo...* atrás deles..." (*Corpus D&G/Natal*. Narrativa recontada oral, p. 411).

Cabe, ainda, observar, apenas a título de confirmação, que o plural, por exemplo, é prototipicamente expresso com um morfema a mais, se comparado com o singular, uma vez que designa um conceito cuja idéia exprime maior quantidade de elementos. Vejamos:

- *teacher* = *professor* < *teachers* = *professores* (inglês);
- "*köy*" = "*aldeia*" < "*köyler*" = "*aldeias*" (turco – In: BIDERMAN, 1978, p. 129);
- "*aba*" = "*homem*" < "*aba aba*" = "*homens*" (tupi – In: LOPES, 1976, p. 178).

Do mesmo modo ocorre com a negação, que é estruturalmente maior, em comparação com a expressão afirmativa, exatamente por conter uma noção a mais. Eis algumas amostras:

- *He wants* = *Ele quer* < *He doesn't want* = *Ele não quer*; *happy* = *feliz* < *unhappy* = *infeliz* (inglês);
- "*qù*" = "*ir embora*" < "*bù qù*" = "*não ir embora*" (chinês – BIDERMAN, 1978, p. 237);

¹¹ Estou utilizando esse tipo de sinal para exprimir *acréscimo/ascendência* (marcados com <) ou *diminuição/direção decrescente* (indicadas por >).

- "έπαινω" = "louvo" < "ούκ έπαινω" = "não louvo" (grego – In: ALAND et al., 1970, p. 602-603).

Uma outra evidência dessa relação entre conteúdo e embalagem expressiva é o fenômeno da derivação, cujas formas são, em sua maioria, codificadas com uma estrutura mais extensa do que os primitivos que lhe servem de base, em virtude do acréscimo de algum aspecto nocional. Vamos aos exemplos:

- *Schachtel* = caixa < *einschalten* = *encaixar* (alemão);
- *care* = cuidado < *careful* = *cuidadoso* (inglês);
- *shū* = livro < *shūdiàn* = *livraria* (chinês).

Há também o caso da transitividade: sem dúvida, os eventos transitivos requerem, predominantemente, mais material lingüístico para sua codificação do que os intransitivos, pelo fato de aqueles envolverem maior número de participantes. A amostra a seguir pode comprovar esse fato:

8- "...eu sou muito palhaço... **brinco... faço piada** com tudo..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 177).

Observe-se que a forma verbal "*brinco*" descreve uma ação intransitiva, por isso basta-se a si mesma; já em "*faço piada*" mesmo considerando-se esse verbo como suporte, nesse contexto, ainda assim ele requer um complemento, porque sinaliza uma ação (*fazer*) que inclui um participante (*a coisa feita* – no caso, "*piada*"). Portanto, como se pode ver, há uma relação direta entre quantidade de informação e volume formal.

No caso da intensificação de atributos (em adjetivos) e de circunstâncias (em advérbios), verifica-se procedimento idêntico: adicionam-se formas lingüísticas, numa tentativa de equivalência icônica entre conteúdo e expressão (NEVES, 1997, p. 108). As amostras que seguem, do *Corpus D&G/Natal*, evidenciam esse fenômeno:

9- "... tinha um pinico [num museu em Maceió]... mas num parecia um pinico não... parecia um negócio bonito... parece um jarro num sabe? eu disse... 'ah sabe o que que eu fazia com esse pinico? Um jarro... fazia um jarro... assim **bem bonito**'..." (p. 338-339);

10- "... menina... mas **ô rapaz tímido... tímido demais... mais tímido do que eu...** mulher ó eu... porque eu sou tímida..." (p. 339).

No trecho 9-, a opinião da informante sobre o pinico é que ele "parecia um negócio bonito", mas, se ela o pegasse, poderia transformá-lo em algo melhor ainda: "*bem bonito*". Desse modo, a extensão da idéia de beleza resultou em igual aumento da expressão que a

codifica. No caso 10-, como o "rapaz" é considerado ainda "mais tímido" do que a locutora (que se acha também "tímida"), tal conceito amplificado foi expresso com material lingüístico de maior proporção formal ("ô rapaz tímido... tímido demais").

Ratificando essa mesma tendência, temos exemplos de outras línguas:

- "kapin" = "branco" < "kapin kapin" = "intensamente branco" (xipaya, língua indígena brasileira. In: CÂMARA Jr., 1989, p. 103);
- "tā gè zi gāu" = "Ele é alto" < "tā gè zi hě'n gāu" = "Ele é muito alto" (em mandarim – amostra fornecida por um falante nativo);
- "ισχυρός" = "forte" < "ισχυρότερος" = "mais forte" / "ισχυρότατος" = "o mais forte" / "muito forte" / "fortíssimo" (em grego – In: TAYLOR, 1986, p. 152).

Em todos esses casos, observa-se que a noção básica é codificada de modo mais simples se comparada à conceitualização intensiva, cuja formatação é mais extensa, uma vez que possui mais conteúdo informativo. Nesse sentido, torna-se transparente o vínculo entre essas formas de superlativo e o princípio de *iconicidade*, uma vez que aponta para correlação entre o acréscimo de um determinada propriedade nocional (a intensidade) e o reflexo disso no alongamento da embalagem lingüística. Tem-se, assim, a correspondência função/forma, atestando o subprincípio icônico da *quantidade*.

No que se refere ao princípio de *marcação* como construto teórico, Givón (1995; VOTRE et al., 1998, p. 45) estabelece que esta seja considerada sob os seguintes critérios:

- (1) *complexidade cognitiva*: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa (em termos de esforço mental, demanda de atenção ou de processamento) do que a não-marcada;
- (2) *complexidade estrutural*: a estrutura marcada tende a ser mais complexa ou maior do que sua correspondente não-marcada;
- (3) *distribuição de frequência*: a categoria marcada tende a ser menos freqüente nos textos e, assim, cognitivamente mais perceptível do que a categoria correspondente não-marcada.

Daí, a relação entre marcação e o que Givón postula como princípio de "meta-*iconicidade*", segundo o qual categorias estruturalmente mais marcadas também são substantivamente (isto é, cognitiva e interacionalmente) mais marcadas. Dito de outro modo, esses três critérios parecem representar um correlato mais geral entre padrões de marcação e

motivações substantivas que governam a natureza icônica das relações entre conteúdo e expressão.

Esse mesmo autor esclarece, ainda, que uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não-marcada em outro. Um exemplo disso é que as expressões superlativas sintéticas tradicionais são mais marcadas em contextos informais, enquanto as formas inovadoras o são em situações que exigem o uso da norma culta. Vista assim, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais e cognitivos. Essa perspectiva aponta, ainda, para a idéia do caráter não-binário desse princípio, antes definido em termos discretos – marcado x não-marcado.

Na noção de *plano*, desenvolvida primeiramente pela psicologia gestáltica, o que se observa são as dimensões de *figura* e *fundo*. Essa noção tem, portanto, um fundamento cognitivo, uma vez que, nela, consideram-se as entidades que aparecem em primeiro plano (ou seja, com maior grau de saliência), sendo, conseqüentemente, percebidas com mais facilidade pelo indivíduo, em contraste com aquelas que se encontram fora de destaque, ou menos aparentes.

Givón (1995, p. 28) relaciona esse fenômeno ao critério de *freqüência* da marcação. Para ele, o elemento marcado, por ser menos freqüente e, portanto, com maior relevo perceptual, relaciona-se à figura. Em contrapartida, aquilo que é textualmente mais abundante representa o fundo, constituindo o caso não-marcado. Nesse sentido, as formas não-canônicas de superlativação, por exemplo, por serem menos freqüentes, adquirem maior saliência, representando os elementos relacionados à figura, ao passo que as tradicionais analíticas, por serem comumente mais utilizadas, são menos destacadas e, por isso, relacionam-se ao fundo.

O papel fundamental da categoria *contrastividade* – também calcada na cognição e estreitamente vinculada ao princípio de marcação e à categoria plano – é demonstrar a opção do falante em selecionar um item dentre um conjunto de itens possíveis, conferindo-lhe realce especial e distinguindo-o de todos os demais, com o fim de despertar a atenção do interlocutor para esse item selecionado. Para marcar linguisticamente essa seleção, o locutor recorre a certos mecanismos de relevo, tais como o traço prosódico, a ruptura com a forma convencional de ordenação sintática, entre outros, o que representa, em certa medida, uma

quebra de expectativa (CHAFE, 1976, p. 34). No caso do recurso às construções mais marcadas e salientes do superlativo, a contrastividade torna-se transparente, uma vez que o componente superlativado apresenta-se como cognitiva e discursivamente mais importante.

Para demonstrar a aplicação desses princípios e categorias na análise feita em minha dissertação, transcrevo abaixo o seguinte trecho do *Corpus D&G/Natal*:

11- "... então ele [o floculador] vai girando e isso... essa mistura lenta... essa velocidade *diminuída* e essa mistura que ela vai fazendo... vai ajudando a formar os flocos que eu disse... né... aí... ele passa para o segundo floculador... isso ele chama floculador um... floculador dois em diante... aí ele passa pro dois vai ser *menor* do que do um... (...) então se reduz a velocidade do giro lá do mecanismo... aí vai pro terceiro floculador... floculador três aí a velocidade é *menor ainda*... mas é *bem pequena mesmo* a velocidade... você mesmo vê assim a água girando *bem devagarinho*... certo?" (p. 197).

Comparando-se as expressões na escala de intensificação referida sobre a diminuição de velocidade do floculador ("*diminuída*" > "*menor*" > "*menor ainda*"/"*bem pequena mesmo*"/"*bem devagarinho*"), percebe-se facilmente a relação entre a gradiência de ênfase semântica e o acréscimo de material lingüístico correspondente, o que atesta, mais uma vez, o princípio icônico da *quantidade*, representado pela tentativa de associar a codificação lingüística ao conteúdo nocional desejado; quer dizer: tanto maior intensidade se quer imprimir a algo, mais são os recursos convocados para expressá-la.

O princípio da *marcação* é demonstrado nas diferenças entre os conteúdos superlativados e suas respectivas formas. Note-se que construções como "*bem pequena mesmo*"/"*bem devagarinho*" são nocional e estruturalmente mais complexas, além de menos freqüentes em relação às demais anteriores – e tal fato comprovou-se mediante levantamento quantitativo: do total de 715 casos identificados, 620 (86,7%) pertencem às formas canônicas; 95 (13,3%) são representados pelas construções não convencionais (p. 86 da dissertação). Portanto, a fim de dar conta da escalaridade dessas noções, propus, com base em Croft (1990) e nos trabalhos de Furtado da Cunha (1999) e Oliveira (1999), que esse princípio fosse redefinido em termos de um *continuum* entre o *menos marcado* e o *mais marcado*, ao invés da rigorosa dicotomia *marcado* x *não-marcado*.

As categorias *figura/fundo* e *contrastividade* também parecem evidentes no fragmento apresentado. Tais categorias correlacionam-se aos princípios de *iconicidade* e de

marcação. As estruturas mais marcadas ("*bem pequena mesmo*"/"*bem devagarinho*") têm maior relevo e, portanto, representam *+figura* se comparadas com as que denotam pouca intensidade ("*diminuída*", "*menor*") ou com as que exprimem o grau normal, que são de pouca saliência perceptual e cognitiva – *+fundo*. E são essas diferenças que produzem o fenômeno da *contrastividade*.

Destaco, ainda, que essas categorias foram igualmente redefinidas, dado o caráter rigorosamente binário com que foram concebidas a princípio. Esclareço: observando-se o comportamento gradiente nos processos de superlativação, em que, num mesmo contexto, uma(s) exibe(m) maior destaque do que outra(s), ficaria impossível manter a rígida discreto binária dessas categorias. Assim, para que estas se adequassem melhor à explicação desse fenômeno escalar, preferi adotar a terminologia tal como segue: *-/+figura*, *-/+fundo*, *-/+contrastivo*.

Como se pode ver, no trabalho anterior priorizei a conjugação desses fatores de natureza cognitiva relacionados às formas especiais do superlativo absoluto, no que se refere à correspondência entre forma e conteúdo e à sua saliência perceptual/comunicativa.

Segundo Halliday (1985, p. 128), as *funções da linguagem* estão divididas em *ideacional*, *interpessoal* e *textual*. A *função ideacional* tem uma base experiencial-cognitiva, uma vez que procura refletir, através de conteúdo proposicional significativo, a concepção do indivíduo acerca da realidade com que está em contato. A *função interpessoal* tem a ver com o estabelecimento e a manutenção das relações sociais. É, pois, de natureza intersubjetiva, revelando como se dá o intercâmbio entre os interlocutores. A *função textual* aponta para a configuração dos vínculos da linguagem consigo mesma e com as características da situação em que é utilizada.

Nesse sentido, procurei estabelecer pontos de contato entre os usos não-convencionais do superlativo absoluto e a proposta funcional de Halliday. Defendi que, através da manifestação dessas formas superlativas, o locutor deseja realçar nocionalmente um determinado conteúdo, o que tem a ver com a *função ideacional*. Por essa atitude, o falante também estabelece um vínculo intersubjetivo quanto ao que informa, uma vez que, ao mesmo tempo em que revela o modo com ele concebe a realidade e reage avaliativamente em relação ela, demonstra sua tentativa de conseguir a parceria e o engajamento do interlocutor. Tal fato aponta, obviamente, para a *função interpessoal*. Por sua vez, a *função textual*

caracteriza-se pelo estabelecimento de conexões semântico-discursivas entre algo referido ou por referir e os processos de superlativação, de modo que um dado conteúdo ganha sentido e só pode ser explicado em razão de outro. Essa inter-relação pode ser exemplificada nas seguintes passagens, também extraídas do *Corpus D&G/Natal*:

- 12- "... você vê que a gente adota um pre/ elege um presidente... ele não é solução pros nossos problemas... pelo contrário... a gente pensa que vai ser... mas aí dificulta mais as coisas... o salário diminui... as coisa aumenta... a inflação sobe lá pra cima... pronto... sobe lá pra cima... olha que coisa... vai subir pra onde? pra baixo? mas... a... é uma situação **super difícil** sabe? **super difícil mesmo**..." (p. 255-256);
- 13- "... Eu acho isso que o namoro de hoje esta **muito avançado demais** principalmente esses rapazes que usa brinco, cabelo comprido e tatuagem... na minha opinião o namoro não presta tá muito tarado os rapazes de hoje só quer fica pegando nos seios na bunda." (p. 363).

No trecho 12-, a marca sobrecarregada "*super difícil... super difícil mesmo*" atribuída a "*situação*", após o comentário autocrítico da locutora, é uma espécie de retomada avaliativa de tudo o que ela havia dito antes. Esse juízo de valor superlativado, de natureza anafórica, justifica-se por sua relação com o co-texto, isto é, na manifestação de desgosto e frustração por não ver nada resolvido após uma eleição presidencial. É, na verdade, uma observação que imprime um tom de resumo e de conclusão apreciativa ao que foi exposto. Já no fragmento 13-, a expressão superlativa enfática "*muito avançado demais*" (ratificada na paráfrase posterior "*muito tarado*") tem a função de antecipar o que será explicitado logo a seguir sobre o "*namoro de hoje*", que, na opinião da informante, "*não presta*". Desse modo, estabelece-se uma inter-relação de cunho catafórico entre aquele atributo encarecido e as informações esclarecedoras quanto a *pegar nos seios e na bunda*, as quais dão sentido ao exagero aplicado na avaliação introdutória, servindo-lhe como desenvolvimento informativo. Percebe-se, assim, que além de participar na rede de nexos semânticos entre os conteúdos do texto, essas expressões superlativas também contribuem para levar o interlocutor a ver a informação a partir de um certo ponto de vista e a assumir uma atitude em relação a ela. Nesse sentido, o locutor faz uso do superlativo em suas manifestações mais inusitadas como estratégia para conferir importância a um dado conteúdo informacional que quer destacar e, desse modo, cativar a atenção e a adesão de seu público-alvo.

3. Problematização

Em vista das limitações apontadas nos enfoques tradicionais quanto ao estudo da intensificação e dos recortes, perspectivas e interesses específicos observados nos demais trabalhos (inclusive em minha pesquisa de mestrado) que, de um modo ou de outro, tratam dessa questão, investigo, aqui, o grau intensivo, no sentido de responder às seguintes indagações:

1. *grau* e *intensificação* são conceitualmente idênticos e intercambiáveis?
2. qual a natureza conceitual e o escopo do grau/da intensificação?
3. como se constitui a conceitualização de intensidade?
4. a conceitualização intensiva obedece a um padrão semântico-cognitivo universal?
5. a formação conceitual da intensificação e sua expressão material podem também ser contextualmente motivadas?
6. que estratégias e recursos formais são utilizados para a manifestação de intensidade?
7. as variações estruturais na manifestação do grau intensivo são criações *ad hoc* ou refletem um certo padrão de construção gramatical?
8. as conclusões deste estudo podem contribuir para o ensino de língua?

4. Dos pressupostos

Seguindo de perto as orientações do referencial teórico adotado (exposto mais detalhadamente no capítulo 3 deste trabalho), neste estudo, estou partindo do pressuposto de que

1. a língua(gem) é produto de necessidades cognitivo-comunicativas. Assim, sua principal função é organizar e produzir sentido e assegurar a interação social (HEINE, 1997, p. 3; COMRIE, 2003, p. 196);
2. a língua(gem) constitui uma codificação simbólica do modo como conceptualizamos, através de operações cognitivas, as coisas (organizadas em categorias) com as quais interagimos. Nesse sentido, as formas lingüísticas (que também se constituem categorias)

- são, em grande parte, motivadas pela nossa experiência (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. xvi);
3. o nosso pensamento é imaginativo, no sentido de que alguns conceitos – os mais abstratos – são construídos em termos de sua relação direta ou indireta com aqueles de base mais físico-experiencial. Sendo assim, a língua(gem) tende a refletir tal relação, exibindo formas conceitualmente derivadas de outras já existentes (LAKOFF, 1987, p. xiv);
 4. não obstante as especificidades léxico-gramaticais condicionadas pela forma como cada comunidade de fala organiza sua vida material e concebe a realidade, há conceitos de alcance universal, derivados do modo como somos e nos relacionamos com o ambiente em que estamos inseridos (TOMASELLO, 1998, p. 5);
 5. embora seja inegável a universalidade de muitos conceitos, a formulação, perspectivação e constituição formal destes são fortemente orientadas por fatores socioculturais e inter-comunicativos (HEINE, 1997, p. 14-15; TOMASELLO, 1998, p. xv);
 6. apesar da aparente regularidade de determinados padrões formais, a língua é uma estrutura relativamente maleável, suscetível a variação e a mudança decorrentes das demandas semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas a que está sujeita (GIVÓN, 2001, p. 6);
 7. na atividade de interlocução, não pretendemos apenas expressar conteúdo significativo, mas também externar nossa maneira de ver o mundo. Além disso, pretendemos também, de um modo ou de outro, direcionar as convicções de nosso(s) interlocutor(es) para um fim desejado, em que prevaleça nosso ponto de vista (SLOBIN, 1980, p. 99).

5. Das hipóteses

Considerando os problemas levantados e os pressupostos básicos estabelecidos nos tópicos anteriores e suas respectivas relações com o fenômeno da intensificação, formulei as seguintes hipóteses:

1. grau e intensificação devem compartilhar afinidades conceituais, mas é bastante provável que possuam especificidades diferenciadoras;
2. sendo o pensamento imaginativo, é válido supor que muitos casos da conceitualização de intensidade fundamentam-se em certo(s) mapeamento(s) conceitual(is), de natureza

metafórica e/ou metonímica, entre o conteúdo intensivo abstrato e outro(s) de base mais "concreta"¹²/experencial;

3. parece haver um padrão semântico-cognitivo mais geral (ou universal) para a formação de conceitos intensivos. Significa dizer que, apesar das peculiaridades léxico-gramaticais de cada língua, é provável que o fenômeno da intensificação formula-se e se manifesta translingüisticamente adotando, mais ou menos, os mesmos princípios nocionais;
4. é possível que o ponto de vista cultural sobre o mundo e demandas do contexto discursivo-interacional (tais como o perfil social dos interlocutores, as perspectivas assumidas, os propósitos discursivo-pragmáticos etc.) também podem exercer papel decisivo no processamento cognitivo e na conseqüente codificação lingüística de determinados conceitos intensivos, o que deve incidir na variedade de sua configuração;
5. admitindo-se o estatuto cognitivo-interacional do discurso e o papel instrumental da língua(gem) em seu processamento, pode-se conjecturar o valor considerável do recurso à intensificação e de seu(s) modo(s) expressivo(s) como coparticipantes na constituição/orientação de significados e no estabelecimento do viés discursivo pretendido;
6. em razão do caráter relativamente instável e criativo da língua, pode-se inferir que as manifestações formais da intensificação exibem padrões mais estabelecidos e outros em processo de regularização, ou mesmo irregulares, com forte apoio em demandas semântico-cognitivas, nas características do contexto imediato de interação e na (inter)-subjetividade;

6. Dos objetivos

Dados os desafios apresentados em torno da questão intensiva, defini como prioridade, na pesquisa, alcançar os seguintes objetivos:

¹² Utilizo aqui os termos "concreto"/"+concreto" (e outros de acepção similar), entre espas, relacionando-os a conceitos fundamentados nas percepções sensoriais (*i.e.*, de base física, vinculadas a dimensão, quantidade, peso, localização etc. de seres e coisas), para distingui-los daqueles referentes a experiências intelectivas ou emocionais. Na verdade, todo conceito, em si, é abstrato, por se constituir um processo cognitivo de representação mental. Vale esclarecer, ainda, que o fato de se mencionar o fundamento concreto/perceptual dos conceitos não significa pareamento destes com a realidade, mas como esta é experienciada e representada cognitivamente pelos indivíduos.

6.1. Geral

Proceder a um estudo da intensificação, supondo motivações de caráter cognitivo-interacional (*i.e.*, funcionais) em sua formação conceitual e materialização lingüístico-textual – cujas bases parecem assentar-se em experiências perceptuais, físico-sensitivas, psicoafetivas (ou emocionais) e discursivo-pragmáticas dos (inter)locutores –, esperando contribuir, de algum modo, para os processos de ensino e aprendizagem de língua, em especial, no que se refere a essa questão.

6.2. Específicos

1. Verificar a existência de distinção conceitual entre *grau* e *intensificação* e, em caso positivo, redefini-los, traçando também os limites de alcance de um e da outra;
2. Esclarecer a constituição conceitual dos processos intensivos no que se refere às suas bases cognitivas vinculadas a mapeamentos metafóricos e/ou metonímicos, observando se tal constituição obedece a modelos semântico-cognitivos de caráter mais geral (*i.e.*, universal);
3. Distinguir os processos de intensificação (atribuição de intensidade) das estratégias e formas de manifestação intensiva (codificação lingüístico-textual);
4. Caracterizar as variadas formas de expressão intensificadoras em seus aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos, sintáticos e textuais¹³; observando, ainda, os padrões mais recorrentes;
5. Investigar aspectos da construção conceitual e da codificação dos processos intensivos que são também influenciados por fatores de ordem contextual (*i.e.*, discursivo-pragmática), além das determinações cognitivas básicas;

¹³ Não pertence ao escopo deste trabalho, evidentemente, descrever e analisar todas as manifestações de intensidade, tarefa praticamente inexecutável, dadas a incontável variedade das formas existentes e a impossibilidade de ter acesso a todo esse universo.

6. Analisar as variações formais exibidas nas conceitualizações intensivas (distintas das formas convencionalizadas, obviamente), procurando identificar possíveis regularidades gramaticais;
7. Promover, se necessário, algum refinamento ou ajuste teórico relativo ao exame do tema sob enfoque;
8. Fornecer subsídios teórico-metodológicos e sugestões de trabalho que auxiliem na melhoria da ação docente sobre esse tema, tendo em vista o aprimoramento das habilidades discursivo-comunicativas dos alunos.

7. Do método e dos procedimentos de pesquisa

7.1. O método de investigação

A pesquisa orientou-se pelo método de raciocínio dedutivo, sendo de caráter eminentemente qualitativo-interpretativista. Significa que são adotados os procedimentos de amostragem e verificação da validade dos construtos teóricos na análise e explicação dos dados acerca da questão intensiva.

Sendo assim, as coletadas para evidenciação do fenômeno em estudo possuem, por um lado, um caráter de amostragem, não se prendendo, portanto, a exigências numérico-quantitativas, uma vez que são utilizadas como indicadoras do fato específico sob apreciação. Por outro, recorro também a quantificações e demonstrações percentuais de casos, com o fim de revelar tendências/regularidades quanto ao uso dos recursos intensivos.

Devo esclarecer, ainda, que o fato de partir de um aparato epistemológico já estabelecido não elimina a possibilidade de se proceder a determinado(s) ajuste(s) teórico(s), caso seja(m) necessário(s). Tais procedimentos não significam indefinição e/ou inconsistência teórico-metodológica; antes, revelam justificável alteração de percurso e acomodação às evidências, o que constitui um movimento previsível e salutar numa pesquisa.

7.2. O material de análise

Os dados que servem de análise ao estudo da intensificação, neste trabalho, são extraídos, em grande parte, do *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998), do *Corpus A língua falada e escrita na cidade do Rio Grande* (VOTRE e OLIVEIRA, 1996) e do *Corpus A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro* (VOTRE e OLIVEIRA, 1995) – doravante, *Corpus D&G/Natal*, *Corpus D&G/RG* e *Corpus D&G/RJ*, respectivamente. Esses *corpora* constituem-se de textos orais e escritos, produzidos por alunos da alfabetização, do 1º grau (subdividido em menor – 4ª série – e maior – 8ª série), do 2º grau¹⁴ e por universitários. Tais textos encontram-se divididos na seguinte tipologia: *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *descrição de local*, *relato de procedimento* e *relato de opinião* (ao todo, cinco (5) categorias estruturais distintas), cobrindo, assim, um variado leque quanto aos modos de organização do discurso. Desse material, utilizo os textos de dez (10) informantes de cada *Corpus* (sendo dois (2) informantes por nível de ensino), entre os mais representativos e variados quanto ao uso dos recursos intensificadores, distribuídos em dez (10) textos – cinco (05) orais e cinco (05) escritos – de um informante masculino e dez (10), divididos do mesmo modo, de uma informante feminina, perfazendo um total de trezentos (300) textos.

O motivo de eu ter me interessado pela investigação nesses *corpora* se deve, primeiramente, por sua variedade tipológico-textual; segundo, por pertencerem a diferentes regiões do país, o que, provavelmente, deveria revelar uma certa diversidade quanto aos recursos lingüísticos de intensificação. Assim, pude captar uma quantidade considerável de usos diversos desse fenômeno.

Além dos textos constantes dos três *corpora*, utilizo também, como material de análise, cinquenta (50) textos oriundos de fontes diversas, contemplando dez (10) diferentes gêneros de discurso. Nestes, incluem-se as seguintes categorias: *artigo de opinião*, *canção*, *carta do leitor*, *coluna social*, *entrevista*, *exposição acadêmica*, *poesia*, *propaganda comercial*, *reportagem*, *resenha jornalística*, distribuídas em cinco (05) textos por gênero. Em

¹⁴ Estou preservando aqui a nomenclatura vigente na época quanto a esses níveis de ensino (a saber: *Alfabetização*, *4ª e 8ª séries do 1º grau e 2º grau*) conforme se encontram nos *corpora* citados.

caráter eventual, conforme a necessidade, lanço mão, ainda, de exemplos coletados em autores que tratam desse tema e/ou de algum outro texto, de fonte variada (como, por exemplo, programação da TV, *outdoor*, conversa informal etc.), os quais oferecem alguma evidência significativa quanto ao recurso à intensificação.

A intenção foi contemplar uma vasta e variada gama de gêneros discursivos com diversidade temática, nas distintas modalidades de linguagem (fala e escrita), e com diferentes formas de estruturação e veiculação (suporte midiático). Esse procedimento se justifica no objetivo de verificar a relação entre determinados fatores envolvidos nesses eventos de fala (quais sejam, o perfil social dos interlocutores participantes, o grau de (in)formalidade da situação comunicativa, a temática sob enfoque e o propósito sociodiscursivo) e aspectos semânticos e formais da manifestação de intensidade.

7.3. O tratamento dos dados

Os passos seguidos na realização desta pesquisa acomodam-se ao roteiro abaixo explicitado:

1. num primeiro momento, empreendi uma revisão bibliográfica da literatura disponível sobre a intensificação. Nessa oportunidade, aproveitei para visitar alguns autores, rever posições teóricas e buscar novas pesquisas que servissem de suporte epistemológico e lançassem maior clareza sobre esse tema;
2. em seguida, passei à coleta de todos os dados possíveis relacionados ao uso das estratégias e formas de manifestação do conceito intensivo. A princípio, procedi a uma varredura nos *corpora* e depois em outras fontes de informação, conforme já esclarecido no tópico anterior;
3. posteriormente, dediquei-me à investigação desses dados à luz do referencial teórico adotado. Cabe esclarecer que as amostras utilizadas para comprovação do fenômeno sob análise/discussão variam entre itens lexicais, sintagmas, sentenças e porções/segmentos textuais mais extensos extraídos dos dados colhidos, dependendo da necessidade. Daí porque, em alguns pontos, os casos apresentados constituem recortes menores e bastante

localizados/específicos e, em outros, estendem-se a conjuntos proposicionais maiores ou mesmo ao texto completo;

4. e, por último, após submeter o trabalho à apreciação crítica da Banca de Qualificação, ocupei-me da produção do texto escrito em definitivo.

Devo assinalar que, apesar de reconhecer que este trabalho se enquadra, basicamente, no âmbito da lingüística teórica, procuro, ao mesmo tempo, estabelecer um ponto de contato com a lingüística aplicada, no sentido de encaminhar os resultados deste estudo para questões relacionadas ao ensino e aprendizagem de língua. Isso se mostra de forma mais prática no segundo tópico do último capítulo, em que apresento sugestões para o trabalho em sala de aula no que se refere ao tratamento do grau/da intensificação.

Tal tendência se deve, em primeiro lugar, ao fato de eu estar em atividade docente no ensino superior, ministrando disciplinas mais diretamente relacionadas ao estudo, uso e ensino-aprendizagem de língua. Nessa experiência, intento apropriar-me dos achados desta pesquisa como subsídio para não só enriquecer minha formação acadêmica, como também aprimorar meu desempenho profissional, no sentido de melhor auxiliar os alunos no que diz respeito tanto ao conhecimento e uso pessoal da língua na vida acadêmica como ao seu exercício profissional. Isto porque, sendo a intensificação um recurso extremamente utilizado na interação verbal, vinculando-se às estratégias de manifestação de sentido e à relação inter-subjetiva dos parceiros envolvidos, fazem-se necessárias uma reflexão apreciativa bem como uma orientação apropriada quanto às amplas e variadas possibilidades de utilização desse recurso nas diversas situações de interlocução, com vistas ao aperfeiçoamento das habilidades de leitura e de produção textual.

Um outro motivo reside no fato de eu também atuar na orientação pedagógica a professores dos níveis fundamental e médio no ensino público. Nessa atividade, tenho tido a oportunidade de constatar que, mesmo após as novas orientações dos PCN e não obstante os cursos e treinamentos de atualização oferecidos pelos órgãos oficiais, os professores permanecem, em sua maioria, ainda atrelados aos velhos modelos de tratamento das questões lingüísticas, isto é, à mera descrição metalingüística e à prescrição normativa, sem nenhum vínculo com o uso efetivo da língua nas diversas situações intercomunicativas.

8. Do embasamento teórico

Para exame e interpretação do fenômeno sob enfoque, utilizo como referencial teórico-metodológico os postulados da Semântica Cognitiva, conforme defendidos, por pesquisadores como Lakoff e Johnson (1987, 1999), Taylor (1992, 2002), Tomasello (1998, 2003), Cuenca e Hilferty (1999), Croft e Cruise (2004), Feltes (2007), entre outros, bem como os da Lingüística Funcional contemporânea, de vertente norte-americana, representados por lingüistas como Chafe (1976, 1987), Heine (1997), Givón (1998, 2001), Bybee (2003), Hopper e Traugott (2003), Gonçalves et al. (2007), por exemplo. Esses estudiosos, guardando-se as especificidades de suas perspectivas teóricas e interesses, têm em comum o fato de admitirem, em maior ou menor grau, o papel da cognição e de fatores socioculturais e discursivo-pragmáticos nos processos de significação e na conseqüente formatação dos componentes lingüísticos. A reivindicação desse postulado aponta para outro ponto de encontro entre esses estudiosos: a defesa da investigação dos fenômenos lingüísticos intrinsecamente vinculada a tais condicionamentos.

Cabe, contudo, esclarecer em que medida e de que modo esses fundamentos epistemológicos são utilizados na análise dos dados sobre a intensificação. Para a investigação das motivações semântico-cognitivas, mais especificamente, das projeções conceituais abstratas (*i.e.*, metafóricas e/ou metonímicas), subjacentes na formação das noções intensivas, valho-me, primordialmente, das contribuições oferecidas pela Semântica Cognitiva. Isso se dá em razão de esta possuir um aparato teórico mais elaborado e melhor definido, em especial, no que se refere ao estudo da metáfora e da metonímia e dos mecanismos conceituais atuantes em suas respectivas configurações, aqui imprescindíveis para a compreensão do tema sob enfoque em muitos de seus aspectos nocionais.¹⁵

¹⁵ Com isso não quero dizer que considerações de natureza cognitiva estejam fora do âmbito da Lingüística Funcional (tampouco dar a entender que fatores de ordem cognitiva não sejam igualmente funcionais). Ao contrário, o fato de admitir relações intrínsecas entre linguagem e pensamento (*i.e.*, processamento mental) e de vincular o estudo lingüístico a motivações cognitivas (como os princípios de *iconicidade* e *marcação* e as categorias analíticas de *plano* e *contrastividade*, por exemplo, conforme se observa em diversos trabalhos, entre eles, HOPPER e TRAUOGOTT, 1993; HEINE, 1994; GIVÓN, 1995; MARTELOTTA, 1998) confirma a importância atribuída e a atenção dispensada, por essa linha de pesquisa, às determinações cognitivas sobre os fenômenos lingüísticos. São dignos de nota, ainda, outros trabalhos de orientação funcionalista que mantêm contato com o cognitivismo – mais de perto, com a Semântica Cognitiva. Trata-se das pesquisas sobre os

Tal aparato tem seus desdobramentos na análise sobre os processos de gramaticalização de formas intensivas, momento em que são conjugados os postulados da Semântica Cognitiva e da Lingüística Funcional, a exemplo do que se vê em Heine et al. (1991a) e em Traugott e König (1991), entre outros, acerca dos mecanismos metafóricos e metonímicos atuantes nas trajetórias de gramaticalização.

Para o exame das questões interacionais (às quais também se associam, inalienavelmente, fatores cognitivos), influentes no recurso à intensificação, procurei manter a interseção entre ambos os paradigmas teóricos, no sentido de buscar neles explicações para determinados fatores de natureza discursivo-pragmática que condicionam a manifestação desse conceito. Assim, observei questões mais específicas quanto à distribuição e ao enfoque das informações textuais. Também busquei considerar, ainda, aspectos relacionados ao tipo de evento discursivo sob apreciação, observando, por exemplo, as características dos interlocutores envolvidos, o gênero de discurso e sua finalidade sociocomunicativa, além de alguma outra circunstância contextual interferente na expressão dos fenômenos intensivos.

Nesse sentido, Tavares (2004, p. 2) defende a realização de "casamentos"/ "conversas" entre modelos de abordagem, os quais, mesmo notadamente distintos, comungam determinadas perspectivas teóricas. Na opinião da autora, o pesquisador deve valer-se dessas convergências (consideradas de natureza escalar, *i.e.*, revelando pontos de maior ou menor contato), por se constituir um recurso metodológico bastante produtivo, com vistas, inclusive, à possibilidade de se promoverem ajustes ou mesmo revisões em seus respectivos postulados.

Portanto, embora sabedor das diferenças entre os paradigmas citados, optei por uma postura interteórica, apoiando-me em suas respectivas contribuições, no espaço de cruzamento e afinidades epistemológicas existentes entre eles. Isto por entender que, desse modo, obteria uma visão mais acurada sobre o fenômeno da intensificação e conseguiria respostas mais abalizadas para as questões levantadas em torno dele.

processos de *gramaticalização* (GIVÓN, 1984; SWEETSER, 1988; HEINE et al., 1991a, por exemplo), mormente no que diz respeito aos mecanismos metafóricos e metonímicos envolvidos nesses processos.

CAPÍTULO 2

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A INTENSIFICAÇÃO

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A INTENSIFICAÇÃO

Nesta seção, procedo a uma breve revisão do material bibliográfico sobre a intensificação, focalizando algumas das abordagens existentes acerca desse fenômeno. A primeira parte dedica-se a apresentar, de maneira sucinta, o tratamento da tradição gramatical dado ao tema, bem como o de outros estudiosos, de certo modo, ligados a ela; a segunda dá conta de outros trabalhos mais recentes que discutem os processos intensivos a partir de perspectivas diversas, tendo em comum o fato de se afastarem, em alguma medida, do modelo tradicional. Por último, exponho, resumidamente, alguns estudos realizados em outras línguas em torno dessa questão.

1. As abordagens tradicionais

1.1. O que diz a tradição gramatical

Conforme já referido brevemente no capítulo anterior, o tratamento sobre a *intensificação* nas gramáticas tradicionais, de um modo geral, tem-se limitado a uma sucinta exposição descritiva do que é comumente denominado *grau* (ou *gradação*, para alguns, e *gradação*, para outros). Em todos esses casos, procede-se à divisão do tema nas seguintes categorias semânticas: *grau do substantivo*, *grau do adjetivo* e *grau do advérbio*. O primeiro é subdividido em *grau aumentativo* e *grau diminutivo*; os dois últimos subdividem-se em *grau comparativo* (que, por sua vez, secciona-se nos subtipos *de inferioridade*, *de igualdade* e *de superioridade*) e *grau superlativo* (com os subtipos *relativo* e *absoluto*). Quanto à expressão lingüística dessas categorias, apresentam-se as formas *sintética* (com acréscimo de marca morfológica de gradação – prefixal ou sufixal – no lexema) e *analítica* (com um termo graduador relacionado ao item lexical).

Em geral, a descrição de cada uma dessas categorias do grau é inserida no estudo das flexões da respectiva classe lexical, exposta, invariavelmente, no final da seção, com acentuada tendência prescritivista quanto ao uso da variante culta. Pode-se citar como exemplos, entre os mais representativos dessa linha de abordagem, Cegalla (1984), Cunha e Cintra (1985), Rocha Lima (1998), Almeida (1999) e Bechara (2001).

As exemplificações utilizadas para demonstrar esse fenômeno são, em alguns casos, invenções das possíveis formas de codificação (isto é, exemplos artificiais, criados *ad hoc* pelo expositor) e, em outros, colhidos dos clássicos da literatura. Como evidências dessa postura, apresento a seguir algumas amostras do estudo de cada categoria do grau nos autores citados.

1– Para ilustrar o tratamento quanto ao **grau do substantivo**, recorro à abordagem de Cunha e Cintra (1985, p. 192):

"Um substantivo pode apresentar-se:

- a) com a sua significação normal: *chapéu, boca*;
- b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (GRAU AUMENTATIVO): *chapelão, bocarra; chapéu grande, boca enorme*;
- c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (GRAU DIMINUTIVO): *chapeuzinho, boquinha; chapéu pequeno, boca minúscula*.

Vemos, portanto, que a GRADAÇÃO do significado de um substantivo se faz por dois processos:

- a) SINTETICAMENTE, mediante o emprego de sufixos especiais, que estudamos no Capítulo 6 [Derivação e Composição: Formação de Palavras. p. 83-115]; assim, *chape-l-ão, bocarra; chapeu-zinho, boqu-inha*;
- b) ANALITICAMENTE, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções: *chapéu grande, boca enorme; chapéu pequeno, boca minúscula*." [grifos dos autores].

Como se pode ver pelos exemplos apresentados, aqui são considerados apenas os substantivos classificados como "concretos", cuja dimensão pode ser apreendida pela experiência física. Não são contemplados nomes como, por exemplo, *esperança, dúvida, dor, competição, acidente, compra, calor, tempo*, entre outros, de base conceitual mais abstrata,

cuja proporção não pode ser aferida perceptualmente em termos mensuráveis do mesmo modo que aqueles outros.

Nesse caso, ocorrências do tipo *grande esperança*, *pequena dívida*, *dorzinha*, *tempão*, *muita vontade* etc. seriam incluídas na mesma categoria? E o que dizer de casos como *pancadaria*, *nevoeiro*, *dinheirama*, *mundaréu* e demais (que são também substantivos igualmente graduados pela via sufixal), ou de outros nomes cuja base lexical já traz em si a noção de grau, como *mansão*, *gigante*, *anão*, só para ficar nesses exemplos? À exceção de Almeida (1999, p. 126-127), que fornece uma lista dos sufixos aumentativos e diminutivos para os nomes, os demais gramáticos pesquisados limitam-se, do mesmo modo, à simples amostragem do grau relacionado ao aspecto dimensivo dos substantivos ditos "concretos".

2– Em relação ao **grau do adjetivo**, apresento o estudo de Cegalla (1984, p. 143-145):

"1. O grau do adjetivo exprime a intensidade das qualidades dos seres.

São dois os graus do adjetivo: o *comparativo* e o *superlativo*.

Grau comparativo

2. O grau comparativo pode ser:

1) de **igualdade**: Sou *tão alto como* (ou *quanto*) você.

2) de **superioridade**: *analítico*: Sou *mais alto (do) que* você.

sintético: O sol é *maior (do) que* a Terra.

3) de **inferioridade**: Sou *menos alto (do) que* você.

Grau superlativo

3. O grau superlativo divide-se em:

1) **absoluto**: *analítico*: A torre é *muito alta*.

sintético: A torre é *altíssima*.

2) **relativo**: de *superioridade analítico*: João é o *mais alto* de todos.

sintético: Este monte é o *maior* de todos.

de inferioridade: Pedro é o *menos alto* de todos nós." [destaques do próprio autor].

Nos itens seguintes, esse autor expõe, em primeiro lugar, uma lista dos usos canônicos do superlativo absoluto, principalmente na forma sintética; depois, apresenta algumas construções populares desse tipo de superlativo na linguagem cotidiana. Entre os

exemplos dados, encontram-se "garota *supersimpática*", "Ela era *linda, linda*", "*magro de dar pena*" etc. Cabe observar, ainda, que o autor não menciona a possibilidade de também haver as respectivas formas sintéticas para a noção de inferioridade tanto no grau comparativo (Ex.: Sou *menor (do) que* você) como no superlativo relativo (Ex.: Pedro é *o menor* de todos).

3– Com respeito ao **grau do advérbio**, cito o que se encontra em Bechara (2001, p. 295-296):

"Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se no *comparativo* e *superlativo*, de acordo com a regras que se aplicam aos adjetivos:

1- COMPARATIVO DE

a) *inferioridade*: Falou *menos alto que* (ou *do que*) o irmão.

b) *igualdade*: Falou *tão alto quanto* (ou *como*) o irmão.

c) *superioridade*: 1) *analítico*: Falou *mais alto que* (ou *do que*) o irmão.

2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2- SUPERLATIVO ABSOLUTO

a) *sintético*: Falou *pessimamente, altíssimo, baixíssimo, difícilimo*.

b) *analítico*: Falou *muito ruim, muito alto, extremamente baixo, consideravelmente difícil, o mais depressa possível* (indica limite da possibilidade)." [grifos do autor].

Em seguida, o autor passa a tratar brevemente acerca do "*diminutivo com valor de superlativo*", lembrando ser isso característico da "*linguagem familiar*". Para isso, fornece exemplos como "*Andar devagarzinho*", "*Saiu agorinha*", entre outros. Uma observação a ser feita sobre essa explanação é quanto ao último exemplo – "*o mais depressa possível*" –, que parece encaixar-se melhor no *grau superlativo relativo*, uma vez que designa *o grau mais alto* em relação a uma determinada norma num dado contexto.

4– Quanto ao **grau do verbo**, é interessante observar que, apesar de ser um fenômeno bastante comum na interlocução tanto falada como escrita, a maioria dos gramáticos investigados parece ignorar ou, pelo menos, desprezar esse fato. A exceção, mais uma vez, é Almeida (1999, p. 302-303) ao falar de "*verbos aumentativos*" – "*os verbos que têm significação encarecida ou exagerada para mais*" – e "*verbos diminutivos*" – "*os verbos*

que têm significação encarecida ou exagerada para menos". O autor sublinha, ainda, que esses verbos são formados, em geral, pelos processos de prefixação e/ou de sufixação.

Almeida cita exemplos como bravejar < *esbravejar*, fulgir < *refulgir*, jurar < *tresjurar*, picar < *espicaçar*, roer < *corroer*, soar < *ressoar*, torcer < *retorcer*, entre outros, para os *aumentativos*. No caso dos *diminutivos*, apresenta verbos como adoçar > *adocicar*, beber > *bebericar*, chorar > *choramingar*, dormir > *dormitar*, ferver > *fervilhar*, lambar > *lambiscar*, saltar > *saltitar* e outros mais.

Tal como já foi assinalado, por essas exposições, confirma-se o viés meramente descritivista e, na maioria dos casos, de tendência normatizadora dos enfoques tradicionais quanto ao fenômeno do grau/da intensificação. Esses estudos caracterizam-se, ainda, pela sua desvinculação das diversas situações reais do uso lingüístico, somando-se a isso a clara opção em privilegiar a variante de prestígio. A esse tipo de abordagem, juntam-se, também, outros autores renomados, tais como Carreiro (1917), Ribeiro (1956), Said Ali (1970), Silveira (1972), Barreto (1980) e Gama Kury (1990).

Antes de me ater às abordagens específicas quanto ao tema em pauta, ainda sob influência da tradição gramatical, devo destacar a exposição de Barros (1985, p. 188-197)¹⁶, que, segundo mencionado no capítulo anterior, desvia-se um pouco dessa orientação. Primeiramente, pelo fato de não se limitar tão somente à descrição dos padrões cultos, chamando também a atenção para construções mais próximas do uso popular cotidiano (exemplos disso são "... arreganhava demais os beijos *num tremendo sorriso...*", "O trem veio *atrasadérrimo*", "... Pai *boooobo!*" e outros). Depois, por se afastar da tendência normativo-prescritivista; e, ainda, por ter contemplado formas mais incomuns de manifestação do grau, sequer consideradas nos demais enfoques, como é o caso da *aliteração* e da *reiteração intensivas* (a primeira refere-se à repetição enfática de um determinado fonema, e a segunda tem a ver com a repetição insistente de uma palavra/expressão ao longo de um segmento textual), ambas com o fim de imprimir reforço a uma dada idéia/informação.

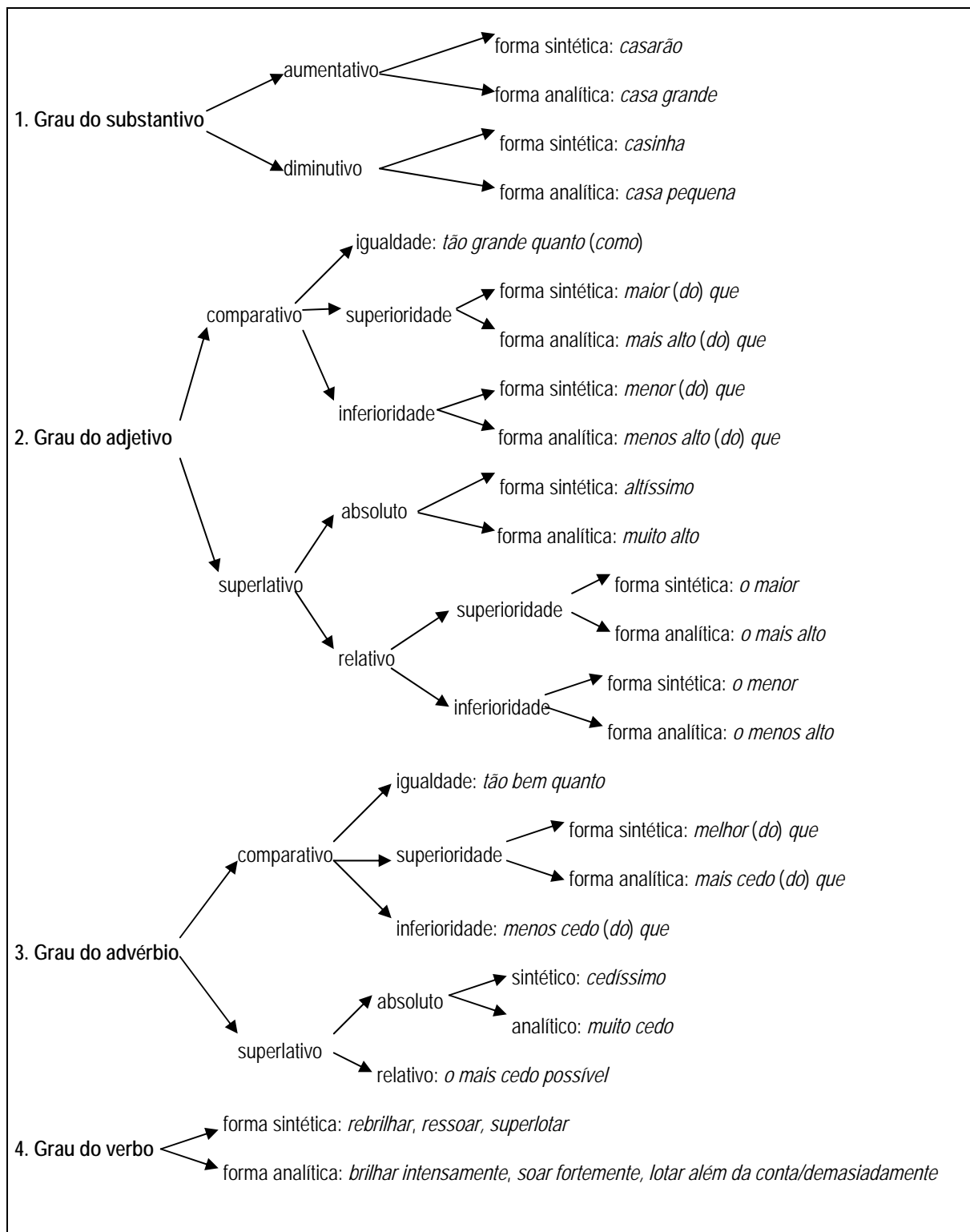
Por outro lado, Barros manteve o modelo conservador, adotando a mesma linha descritivista e abstraída do uso real e diversificado da língua. Do mesmo modo, também

¹⁶ Esse autor é o único que diz rejeitar o termo "*grau*" (mas não esclarece o porquê), preferindo a denominação "*intensificadores*". Mesmo assim, admite utilizar o termo "*graus*", segundo ele, apenas "por imposição das normas didáticas" (p. 188).

recorreu a exemplos ora extraídos de textos literários de autores renomados, ora inventados apenas para referendar o tópico apresentado.

Apresento a seguir um quadro resumitivo em que se demonstra, de maneira esquemática, a caracterização dos diferentes tipos e respectivas subdivisões da noção de grau/intensificação, conforme concebidos pela tradição dos estudos gramaticais:

Quadro resumitivo sobre o(a) grau/intensificação conforme a abordagem tradicional (Q1)



Quadro 1

1.2. Trabalhos específicos de orientação tradicional

No que se refere a outros estudos, de igual tendência conservadora, que tratam exclusivamente do grau/da intensificação, temos, conforme já apontados no capítulo introdutório, o trabalho de Cruzeiro (1973) e o de Staub e Regueira (1975). É digno de nota, no entanto, que esses autores não seguem à risca a cartilha tradicional, procurando adotar uma linha mais analítica e, de certo modo, até contestadora em relação a algum ou outro ponto defendido pela tradição gramatical. Porém permanecem igualmente atrelados à mera investigação imanente dos aspectos semânticos e formais da questão intensiva.

A pesquisa de Cruzeiro faz um levantamento minucioso das diversas formas de codificação de intensidade no português lusitano do século XIII ao XV. Ancorada nos registros escritos desse período, em sua obra, a autora faz uma recuperação histórica dos meios lingüísticos (isto é, de mecanismos morfológicos e sintáticos) utilizados como índice de intensificação em substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, procurando, igualmente, distinguir os aspectos estilísticos de natureza mais subjetiva observados, em especial, nos textos poéticos. Apenas a título de amostragem, apresento a seguir alguns casos citados pela autora:

- (1) "Ai, Deus, *camanha traiçom e camanha aleivosia* esta foi!" (p. 52);
- (2) "... e muito fêz grã cortesia, que vos ajudou contra *tam grã* gente, sabendo que o *desamávades tam muito*." (p. 71);
- (3) "Jurastes-m' anton *muit' aficado*
Que *logo logo*, sem outro tardar,
Vos queriades pêra mi tornar,..." (p. 86);
- (4) "E as outras contrairas de grande conta muytas vezes soporta *muy vallyentemente*..." (p. 183).

Cruzeiro fornece, ainda, uma relação de adjetivos e advérbios, os quais, desde esse período embrionário do português moderno, já exprimiam noção de intensidade. O interessante é que a autora observa, introdutoriamente, que tais palavras não se prestam à idéia intensiva sem "*a necessária translação do domínio físico ao domínio espiritual*" (p. 129). Entre os adjetivos, figuram: *forte, largo, grosso, profundo, grave, grã/grande, alto, rijo,*

bom, comprido, tamanho, esforçado, infindo, notável, estremado, descomunal, sobejo, desmesurado, por exemplo. No caso dos advérbios, encontram-se: *assaz, bem, muy/muyto, tam/tanto, cam (quão)/quanto*. São citadas, ainda, as expressões com substantivo *a(a) maravylha e sen par*.

Por outro lado, embora a investigação da autora dedique-se, predominantemente, às classes de palavras e aos recursos já gramaticais citados, há umas poucas menções a outros modos de expressão intensiva. Um deles refere-se à entonação, revelada em sentenças exclamativas, com o intuito de exprimir noção intensificadora, tal como se vê nas seguintes amostras:

(5) "– Ai Deus! *que malaventura e que pecado!*" (p. 34);

(6) "– Ai! Casa de Camaalot! *Como tu eras temida e dultada...*" (p. 44);

(7) "*cam fremosa es e cam louçã*" (p. 49).

O outro se relaciona a palavras cuja base lexical já comporta valor intensivo. Entre as amostras, Cruzeiro cita, por exemplo, "*pavor*" = "*grande temor*", "*esplendor*" = "*grande brilho*". Há também aquelas que, apesar de normalmente não denotarem intensidade, são utilizadas em certos contextos com tal função. Para esse caso, a autora lista, entre outros, "*imfernall*", "*peçonhenta*" e "*ardida*", por exemplo.

O texto de Staub e Regueira concentra-se no estudo do superlativo absoluto sintético. Com isso, procede-se a uma análise morfológica, como já dito, nos moldes tradicionais. Nela, os autores contestam a posição dos gramáticos que defendem a formação desse tipo de superlativo pela via flexional e se alinham aos que postulam o processo de sufixação derivacional para esse fenômeno.

Outro ponto também defendido é o de que, no caso dos sufixos eruditos *-íssimo* e *-érrimo*, ao contrário do que ensina a maioria dos estudiosos dessa questão, na verdade, existem, em cada uma dessas formas, dois sufixos, a saber: o primeiro deles, formado alternativamente por *-íss-* ou *-érr-*, e o segundo, com *-im-* (tal como se vê em "*lind-íss-im-o*" ou "*lind-érr-im-o*"). No restante do trabalho, os autores dedicam-se a descrever as adaptações fono-morfológicas por que passam os diversos tipos de adjetivos (dependendo de suas respectivas terminações), a fim de receberem esses sufixos intensificadores.

Essas abordagens, como se havia de esperar, ainda que apresentem uma ou outra divergência entre si, apóiam-se numa mesma tradição de estudos lingüísticos, cuja concepção

de língua é de que esta constitui uma estrutura autônoma. Essa ótica tem resultado na caracterização dos elementos lingüísticos apenas em seus aspectos internos (*i.e.*, formais) e semânticos (estes, em certa medida, discutíveis), circunscritos à modalidade escrita da norma culta e abstraídos de sua função sociocomunicativa.

Assim, sintetizando o tratamento dessas abordagens sobre a intensificação, destaco aqui os seguintes aspectos, de caráter mais geral, que delinham seu perfil:

- relação intrínseca entre grau e expressão lingüística, marcada, principalmente, no léxico;
- ênfase na caracterização dos aspectos semânticos, no que se refere à comparação e/ou à superlativação, e lingüísticos, quanto à distinção entre as formas sintéticas e analíticas;
- distinção pouco clara e limitada da tipologia do grau entre as categorias lexicais, com especial atenção ao grau do substantivo, do adjetivo e do advérbio;
- opção pela norma culta escrita, sendo os demais usos vistos como desvios do padrão;
- caráter tendenciosamente prescritivista, na maioria dos casos;
- estudo abstraído do uso efetivo da língua;
- descrição vinculada à expressividade subjetiva do falante.

2. Enfoques recentes sobre a intensificação

Em orientação divergente das abordagens tradicionais vistas até aqui, encontram-se outros estudos em língua portuguesa mais atuais sobre o(a) grau/intensificação, os quais também já foram brevemente mencionados no início do capítulo anterior. São eles o de Fonseca (1985), o de Ilari et al. (1996), o de Lopes (2000), o de Melo (2003) e os de Gonçalves (2003, 2007). Esses estudos são reputados como destoantes daqueles, mais ou menos, pelas seguintes características:

- concebem a língua como instrumento de interação social;
- vêem as manifestações lingüísticas, independentemente da modalidade e/ou da variedade, como válidas para a investigação;
- utilizam dados de fala (oralidade ou escrita), retirados de situações reais de interlocução;
- procuram ultrapassar os limites da descrição formal, considerando também fatores de ordem sociodiscursiva;

- afastam-se de qualquer tentativa à prescrição normatizadora.

Começamos pelo texto de Fonseca (1985): de início, o autor esclarece que seu estudo concentrar-se-á unicamente num tipo de comparação enfática, que ele designa como "*comparação emblemática*", ou "*comparação polar*", observando aspectos de ordem sintática, semântica e pragmática. Para representar formalmente esse tipo de comparação, Fonseca estabelece o esquema "*B é tão X¹ como R é X*", em que B constitui a base da comparação; R é o ponto de referência, utilizado como "medida" da intensidade; e X representa a propriedade – de natureza adjetival – compartilhada por B e R.

Como *corpus* para sua análise, Fonseca utiliza o romance *O Malhadinhas*, de Aquilino Ribeiro, advogando que, nessa obra, encontram-se expressões que refletem o "saber cultural" e a "imagem das comunidades". Entre as amostras apresentadas pelo autor acerca da modalidade de comparação em estudo, cito as que seguem:

- (1) "Pedro é (*tão*) *alto como* uma torre" (p. 230);
- (2) "Os cabelos do ancião eram *tão brancos como* a neve" (p. 233).

Pelo que se observa ao longo do trabalho, Fonseca parece dar especial ênfase aos aspectos semânticos e formais desse tipo de comparação, deixando praticamente de lado a dimensão pragmática. Para não dizer que esta ficou quase esquecida, ao final do texto, é comentado brevemente que a comparação emblemática envolve mecanismos enunciativos e interpretativos que se correlacionam com a imagem que o locutor quer apresentar de si, com a que supõe dele ter o interlocutor, com a que deste possui e com o tópico do discurso. No entanto, não é demonstrado como isso se dá no recurso a essa forma de comparação e que conseqüências tem na interação.

O artigo de Ilari et al. (1996) concentra-se em examinar a posição sintática dos advérbios – entre eles, a dos intensificadores – na ordem linear da sentença (p. 119-122). Nele, os autores procuram identificar fatores de natureza interna ao sistema e outros de ordem mais semântica/"discursiva", os quais exercem alguma influência na colocação do termo intensivo (se anteposto ou posposto) em relação à palavra/expressão adjacente por ele modificada. Esse estudo, portanto, como se pode perceber, possui um recorte bem delimitado, sendo a intensificação, nesse contexto, apenas um tópico de passagem, com um enfoque bastante específico.

Um ponto discutível nesse texto refere-se ao caso de os autores apresentarem ocorrências do tipo "*Igual a gente tem*" [grifo da autoria], em que "*igual*" é apontado como "intensificador". A meu ver, o fato de esse termo designar *comparação* não nos autoriza a concebê-lo como elemento intensificador. Além disso, a falta de um contexto informativo mais amplo impede ainda mais tomá-lo como um atribuidor de intensidade nesse enunciado.

Ainda um outro ponto também problemático, nesse estudo, reside no fato de os autores confundirem espécies distintas do grau – no caso, o grau intensivo e o quantitativo¹⁷ –, tratando-as como se fossem conceitualmente idênticas. Em outras palavras, consideram as designações de quantidade numérica, portanto, mais vinculadas à concretude, como sendo, igualmente, "intensificadores". Isso se mostra nos casos apresentados (p. 121), conforme expostos abaixo [os grifos são dos próprios autores]:

- (1) "Gostaria de ter tido *mais* irmãos.";
- (2) "Uma família bem grande com *bastante* gente.";
- (3) "Aquela fase chamada de *mais* difícil.";
- (4) "Ela está assumindo tarefas assim *muito* precocemente."

Por essas amostras, vê-se a "mistura" conceitual dessas noções graduais: em (3) e (4), temos, indiscutivelmente, casos de intensificação, através dos respectivos "*mais* difícil" e "*muito* precocemente". No entanto, em (1) – "*mais* irmãos" – e em (2) – "*bastante* gente" –, não há atribuição de intensidade, uma vez que os quantificadores indefinidos "*mais*" e "*bastante*" relacionam-se, respectivamente, a conceitos contáveis, de aceção mais concreta, a saber, "*irmãos*" e "*gente*". Portanto, no meu entender, os ditos "intensificadores" em (1) e em (2) encaixam-se melhor no que denomino como "grau quantitativo", não devendo, pois, ser confundidos com as ocorrências em que, realmente, designam intensidade, em termos metafóricos, relacionando-se a conteúdos mais abstratos.

O texto de Lopes (2000) trata-se de um artigo extraído de seu trabalho de doutoramento sobre os processos de intensificação na norma urbana culta de Salvador/BA; portanto, é um estudo de âmbito bastante localizado. No artigo, o autor procura abordar exclusivamente os prefixos intensificadores sob a perspectiva da Análise do Discurso, situando-a mais especificamente nos estudos da enunciação e da argumentação.

¹⁷ No capítulo 4, esclareço de forma mais detalhada a diferença entre um tipo e outro de grau.

Lopes esclarece, citando Sandmann (1988), que esse tipo de prefixos é menos suscetível à expressão de emotividade do que os sufixos e o divide em duas categorias, as quais denomina, respectivamente, "*amplificadores*" e "*atenuadores*". O primeiro grupo subdivide-se, ainda, em "*amplificadores por natureza*", que são os prefixos *macro-*, *maxi-* e *mega-*, e "*amplificadores por transferência de sentido*", oriundos, por deslizamento semântico, da idéia de *localização*. São eles os prefixos *arqui-*, *extra-*, *hiper-*, *super-*, *supra-*, *sobre-* e *ultra-*. O segundo grupo também é subdividido em "*atenuadores aproximativos*", do qual faz parte o prefixo *semi-*, e "*atenuadores minimais*". Nesta subclasse, encontram-se os prefixos *infra-*, *hipo-*, *sub-*, *micro-*, *mini-* e *mal-*.

Cabe observar quanto ao artigo de Lopes a ênfase dada aos aspectos semânticos desses prefixos, deixando a desejar na análise/interpretação de seus valores enunciativos e argumentativos em relação aos exemplos citados, conforme prometida na introdução do texto. Quer dizer, o autor concentrou-se mais na classificação ideacional dos prefixos, a provar pela minuciosa rotulação terminológica aplicada às diversas formas prefixais, a partir de seus respectivos perfis conceituais, e acabou reservando pouca atenção às questões discursivas.

Outro ponto a se considerar nesse estudo é a discutível distinção entre os "*amplificadores por natureza*" e os "*amplificadores por transferência de sentido*", sugerindo a idéia de que apenas nestes é que existe deslizamento semântico, e não nos primeiros. Ora, o que dizer, então, de casos como "*macroeconomia*", "*maxidesvalorização*" e "*mega-empresário*", só para ficar nestes poucos exemplos? Porventura não temos aí também amostras de transferência metafórica de noções mais "concretas" de *tamanho avantajado* para conceitos amplificadores mais abstratos? Obviamente, os prefixos *macro-*, *maxi-* e *mega-*, nessas palavras, respectivamente, não exprimem idéia objetiva de *grande dimensão física*, até porque ao menos duas delas – *economia* e *desvalorização* – são tradicionalmente reputados como *substantivos abstratos*. Essa mesma observação é também válida para os "*atenuadores*", os quais, do mesmo modo, podem ser vistos pela ótica da abstratização em inúmeras ocorrências. Entre elas, "*semianalfabeto*", "*infravermelho*", "*mini-curso*", "*hipoglissemia*" e "*subnutrido*", por exemplo.

A pesquisa de Melo (2003) volta-se para a intensificação enquanto índice de avaliação implícita em narrativas orais. Por "*intensificação como avaliação implícita*", o autor entende uma forma não marcada na superfície textual (ou seja, não manifesta através de

mecanismos lingüísticos diretos) de o narrador expressar um julgamento em relação ao conteúdo narrado e, assim, assinalar sua intenção comunicativa.

Apoiado em Labov (1972), Melo informa que, em uma narração, existem dois tipos de procedimento avaliativo: o externo e o interno. O primeiro caracteriza-se pelo fato de o narrador voltar-se para o interlocutor e comunicar seu ponto de vista, fazendo um comentário apreciativo sobre algum conteúdo dos fatos narrados; o segundo tem a ver com julgamentos das personagens sobre algo relacionado aos eventos da história. Entre os tipos de avaliação interna, o autor seleciona aqueles expressos por meio de intensificadores.

No entanto, indo além do ponto de vista de Labov, que limita a existência de avaliação interna à manifestação explícita de marcas lingüísticas convencionais, Melo prefere investigar esse fenômeno naquilo que ele foge à expectativa tradicional. Assim, concentra seu trabalho nas estratégias de intensificação como recurso avaliativo interno não ostensivo, isto é, embutido nas entrelinhas da seqüência narrativa, o qual pode ser depreendido do contexto enunciativo.

Contudo em sua análise, o autor parece equivocar-se um pouco, principalmente em relação aos comentários que faz de alguns exemplos citados por ele. Para se ter uma idéia disso, apresento aqui um dos casos: nas páginas 39 e 40, Melo afirma que os manuais sobre a língua costumam definir a gradação em termos de paralelismo sintático, cujos componentes sintagmáticos são itens lexicais da mesma classe gramatical. Eis um exemplo:

(1) "Lá travei conhecimento com o proprietário da residência – *uma casa, um palacete*".

Em seguida, esclarece que abandonará essa perspectiva, considerando ocorrências que fogem a esse paradigma. Quanto a isso, apresenta-nos um exemplo "não-convencional" de gradação, aqui reproduzido parcialmente:

(2) "... a coisa foi engrossando e o rapaz *pálido, quase cadavérico... branco* sentindo-se mal...".

A meu ver, o equívoco do autor reside em ignorar que não existe praticamente nenhuma diferença entre um exemplo e outro. Se no primeiro texto o paralelismo se dá no uso de substantivos ("*casa*" e "*palacete*"), no segundo, ocorre a mesma coisa com a seqüência dos vocábulos "*pálido*", "*cadavérico*" e "*branco*", estes também pertencentes à mesma classe entre si – a dos adjetivos.

Outro problema na análise de Melo surge quando, ao citar a amostra "... não serviam *água* não serviam *café* não serviam nada...", nega haver nela gradação, no sentido convencional, entre as palavras "*água*" e "*café*", uma vez que estas não são graduáveis. Porém, ao contrário do que afirma o autor, vejo que, nesse caso, a gradação intensiva é possível, sim. E isso se manifesta exatamente no fato de revelar a esperança do(a) locutor(a) de que fosse servida ao menos alguma coisa – "*água*" (elemento mais natural, comum e básico) ou "*café*" (alimento que tem um custo maior e requer preparo, por isso, menos freqüente) –, mas, quebrando-se essa expectativa, a qualidade do serviço atingiu o nível mais baixo: "não serviam *nada*", o que aponta para a gradação em escala crescente *água* < *café*.

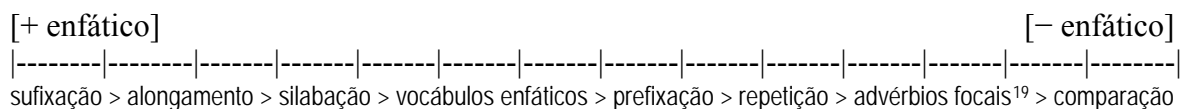
Com relação aos trabalhos de Gonçalves, o primeiro (2003) focaliza basicamente a função indexical dos sufixos intensificadores *-íssimo*, *-érrimo* e *-ésimo*, buscando conjugar morfologia, prosódia e pragmática. Por "*função indexical*" o autor quer significar "todo e qualquer mecanismo que sirva como índice [grifo do próprio autor] para o reconhecimento de certos traços sociolinguísticos do falante (classe social, etnia, faixa etária, sexo etc.)." (p. 48). Assim, em sua pesquisa, Gonçalves parte da hipótese de que o uso de tais sufixos não apenas veicula noção semântica de grau, mas também está fortemente associado à fala feminina de um modo geral e, mais particularmente, aos trejeitos da mulher tipo "perua" e do "homossexual" (p. 49). Noutras palavras, existe um vínculo entre o emprego desses recursos morfológicos e o perfil sociocomportamental do falante.

Com base nos exemplos coletados em situações reais de interlocução, o autor esclarece, ainda, que esse traço de feminilidade não se relaciona apenas à seleção preferencial dessas formas sufixais, mas também a determinadas ênfases prosódicas, tais como a sobrecarga sonora na tonicidade da palavra, o alongamento silábico e a fala silabada. Há também o recurso a certas formas lexicais, entre elas, palavras como "*arraso*", "*adoro*", "*maravilhoso*" etc.

Por outro lado, Gonçalves observa que, no caso dos falantes masculinos "heterossexuais", em contraste com a tendência feminina ou "gay", de fala bastante "afetada", a opção é por sufixos intensivos como os que se encontram em *golaço* ou *bolão*, por exemplo, ou por construções sintáticas, tais como ... *pra caramba*, ... *pra burro*, além de um sotaque (ou entonação) marcadamente "viril". Desse modo, tais recursos de intensificação tipificam uma espécie de "estilo masculino", em que se evitam formas de expressão (lexicais, gramaticais ou

prosódicas) consideradas "suspeitas" ou "comprometedoras", relacionadas a manifestações vistas como mais "afeminadas".¹⁸

No entanto, num ponto do trabalho (p. 57), apesar de o autor, acertadamente, esclarecer que os recursos intensificadores distribuem-se num *continuum* escalar, indo dos meios de expressão mais enfáticos aos mais "moderados", apresenta um quadro esquemático dessa escalaridade, a meu ver, um tanto questionável. Reproduzo-o a seguir:



Obviamente, pode-se admitir que, independente do co(n)texto (*i.e.*, à parte de qualquer realização textual efetiva), há formas de exprimir intensidade que são entendidas como mais enfáticas do que outras, o que é corroborado até por autores da linha tradicional, como Barreto (1980, p. 99-100). Por exemplo, é praticamente consensual que "*lindíssimo*" ou "*lindo, lindo, lindo*" parecem ser formas mais intensivas do que "*muito lindo*", isso, muito provavelmente, pelo processo de desgaste semântico do advérbio "*muito*" (cf. CRUZEIRO, 1973, p. 30-31), o qual não se presta bem à expressão de acentuada intensidade. Porém, como decidir qual das expressões seria mais enfática em casos como "*liiiiindo*" e "*lindo de morrer*", por exemplo, estando cada uma num contexto diferente ou em isolamento? Creio ser temerária a tentativa de ver uma como mais intensiva do que a outra, como pretende a distribuição escalar proposta acima.

Outro ponto desfavorável a essa classificação fechada reside no fato de que, mesmo entre categorias intensivas da mesma ordem, parece haver diferenças quanto à conceitualização do nível de intensidade entre uma e outra. Um exemplo disso é o que ocorre com os prefixos *super-* e *hiper-*, em que este parece ser visto como mais enfático; o mesmo se dá com os sufixos *-íssimo* e *-ésimo*, em que o segundo é tomado como sendo mais intensivo²⁰;

¹⁸ Os gráficos quantitativos que evidenciam as declarações do autor quanto a essas tendências estão expostos numa tabela à p. 52 de seu texto.

¹⁹ Esses são do tipo "*pra caramba*", "*pra burro*", "*pacas*" etc.

²⁰ Isso se confirma em Bisol (2000, *apud* GONÇALVES, 2003, p. 53). Segundo a autora, vogais abertas, assim como consoantes sonoras, são acusticamente mais salientes/expressivas e, por isso, mais marcadas.

também com os advérbios "*bastante*" e "*extremamente*", sendo este último encarado como possuidor de noção mais intensificadora.

Resulta daí que é plausível aceitar haver demonstração de escalaridade entre os diversos meios de codificação dos conceitos intensivos, alguns bem definidos e, portanto, indiscutíveis, como já evidenciado. Porém, é aconselhável cautela num preestabelecimento categorial discreto e acabado, de natureza generalizante, quanto ao que é menos/mais enfático. Advogo que só uma apreciação atenta às variadas formas de recurso intensivo, em seus respectivos contextos de uso, poderá, com relativa segurança, determinar diferenças quanto ao nível de intensidade existente entre elas.

O outro trabalho de Gonçalves – de 2007 – aborda o grau focalizando mais especificamente a controvérsia flexão/derivação na montagem das formas sintéticas do grau. Primeiramente, a exemplo de Rocha Lima (1998, p. 86), o autor estabelece a distinção entre "*grau dimensivo*", reservado à categoria dos substantivos, e "*grau intensivo*", para as demais classes lexicais (adjetivo, verbo e advérbio). Mostra também que nem toda palavra com afixo de grau designa tal conceito, como é o caso de *portão*, *orelhão*, *caminhão*, *raspadinha*, *lanterninha*, *camisinha*, por exemplo, vistos por ele como amostras de lexicalização.

Em seguida, o autor apresenta oito argumentos, uns tendentes à defesa da flexão, e outros – em maior número – em prol da derivação. Após sua análise, passa a defender uma posição moderada (segundo ele, em concordância com BYBEE, 1985), argumentando que flexão e derivação devem ser tomadas em termos de um *continuum* categorial, em cujo domínio há formas que se definem mais como casos flexionais e outras mais próximas do pólo derivacional. Contudo, na questão do grau, especificamente, Gonçalves posiciona-se em favor da derivação, considerando a formação irregular e a extrema variabilidade de codificação desse conceito.

3. Estudos do grau/da intensificação fora do âmbito da língua portuguesa

Com respeito ao tratamento do grau/da intensificação em outras línguas (pelo menos ao que tive acesso), conforme já esclareci brevemente no capítulo introdutório, existem as gramáticas de Quirk e Greenbaum (1979) e de Leech e Svartvik (1994); um capítulo num

trabalho de Heine (1997); outro num de Croft e Cruse (2004); e a dissertação de mestrado de Flores (2004). Os demais escritos são apenas rápidas considerações inseridas em publicações cujos propósitos não são exatamente discutir esse tema de modo exclusivo. Trata-se dos respectivos trabalhos de Traugott (1982), Lehmann (1991) e Hopper e Traugott (2003). Na verdade, a menção que esses autores fazem a algum ou outro aspecto da intensificação aparece simplesmente como subtópico, na tentativa de exemplificar e corroborar a argumentação desenvolvida em torno do assunto principal.

A gramática de Quirk e Greenbaum (1979) divide esse tema em duas seções: uma sobre a *comparação* (p. 130-137) e outra sobre a *intensificação* (p. 214-220). No tópico sobre a *comparação*, mantém, relativamente, a tendência descritivista tradicional, isto é, divide “os grau comparação” em três principais categorias – *absoluto*, *comparativo* e *superlativo* –, esclarecendo, em seguida, os aspectos semânticos e formais relativos a cada uma delas.

A novidade nessa exposição é o fato de os autores considerarem a comparação uma categoria mais geral, que abriga esses três tipos de grau. Sendo assim, tanto a superlativação como o próprio grau dito "normal", ou "neutro" (para eles, "*absoluto*"), são vistos como corolários da noção comparativa, coisa que, nos tratamentos convencionais, aparece como conceitos distintos e independentes. Para um melhor esclarecimento, cito os exemplos abaixo, apresentados pelos próprios autores:

- Absoluto: *jovem, facilmente*;
- Comparativo: *mais jovem, mais facilmente*;
- Superlativo: *o mais jovem, muito facilmente*.

No tocante à *intensificação*, Quirk e Greenbaum revelam uma postura, de certo modo, inovadora ao dividirem essa categoria em três "*classes semânticas*", a saber, os *ênfaticadores*, os *amplificadores* e os *atenuadores*. Os *ênfaticadores* compreendem palavras/expressões do tipo *francamente, honestamente, com certeza, de fato*, entre outras (nesse caso, espécies de modalizadores metaformativos e epistêmicos, nas palavras de KOCH, 2002, p. 136-137), as quais exprimem confirmação/ratificação do que é informado. Os *amplificadores* dividem-se em duas subclasses: a dos *maximizadores* – que, segundo os autores, denotam "*o extremo mais alto da escala*" – e a dos *reforçadores*, que exprimem "*um ponto alto na escala*". A primeira subclasse é representada por formas como *totalmente, inteiramente, completamente, absolutamente* e similares; a segunda inclui casos tais como *grandemente*,

profundamente, violentamente, muitíssimo etc. A classe dos *atenuadores* (os quais possuem um "efeito redutor/amortizador sobre a carga semântica do verbo") é subdividida nos seguintes tipos: *compromissores*, entre eles, *uma espécie de...*, *mais ou menos*, por exemplo; *diminuidores*, como *parcialmente, um pouco, de algum modo* e outros; *minimizadores*, exemplificados por *difícilmente, pouco, ao menos* e outros mais; e *aproximadores*, que podem ser representados por termos como *quase, aproximadamente* e demais similares.

Quanto à gramática de Leech e Svartvik (1994), esta também expõe o tema do grau/da intensificação em duas seções distintas, quais sejam: "*Expressões de grau*" (p. 111-121) e "*Comparação*" (p. 254-259). Na primeira parte, os autores tratam dos advérbios e locuções adverbiais designativos do grau que modificam adjetivos e advérbios.

Observam que existem "*palavras escalares*", as que indicam uma posição relativa na escala (entre elas, *grande/pequeno, alto/baixo* e muitas outras representativas de noções desse tipo), e "*palavras limitrofes*", as que se referem ao ponto final/fronteiriço da escala (expressivas de conceitos como *branco/preto, cheio/vazio*, por exemplo). Quanto aos modificadores adverbiais, afirmam, ainda, que estes podem também ser concebidos como escalares ou limitrofes. No primeiro grupo, enquadram-se palavras como *bem, muito, bastante, demais, consideravelmente* e outros. Ao segundo grupo, pertencem advérbios do tipo *absolutamente, completamente, inteiramente, totalmente* etc. (os mesmos anteriormente denominados "*maximizadores*" por Quirk e Greenbaum).

Em seguida, os autores assinalam a possibilidade da intensificação do grau mediante o acréscimo de termos/expressões de reforço, como, por exemplo, *muito ruim* < ***muito, muito ruim*** ou ***absolutamente péssimo***. Encerrando o tópico, tratam de um aspecto do grau não contemplado pelas demais abordagens. Tem a ver com a diferença entre o que eles chamam "*papel*" e "*padrão*" quanto ao significado de uma propriedade graduável. Para ilustrar isso, utilizam os respectivos exemplos:

- (1) Como nadadora, ela é *fora de série* ("*como*" especifica o *papel* que o termo graduável implica);
- (2) Para uma aprendiz, ela é uma *boa nadadora* ("*para*" especifica o *padrão* pelo qual o falante julga o uso deste).

No tópico sobre a *comparação*, Leech e Svartvik limitam-se, mais ou menos, a reproduzir o que tradicionalmente é dito sobre essa noção, isto é, descrevem o grau

comparativo dos adjetivos e dos advérbios em termos semânticos e formais em sentenças isoladas. Concordando com Quirk e Greenbaum, os autores também consideram o grau superlativo incluso na idéia comparativa, sendo esta, portanto, um conceito mais abrangente.

No entanto, o que se coloca de novo nesse tópico é o fato de Leech e Svartvik tratarem dos graus comparativo e superlativo dos *quantificadores* relacionados aos nomes. No subtópico "*Comparação de quantificadores*", mostram a natureza/função determinante e graduável dos pronomes indefinidos *muito(s)*, *bastante(s)*, *pouco(s)*, *mais* e *menos* quando adjuntos de substantivos.

Com respeito ao estudo de Heine (1997), que discorre sobre as bases cognitivas da gramática, no capítulo 6, voltado exclusivamente ao exame acerca da "*Comparação*" (p. 109-130), o autor procura demonstrar que, por trás das variadas formas de expressão desse conceito em diferentes línguas, subjazem alguns esquemas cognitivos básicos relacionados às seguintes noções:

- *ação*: X é Y *ultrapassa/derrota* Z.

Ex.: Yeye mrefu kushinda mimi. – Ela alta derrotar me. = Ela é mais alta do que eu (em swahili, África);

- *locação*: X é Y *em* Z.

Ex.: János nagyobb Józsefnál. – João maior José-em. = João é maior do que José (húngaro);

- *fonte*: X é Y *de* Z.

Ex.: Türkiye Lübnan'dan büyüktür. – Turquia Líbano'de é-grande. = A Turquia é maior do que o Líbano (turco);

- *meta*: X é Y *para* Z.

Ex.: Afriki fura foretaa be. – África ser-quente Europa para. = A África é mais quente do que a Europa (em susu, África);

- *polaridade*: X é Y, Z *não* é Y.

Ex.: Utli nikatv, eska ayv. – Mais ele-é-grande, menos eu. = Ele é maior do que eu (em cherokee, EUA);

- *seqüência*: X é Y, *então* Z.

Ex.: Enak daging karo iwak. – É-bom carne do-que peixe. = Carne é melhor do que peixe (em javanês);

- *similaridade*: X é Y *como* Z.

Ex.: Klaus ist größer wie ich. – Klaus é mais-alto como eu. = Klaus é mais alto do que eu (em alemão);

- *tópico*: X e Z, X é Y.

Ex.: Madzi ni čakudia, komo čakudia. – Água e comida, boa comida. = Comida é melhor que água (em nyanja, África).

Nesse esquema, X é o elemento comparado; Y é a propriedade (predicado); e Z é o padrão (ou comparante). Nisso, o interesse de Heine recai, de modo mais específico, sobre o processo de abstratização flagrado nessas noções, designadas pelo marcador comparativo "M" (ou seja, "(mais)... do que"). Para o autor, apesar da aparente diversidade, todos esses casos de comparação refletem o esquema básico "X é mais Y do que Z".

Por outro lado, o autor informa que os cinco primeiros esquemas (*ação, locação, fonte, meta e polaridade*) são relativamente mais comuns que os demais. Também assinala que alguns deles, o de *ação*, por exemplo, pode ser verbalizado através de formas variadas de exprimir tal noção. Observa, ainda, que vários tipos de esquemas designativos de comparação podem ser encontrados numa mesma língua. Para ilustrar isso, apresenta exemplos do alemão, em que se utilizam os esquemas de ação, locação, fonte e meta. No mais, ao longo do texto, Heine dedica-se a examinar, separadamente, a manifestação da comparação em cada tipo de esquema.

Ancorados na Linguística Cognitiva, Croft e Cruse (2004) reservam uma seção em seu trabalho a fim de tratar das "*Abordagens cognitivas para a semântica lexical*". Nesta, encontra-se um capítulo em que analisam o conceito de *oposição*, discutindo, mais particularmente, questões em torno da *antonímia*, da *complementaridade* e da *reversibilidade* carregadas por adjetivos e verbos (p. 165-192).

Os autores entendem como *antônimos* adjetivos e verbos passíveis de graduação, defendendo que estes devem ser vistos numa perspectiva escalar. Entre eles, citam, por exemplo, *longo/curto, largo/estrito, profundo/raso, quente/frio, bom/mal, clarear/escurecer* etc., os quais admitem comparação em termos de mais/menos. A *complementaridade* refere-se aos adjetivos compreendidos segundo as noções de presença/ausência, tais como *casado/solteiro, vivo/morto, verdadeiro/falso* e outros. Croft e Cruse observam, ainda, que existem aqueles cujo conceito inclui tanto a noção de antonímia como a de complementaridade. É o caso, por exemplo, de *limpo/sujo*. Quanto aos reversíveis, esclarecem que estes têm a ver com

a idéia de mudança em direções opostas entre dois estados. Trata-se de casos como *cair/levantar, subir/descer, entrar/sair*, entre outros.

Nos três casos, os autores concentram-se em estudar os esquemas cognitivos básicos subjacentes à formação desses conceitos. Portanto, o foco central não é propriamente investigar questões ligadas ao grau/à intensificação como um todo. Na verdade, esta aparece como uma noção semântica adicional, inclusa na discussão mais ampla sobre a antonímia.

A pesquisa de Flores (2004) – sua dissertação de mestrado – concentra-se exclusivamente na investigação do que ela chama "*o grau mais alto*" (expresso em termos do ponto máximo da escala), diferenciando-o do "*grau muito alto*" (representado por noções que exprimem apenas grau em nível elevado). Nesse sentido, pode-se estabelecer um paralelo dessa diferenciação com os respectivos conceitos de *maximização* e *reforço*, postulados por Quirk e Greenbaum (1979), e de *palavras limítrofes* e *palavras escalares*, encontrados em Leech e Svartvik (1994), expostos anteriormente. Em seu trabalho, a autora admite o recorte parcial imposto ao objeto de sua pesquisa quanto ao tema da intensificação e esclarece que se ocupará particularmente da descrição semântica do grau mais alto, desprezando qualquer aspecto referente ao efeito comunicativo (*i.e.*, à dimensão pragmática dessa noção). Para isso, procede a um estudo comparativo entre o alemão e o português, observando os diversos meios expressivos do grau mais alto em ambas as línguas.

Ao longo de seu estudo, Flores procura responder às seguintes perguntas, feitas logo de início:

- o que realmente é intensificado (ao grau mais alto)?;
- que elementos se deixam intensificar?;
- como se dá o processo semântico da intensificação (no grau mais alto)?;
- que estruturas (marcas concretas) lingüísticas podem designar o grau mais alto?.

Um dado merecedor de atenção no trabalho reside no fato de a autora diferenciar o "*grau mais alto aberto*" e o "*grau mais alto fechado*" (p. 8-9). Para a autora, o primeiro tipo designa o grau expresso no limite máximo e insuperável, marcado com termos que revelam o estabelecimento de uma fronteira, tais como *completamente, definitivamente, ao máximo*, ou em expressões como *morrer de..., estourar de..., etc.* O segundo tipo exprime o grau em sua extensão *ad infinitum*, que pode ser codificado através de formas como o sufixo *-íssimo*, ou palavras como *infinitamente, terrivelmente, imensurável* e similares.

Quanto aos textos de Traugott (1982), de Lehmann (1991) e de Hopper e Traugott (2003), citados no início deste capítulo, conforme já observado, limitam-se a uma breve menção a fatores intensivos, apenas como forma de exemplificação para o fenômeno sob exame, no caso, a gramaticalização. Como se vê, o foco do estudo situa-se em um outro objeto que não a intensificação mesma.

Traugott (1982), ao longo de sua exposição, procura demonstrar como determinadas palavras de conteúdo (elementos proposicionais relacionados à função ideacional da linguagem) desenvolveram-se, via reanálise, para exprimir noções gramaticais (como conectivos textuais, por exemplo) ou pragmáticas (vinculadas à função interpessoal), para revelar, entre outras coisas, a atitude do locutor frente ao conteúdo do seu discurso. Numa dessas demonstrações, a autora menciona o fato de muitos intensificadores (tais como *horribly, pretty, quite, right, very* e outros) derivarem de itens lexicais plenos (p. 251). Quer dizer, o processo de gramaticalização de muitos recursos intensivos, no inglês, deve-se à mutação semântica de termos cujas noções tinham um caráter mais "denotativo". Mediante associação estabelecida a partir de alguma similaridade conceitual, tais termos passaram a assumir função intensificadora, de natureza mais abstrata e conotativa.

Lehmann (1991, p. 520-532), em seu trabalho, aborda alguns fenômenos de gramaticalização no alemão contemporâneo, os quais ainda não são chancelados pelos defensores da norma culta, porém bastante recorrentes na escrita coloquial. Entre estes, o autor faz uma curta explanação acerca de dois casos de expressão intensiva, a saber, "*mehr als*" (= "*mais do que*") e "*zunehmend*" (= "*mais e mais*" / "*cada vez mais*"). Através desses casos, Lehmann pretende demonstrar os processos de reorganização de determinadas estruturas sintagmáticas, como o que ocorre com *mehr*, que passa de núcleo do sintagma – com noção mais quantitativa – para a posição de adjunto, acompanhado de *als*, exprimindo intensidade. Isso pode ser comprovado nestes excertos (conforme o autor, extraídos de uma revista sobre computação):

- (1) "Das ist *mehr als* das Doppelte." = "Isso é *mais do que* o dobro" (aqui, *als das Doppelte* é um sintagma complemento de *mehr*, e este, um termo nuclear. A configuração disso pode ser traduzida no seguinte esquema: $[[mehr] [als\ das\ Doppelte]]$);
- (2) "Das ist *mehr als* ausreichend." = "Isso é *mais do que* suficiente" (nessa ocorrência, deve-se considerar a construção *mehr als* como adjunta a *ausreichend*, portanto, um modificador

intensivo, o que aponta para um novo arranjo sintagmático, evidenciando o processo de reanálise sintático-semântica previsto na trajetória de gramaticalização. Esse novo arranjo esquematiza-se como [[*mehr als*] [*ausreichend*]].

Com relação a *zunehmend*, Lehmann informa que este parece estar em vias de "dessemantização", assumindo propriedades de advérbio intensificador junto a adjetivos e verbos, como substituto da já desgastada expressão "*inmer mehr*" (= "*sempre mais*"). Entre as amostras apresentadas pelo autor acerca disso, cito a seguinte:

(3) "Die Nachtfrage wird *zunehmend* schwächer." = "A demanda torna-se *cada vez mais* fraca."

Em seu estudo sobre *gramaticalização*, Hopper e Traugott (2003 – na verdade, um *remix* ampliado e revisto da versão de 1993) referem-se à intensificação apenas de modo *en passant*. No tópico sobre "*Renewal*" (p. 122), tratando sobre a emergência de material lingüístico novo, isto é, de uma forma alternativa de se dizer mais ou menos a mesma coisa de um sentido já existente, os autores apontam os recursos intensivos como os mais sensíveis a esse fenômeno. Tal fato se dá em virtude de a intensificação desempenhar uma função marcadamente emotiva, sendo, pois, suscetível à variabilidade criativa dos falantes.

Conforme já observado no capítulo introdutório deste trabalho, o tratamento sobre a intensificação tem-se confundido com o estudo do grau, como se fossem noções idênticas e permutáveis, indiferentemente, e isso tanto nos autores da linha tradicional como nos demais de orientação teórica diversa daqueles. Quanto aos conservadores, sabemos que todos mantêm, relativamente, a mesma perspectiva e modos de exposição semelhantes em relação a esse assunto. Com respeito aos enfoques recentes, podemos perceber que existem, em todas as abordagens, contornos bem definidos no que se refere ao(s) aspecto(s) do grau/da intensificação que se encontram sob consideração, reconhecidamente importantes e possuidores de contribuições significativas para melhor conhecimento desse tema.

Entretanto, apesar disso, nenhum preenche satisfatoriamente os objetivos desta pesquisa, uma vez que esta se move na tentativa de conjugar fatores semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos, bem como questões de variação e mudança atuantes no recurso à intensificação. Ainda outra finalidade que distingue este trabalho dos demais sobre esse tema (à exceção de GONÇALVES, 2007) é oferecer encaminhamentos quanto ao seu exame em sala de aula de forma mais aproximada aos diversos usos nas interações cotidianas.

CAPÍTULO 3

EMBASAMENTO TEÓRICO

EMBASAMENTO TEÓRICO

Nesta parte do trabalho, construo um painel das bases teóricas que alicerçam e orientam minha pesquisa, a saber, a Semântica Cognitiva e a Lingüística Funcional contemporânea de ascendência norte-americana. Em primeiro lugar, forneço uma sucinta visão panorâmica sobre a Lingüística Cognitiva e da Semântica Cognitiva, distinguindo uma da outra. Em seguida, traço um breve esboço dos principais postulados desta última. Na seqüência, apresento uma rápida caracterização geral da Lingüística Funcional norte-americana e aproveito para demonstrar a tendência recente em se conjugarem os programas cognitivista e funcional na investigação de diversos fenômenos lingüísticos. Depois, trato exclusivamente dos princípios analíticos da versão funcionalista norte-americana que utilizo no exame dos dados sobre a intensificação. Por fim, concentro-me, especialmente, nas questões em torno da metáfora e da metonímia, estudadas por ambos os paradigmas teóricos.

1. O modelo de abordagem cognitivista

1.1. A Lingüística Cognitiva

Tendo como marco inicial de seus primeiros estudos a década de 70 do século passado (XX), a Lingüística Cognitiva designa uma nova disciplina, dentro da chamada Ciência Cognitiva, que atua, sobretudo, na interface entre linguagem e cognição. Segundo Ibañez (2001, p. 1), essa área de pesquisa ocupa-se em compreender a natureza de diversas operações mentais relacionadas com o raciocínio, a memória, a organização do conhecimento e seu processamento e a produção lingüística. Citando Dirven, Langaker e Taylor, editores da *Cognitive Linguistic Research*, Feltes (2007, p. 15) esclarece que

(...) a rubrica Lingüística Cognitiva subsume uma variedade de interesses e abordagens teóricas compatíveis que têm uma perspectiva básica comum: a de que a linguagem é uma faceta integral da cognição que reflete a interação de

fatores sociais, culturais, psicológicos, comunicacionais e funcionais e que apenas pode ser compreendida no contexto de uma visão realista da aquisição, desenvolvimento cognitivo e processamento mental (...).

Ainda de conformidade com essa mesma autora (p. 26), a Lingüística Cognitiva situa-se no que se convencionou denominar "segunda geração" da Ciência Cognitiva, em franca oposição aos postulados epistemológicos das correntes cognitivistas clássicas da "primeira geração". Essas correntes caracterizaram-se, principalmente, por se fundamentarem nos pressupostos esboçados a seguir (cf. CUENCA e HILFERTY, 1999, p. 16; KOCH e CUNHA-LIMA, 2004, p. 257-264):

- pensar é manipular símbolos abstratos (à maneira de um computador), que se relacionam diretamente com o mundo;
- a mente é independente do corpo;
- o pensamento é atomístico;
- o pensamento é lógico e pode ser formalizado e descrito a partir dos valores de verdade.

Portanto, o florescimento da Lingüística Cognitiva coincide com o crescente interesse em outras áreas do conhecimento em torno de questões relacionadas à mente/cognição humana, daí incorporarem em suas investigações o termo "*cognitivo*". Entre elas, podem ser citadas a psicologia, a neurologia, a filosofia, a antropologia, bem como a ciência computacional. Compreendida como um campo mais geral, a Lingüística Cognitiva abriga a Gramática Cognitiva²¹ e a Semântica Cognitiva como subáreas afins (YU, 1998, p. 12).

É bem verdade que outras abordagens na área lingüística também são rotuladas como "cognitivistas". Destas, a que tem lugar de destaque é a Gramática Gerativa, fundamentada no pensamento do lingüista norte-americano Noam Chomsky. Postulando a noção de "*gramática universal*", os gerativistas defendem a idéia de que esta é inata na espécie humana, em cuja mente reside um módulo específico para a faculdade da linguagem, autônomo em relação às demais capacidades cognitivas. Baseando-se nesse pressuposto,

²¹ Como não faz parte do interesse deste trabalho, limito-me apenas a caracterizar a Gramática Cognitiva nos seguintes termos: construída sobre a premissa de que a linguagem é inerente e essencialmente simbólica em natureza, provendo seus usuários de um conjunto de recursos para o pensamento representativo, a tarefa da *Gramática Cognitiva* consiste em identificar e analisar tais recursos (TAYLOR, 2002, p. 21-23). Para esclarecimentos mais amplos e aprofundados, especificamente sobre esse tema, ver as duas publicações de Langacker (1987, v. 1; 1991, v. 2).

procuram descrever e explicar os princípios universais e invariantes subjacentes à formação das estruturas lingüísticas, isto é, a competência lingüística de um falante ideal.

No entanto, conforme adverte Taylor (2002, p. 5), reconhecer ou asseverar que a linguagem reside na mente dos falantes/ouvintes – e, de fato, a maioria dos lingüistas admite que o conhecimento lingüístico reside na mente e que cabe a eles descrever o que existe na mente que nos capacita a criar e entender expressões lingüísticas – não é suficiente para que tal abordagem seja considerada verdadeiramente cognitivista.

Portanto, afastando-se das concepções estruturalista e gerativista de língua(gem) – a primeira entende a língua como um sistema de signos arbitrários, autônomo em relação ao sujeito; a segunda vê a linguagem como uma competência inata, um módulo pertencente a nossa estrutura cerebral e independente dos demais domínios cognitivos, que nos capacita a gerar frases gramaticalmente bem formadas numa dada língua –, a Lingüística Cognitiva postula a linguagem como um produto da mente humana, baseado nos mesmos princípios de organização que operam em outros domínios cognitivos. Assim, a linguagem faz uso de uma estrutura conceitual e de mecanismos cognitivos mais gerais.

Como tal, a linguagem está intimamente ligada a outros domínios cognitivos e interage com fatores ecológicos, psicológicos, culturais, sociais, comunicativos etc. Desse modo, a estrutura lingüística relaciona-se com e é motivada pelo conhecimento conceitual humano, pelas experiências físicas e pelas funções comunicativas do discurso. Em outras palavras, a linguagem depende de conceitualização, sendo condicionada por nossas experiências, pelo ambiente externo e pelas relações que mantemos com esse ambiente.

Nesse sentido, a principal tarefa da Lingüística Cognitiva é articular as dimensões corporificadas, culturais e imaginativas do sentido. É assim que Taylor (2002, p. 9), também citando a série de publicações *Cognitive Linguistics Research*, caracteriza resumidamente o programa dessa disciplina:

[A Lingüística Cognitiva]... busca o quanto possível explicar a estrutura lingüística tanto em termos de outras facetas da cognição com as quais se relaciona, bem como das funções comunicativas a que serve. [tradução minha].²²

²² "[Cognitive Linguistics]... It seeks insofar as possible explicate language structure in terms of the other facets of cognition on which it draws, as well as the communicative function it serves."

Taylor chama a atenção para o fato de que a Lingüística Cognitiva não deve ser confundida com uma espécie de aplicação da psicologia ao estudo da linguagem. Em vez disso, deve ser vista, sim, como um tipo de abordagem que capacita o lingüista a ir além da mera descrição e formalização dos fatos lingüísticos, relacionando-os a aspectos da cognição.

Assim, ainda de acordo com esse autor (p. 9-16), são estes os aspectos cognitivos pertinentes ao programa de investigação da Lingüística Cognitiva no estudo da linguagem, aqui sumarizados:

1. *categorização*: nossa atuação no mundo físico e social depende da habilidade em elaborar a categorização de seres, coisas, processos, relações sociais etc. Essa capacidade é também de crucial importância na linguagem, uma vez que, de igual maneira, os elementos lingüísticos, quer lexicais ou gramaticais, definem-se categorialmente;
2. *organização figura-fundo*: está intimamente ligada à atenção, a partir da saliência do(s) traços de alguma cena que se torna(m) o foco central de nosso interesse. Nesse sentido, deve-se esclarecer que existem diversos níveis de percepção de figura-fundo. Quer dizer, o que é fundo num dado nível pode tornar-se figura em outro. Assim, essa organização relaciona-se ao modo como pensamos (conceitualizamos) uma situação, o que se reflete na embalagem lingüística;
3. *conceitualização e construção mental*: tem a ver com nossa habilidade para, mentalmente, construirmos uma situação de maneiras alternativas, no sentido de variar no que se refere aos detalhes que serão realçados ou desprezados. Também podemos imaginar como uma dada situação poderia ser percebida de diferentes perspectivas. A linguagem é altamente sensível a esses efeitos: a(s) forma(s) lingüística(s) que escolhemos para codificar uma determinada cena depende do modo como esta foi mentalmente construída;
4. *metáfora e experiencialismo*: a metáfora reflete nossa capacidade de pensar (ou construir cognitivamente) uma coisa em termos de outra a partir de nossas experiências corporais. Isso posto, pode-se afirmar que boa parte do nosso universo conceitual é estruturado de acordo com um número limitado do que se chama "*esquemas imagéticos*", que são padrões recorrentes das experiências físicas que acumulamos no contato com o mundo, as quais podem ser instanciadas num vasto conjunto de domínios;
5. *arquetipos conceituais*: diz respeito a conceitos universais que se fundamentam em nossas habilidades conceituais, os quais são comuns a todos os humanos, em razão do nosso

aparato neurobiológico e constituição corpórea. No entanto, por causa da diversidade cultural, as diversas línguas podem exibir diferenças significativas quanto a um conjunto de entidades que são convencionalmente simbolizadas;

6. *inferenciação*: a interpretação que atribuímos a uma certa expressão lingüística para uma conceitualização pode se processar sem a necessidade de incluir cada faceta da informação. Significa que somos espertos o bastante para depreender ou complementar o que se quer dizer a partir de um mínimo de aspectos salientes do que é enunciado;
7. *automatização*: os humanos são bastante eficientes em adquirir habilidades complexas, principalmente nos primeiros anos de vida, as quais são aperfeiçoadas pela prática. O mesmo ocorre em relação à linguagem: muito de nossa habilidade comunicativa consiste em automatizar formas lingüísticas complexas segundo padrões estabelecidos e bem exercitados. Assim, contrariando o argumento do inatismo, defendido pelo paradigma gerativista, ressalta-se a capacidade que os indivíduos possuem de armazenar uma quantidade considerável de instruções específicas, as quais, uma vez aprendidas, podem ser aplicadas às diversas situações;
8. *comportamento social*: o fato de sermos seres sociais nos impulsiona a utilizarmos a linguagem para fins interativos. Também somos tendenciosos a, através dos hábitos de fala, preservarmos nossa identidade geossocial, incluindo as regras culturais de interlocução;
9. *comportamento simbólico*: refere-se à nossa capacidade de pensamento "*offline*", que caracteriza a cognição humana e, possivelmente, a consciência em si. É o sistema simbólico, como a linguagem, que nos fornece meios de representar para nós mesmos o conteúdo do que pensamos, independentemente das circunstâncias externas que o geraram. Mais ainda: é o que permite a comunicação desse conteúdo para outros.

Como ficou explícito até aqui, o âmbito de interesse da Lingüística Cognitiva recai, primordialmente, sobre a inter-relação entre a linguagem e as esferas da cognição com as quais mantém vínculo direto. Por outro lado, volta-se também sobre os aspectos socioculturais da linguagem, uma vez que credita a construção de boa parte dos esquemas conceituais à interação entre o indivíduo e seu meio.

1.2. A Semântica Cognitiva

Alinhada aos postulados estabelecidos pela Linguística Cognitiva, da qual é afluente epistemológico, a Semântica Cognitiva contrapõe-se tanto ao empirismo – segundo o qual o indivíduo é uma tábula rasa e, portanto, todo conhecimento é adquirido através dos sentidos – como ao racionalismo – que defende a idéia de um conhecimento universal e inato na espécie humana –, argumentando, com base em pesquisas recentes, que não dá para separar o inato do adquirido. Assim, propõe uma terceira alternativa, em que há espaço não apenas para aspectos inatos como também para o que é aprendido em nosso sistema conceptual. A essa corrente filosófica deu-se o nome, primeiramente, de "*experencialismo*" e, depois, de "*realismo corporificado*" em virtude de sua defesa quanto à interdependência entre corpo e mente/razão.

Essa linha de pesquisa fundamenta-se na idéia de que o significado – e não a sintaxe, como querem os gerativistas – é central na linguagem. Também rejeita a crença da Semântica Formal/Objetivista de que a significação emerge da correspondência linguagem-mundo/realidade e propõe que a investigação lingüística deve amparar-se na visão de que o significado se constrói nas relações experienciais dos indivíduos com o ambiente em que estão inseridos

Segundo postulam Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 45-46), teóricos pioneiros dessa vertente cognitivista, são as estruturas cognitivas e sensorio-motoras corporificadas que geram significado, através da permanente interação do indivíduo com o ambiente. Em outras palavras, o aparato conceitual humano constrói-se mediante operações cognitivas, embasadas no modo como somos fisicamente e na relação que temos com o mundo natural e sociocultural ao nosso redor. Essa constatação tem levado à hipótese da existência de universais conceituais, isto é, de esquemas imagéticos mais gerais, inerentes às propriedades humanas básicas (FERRARI, 2003, p. 26).

Assim, de acordo com essa visão, o pensamento tem base corporal. Isto porque é mediante o corpo que o indivíduo se relaciona consigo mesmo, com o mundo físico e com o ambiente sociocultural em que se encontra. E é, portanto, através dessa interação que constrói os conceitos (ou representações mentais), os quais, por sua vez, são traduzíveis via linguagem. Logo, não há como negar a relação intrínseca existente entre experiência, pensamento e

linguagem, decorrendo, daí, a admissão do fato de que o signo lingüístico é motivado (MARMARIDOU, 2000, p. 4; OLIVEIRA, 2001, p. 34).

Ancorada nessas concepções, a Semântica Cognitiva ocupa-se em investigar os mecanismos cognitivos e modelos que subjazem e tornam possíveis nossas atividades lingüísticas. Ela parte do pressuposto de que nossas funções cognitivas mais altas, que viabilizam o pensamento e a significação, são inseparáveis de nossas ações sensorimotoras.

Argumentando que o conhecimento é corporificado, no sentido de que nosso sistema conceitual é alicerçado e estruturado por um vasto conjunto de padrões recorrentes de interações perceptuais, essa linha de pesquisa busca, sobretudo, explicar a maneira como as estruturas dessas interações perceptuais formulam a compreensão de domínios conceituais mais abstratos.

Para Lakoff e Johnson (1999, p. 93), o grande equívoco da tradição filosófica ocidental tem sido a crença de que a razão é independente do corpo, e que é essa autonomia que nos caracteriza como seres humanos, distintos das outras formas de vida. Ao contrário, o nosso sistema conceitual emerge de nosso contato corporal com o mundo que nos cerca.

Portanto, contrapondo-se à visão clássica, para a Semântica Cognitiva, mente e corpo não devem ser tomados como entidades estanques e totalmente independentes, mas inter-relacionadas, sendo essa inter-relação fundamental para a construção dos conceitos. E são esses conceitos que nos permitem caracterizar mentalmente as categorias e raciocinar sobre elas.

Tais categorias – outra noção basilar na Semântica Cognitiva – são parte de nossa experiência, isto é, são parte daquilo em que nossos corpos estão engajados em nossa relação com o ambiente biofísico e sociocultural. Elas são conceitualizadas em termos do que são chamados protótipos²³. Cada protótipo nos possibilita realizar um conjunto de tarefas inferenciais ou imaginativas sobre uma dada categoria. A conceitualização dessas categorias funciona como uma espécie de "*recipiente categorial*", que determina o que é pertinente ou não na definição do protótipo, estabelecendo uma escalaridade tipológica (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 19-20). Significa que, ao invés de serem definidas em termos binários e

²³ Apesar de não pretender utilizar esse conceito como parâmetro explanatório neste trabalho, a menção a ele se deve em razão de sua relevância dentro da teoria cognitivista. Para uma leitura acerca disso, numa perspectiva revisionista e inovadora, remeto a Lakoff (1987), Geeraerts (1989, 1997), Kleiber (1995), Silva (1997).

discretos, as coisas percebidas distribuem-se num *continuum* categorial, em que alguns elementos localizam-se mais nos pólos da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas, e outros se situam em instâncias fronteiriças/intermediárias, por compartilharem características de uma e outra categoria (cf. FELTES, 2007, p. 106-116).

Um exemplo disso pode ser dado com relação à categoria *mamífero*: pela nossa experiência, não há dificuldades em classificar um *gato* ou um *leão* como pertencentes a tal categoria, por exibirem um conjunto de propriedades (morfologia e hábitos) que nos permitem enquadrá-los nessa classe. Nesse caso, representam, convencionalmente, protótipos (membros centrais) dessa categoria. Já quanto a animais como *peixe-boi* ou *morcego*, não são facilmente apontados como também participantes da mesma categoria, visto que, perceptualmente, afastam-se desse modelo, situando-se num ponto mais periférico, em razão de apresentarem características que, normalmente, não são associadas aos mamíferos, tais como possuir nadadeiras e viver na água (no caso do peixe-boi) ou ter asas e ser voador (no caso do morcego).

A idéia de que as categorias são definidas por propriedades comuns não é recente; remonta à antiguidade clássica, cobrindo um período de mais de dois mil anos — de Aristóteles a Wittgenstein. Conforme Lakoff (1987, p. 6), tanto na visão tradicional como na cognitivista, a categorização é o modo principal pelo qual nós fazemos sentido da experiência.

No entanto, na perspectiva tradicional, as categorias são caracterizadas apenas pelas propriedades compartilhadas por seus membros (a) independentemente da natureza corporal dos seres e (b) literalmente, *i.e.*, sem nenhum mecanismo imaginativo. Na nova visão, as experiências corporais e o modo como usamos os mecanismos imaginativos são centrais na construção das categorias para fazer sentido da experiência.

Essa nova idéia sobre categorização, chamada "*teoria dos protótipos*", resulta das pesquisas realizadas pela psicóloga Eleanor Rosch (*apud* LAKOFF, 1987, p. 7), que, contradizendo a visão tradicional sobre as categorias, fornece evidências de que estas não se definem por propriedades suficientes e necessárias, mas por aquelas que são mais prototípicas, isto é, mais exemplares e reveladoras dos traços mais salientes. Para essa pesquisadora, sempre que realizamos alguma ação ou dizemos algo, estamos utilizando categorias.

Portanto, a categorização permeia nossa relação com o mundo físico e social, bem como nosso intelecto. Por isso, entender como categorizamos as coisas é central no entendimento de como pensamos, agimos e do que nos torna humanos. Nós entendemos o mundo não apenas em termos de coisas individuais, mas também em termos de *categorias de coisas*. Assim, categorizamos o universo biofísico, psicoafetivo, sociocultural e até lingüístico. Decorre disso que mudar o nosso conceito de categoria implica mudar também o que compreendemos sobre a mente e o mundo. Implica, do mesmo modo, mudanças nos conceitos de verdade, conhecimento, significado, racionalidade e gramática (cf. TAYLOR, 1992, p. 48).

Por outro lado, como advertem Lakoff e Johnson, não se deve deduzir daí que os conceitos são reflexos da realidade externa e que a linguagem serve apenas para etiquetá-la. No entanto, o contato com o meio físico e social é de fundamental importância tanto para modelar os conceitos como a linguagem. Isto é, os esquemas mentais e as formas lingüísticas que os expressam derivam das experiências sensorimotoras e da forma como categorizamos o que é percebido. Compartilhando a mesma idéia, Marmaridou (2000, p. 4) argumenta que

(...) a linguagem não é a representação de uma realidade que existe objetivamente, mas da realidade como é percebida e experienciada pelos seres humanos. [tradução minha].²⁴

Em linha de raciocínio semelhante, adotando uma perspectiva interacionista, Mondada e Dubois (2003, p. 17) afirmam que "*os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo*".

O postulado da relação entre corpo e mente (ou da "*mente corporificada*"), de Lakoff e Johnson, evidencia por que uma enorme quantidade de conceitos abstratos emerge de noções "concretas", tendo por base a dimensão corporal. Isso posto, parece sugerir a idéia de que os seres humanos, em razão dos corpos que possuem e do modo como se relacionam com o mundo e neste atuam, compartilham certos esquemas imagéticos semelhantes, resultando, portanto, num dado sistema de conceitualizações comum e homogêneo a todos. Em alguns aspectos, isso é bem verdade, principalmente no caso de conceitos orientacionais

²⁴ "(...) language is not a representation of objectively existing reality, but of reality as it is perceived and experienced by human beings."

(como em cima/em baixo, frente/trás, próximo/distante etc.), que parecem exibir relativa similaridade entre os diversos povos.

Ocorre que, embora compartilhemos de esquemas imagéticos comuns, há espaço para extensa variação cultural na forma como elaboramos muitos conceitos. Significa que a localização geográfica onde cada comunidade vive e a maneira como ela desenvolve sua vida material e se organiza socialmente impõem determinadas restrições à sua visão de mundo e, conseqüentemente, no modo como formula diversos significados (FERRARI, 2003, p. 26-27). Resulta daí o fato de que grande parte da codificação lingüística reflete traços tanto de estruturas conceituais mais gerais, extensivas a todos, quanto daquelas próprias de cada cultura, isto é, calcadas em visões de mundo particulares.

No entanto, é bom lembrar que nem as estruturas internas nem as externas, por si sós, geram significado. Este decorre tão somente da interação recorrente e constante entre o organismo e o meio (cf. HONRUBIA, 1998, p. 19; MARCUSCHI, 2005, p. 62-64).

Na esteira do postulado lakoffiano acerca das relações entre experiência, cognição e linguagem, a reivindicação de que o pensamento é, em grande medida, imaginativo traz para o foco principal de investigação questões relacionadas aos aspectos metafóricos e metonímicos²⁵ das operações mentais, espelhados na linguagem ordinária do cotidiano. É através dos mecanismos cognitivos da metáfora e da metonímia que desenvolvemos nossos esquemas e categorias para além das experiências físicas imediatas, indo em direção à abstração. Nesse contexto, os processos de metaforização e de metonímia conceituais ocupam um lugar de destaque no paradigma cognitivista.

Ao negar a existência de uma razão universal pura, cujos conceitos fundamentais são absolutos e estabelecidos *a priori*, sem qualquer relação com a experiência, a Semântica Cognitiva rompe definitivamente com a tradição filosófica clássica. Assim, na contramão dessa doutrina, defende que razão e imaginação não constituem capacidades radicalmente distintas e que o conhecimento/significado não pode prescindir das demais capacidades cognitivas humanas, tampouco da relação entre o indivíduo e o ambiente no qual interage. É nesse sentido que o estudo dos sistemas conceituais e de sua dimensão imaginativa (o modo como operam e como estruturam a experiência, o conhecimento e a linguagem), os quais são

²⁵ *Metáfora e metonímia* são alvos de considerações específicas mais adiante, neste mesmo capítulo.

em grande parte metafóricos e/ou metonímicos, tem especial importância nesse modelo de abordagem.

2. A Lingüística Funcional

Falar em Lingüística Funcional, indefinidamente, na verdade, remete a um amplo "espectro" de estudos lingüísticos de longa tradição que, resguardada a diversidade de enfoques e interesses, possui, relativamente, determinados pontos em comum. Entre os mais gerais, estão, por exemplo (cf. MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 28; NEVES, 2006, p. 16),

1. a concepção de linguagem como um instrumento de interação social, utilizado para fins intercomunicativos;
2. a admissão de que a língua constitui um sistema parcialmente não-homogêneo e não-arbitrário;
3. a rejeição ao distanciamento rigoroso entre língua (o sistema) e fala – oralidade e escrita – (o uso), entendendo que esta desempenha um papel fundamental na estrutura e organização daquela;
4. a reivindicação do estudo das formas lingüísticas em consonância com aspectos funcionais (*i.e.*, semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos), dos quais derivam e dependem;
5. e a atenção dada tanto a fatores sincrônicos como diacrônicos na análise e explicação de fenômenos lingüísticos.

2.1. O Funcionalismo norte-americano

A Lingüística Funcional norte-americana²⁶, mais especificamente, da costa oeste dos Estados Unidos, tem seu ponto de partida na pesquisa pioneira de Gillian Sankoff e Penelope Brown, em 1976, sobre motivações discursivas na sintaxe do Tok Pisin, língua

²⁶ Para uma leitura sobre os pioneiros da Lingüística Funcional e demais vertentes funcionalistas, na Europa, bem como sobre suas respectivas propostas teóricas, remeto a autores como Fontaine (1978), Vachek (1978), Nichols (1984), Lyons (1987), Ramanzini (1990), Neves (1997; 2006), Ilari (2004), Pezatti (2004), Furtado da Cunha (2008).

falada na ilha de Papua, Nova Guiné. Sob a influência dessa pesquisa, Talmy Givón publica, em 1979, uma série de trabalhos em que se mostra a tendência de considerar as determinações de fatores discursivos sobre a estrutura sintática da língua (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 24). Vale citar, ainda, a influência de Dwight Bolinger quanto à retomada da discussão acerca do caráter não-arbitrário da linguagem, através de sua proposta extremista no que se refere à correspondência icônica de um-para-um entre forma e função (cf. NICHOLS, 1984, p. 105). Na verdade, o embrião dessa retomada encontra-se nas investigações, a partir da década de 60, sobre os universais lingüísticos e nos estudos tipológicos translingüísticos, representados, sobretudo, pelo lingüista Joseph Greenberg (cf. FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 163).

Outras fontes de inspiração para essa vertente funcionalista foram os respectivos trabalhos de Meillet (1912) e de Kurylowicz (1965) acerca da mudança lingüística, originando as pesquisas sobre gramaticalização, conforme se vê nas publicações de Givón (1971, 1975) e de teóricos como Hopper (1991), Thompson e Mulac (1991), Traugott e Heine (1991), Bybee et al. (1994), entre outros (cf. GONÇALVES et al., 2007, p. 18-19).²⁷ Também devem ser mencionadas as contribuições da Sociolingüística laboviana e da Etnografia da Comunicação, de Gumperz e Hymes (NICHOLS, *ibidem*, p. 97-98).

De um modo geral, portanto, podemos admitir, na linha de pensamento de Croft (1990, p. 155), que o Funcionalismo

(...) busca explicar a estrutura lingüística em termos funcionais. Assume que um enorme conjunto de fenômenos lingüísticos fundamentais é o resultado da adaptação da estrutura gramatical às funções da linguagem. [tradução minha].²⁸

Tal afirmação encontra-se em consonância com a postura adotada por Givón (1984, p. 40), ao declarar que a proposta funcionalista é "*fornecer um quadro explícito, sistemático e abrangente de sintaxe, semântica e pragmática como um todo*". Em trabalho posterior (1995), esclarece que o Funcionalismo assume o postulado da não-autonomia do sistema lingüístico e, portanto, este não pode ser adequadamente compreendido sem

²⁷ Ainda segundo Gonçalves et al. (2003, p. 19), devem ser citados, também, no circuito alemão, os respectivos trabalhos de Lehmann (1985) e de Heine et al. (1991).

²⁸ "(...) seeks to explain language structure in terms of language function. It assumes that a large class of fundamental linguistic phenomena are the result of the adaptation of grammatical structure to the function of language."

referência a parâmetros como cognição e comunicação, interação social e cultura, variação e mudança, aquisição e evolução. Como bem sintetiza Neves (1997, p. 22):

(...) a gramática funcional visa a explicar as regularidades dentro das línguas e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua. A gramática funcional ocupa, assim, uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou apenas da instrumentalidade do uso da língua.

Desse modo, essa proposta não se dá em detrimento de um estudo que leve em consideração a história do desenvolvimento das formas lingüísticas; pelo contrário, sustenta-se que a conjugação de ambos, quer dizer, a interação e interdependência entre sincronia e diacronia poderá fornecer ao pesquisador uma noção mais abrangente e segura dos fatos lingüísticos. Assim, os teóricos funcionalistas entendem o estudo e a explicação dos fenômenos lingüísticos em termos pancrônicos, em que a língua é tomada tanto vertical como horizontalmente no domínio cronológico (FURTADO DA CUNHA et al., 1999, p. 86).

Além das influências e contribuições das correntes lingüísticas apontadas no paradigma funcional, é digno de nota o reflexo da pesquisa de orientação cognitivista, em especial, dos postulados da Semântica Cognitiva, representados por Lakoff e Johnson, entre outros, em muitas abordagens funcionalistas a partir da década de 80 do século passado (cf. FURTADO DA CUNHA, 2008, p. 165). Embora se reconheçam as particularidades de suas respectivas agendas, ambos os modelos teóricos compartilham entre si a rejeição ao postulado da autonomia do sistema lingüístico e o interesse em investigar as relações entre linguagem, cognição e interação social. Para Silva (2004, p. 1-2), o ponto de encontro entre cognitivistas e funcionalistas reside na defesa de que a linguagem é parte integrante da cognição e se fundamenta em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais; daí a necessidade de ser examinada no seu uso (*i.e.*, caráter funcional), considerando os aspectos de conceitualização, categorização, processamento mental, interação e experiências individuais e socioculturais.

Tomasello (1998, p. ix-xiv) explicita alguns pressupostos que refletem o ambiente de convergência entre as abordagens cognitivista e funcional. Sintetizo-os a seguir:

1. a linguagem é um complexo mosaico de atividades cognitivas (*i.e.*, esquemas cognitivos do mesmo tipo que existem em outros domínios da cognição) e sociocomunicativas estreitamente integrada às outras áreas da psicologia humana;
2. as funções comunicativas da linguagem possuem dois aspectos fundamentais, não totalmente separáveis um do outro, os quais derivam da natureza básica da situação comunicativa, a saber: semântica e pragmática;
3. todas as estruturas lingüísticas (do mais simples morfema às construções mais complexas) são instrumentos simbólicos para veicular sentido. Sendo assim, operam em total dependência a este. No entanto, isso não significa que todas elas são determinadas pela função, no sentido de que sejam iconicamente relacionadas aos seus respectivos significados em termos biunívocos;
4. todos os aspectos da compreensão e do uso da língua são objeto de estudo. Nessa perspectiva, assume-se um compromisso explanatório de fornecer descrição e explicação para os fenômenos lingüísticos que são psicologicamente plausíveis, conectando a lingüística a outras ciências que estudam fenômenos como cognição, comunicação, simbolização, categorização, esquematização, conceitualização, metáfora, atenção, automação e demais temas associados.

A estreita aproximação entre essas duas vertentes lingüísticas (para alguns – como TOMASELLO (1998) e LANGACKER (1999b) –, "*Lingüística Cognitivo-Funcional*") aponta não apenas para a possibilidade de intercâmbio frutífero entre elas, mas também para a natureza complementar de seus programas de estudos. Assim, procuram articular, segundo Langacker (*apud* SILVA, *ibidem*, p. 3-4), o estatuto fundacional das funções semiológica e interacional da linguagem com fatores situacionais, biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais que a determinam, incluindo domínios diversos como discurso, variação e mudança, tipologia, aquisição e bases neurológicas da linguagem. Tal multiplicidade, não obstante seus distintos interesses e metodologias, abriga-se, ainda de acordo com esse teórico, sob "princípios de evidência convergente" e de "coerência geral" (cf. FELTES, 2007, p. 76-77).

Esse painel epistemológico tem permitido aos funcionalistas um vasto e variado leque de pesquisas lingüísticas, principalmente nos campos da morfologia, da sintaxe e da organização textual/informacional do discurso. Entre as questões de interesse da Lingüística Funcional contemporânea, podem ser citados os fenômenos de gramaticalização e de

discursivização, as relações icônicas entre forma e função na língua, as motivações discursivo-pragmáticas na relação entre transitividade e estrutura argumental, as determinações cognitivas e interacionais na configuração dos componentes lingüísticos e no processamento textual, a competição de motivações na emergência de formas lingüísticas, entre outros (cf. NEVES, 2006, p. 17).

Posto que o programa cognitivo-funcional dos estudos da linguagem atua na interface com os aspectos cognitivos e discursivo-contextuais que delineiam as estruturas lingüísticas em textos efetivamente produzidos numa dada situação comunicativa, no entendimento de que tais fenômenos estão intrinsecamente interligados, cabe aqui explicitar como esses conceitos são compreendidos nesse cenário teórico:

- (1) *Cognição*: refere-se ao processo neuro-racional de construção do conhecimento humano a partir da interação do organismo com o meio. Em outras palavras, diz respeito ao conjunto de operações mentais configuradoras de nosso sistema conceitual, tendo como base o contato do indivíduo com o ambiente físico e sociocultural em que vive (IBAÑEZ, 2001, p. 1; MARTELOTTA e PALOMANES, 2008, p. 185);
- (2) *Discurso*: relaciona-se à construção e troca intersubjetiva de sentido(s), incluindo as estratégias sociopragmaticamente orientadas de sua configuração, em uma dada situação comunicativa. Dito de outro modo, constitui qualquer instância autêntica de uso da linguagem em todas as suas manifestações, quer dizer, qualquer ato de produção e compreensão de enunciados, organicamente motivado, num dado contexto de interação verbal (DU BOIS, 2003, p. 52);
- (3) *Texto*: representa o discurso multiproposicional²⁹, significando não apenas o modo como se dá a concatenação das proposições, mas também as regras a que as proposições se submetem, a fim de que se mantenham a estrutura temática e a coerência discursiva (GIVÓN, 1984, p. 25). Visto assim, o texto assume o caráter de *locus* da organização e manifestação empírica do discurso, atualizado pela linguagem, constituindo-se um todo significativo sociocomunicativamente situado (cf. COSTA VAL, 2004, p. 115);

²⁹ Isso não quer dizer que o texto deva ser confundido com um somatório de sentenças/proposições nem que se defina pela quantidade destas.

- (4) *Contexto*: compreende a soma da situação saliente, discurso prévio compartilhado, ações dos parceiros de interação, modelos de conhecimento mútuo, *frames* e *scripts* culturais, bem como os processos de coordenação de recursos cognitivos nos atos de interlocução (DU BOIS, *ibidem*, p. 54; SILVA, 2004, p. 2). Nesse sentido, o contexto configura-se cognitiva e pragmaticamente na interação.

2.2. Algumas categorias explanatórias da Lingüística Funcional contemporânea³⁰

2.2.1. Informatividade

De acordo com Furtado da Cunha et al. (2003, p. 43), *informatividade* tem a ver com o conteúdo informacional que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação verbal. Isto porque, tanto do ponto de vista cognitivo como pragmático/interpessoal, um indivíduo comunica-se com outro para informar-lhe alguma coisa acerca do mundo externo ou do seu próprio mundo interior, esperando provocar alguma alteração no conhecimento e/ou atitudes e ações deste (interlocutor).

Sendo assim, o locutor não apenas procura "dosar" o conteúdo informacional em função do que supõe que seu parceiro já conhece ou não, mas também se esforça em monitorar/orientar o ponto de vista deste, visando a atingir determinado(s) objetivo(s). Para isso, conta, em parte, com o aparato lingüístico disponível (léxico-gramatical) em suas múltiplas possibilidades de organização e codificação textual (cf. GIVÓN, 2001, p. 7-8).

Ainda conforme esses autores (*ibidem*, p. 44), em Prince (1981) já se encontra a tentativa de "*formular um modelo de discurso em que o grau de conhecimento compartilhado desempenha um papel essencial*". Ainda que restrita ao domínio da referencialidade, essa proposta procura oferecer uma tipologia dos referentes nominais em relação ao *status* informacional que estes representam na cadeia discursiva, sendo, posteriormente, desenvolvida por pesquisadores como Görski (1985).

³⁰ Estou considerando apenas as que são de interesse para o exame da intensificação neste trabalho.

Na verdade, embora indiretamente e mais limitada ao nível frasal, a atenção a questões de caráter informacional pode ser encontrada já entre lingüistas da Escola de Praga quanto à perspectiva funcional da sentença, conforme exposto anteriormente. Isso se relaciona ao fato de considerar não apenas o aspecto contedúístico/proposicional em si, mas também o modo como este se organiza na estrutura sentencial e as motivações funcionais subjacentes a esse fenômeno (cf. LYONS, 1987, p. 209-210).

Segundo nos informa Neves (1997, p. 69-70), Halliday, em sua obra de 1985 (*An Introduction to Functional Grammar*), também se voltou para a questão informacional, procurando ultrapassar os estudos tradicionais circunscritos ao nível da frase, os quais dividiam a sentença em *tema* (relacionado à informação velha) e *rema* (portador da informação nova). Além dos aspectos quanto à organização intrafrasal, o autor considerou a informatividade no que se refere aos nexos existentes entre os segmentos frasais, ou seja, à teia das inter-relações no nível textual. Nesse sentido, Halliday examinou o sistema de organização da mensagem quanto aos estatutos *dado* (informação recuperável) e *novo* (informação não-recuperável), observando, ainda, a hierarquia focal (*i.e.*, os componentes de maior ou menor destaque em cada bloco informacional). Desse modo, a exemplo do que ocorre no nível da sentença, esse teórico procurou investigar a estrutura organizacional do texto em seus aspectos informacionais, semânticos e interacionais, vinculando-os às (meta)funções da linguagem (já brevemente comentadas no primeiro capítulo deste trabalho).

Neves (*ibidem*, p. 34-35) também menciona a abordagem de Chafe (1987) quanto ao "*fluxo da informação*", que diz respeito aos aspectos cognitivos e interacionais da distribuição e codificação do conteúdo comunicado. Para o autor mencionado, o fluxo de informação, mais do que a simples apresentação de conteúdo ideacional, relaciona-se, sobretudo, ao modo como o locutor organiza tal conteúdo na superfície frasal. Nesse sentido, o fluxo informacional determina a ordenação dos sintagmas nominais na frase, de acordo com o que o locutor considera adequado para conseguir a atenção de seu interlocutor. Assim, a quebra da linearidade prototípica, por exemplo, representa a tentativa daquele em controlar o fluxo de atenção deste. Além disso, o monitoramento da atenção do interlocutor orienta, ainda, a "escolha" por um nome pleno ou um pronome, uma forma definida ou indefinida, acentuada ou atenuada etc., de acordo com o que o locutor sabe ou supõe estar ou não na consciência de seu parceiro na interação (ver também texto anterior de CHAFE, 1976).

Tratando sobre a interseção entre as funções semântica e pragmática nos eventos informativo-interacionais e as conseqüências disso sobre a formatação lingüística, Tomasello (1998, p. xiv), afirma que, quando as pessoas interagem comunicativamente, "*elas estão tipicamente falando sobre alguma coisa*". Ele denomina esse fenômeno de "*evento referencial*". Nesse sentido, os interlocutores compartilham conteúdo cognitivo cuja representação simbólica realiza-se, principalmente, através da codificação lingüística. Por outro lado (ainda segundo esse autor), ao mesmo tempo em que estão comunicando/trocando informação, os indivíduos estão também

(...) ajustando sua linguagem às particularidades da situação comunicativa imediata, envolvendo conhecimentos e expectativas de seu interlocutor, o que tem sido dito em alguma conversa prévia e que entidades são perceptualmente acessíveis nesse contexto comunicativo. [tradução minha].³¹

Para Tomasello, o primeiro fenômeno, isto é, a atividade de se dizer algo utilizando símbolos lingüísticos (ou evento referencial) pertence ao domínio da semântica; este último, relacionado ao esforço do locutor em sintonizar a linguagem com as especificidades do contexto interacional (que o autor designa como "*evento comunicativo*", ou "*evento de fala*"), é do âmbito da pragmática.

O autor ilustra essa questão (p. xiv) utilizando o caso de um certo indivíduo querer falar, por exemplo, sobre o referente "*cachorro*". Esse termo possui um valor semântico, designando, prototipicamente, uma determinada categoria referencial. No entanto, na situação comunicativa, dependendo do grau de conhecimento partilhado entre os interlocutores, isto é, daquilo que o locutor sabe ou imagina ser ou não já conhecido por seu parceiro, esse referente pode vir na forma de "*O cachorro*", ou "*Aquele cachorro que vimos ontem*", ou "*Rover*", ou "*Ele*", caso aponte para um cachorro específico menos/mais estocado na mente do interlocutor. Pode, por outro lado, vir codificado como "*Um cachorro*" ou, simplesmente, "*Cachorro*", em termos mais genéricos, e assim por diante. Isso demonstra que a forma do sintagma nominal (SN) é determinada, ao mesmo tempo, tanto por sua função semântica (ou seja, *o que* o falante deseja informar) como por sua função pragmática, no sentido de *como* o

³¹ "(...) adjusting their language for the particularities of the immediate communicative situation involving what their interlocutor knows and expects, what has been said in previous conversation, and what entities are perceptually available in the immediate context."

falante "escolhe" codificar essa informação em dependência do conhecimento prévio e das expectativas de seu ouvinte num dado contexto interacional específico (cf. DU BOIS, 2003, p. 65-67).

Estendendo suas considerações também para o nível da sentença (p. xv), Tomasello exemplifica com a seqüência informativa quanto ao evento "*Alguém abriu uma porta com uma chave*", cujo conteúdo proposicional (*i.e.*, nexos semânticos) é estruturado sintaticamente em função de demandas da circunstância comunicativa específica (focalização/ênfase pragmática). Assim, a sentença poderá ser organizada como "*Pete abriu a porta com esta chave*", ou "*Esta chave abriu a porta*", ou "*Foi com esta chave que Pete abriu a porta*", ou "*Foi Pete que abriu a porta*", ou "*A porta foi aberta com esta chave*", ou "*A porta abriu*", entre outras alternativas.

Em sua abordagem sobre essa questão, Givón (1984, p. 239-267) distingue a *informação proposicional* (a unidade comunicativa mínima), veiculada pela *sentença simples*, da *informação multi-proposicional* (que compreende uma cadeia seqüencial de proposições interconectadas), para ele, o que deve ser entendido como *discurso*.³² De acordo com o autor, tanto o primeiro tipo (a proposição) como o segundo (o discurso) são parcialmente compostos por informação velha – ancorada no conhecimento pré-existente – e informação nova, que é acumulada a essa informação recuperável, sendo estas responsáveis pela formação do *sistema de coerência discursiva* (ou *estrutura temática*). Ainda conforme esse autor, a porção de conteúdo conhecido (velho) associa-se à informação considerada *fundo*; enquanto a porção nova corresponde à informação tomada como *figura*.

Retornando à questão sobre a importância que a referenciação representa para a informatividade, merece atenção as ponderações de Liberato (2001, p. 42 e segs.) sobre a relação entre a identificabilidade referencial e sua apresentação lingüística através do SN. Tratando dos acréscimos de natureza adjuntivo-modificadora (seja por meio de um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva) ao núcleo nominal, a autora divide-os em duas categorias, a saber: a dos "*subclassificadores*" e a dos "*qualificadores*". Os primeiros, de caráter *restritivo*, contribuem para descrever o referente mais detalhadamente e, assim,

³² Givón esclarece que palavras em si não podem constituir-se uma unidade informacional, a não ser quando representam uma proposição como um todo. Para demonstrar isso, cita o exemplo: "a) Pergunta: *Quem fez isso?* / b) Resposta: *o mordomo [fez isso]*" (p. 239).

especificá-lo melhor, distinguindo-o de qualquer um outro; já os do segundo grupo são utilizados de modo *explicativo*, funcionando simplesmente como apêndices avaliativos, não atuando, portanto, na delimitação referencial.

A autora demonstra essa diferença através de exemplos como "*Um exercício aeróbico* vai resolver seu problema" e "... quando *a agenda lotada* assim o permite". No primeiro caso, "*aeróbico*" atua como recorte para o referente "*exercício*", enquadrando-o numa subclasse específica de exercícios. No segundo, o adjetivo "*lotada*" não desempenha o mesmo papel na identificação referencial de "*agenda*", sendo aí apenas um atributo avaliativo.

O que se pode concluir, a partir disso, é que o modificador nominal possui graus distintos de contribuição informacional. Enquanto na primeira ocorrência sua participação é fundamental para o enquadre referencial, no sentido de se identificar o referente com mais precisão, na segunda, seu desempenho é de outra ordem, não propriamente direcionada à descrição estrita do referente, mas à atitude apreciativa do locutor em relação a este.

Traduzindo essas considerações numa perspectiva cognitivista-funcional, pode-se afirmar, grosso modo, que, no uso *restritivo*, o adjunto-modificador realiza o que Tomasello – conforme abordado anteriormente – denomina *função semântica*, de acentuado teor informativo para a composição conceitual do referente; portanto, mais relacionado ao *evento referencial*. No uso *explicativo*, tal componente desempenha *função pragmática*, com um nível bastante reduzido de valor informacional na identificação do referente, estando, dessa forma, vinculado mais de perto ao *evento comunicativo*.

Todavia, é bom deixar claro, que isso não significa conceber tais fenômenos como estanques e independentes. Embora possam ser diferenciados, o fato semântico-referencial e o pragmático-comunicativo devem ser entendidos numa perspectiva que os tome articuladamente, procurando captar as mútuas determinações entre um e outro e como, em última instância, isso afeta a expressão verbal.

Examinando, em um dos tópicos de seu artigo sobre *interação social e gramática*, a relação entre o adjetivo e o nome, Ford et al. (2003, p. 135-137)³³ tecem alguns comentários interessantes acerca disso. Primeiramente, lembram a tradicional distinção entre a função

³³ Para isso, as autoras tomam como referenciais um estudo de Englebretson, de 1997, e um de Thompson, de 1988, ambos sobre a adjetivação.

atributiva, em que o adjetivo atua como modificador, sendo um adjunto no próprio SN, e a *predicativa*, em que tal elemento é um núcleo sintagmático à parte. Em seguida, as autoras esclarecem que essa distinção se revela, do ponto de vista informacional, no fato de que, em eventos conversacionais espontâneos, nos quais há muita informação de fundo e os referentes são mais conhecidos, a tendência é para os usos predicativos; em contrapartida, quando a interação é mais formal, com pouca informação de fundo e menor conhecimento compartilhado sobre os referentes, ocorre maior incidência de atributivos.

Esses achados, assinalam as autoras, podem ser relacionados à dicotomia informação velha e informação nova. Significa que, enquanto as designações predicativas têm a ver mais com a primeira, uma vez que pertencem às porções informacionais já estocadas na mente do(s) interlocutor(es), as referências atributivas associam-se à segunda, que apresenta material informativo ainda não mencionado, necessitando ser, por isso, mais precisamente focalizado, a fim de ser melhor reconhecido pelo ouvinte/leitor. Para comprovar tal afirmação, citam o seguinte exemplo:

- "(h)h h he had on a white suit, Liza had on a um, (.) a black suit, and then he stand there and tells her how it's not - (.) it needs to be baggier here, and they're analyz- - they are so superficial,..."

Na análise das autoras, o uso dos adjetivos *white* e *black*, em função atributiva nesses casos, tem a ver com a introdução dos novos referentes (os dois *suit*). Os adjetivos predicativos *baggier* e *superficial*, por sua vez, avaliam, respectivamente, os referentes já introduzidos *suit* e *they*.

Entretanto, quanto à posição atributiva dos adjetivos, chamo a atenção para o que já foi explicitado por Liberato acerca das diferentes funções desses componentes. Pelo que ficou evidenciado anteriormente, há que se distinguir os modificadores que estão diretamente comprometidos com a delimitação do referente recém-introduzido (os *restritivos*) daqueles que se relacionam mais à intenção (inter)subjativa do locutor (os *explicativos*).

Portanto, em linhas gerais, podemos dizer que a categoria *informatividade* tem a ver não apenas com o conteúdo ideacional em si mesmo (do nível micro/referencial ao macro/textual) circulado na interação verbal, mas também com o monitoramento de sua dosagem quantitativa, de sua organização seqüencial e da forma expressiva como é apresentado, na tentativa de prover o interlocutor de informação julgada necessária, bem como de orientar sua

atenção para um fim desejado. Nesse sentido, tal fenômeno articula, ao mesmo tempo, fatores de ordem tanto semântico-cognitiva como discursivo-interacional, vinculando-se, ainda, ao "recrutamento" e codificação dos componentes lingüístico-textuais, que, em última instância, são determinados por tais fatores (cf. GIVÓN, 2001, p. 13). Temos, desse modo, a integração indissociável entre interação comunicativa, cognição, semântica e estrutura lingüística; daí a necessidade de esta ser investigada sob a luz de tais relações.

2.2.2. O fenômeno da gramaticalização

Para pesquisadores da Lingüística Funcional contemporânea, a maleabilidade do sistema lingüístico manifesta-se, sobretudo, através de dois fenômenos de mudança lingüística diversos entre si: o da *gramaticalização* e o da *discursivização* (VOTRE, 1992; VINCENT et al., 1993; MARTELOTTA et al. 1996). O primeiro, conforme Kurylowicz (1965, p. 52), diz respeito ao processo mediante o qual algumas categorias lexicais passam a desempenhar funções gramaticais (por exemplo, *verbo pleno* > *verbo auxiliar*), ou formas menos gramaticais adquirem funções ainda mais gramaticais (por exemplo, *morfema gramatical dependente* ou *clítico* > *morfema preso*, seguindo a trajetória *item sintático* > *item morfológico*). Portanto, a gramaticalização concentra-se na tensão entre estruturas lexicais relativamente autônomas e estruturas morfossintáticas menos ou mais dependentes. O segundo, por sua vez, é definido como o processo que leva determinados elementos lingüísticos (itens lexicais ou expressões) a serem utilizados para reorganizar o discurso ou preencher vazios comunicativos durante a conversação oral, que é tipicamente improvisada e marcada por freqüente quebra da linearidade. Tais elementos caracterizam-se, entre outras coisas, principalmente, pelo desbotamento semântico, por certa liberdade e imprevisibilidade sintáticas e, em alguns casos, pela perda de material fonético. Entre eles, podem ser citados como exemplos "*bem*", "*assim*", "*entende(u)?*", "*sabe?*", "*né?*", "*tá?*" (cf. MARTELOTTA et al. 1996, p. 261-262; MARTELOTTA e ALCÂNTARA, 1996, p. 277)³⁴.

³⁴ Como o fenômeno da *discursivização*, tal como é entendido, não faz parte do escopo deste trabalho, não me deterei aqui à sua explanação; tampouco tratarei do debate teórico quanto à diferença existente ou não entre

Antes de seu desenvolvimento como parâmetro explanatório para a mudança lingüística³⁵, a partir da década de 1980, as sementes da gramaticalização, segundo nos informam Gonçalves et al. (2007, p. 19-20), podem ser rastreadas em estudos lingüísticos orientais do século X, na China, que já faziam distinção entre os signos lingüísticos plenos e os vazios, afirmando ser estes originários daqueles. Também devem ser mencionados os trabalhos de Condillac e Rousseau (na França) e Tooke (na Inglaterra), no século XVII. Para este último, a língua é concreta em seu "*estágio inicial*", e é daí que derivam os itens abstratos. No século XVIII, temos os trabalhos de Bopp, Schlegel, Gabelentz e Humboldt (na Alemanha) e de Whitney (nos Estados Unidos). Seguindo a mesma linha de pensamento de Tooke, Humboldt sustentava que a estrutura gramatical das línguas era precedida por um estágio de evolução em que havia somente idéias concretas.

A pesquisa em torno desse tema tem-se consolidado nessas últimas décadas, revelando avanços teóricos significativos não apenas quanto à compreensão do caráter variável e mutante das línguas, mas também com respeito a determinadas regularidades e relativa semelhança em termos translingüísticos. Entre os pesquisadores de maior destaque nessa área, devem ser citados lingüistas como Lehmann (1985), Heine et al. (1991), Traugott e Heine (1991), Bybee et al. (1994), Martelotta et al. (1996), Hopper e Traugott (2003), entre outros.

O termo "*gramaticalização*" deve-se a Meillet (*apud* GONÇALVES et al., 2007, p. 19-20), que apresentou uma definição desse fenômeno, afirmando tratar-se da "*passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical*". Por essas palavras, vemos que Meillet contemplou a gramaticalização apenas enquanto trajetória *léxico > gramática*, deixando de fora casos em que ocorre a transformação de um item já gramaticalizado em uma forma ainda mais gramatical, isto é, a trajetória *sintaxe > morfologia*, fenômeno este considerado posteriormente por Kurylowicz, conforme já visto.

Du Bois (1985, p. 346) também propõe uma definição para o termo, chamada por ele mesmo de "*preliminar*". Segundo o autor, gramaticalização caracteriza-se como

esse conceito e o de *gramaticalização*. Para maiores esclarecimentos acerca disso, remeto aos trabalhos dos autores já mencionados, bem como ao de Traugott (2002).

³⁵ Não vou discutir aqui as críticas contrárias à gramaticalização como construto teórico nem as objeções levantadas quanto ao fato de ser considerada como "processo", conforme apresentadas em Gonçalves et al. (2007, p. 29-30).

(...) a mudança de expressões construídas relativamente livres no discurso, cuja forma idiossincrática é motivada para atender aos propósitos do falante no evento de fala imediato – (...) –, em direção a construções relativamente fixas na gramática, (...). [tradução minha].³⁶

Hopper e Traugott (1993, p. 1-2) apontam a gramaticalização como um termo com dois sentidos: primeiro como aquele relacionado à parte do estudo da língua que se preocupa com o surgimento de construções e formas gramaticais (em outras palavras, como um *paradigma*, visando a generalizações de caráter translingüístico). Isto tem a ver com o limite de discretude das categorias, com o que é fixo e menos fixo na língua, enfim, com a interdependência entre a estrutura lingüística e seu uso. Em segundo lugar, o termo também se refere ao *processo* pelo qual algumas formas tornam-se mais gramaticais através do tempo. Para esses autores (p. 103), a gramaticalização obedece a um "*cline*" (trajetória) de mudança lingüística, que pode ser representado através do esquema a seguir:

item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional.

Furtado da Cunha et al. (1999, p. 91) sustentam que gramaticalização deve ser entendida como "*um modo de rotinização da língua*". Segundo os autores, trata-se de um fenômeno no qual uma construção surge como "*um meio inovador de reforçar um aspecto do discurso*" (*ibidem*). A reincidência e a generalização de seu uso transformam-na numa estratégia comum e previsível, promovendo sua inserção no sistema de regularidades da língua, em outras palavras, gramaticaliza-se.

Sem querer ater-me às especificidades e às implicações teóricas de cada uma dessas definições, o fato é que, grosso modo, todas elas se relacionam com os processos de variação e de mudança lingüísticas, isto é, com a relativa instabilidade da estrutura gramatical. É sob esse aspecto que se deve a Hopper (1987, p. 145) a noção de "*gramática emergente*", no sentido de que a gramática de uma língua natural nunca está completa, pelo contrário, permanece num contínuo fazer-se, respondendo principalmente a pressões de natureza externa ao sistema.

³⁶ "(...) the shifting from relatively freely constructed utterances in discourse, whose idiosyncratic form is motivated only by the speaker's goals for the immediate speech event – (...) – to relatively fixed constructions in grammar, (...)."

Nessa linha de pensamento, Hopper e Thompson (1994, p. 357) defendem que "... a gramática é primariamente modelada por uma gama de fatores cognitivos, sociais e interacionais envolvidos no uso real da linguagem". E acrescentam:

(...) as regularidades gramaticais surgem em virtude de certas estratégias que as pessoas habitualmente usam na negociação do que têm a dizer aos seus interlocutores, em termos do que estes provavelmente conhecem ou são capazes de identificar, que necessidades são ressaltadas ou apresentadas como importantes, (...) (*ibidem*). [traduções minhas].³⁷

A propósito, vale explicitar, neste ponto, a concepção de *gramática* subjacente nos estudos sobre o fenômeno da gramaticalização. Tal concepção vemos formulada em Thompson e Couper-Kuhlen (2005, p. 483) nos seguintes termos:

(...) gramática é melhor compreendida como sendo o que se ritualiza das interações, como um conjunto bastante maleavelmente organizado de memórias ricas e complexamente categorizadas que os indivíduos possuem de como eles e seus parceiros de fala têm resolvido problemas comunicativos recorrentes. [tradução minha].³⁸

Deve-se assinalar, contudo, que a gramática também exibe padrões relativamente fixos e mais resistentes a alterações. Daí dizer-se que, na língua, convivem, simultaneamente, formas que, com o tempo, tendem a assumir novas funções e feições e outras que, aparentemente, mantêm-se mais estáveis (cf. VOTRE, 2002).

Em vista dessas considerações, pode-se dizer que *gramática* deve ser entendida como um conjunto de esquemas/processos simbólicos (*i.e.* significativos), utilizado na produção/organização de discurso coerente, configurando-se em categorias morfo-sintáticas recorrentes (rotinizadas) cuja estrutura exibe, por um lado, padrões funcionais aparentemente mais regulares e fixos e, por outro, formas alternativas em provável trajetória rumo à

³⁷ "(...) grammar is primarily shaped by the entire range of cognitive, social, and interactional factors involved in the actual use of language."

"(...) grammatical regularities arise because of certain strategies people habitually use in negotiating what they have to say with their hearers, in terms of what the hearer is likely to know or be able to identify, what needs to be highlighted or presented as newsworthy, (...)"

³⁸ "(...) grammar is best understood as what has been ritualized from interactions, as a very loosely organized set of richly and complexly categorized memories people have of how they and fellow speakers have resolved recurrent communicative problems."

estabilidade, num *continuum* entre o menos e o mais previsível, motivada por fatores cognitivo-interacionais (SILVA, 1997, p. 14-15; CUENCA e HILFERTY, 1999, p. 19). Destarte, como bem assinala Du Bois (2003, p. 49), gramática e discurso estão intrinsecamente entrelaçados e co-atuam em mútua dependência, no sentido de um ser (re)modelado pelo outro e vice-versa, no interior das práticas interlocutivas (cf. FORD et al., 2003, p. 137).

Resulta dessas constatações a defesa de que a investigação da estrutura lingüística deve ser concomitante à verificação de seu uso, flagrado em situações reais de comunicação. Sobre isso, opina Halliday (1976, p. 135), chamando a atenção para o fato de que "... *uma abordagem da estrutura lingüística que não considere as demandas que fazemos da linguagem carece de perspicácia,...*".

De acordo com teóricos funcionalistas, a gramaticalização obedece a uma trajetória unidirecional³⁹ de mudança lingüística. Semanticamente, esse processo se manifesta na passagem da concretude para a abstração. Isto é, os conceitos gramaticais, que são mais abstratos, emergem de noções da experiência humana com o mundo concreto. Assim, parte do sistema semântico cognitivo de base física é transferido, analogicamente, para a formação do universo conceitual das construções gramaticais, tal como afirma Slobin (1980, p. 91), que as línguas parecem expressar noções abstratas por extensões metafóricas da experiência concreta do comportamento sensorimotor.

Isto se verifica, por exemplo, no deslocamento da idéia espacial para o domínio temporal do verbo *ir*, como se pode ver, a seguir, em exemplos extraídos do *Corpus D&G/Natal*:

- (1) "... todo veraneio que a gente **vai** pra lá [a casa de praia]... a gente **vai** pescar lá..." (p. 370);
- (2) "... porque esses rapazes de hoje não pensa no amanhã que **vai** ser." (p. 363).

Note-se que, na primeira ocorrência em (1), "*ir*" é verbo pleno nuclear e tem valor genuinamente espacial, confirmado pelo advérbio anafórico "*lá*"; na segunda – ainda no trecho (1) –, possui *status* sintático ambíguo (entre predador e auxiliar) e tanto pode exprimir a noção de deslocamento espacial como de intencionalidade (mais ou menos igual a

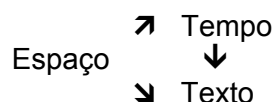
³⁹ Não abordarei aqui as objeções levantadas quanto à hipótese da unidirecionalidade, tampouco a proposta para sua revisão. Sobre isso, ver Gonçalves et al. (2007, p. 60-63). Para a resposta a tais objeções, consultar Martelotta

"a gente vai [para] pescar lá"); em (2), esse verbo assume por completo a condição de marcador temporal, comportando-se como auxiliar de futuro do verbo "ser".

De acordo com Hopper e Traugott (1993, p. 65), essa tendência para utilizar formas já disponíveis na língua em novos contextos, dando-lhes uma outra configuração estrutural e aplicabilidade, obedece a um princípio de economia, segundo o qual velhos conceitos são reciclados, com o fim de expressar novos sentidos e desempenhar novas funções, na busca incessante pela restauração da expressividade e da otimização informacional.

Para Heine (1994, p. 273), a emergência de estruturas lingüísticas deriva de determinados processos cognitivos básicos, através dos quais os conceitos gramaticais são expressos, por analogia, em termos de algumas experiências humanas básicas, relacionadas ao modo como nós vemos o mundo, onde as coisas estão localizadas, como elas se inter-relacionam, como as ações são realizadas, e assim por diante. Ainda de conformidade com esse autor (*ibidem*, p. 259), essa transferência conceitual e funcional pode ser vista como um ato de criatividade. Nesse ambiente, os conceitos são manipulados cognitivamente e pragmaticamente como resultado de certas implicaturas conversacionais e recebem interpretações mais gramaticais em contextos específicos. Em relação a isto, devem também ser considerados fatores como frequência de uso, facilidade de pronúncia e vínculos entre a forma lingüística e o significado, os quais constituem parâmetros relevantes para se entender o desenvolvimento e a natureza das categorias gramaticais (cf. BYBEE, 2003, p. 151).

Em um trabalho anterior acerca dessa questão, Heine et al. (1991, p. 182) propõem o seguinte esquema para representar o processo de abstratização existente no percurso de gramaticalização dos elementos lingüísticos:



Uma das amostras que podem servir como exemplo dessa trajetória é encontrada em Baião e Arruda (1996) sobre a gramaticalização do vocábulo *até*. Para as autoras, esse elemento seguiu a direção ilustrada a seguir, na qual perde em conteúdo semântico de base concreta e ganha em valor pragmático-discursivo (p. 252):

Espaço > Tempo > Inclusão > Contraexpectativa.

Aqui vão alguns trechos dos exemplos identificados pelas autoras no *Corpus Discurso & Gramática*, seção Rio de Janeiro (VOTRE e OLIVEIRA, 1995, *apud* BAIÃO e ARRUDA, *ibidem*, p. 254-257):

- "... vou **até** o portão e rápido..." (noção espacial);
- "... pra mim agüentá **até** hoje... foi **até** bom, tá." (valores temporal e de contraexpectativa, respectivamente);
- "... isso saiu **até** no Jornal do Brasil..." (idéia de inclusão).

Com relação ao impacto da gramaticalização na estrutura lingüística, os estudos feitos sobre o percurso unidirecional desse fenômeno parecem apontar, em geral, para o curso de evolução léxico > gramática, ou de um estágio menos gramatical (forma dependente) para um ainda mais gramatical (morfema cliticizado ou afixado). Um modelo representativo dessa proposta é encontrado em Givón (1979, p. 209), através do seguinte esquema:

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonologia > Zero.⁴⁰

Sob esse ponto de vista, algumas formas (categorias lexicais de conteúdo pleno), a princípio, passam a ser utilizadas discursivamente, com certa instabilidade, em contextos nos quais exibem uma dada função gramatical. Progressivamente, seu uso vai-se tornando mais previsível e regular, resultando numa nova construção sintática e/ou configuração morfológica particular, podendo, posteriormente, desenvolver-se para uma forma ainda mais dependente, como um clítico ou um afixo, às vezes passando por adaptações fonológicas. Com o tempo, tal construção/forma pode sofrer tamanho desgaste estrutural e funcional, que tenderá ao desaparecimento, dando início a um novo ciclo. Nesse sentido, tal como já visto, é correto afirmar que a gramática constitui a regularização morfossintática de estratégias discursivo-pragmáticas, surgidas, majoritariamente, na informalidade da interação verbal cotidiana.

Em um estudo discutindo os limites da gramaticalização, Ramat (1998, p. 108) fornece um quadro resumitivo quanto aos *tipos de gramaticalização*, focalizando a relação

⁴⁰ Visto assim, esse esquema pode sugerir, implicitamente, o incômodo entendimento de haver, na trajetória da gramaticalização, estágios que não são discursivos, uma vez que se esboça sinalizando a perspectiva *discurso > gramática*. No entanto, conforme observa Castilho (*apud* GONÇALVES et al., 2007, p. 62-63), "*qualquer expressão lingüística exhibe simultaneamente propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, variando embora o grau de saliência entre elas*". Assim, tal percurso (*cline*) parece tão somente querer assinalar a diferença e o grau de estruturação, (in)dependência e (ir)regularidade de uma dada forma lingüística, captada no início e em pontos mais avançados de seu processo de gramaticalização.

forma/função, o que parece captar tal fenômeno de modo mais abrangente. Apresento-o a seguir:

Quadro resumitivo sobre os tipos de gramaticalização (Q2)

	Função	Forma	Tipo de gramaticalização
I	velha	nova	renovação formal (Ex.: a negação pós-verbal no português brasileiro) ⁴¹
II	nova	nova	criação de novas categorias (Ex.: os verbos auxiliares e modais)
III	nova	velha	"exaptação" (Ex.: <i>-inho</i> como intensificador de adjetivos e advérbios)

Quadro 2

Resumindo a evolução dos estudos sobre gramaticalização, Gonçalves et al. (2007, p. 27), traçam o seguinte esboço:

- 1- a versão apresentada por Meillet, que concebe a gramaticalização como o processo *léxico > gramática*;
- 2- a versão de Kurylowicz, que acrescenta ao *cline* de Meillet a trajetória *-gramatical > +gramatical*;
- 3- as versões mais atuais, que defendem a passagem *qualquer material lingüístico > +gramatical*.

Inclusa nessa terceira versão, em consonância com Givón (1984), situa-se a perspectiva cognitivo-funcional de Cuenca e Hilferty (1999, p. 161), segundo os quais a gramaticalização deve ser entendida como

(...) um processo que tende a codificar gramaticalmente, a partir de processos discursivos, relações que não estavam codificadas ou que estavam codificadas de outra maneira, quer dizer, que se manifestavam mediante outros procedimentos gramaticais. [tradução minha].⁴²

Em aproximada sintonia com essa última concepção, vale conferir a posição de Bybee (2003, p. 146). A autora defende a idéia de tomar a gramaticalização como a criação de

⁴¹ Como os exemplos fornecidos pela autora são bastante genéricos, principalmente em relação aos dois primeiros tipos, preferi apontar outros mais específicos e de melhor compreensão.

⁴² "(...) un proceso que tiende a codificar gramaticalmente, a partir de procesos discursivos, relaciones que no estaban codificadas de otra manera, es decir, que se manifestaban mediante otros procedimientos gramaticales."

novas construções, envolvendo, também, a criação de padrões de ordem de palavras. Essa visão parece ampliar o escopo de análise das alterações gramaticais observadas na língua.

Assim, considerando a variedade de fenômenos envolvidos na modelagem de padrões gramaticais, acolho aqui a concepção de gramaticalização na perspectiva assumida em Gonçalves et al. (2007, p. 34): um processo dinâmico de variação/mudança da estrutura lingüística, que compreende não apenas a passagem de itens lexicais a componentes gramaticais ou a transformação de elementos clíticos (ou seja, já gramaticalizados) em mais morfossintaticamente integrados (*i.e.*, +gramaticais), mas também a reorganização de uma dada seqüência estrutural (como em *be going to* > *gonna* ou em *não vou não* > *vou não*). Tais formações brotam da espontaneidade e criatividade discursivas, ensejadas por fatores cognitivo-pragmáticos, para adquirir padrões mais estabelecidos, podendo, nesse percurso, exibir superposição e ambivalência semântico-funcional e formal. O exame desse processo sob esse ângulo implica, portanto, encarar como tênues as fronteiras entre léxico e gramática, denotação e conotação, sincronia e diacronia, semântica e pragmática, cognição e interação, língua e discurso (CUENCA e HILFERTY, *ibidem*, p. 156; VOTRE, *apud* GONÇALVES et al., *ibidem*, p. 24).

Cabe observar que, para a ocorrência de transformações da estrutura lingüística na gramaticalização, é decisivo o fator da contigüidade sintática entre itens semanticamente integrados. Estes, a princípio, autônomos, passam a ser reinterpretados, pelo fenômeno da reanálise (de caráter metonímico) e por uma pressão icônica e interacionalmente motivada, como um único bloco com um novo domínio funcional, o que leva à perda de liberdade desses itens e, às vezes, num estágio mais avançado, ao processo de "coalescência" entre os constituintes do sintagma, resultando no seu remodelamento formal (LEHMANN, 1985; McMAHON, 1995; HOPPER, 1996; MARTELOTTA et al., 1996).

Exemplos disso são o que aconteceu com *that*, no inglês, que passou de pronome demonstrativo catafórico a conectivo textual (Ex.: I said *that*: he is coming soon > I said *that* he is coming soon), e com a forma *mente*, que evoluiu de forma livre para sufixo adverbial (Ex.: espontânea *mente* > espontaneamente).

Hopper (1991, p. 17-35) aponta cinco princípios que caracterizam o processo de gramaticalização:⁴³

1. *Estratificação* (ou *Camadas*): em um dado domínio funcional amplo, novas camadas estão em constante processo emergente. Isto não implica, necessariamente, a substituição das camadas mais antigas, as quais podem ainda permanecer e interagir com as mais novas. Tal fenômeno é flagrante no caso do futuro do presente (indicativo) em português, no qual convivem, simultaneamente, a forma canônica sintética e a perifrástica, gramaticalizada, tendo o verbo *ir* como auxiliar + um verbo principal (no infinitivo), além de outra com *ir* + *estar* (no infinitivo) + verbo principal (no *gerúndio*).
2. *Divergência*: quando um item lexical se gramaticaliza, sua forma original pode permanecer como um elemento autônomo, conservando as mesmas características semânticas e morfossintáticas que lhe são peculiares. Cito o exemplo do verbo *ter*, que se gramaticalizou tanto como auxiliar temporal como verbo modal, mas continua a existir em sua forma plena, de sentido tradicionalmente conhecido (isto é, = *possuir*). Conforme admite o próprio Hopper, esse princípio deve ser considerado como um caso especial do anterior – *estratificação* – devido à estreita relação conceitual com este.
3. *Especialização*: dentro de um domínio funcional e num determinado estágio de variação, é possível coexistirem variadas formas com nuances semânticas diferentes. Com o tempo, essa variedade tende a se estreitar e algumas formas são selecionadas e chamadas a assumir funções mais gerais. Este princípio é mais ou menos semelhante ao que Bybee e Thompson (1997, p. 1-3) chamam de "*efeito de redução*". Hopper cita como exemplo a negação em francês: esta era, a princípio, realizada pela partícula *ne*. Posteriormente, passou a ser reforçada por elementos adicionais, tais como *pas*, *point*, *mie* e outros. *Pas*, que antes se limitava a reforçar apenas expressões negativas de movimento, ampliou seu raio de ação e acabou por assumir todos os casos de negação, tornando-se a forma preferida e chegando até mesmo a substituir a partícula negativa existente.

⁴³ Lehmann (1995 [1982]) estabelece seis parâmetros para se aferirem os processos de gramaticalização, considerando os eixos paradigmático e sintagmático. Esses parâmetros acham-se explicitados em Gonçalves e Carvalho (2007, p. 70-78). Aliás, os princípios apontados em Hopper (*op. cit.*) representam uma tentativa de aperfeiçoar os parâmetros fixados em Lehmann, incluindo aspectos não contemplados por este.

4. *Persistência*: quando um elemento se gramaticaliza, aspectos do seu significado de origem tendem a permanecer, de modo a refletir detalhes de sua história lexical⁴⁴. *Super* ilustra bem essa questão, pois, sendo originalmente preposição designativa de locação *em cima/acima de*, vem sendo largamente utilizado como advérbio intensificador, o que, no fundo, reflete, de modo metafórico, sua noção primitiva de superioridade.
5. *Descategorização*: algumas formas em processo de gramaticalização tendem não apenas a migrar de uma categoria para outra, mas também a neutralizar as características morfo-sintáticas que apresentavam, assumindo propriedades das classes secundárias. É o caso, por exemplo, de adjetivos que, quando utilizados como advérbios, adquirem configuração invariável, não admitindo flexões, seja de gênero ou de número. Nesse sentido, talvez fosse melhor falar-se em *recategorização*, uma vez que a forma mutante passa a inserir-se em uma outra categoria gramatical e a incorporar aspectos desta.

Resumindo os princípios expostos⁴⁵, a trajetória de gramaticalização é marcada pela convivência de múltiplas formas, num determinado domínio funcional, as quais guardam traços mais ou menos próximos entre si e que apresentam relativa fluidez categorial. Com o tempo, alguma(s) delas pode(m) permanecer e vir a desempenhar funções mais gerais, exibindo, inclusive, contornos morfossintáticos mais definidos e previsíveis.

Portanto, gramaticalização tem a ver com os fenômenos de variação e mudança lingüísticas, que se processam tanto sincrônica como diacronicamente, contemplando fatores de natureza discursivo-pragmática, semântico-cognitiva, morfossintática e fonológica. O primeiro deles constitui o dispositivo inicial desses fenômenos, revelando os sintomas emergentes de reaproveitamento de signos num novo contexto funcional, para satisfazer demandas cognitivo-comunicativas. Esse procedimento tende a caminhar da eventualidade verbal indefinida para a regularização formal previsível. O segundo diz respeito ao desbotamento conceitual dos signos, enquanto entidades lexicais plenas de conteúdo mais "concreto", e ao crescente grau de abstratização que estes experimentam no percurso do léxico

⁴⁴ Para Votre (1996), no estágio final de mudança lingüística, essa transparência entre sentido-fonte e sentido-descendente torna-se, geralmente, tão empalidecida, a ponto de não mais se poder perceber com nitidez alguma relação entre ambos.

⁴⁵ Votre (1992) propôs a redução desses princípios para apenas dois, quais sejam: *camadas*, que também engloba *divergência*, *especialização* e *persistência*, por entender que as noções contidas nestes designam praticamente a mesma idéia de mútua convivência de formas multifuncionais (antigas e emergentes), as quais compartilham entre si algum traço semântico, e *descategorização*.

para a gramática. A transformação semântica também pode ocorrer com elementos já gramaticalizados que estejam em vias de se agregar a algum constituinte adjacente, tornando-se ainda mais gramaticais. O terceiro aponta para os processos de mudança relacional entre os signos e a conseqüente reestruturação do sintagma no qual eles interagem. O último indica o desgaste da substância fônica por que passam os signos em muitos casos, o que, em geral, relaciona-se aos processos de perda da transparência semântica e de amalgamação morfossintática. E este fator, paradoxalmente, é a pedra de toque para que todo esse processo se repita, transformando-se, assim, num ciclo ininterrupto na língua. Vale observar, no entanto, que nem todos os elementos lingüísticos em mutação são igual e rigorosamente submetidos a todas essas ocorrências.

Para se ter uma idéia geral sobre isso, Gonçalves et al. (2007, p. 37) apresentam um quadro panorâmico em que sintetizam os mecanismos atuantes na gramaticalização, considerando sua trajetória unidirecional e a relação com os diferentes níveis de análise da língua. Reproduzo-o a seguir:

Quadro resumitivo sobre os mecanismos atuantes na trajetória da gramaticalização (Q3)

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Fonologia	mais material fonológico > menos material fonológico	redução fonológica
Morfologia	lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	recategorização (morfologização)
Sintaxe	menor coesão > maior coesão	reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	concreto > abstrato	dessemantização, metaforização
Pragmática	estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	sintaticização

Quadro 3

Contudo, vale esclarecer que nem toda mudança na língua está, necessariamente, relacionada a ou implica gramaticalização. Evidência disso são os casos de neologia semântica (reveladora da polissemia), em que uma palavra adquire um novo significado, porém permanece como item lexical pleno, sem resultar em qualquer alteração na estrutura lingüística (tal como aconteceu com "*ficar*", agora também significando um *relacionamento amoroso rápido e sem compromisso*, e com "*mala*", isto é, *pessoa chata e importuna*, por

exemplo). Também quando ocorre o fato de certas palavras perderem parte de seu material fônico, conforme se encontra, por exemplo, na pronúncia variante da fala popular em *baixo* > *baxo*, *peixe* > *pêxe*, *couro* > *côro*, *série* > *séri* etc., ou de outras igualmente variarem, exibindo acréscimo fonológico, como se vê em *voar* < *avoar*, *advogado* < *adevogado*, *parceiro* < *pariceiro*, entre outras, as quais continuam como formas livres, não significando, portanto, nenhuma reorganização sintática ou nova funcionalidade gramatical (CUENCA e HILFERTY, 1999, p. 177; GONÇALVES et al. *ibidem*, p. 58-59).

Por fim, convém assinalar que nem todo fenômeno de variação/mudança gramatical deriva primordial e unicamente da conversação informal. Quanto a isso, Lehmann (1991, p. 531) nos dá conta de evidências de gramaticalização no alemão contemporâneo oriundos da prosa jornalística. Para isso, analisa os casos das respectivas construções intensificadoras com *mehr als* e *zunehmend*, já brevemente comentados no capítulo de revisão bibliográfica deste trabalho (p. 62-63).

Esse autor nos informa, ainda, que certas ocorrências de mudança lingüística podem ficar confinadas apenas ao âmbito do uso coloquial; outras parecem limitar-se tão somente ao estilo formal/burocrático, como é o caso dessas formas estudadas por ele. Tal fato nos permite supor que determinados fenômenos de gramaticalização são próprios do domínio discursivo em que emergem, sinalizando o vínculo mais direto entre formação de padrões lingüísticos e contexto específico de atividade verbal.

3. As concepções de metáfora e de metonímia

3.1. A metáfora

3.1.1. A abordagem da Semântica Cognitiva

Tradicionalmente, a metáfora sempre foi vista como um caso prioritariamente restrito à linguagem, isto é, como um conjunto de expressões lingüísticas extraordinárias e figurativas, cujo significado é redutível a um conjunto de proposições literais. Nesse sentido, a metáfora é primariamente decorativa e ornamental em natureza. Daí o fato de ser chamada

de "*figura de linguagem/de estilo*" e de seu estudo ser confinado mais ao âmbito da retórica e da literatura.

Não é à toa que, nas abordagens clássicas, ela se inscreve em tópicos como, por exemplo, "*linguagem figurada*", mais especificamente, os "*tropos*" (em BRANDÃO, 1989, p. 19)⁴⁶; ou "*o desvio estilístico*", conforme se vê em Monteiro (1991, p. 29-42), que, citando J. Dubois, relaciona-a aos "*metassememas*", uma das subcategorias das "*figuras ou metáboles*"; ou, ainda, "*figuras de palavras*", tal como se apresenta em Mesquita (1999, p. 558) e em Infante (2001, p. 595). Nesse ponto de vista, a metáfora figura entre outros recursos expressivos/estilísticos, mais reservados às produções poético-literárias ou retóricas, em que o autor recorre, criativa e inusitadamente, aos efeitos especiais da linguagem para fins estéticos, afetivos e/ou argumentativos.

Essa perspectiva remonta a Aristóteles, que definia a metáfora como desvio do uso ordinário/convencional da linguagem. Para ele, "*a metáfora consiste em se dar a uma coisa um nome que pertence a outra*" (*apud* YU, 1998, p. 1). Seguindo essa mesma linha de raciocínio, a definição encontrada em Martins (1997, p. 96) pontua que a metáfora

(...) é o emprego de um significante com um significado secundário ou a aproximação de dois ou mais significantes, estando, nos dois casos, os significados associados por semelhança, contigüidade, inclusão.

Nesse caso, a metáfora é reduzida mais a uma simples questão de linguagem (= "*dar nome*"); não propriamente de cognição.

Segundo recapitula Yu, a versão clássica de metáfora inclui três pontos de vista: o que a toma como *comparação*, o que a concebe como *substituição* e o que a define como *interação*. O primeiro remonta à visão aristotélica, na qual a metáfora é postulada em termos de uma comparação implícita entre uma expressão metafórica e uma paráfrase literal baseada numa analogia ou similaridade subjacentes. A concepção substitutiva sustenta que a metáfora configura uma expressão que é usada em lugar de outra literal que lhe é equivalente. A

⁴⁶ Na definição apresentada por Brandão para "*tropos*", citando Du Marsais, já se percebe a estreita vinculação desse conceito à dimensão lingüística, quando afirma tratar-se de "*... figuras pelas quais se atribui a uma palavra uma significação que não é a significação dessa palavra*" (p. 13).

proposta da metáfora como interação estabelece que o sentido metafórico é resultante da interface entre uma expressão metafórica e seu "*frame* literal circundante".

Ainda conforme o autor, essas três visões compartilham traços comuns: a idéia de que a metáfora representa um fenômeno lingüístico e a defesa da distinção fundamental entre o sentido literal e o figurativo. Tradicionalmente, o termo "*literal*" é definido como um "*modelo idealizado e simplificado de linguagem e pensamento*", incluindo os seguintes sentidos (LAKOFF, *apud* YU, 1998, p. 10-11):

1. *literalidade convencional*, que se refere à linguagem ordinária em contraste com os usos poético e estético;
2. *literalidade subjetiva*, que designa a linguagem ordinariamente utilizada para falar sobre algum domínio da subjetividade;
3. *literalidade não-metafórica*, linguagem diretamente significativa — não a que é entendida, mesmo que parcialmente, em termos de outra coisa⁴⁷;
4. *literalidade vericondicional*, relacionada à linguagem ajustável às condições de existência no mundo (ou seja, referente a seres e coisas objetivamente existentes, cuja comprovação pode ser verdadeira ou falsa).

Considerando essas quatro distinções de literalidade, Lakoff (*apud* YU, 1998, p. 11) assinala que a perspectiva tradicional admite o que se segue:

1. a linguagem convencional da comunicação cotidiana é literal;
2. a subjetividade pode ser compreendida literalmente;
3. somente a linguagem literal pode ser verdadeira ou falsa;
4. as definições dadas no léxico de uma língua são literais;
5. os conceitos empregados na gramática de uma língua são literais.

Desse modo, a clássica distinção literalidade-figuratividade concebe metáfora e linguagem ordinária como mutuamente excludentes. Para ela, a metáfora é definida como uma expressão lingüística nova ou poética, na qual uma ou mais palavras de um determinado

⁴⁷ O autor não esclarece o que isso vem a ser exatamente nem estabelece a distinção entre esse tipo e o primeiro, os quais parecem aí conceitualmente muito aproximados.

conceito são usadas fora de seu sentido convencional comum para expressar um conceito similar figurado.⁴⁸

Entretanto, subvertendo tal ótica, Lakoff e Johnson, em sua obra introdutória "*Metaphors we live by*", de 1980 (traduzida para o português em 2002⁴⁹), inauguram uma nova maneira de conceber e estudar a metáfora: transportam-na do terreno dos retóricos e literatas, trazendo-a para o centro das questões acerca da compreensão humana; deslocam-na do seu *status* de ornamento poético especial para a posição de recurso da linguagem comum; removem-na da mera condição de termo/expressão comparativo(a) e substituto(a) para tratá-la como um caso de operações entre domínios cognitivo-conceituais, imprescindível no processamento mental e no intercâmbio de significação comunicativa.

Lakoff e Johnson assinalam, ainda, que, nas metáforas comuns do uso cotidiano, operam-se os mesmos princípios cognitivos presentes nos mecanismos metafóricos ditos especiais (ou "*metáforas novas*"), isto é, mapeamentos entre domínios conceituais, em que determinadas noções de um domínio são projetadas em outro. Em outras palavras, um conceito é formulado em termos de outro pelo fato de compartilharem alguma(s) correspondência(s) conceitual(is).

Para esses autores, "*nosso sistema conceitual ordinário, em termos do que pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico*" (p. 3). Nesse sentido, a metáfora é entendida mais como um modo de conceitualização do que propriamente de linguagem. Constitui-se, na verdade, um mapeamento entre domínios no sistema conceitual humano.

De acordo com a perspectiva cognitivista, o recurso à metaforização é considerado um fenômeno participante do discurso cotidiano, presente tanto nas interações mais corriqueiras e informais como nas comunicações mais formalizadas. Significa dizer que a metáfora recobre uma quantidade considerável de categorias conceituais utilizadas nas diversas formas de interlocução, emprestadas de noções que têm como fundamento significados construídos a partir das experiências do indivíduo com o ambiente circundante (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 45).

⁴⁸ Para um estudo mais detalhado sobre a metáfora na visão clássica, remeto ao trabalho de Lopes (1986), em que, fundamentado na semiótica greimasiana, procura "distanciar-se" do enfoque tradicional, propondo abordar esse tema em termos "inovadores".

⁴⁹ Doravante, utilizarei essa tradução como obra de referência.

Uma evidência disso é que, mesmo nas comunicações de natureza técnico-científica, em que se espera uma linguagem precisa e denotativa (literal), as metáforas ainda podem ser encontradas em abundância. Basta uma rápida observação a um texto como este para que isso possa ser percebido claramente: vejam-se neste pequeno parágrafo, por exemplo, palavras como "*natureza*", "*espera*", "*podem*", "*texto*", "*claramente*" etc., as quais procedem de alguns conceitos básicos de nossa experiência corpóreo-social.

Nesse novo postulado sobre a metáfora, é de fundamental importância a distinção entre "*expressões metafóricas*" e "*conceitos metafóricos*". Estes pertencem ao domínio cognitivo e se referem às noções abstratas, do tipo ARGUMENTAR É GUERREAR ou TEMPO É DINHEIRO; aquelas consistem em realizações lingüísticas que manifestam tais noções de um modo ou de outro. Exemplos disso são, para o primeiro caso, enunciados como "Seus argumentos são *indefensáveis*", "Ele *atacou* todos os pontos fracos da minha argumentação"; para o segundo, temos expressões do tipo "Você está me fazendo *perder* tempo", "Como você *gasta* seu tempo hoje em dia?" (p. 46 e 51).

Nesse caso, a metáfora não deve ser confundida com (nem reduzida à) a expressão lingüística que a instancia. Seu *locus* privilegiado é o modo como conceitualizamos um domínio mental em termos de outro; portanto, ela é o mapeamento sistemático entre domínios conceituais: um domínio da experiência — a *fonte* — é mapeado em direção a um outro domínio — o *alvo*. Dessa maneira, contrariando a perspectiva tradicional, metáfora é uma questão primordialmente de cognição; a linguagem metafórica é tão somente sua via de exteriorização/ embalagem superficial. Significa que uma dada expressão metafórica está sistematicamente ligada a uma metáfora conceitual e a reflete.

Em sua obra pioneira, Lakoff e Johnson estabelecem algumas distinções importantes na caracterização tipológica da metáfora. Trata-se das diferenças entre o que eles denominam "*metáforas estruturais*", "*metáforas orientacionais*" e "*metáforas ontológicas*".

Por "*metáforas estruturais*" os autores querem dizer que estas "*estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas*" (2002, p. 45-46). Significa que nosso sistema conceitual ordinário é, em grande parte, metafórico em termos do que pensamos e agimos. Decorre daí que, uma vez que nossos conceitos e ações são metaforicamente estruturados, a linguagem também o é. Desse

modo, expressões lingüísticas são metafóricas porque nosso sistema conceitual é assim estruturado e definido.

No entanto, conforme pontuam os autores, essas atividades diárias são realizadas mais ou menos automaticamente, ou seja, na maioria das vezes não tomamos plena consciência disso, agindo, então, de acordo com certas linhas de conduta culturalmente estabelecidas. Isso quer dizer que a formação desses conceitos é determinada pelas experiências interindividuais no ambiente em que vivemos. Por outro lado, não significa que nos comportamos quais robôs, mecanicamente comandados; existe, sim, em maior ou menor medida, algum empreendimento consciente e, até certo ponto, decisório, dependendo do tipo de interação em que estamos envolvidos e das demandas do contexto comunicativo.

Quanto à importância da cultura na formação de conceitos metafóricos, um exemplo — em meio a vários outros — nos é dado por Gibbs Jr. (1999, p. 194): entre a tribo Cuna, no Panamá, a floresta desempenha um papel central em sua sobrevivência. Assim, quando querem falar da escolha de um novo chefe, isso é descrito em termos da procura de uma árvore valiosa, de difícil acesso na floresta; o estabelecimento do novo chefe tem analogia com o plantio de uma árvore; chefes que duram pouco são comparados a árvores que são arrancadas algum tempo logo depois do plantio; uma árvore tombada ao chão por causa de um terremoto serve como metáfora para se referir a um chefe que foi deposto em razão de um escândalo, e assim por diante (cf. HONRUBIA, 1998, p. 20).

O segundo tipo — "*as metáforas orientacionais*" — tem a ver com o conceito metafórico que "*organiza todo um sistema de conceitos em relação a um outro*" (2002, p. 59). É chamado assim por se relacionar a determinadas orientações espaciais, tais como *para cima/para baixo, sobre/sob, frente/trás, dentro/fora, proximidade/distância, centro/periferia*, entre outros. Podemos ver exemplos disso em enunciados como "Minha renda *subiu* no ano passado", "Temo o que vem pela *frente*" etc. (p. 62).

Essas orientações espaciais provêm do fato de termos o corpo que temos e da maneira como ele se relaciona com o ambiente físico com o qual está em contato. Tal constatação sugere que tais conceitos, possivelmente, sejam de caráter universal, uma vez que todos os humanos compartilham as mesmas propriedades biofísicas e interagem com o mundo em sua volta adotando praticamente os mesmos esquemas orientacionais. Entretanto, as

metáforas que deles emergem são, em grande parte, definidas culturalmente, dependendo do modo de vida e das experiências de cada comunidade social.

Por exemplo: pode-se conjecturar que a noção MAIS É PRA CIMA seja, muito provavelmente, um conceito genérico, uma vez que, pela experiência, podemos constatar que, ao acrescentarmos substância em um determinado recipiente, por exemplo, a tendência é o volume do conteúdo subir (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 47; TAYLOR, 1992, p. 138). Mas o mesmo não se pode dizer da metáfora FELIZ É PRA CIMA. Significa que não há garantias quanto à generalização desta, nesses termos, em todas as comunidades de fala, em razão de tal noção poder ser conceitualizada de outro modo, isto é, através de um mapeamento bastante distinto desse.

As "*metáforas ontológicas*", por sua vez, referem-se a "*formas de se conceber, eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias*" (2002, p. 76). Significa que, do mesmo modo como nossas experiências básicas de orientação espacial originam as metáforas orientacionais, também nosso contato com objetos físicos fundamentam uma grande variedade de metáforas ontológicas. Entre elas, os autores citam, por exemplo, a metáfora A MENTE É UMA MÁQUINA, que, por sua vez, é uma subcategoria do esquema metafórico mais geral A MENTE É UMA ENTIDADE. Para ilustrar isso, citam casos como "A minha mente simplesmente não está *funcionando* hoje", "Estou um pouco *enferrujado* hoje", "A sua mente *pifou*", entre outros (p. 79).

Em seu trabalho de 1999 ("*Philosophy in the flesh*"), Lakoff e Johnson retomam a discussão sobre a metáfora, refinando os postulados em torno dela. Trata-se de uma teoria geral da metáfora primária, detalhada em quatro partes distintas, as quais, juntas, constituem um quadro panorâmico consistente e sistemático da gênese dos conceitos metafóricos (o que os autores denominam "*A teoria integrada da metáfora primária*", p. 46). Para isso, contam, segundos eles próprios, com a contribuição de outras fontes de pesquisa. Passo, em seguida, a expor a abordagem dos autores acerca dessa questão.

Parte 1 - *A teoria da confluência* (ou *fusão*), de Johnson: para as crianças, no curso de seu aprendizado, as experiências sensorimotoras, por um lado, e as experiências e os julgamentos subjetivos, por outro, são regularmente fundidos e indiferenciados, isto é, não são vistos como distintos quando ocorrem conjuntamente. Durante esse período (da *confluência*), associações são feitas automaticamente entre os dois domínios

experienciais. Nesse sentido, por exemplo, ao experienciar ser aconchegada e aquecida no colo, a criança, tipicamente, correlaciona tal situação física com a experiência emotiva de afeição, a ponto de ambas serem vistas como inseparáveis. Posteriormente, durante o período da *diferenciação*, a criança é capaz de separar um domínio do outro, porém as associações entre esses domínios persistem. Essas associações é que são responsáveis pelos mapeamentos de metáforas conceituais, as quais permitirão construções metafóricas do tipo "um abraço *caloroso*", "um amigo *achegado/do peito*", entre outras.

Parte 2 - *A teoria da metáfora primária*, de Grady: conforme tal postulado, todas as metáforas complexas são "moleculares", no sentido de serem formadas por partes metafóricas "atômicas", chamadas de "*metáforas primárias*". Cada uma destas possui uma estrutura mínima e surge natural, automática e inconscientemente nas experiências cotidianas através da confluência, durante as quais são processadas as associações (ou mapeamentos) transdominiais. Desse modo, as metáforas complexas resultam dessas fusões conceituais convencionalizadas. Um exemplo disso é a metáfora complexa A VIDA É UMA VIAGEM (ou DESLOCAMENTO ESPACIAL), cuja estrutura constrói-se a partir de um conjunto de outras metáforas primárias, representadas pelas seguintes relações: o nascimento é visto como chegada, o indivíduo é comparado a um viajante, o curso da vida é o trajeto ao longo de um caminho, os problemas da vida são encarados como obstáculos, a vida profissional é uma carreira, a morte é considerada a partida etc.

Parte 3 - *A teoria neural da metáfora*, de Narayanan: as "associações" feitas durante o período de confluência são realizadas neuralmente em ativações simultâneas que resultam nas conexões neurais permanentes ocorridas através das redes neurais definidoras dos domínios conceituais. Essas conexões formam as bases anatômicas das ativações *fonte-para-o alvo*, as quais constituem o mapeamento que está na base das projeções metafóricas. Por exemplo, na conceitualização da metáfora MAIS É PRA CIMA, operam-se, primeiramente, correlações estabelecidas pela conexão de redes neurais que caracterizam MAIS no domínio da quantidade e aquelas que caracterizam PRA CIMA no domínio da verticalidade. Tais correlações (apesar de não serem necessárias, mas

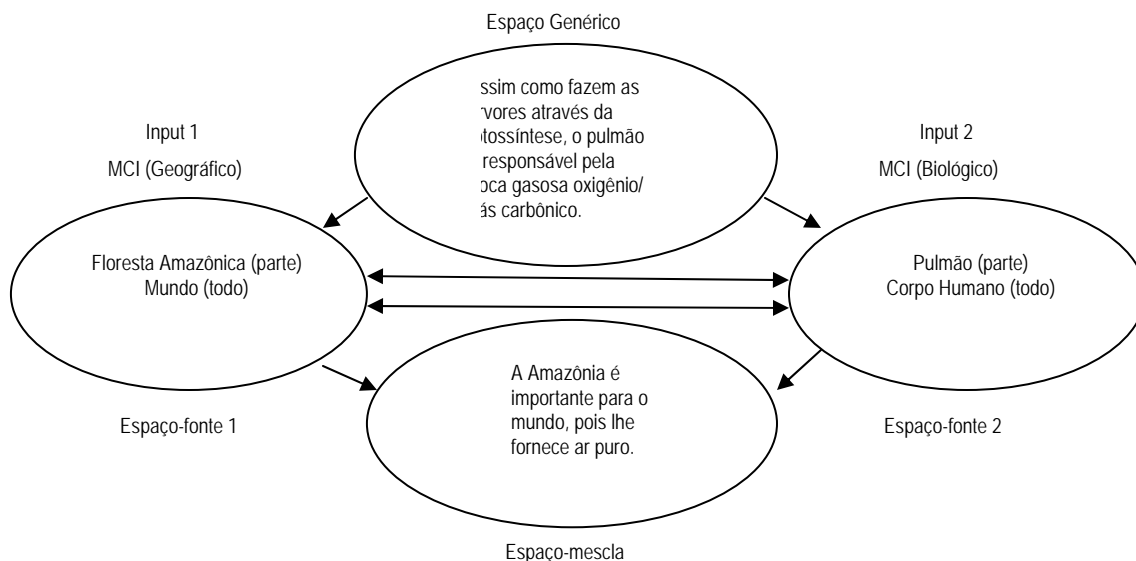
possíveis), repetidas constantemente nas experiências diárias, possibilitam a emergência de conceitos, ativados via inferências complexas, como "O preço dos combustíveis *subiu* novamente" ou "O preço dos combustíveis está *nas alturas*".

Parte 4 - *A teoria da mesclagem/integração conceitual* (ou "*blending*"), de Fauconnier e Turner: estabelece que domínios conceituais podem ser co-ativados e, sob certas condições, formam-se conexões de um domínio para o outro, levando à formulação de determinadas inferências. Nessa perspectiva, o processo metafórico lida com quatro *espaços mentais*⁵⁰ distintos: o *genérico*, representante do que ambos os domínios-fonte possuem em comum; o *input 1*, equivalente ao *domínio-fonte 1*; o *input 2*, relativo ao *domínio-fonte 2*; e o *mesclado* (ou *espaço-mescla*), no qual os conceitos selecionados da fonte o do alvo são combinados e fundidos para formar uma nova estrutura conceitual (ou *mescla*), que pode ser convencional ou totalmente original. Vale esclarecer que os espaços de *input* desempenham diferentes papéis: o material do espaço-alvo funciona como tópico, enquanto o do espaço-fonte fornece meios de reenquadrar/reelaborar o primeiro, para alguma finalidade conceitual-comunicativa (cf. TAYLOR, 2002, p. 530-533; CROFT e CRUSE, 2004, p. 207-208; MEDRADO, 2006, p. 96-107; FELTES, 2007, p. 116-125; MARTELOTTA e PALOMANES, 2008, p. 189-191).

Sobre isso, Martelotta e Palomanes (*ibidem*) apresentam o seguinte exemplo: "A floresta amazônica é o *pulmão* do mundo". Através dele, os autores demonstram que, no espaço *genérico*, encontram-se as noções de que, do mesmo modo como os pulmões efetuam a troca gasosa no corpo humano, as árvores realizam o processamento e a liberação de oxigênio mediante a fotossíntese; os espaços do *input 1* e do *input 2* representam, respectivamente, o domínio relativo aos conceitos geográficos (relação de parte-todo entre floresta amazônica/mundo) e o domínio referente à conceitualização no âmbito biológico (relação de parte-todo entre pulmão/corpo humano); o *espaço-mescla* sintetiza os vínculos conceituais entre esses domínios, selecionando o que é relevante em cada um deles. O que resulta dessas combinações e projeções transdominiais é a fusão conceitual, originando uma

⁵⁰ *Espaços mentais* são construtos conceituais que estruturam vários tipos de informações e têm a ver com os princípios de organização do conhecimento humano e estratégias de processamento cognitivo que atuam na interpretação de enunciados lingüísticos no contexto situacional em que ocorrem (FELTES, 2007, p. 116).

nova conceitualização. Apresento, a seguir, o esquema dessa análise, conforme proposto pelos autores:



Quanto a essa questão, Feltes (*ibidem*, p. 170) comenta a vantagem da teoria da mesclagem conceitual em relação à da metáfora conceitual, anteriormente proposta por Lakoff e Johnson, na primeira versão. Isso se deve ao fato de esta caracterizar-se por seu modelo bidimensional, isto é, limitando-se a apenas dois domínios (fonte → alvo), o que não dá conta, portanto, de fenômenos envolvendo metáforas mais complexas. No entanto, citando Grady, Oakley e Coulson, pontua haver similaridades entre ambas as propostas e ressalta seu caráter intercomplementar.

Ainda sobre a metáfora, Cançado (2005, p. 101-103) apresenta-nos quatro características gerais das metáforas, a saber, *convencionalidade*, *sistematicidade*, *assimetria* e *abstração*. A *convencionalidade* associa-se ao grau de novidade da metáfora, no sentido de que, mesmo as metáforas mais convencionalizadas e familiares, podem ser renovadas ou mesmo expandidas para outros domínios, mantendo sua natureza metafórica. Um exemplo disso pode ser visto no caso da noção de *verticalidade* (*para cima/para baixo*), que, embora represente nas metáforas "mortas" (já cristalizadas) em alguns domínios, pode ser reutilizada em outro(s) como inédita. A *sistematicidade* tem a ver com o modo como a metáfora estabelece um campo de comparações, quer dizer, ela representa uma associação não apenas entre um conceito e outro, mas entre vários dos conceitos pertencentes ao mesmo campo semântico do domínio-alvo e do domínio-fonte. A autora cita como exemplo a projeção

metafórica TEMPO É DINHEIRO, cujo conceito envolvendo noções financeiras é transferido para outros relacionados a *tempo*, como no caso "Este livro me *custou meses de trabalho*", entre outros. A *assimetria* refere-se à natureza unidirecional e irreversível da metáfora. Significa que as metáforas não constituem comparações simétricas entre dois conceitos; ao contrário, elas refletem uma transferência de propriedades de um domínio (a fonte) para outro (o alvo), e esse mapeamento somente ocorre nessa direção, não o oposto. Uma ilustração disso é dada com a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, em que o contrário (A VIAGEM É UMA VIDA) não parece ser possível. A *abstração* relaciona-se à tendência cognitiva de projeção conceitual de um conceito de base mais concreta (o domínio-fonte) para se referir a outro de teor semântico mais abstrato (o domínio-alvo). É nesse sentido que se pode falar, por exemplo, de estados emotivos em termos de experiências sensoriais motoras, ou de fenômenos cognitivos a partir de ações motoras.

Entretanto, Cançado adverte que esta última não constitui uma característica necessária das metáforas. Isso significa que é possível a ocorrência de metáforas em que tanto a fonte como o alvo são igualmente concretos ou abstratos.

A essas quatro características descritas pela autora citada, gostaria de sugerir o acréscimo de mais duas, por considerá-las pertinentes à natureza dos processos metafóricos. Uma delas, relacionada, principalmente, ao caso das metáforas complexas, é a *seletividade*. O que quero dizer com isso é que, no estabelecimento das relações entre um domínio e outro, ocorrem certas restrições conceituais, de modo que nem todas as propriedades nocionais daquele (ou nele envolvidas) podem ser projetadas neste (cf. CROFT e CRUSE, 2004, p. 198-199). Por exemplo, poder-se-ia dizer "Ela tem um ciúme *doentio*", mas "O ciúme dela foi *para o hospital*" seria bastante estranho e improvável.⁵¹

A outra trata-se da *gradualidade*, no sentido de que existem níveis/ graus de (in)consciência, de novidade/estabilidade e de complexidade das metáforas. Esclarecendo: a formação de metáforas pode dar-se de modo automático e inconsciente, como é o caso das metáforas primárias baseadas em esquemas imagéticos adquiridos pela experiência perceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 46), ou relativamente consciente/planejado, tal como parecem

⁵¹ Estou, opcionalmente, deixando de fora as questões polêmicas e ainda em aberto sobre determinados processos metafóricos, por não considerar vantajoso tratá-las aqui. Para isso, remeto, por exemplo, a Taylor (2002, p. 487-535) e a Croft e Cruse (2004, p. 193-221).

ser algumas metáforas no texto poético-literário, jornalístico ou publicitário; também há variabilidade no grau de inovação e convencionalidade no recurso à metáfora, e isso se mostra, por exemplo, quanto às metáforas "mortas", que são velhas e altamente estáveis/convencionais, em contraste com as novas, que podem ou não vir a cristalizar-se; por fim, consideram-se as diferenças no grau de complexidade das metáforas, querendo-se, com isso, dizer que há algumas mais básicas e simples e outras mais elaboradas, construídas a partir da integração de um conjunto de metáforas primárias (LAKOFF e JOHNSON, *ibidem*).

Para ilustrar o que defendo aqui, cito a diferença entre as metáforas expressas em "juros *demasiadamente altos*" e "juros *estratosféricos*" (In: *Veja*. 04/05/2005, p. 64). Penso que, no primeiro caso, tem-se o esquema básico da metáfora MAIS É PARA CIMA de forma mais simples e direta, além de ser mais convencional/estável e poder ser dito, provavelmente, com bastante naturalidade e automatismo. Entretanto, creio que o mesmo não se pode dizer do segundo, uma vez que a metáfora contida em "*estratosféricos*" requer a coativação de outros conhecimentos de mundo/modelos conceituais e operações cognitivas inferenciais aparentemente mais complexas. Quer dizer, nessa ocorrência metafórica, preserva-se ainda, de modo indireto, o esquema subjacente MAIS É PARA CIMA, porém obriga ao cálculo cognitivo/reconhecimento, nesse contexto, de que tal conceito tem a ver, figurativamente, com *estratosfera* (a camada atmosférica terrestre de considerável altitude). Logo, "*estratosféricos*" aponta para a projeção conceitual de *altura* no sentido de designar *valor quantitativo*, o que representa uma metáfora nova, imprevisível, mais engenhosa (pois se compõe de uma outra operação metafórica mais básica – QUANTIDADE É VERTICALIDADE) e, supõe-se, com um certo grau de planejamento consciente.

3.1.2. O enfoque da Lingüística Funcional contemporânea

Apropriando-se das contribuições da Semântica Cognitiva e compartilhando de seus postulados sobre a metáfora, o Funcionalismo norte-americano aborda essa questão mais estreitamente relacionada aos processos de polissemia e de mudança semântica que levam, principalmente, à transformação de itens lexicais em elementos gramaticais; em outras palavras, como um dos mecanismos responsáveis pelo fenômeno da gramaticalização (NEVES, 1997, p. 131-136; CUENCA e HILFERTY, 1999, p. 166-169; GONÇALVES et al., 2007,

p. 42-45). Sob essa ótica, a metáfora é considerada um participante fundamental na emergência de novos padrões para a conceitualização de determinadas noções gramaticais.

Na concepção funcionalista, a metáfora desempenha papel importante na gramaticalização, no sentido de licenciar, mediante o processo de inferenciação, o uso de um dado conceito de base mais concreta (em geral, designado por um item lexical), vinculado a alguma experiência sensorimotora, num contexto de significação mais abstrata, o qual passa a assumir certa função gramatical (SWEETSER, 1990, p. 24-48; HEINE et al., 1991a, p. 150-151; HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 84-85). Dadas a frequência e a produtividade com que tal uso se manifesta na comunicação cotidiana, opera-se um novo arranjo conceitual – e formal – que resulta, possivelmente, na fixação de uma nova construção gramatical.

Exemplos disso nos são apresentados em Martelotta (1996, p. 212-218). Tratando da gramaticalização de operadores argumentativos, o autor analisa, entre eles, o caso de "*ainda*", que, nesse processo, seguiu a trajetória *espaço > tempo > texto*, isto é, de uma acepção dêitica, portanto, mais relacionada à concretude espacial, daí para uma noção menos concreta temporal até atingir uma função mais abstrata, vinculada ao arranjo lógico-argumentativo do discurso. Tal fenômeno é evidenciado pelos autores através de alguns fragmentos textuais, dos quais cito os seguintes:

- (1) "Vós me meteste tam gram pesar no coração, que jamais mom sairá *ende*." (noção espacial);
- (2) "... *Ainda* guardo essas coisas..." (valor temporal);
- (3) "É, pra en... e *ainda* tinha assim mil recursos pra encher, não é?" (adiciona argumentos para enfatizar uma idéia – função textual/discursiva).

Heine et al. (*ibidem*) afirmam que a trajetória de mudança de um sentido "literal" para um outro mais "figurado", o que representa a transferência conceitual do domínio da "concretude" para o da abstratização, é marcada por uma espécie de "*deslizamento semântico*". Decorre daí que, nesse movimento, há pontos de ambigüidade nocional, o que se reflete, de igual modo, na indefinição categorial da forma em processo de "metamorfose" lingüística. Para ilustrar esse fenômeno, remeto ao caso já explicitado à p. 90 deste trabalho quanto ao verbo/auxiliar *ir* "... a gente *vai* pescar lá [na casa de praia]..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 370), em que este se apresenta, numa espécie de estágio intermediário, *i.e.*, de instabilidade e ambivalência semântico-formal.

Adotando a mesma linha de raciocínio quanto à atuação da metáfora no processo de gramaticalização, Bybee et al. (*apud* GONÇALVES, et al., 2007, p. 33) defendem que, nessa mudança conceitual ("*extensão metafórica*") de um item rumo à gramaticalização, verifica-se a preservação de algum aspecto semântico da "*estrutura relacional original*". Embora não sejam apresentadas ocorrências disso pelos autores, cito o caso do sufixo *-inho* como marcador de depreciação, através do qual o falante deseja "diminuir" o valor da pessoa ou coisa a que(m) se refere. Nota-se que a noção de "pequenez" permanece, em termos metaforizados, no atributo depreciativo, tornando-se, assim, um vestígio do mapeamento semântico do *diminutivo de tamanho* no domínio conceitual mais abstrato da noção de *menosprezo/desprestígio*.

Quanto a isso, Sweetser (1990) distingue três domínios cognitivos básicos que explicam a passagem de conceitos "+concretos" para o plano da abstração, a partir de processos metafóricos de extensão de significado. Tais domínios incluem (1) o *do conteúdo*, relacionado à percepção física; (2) o *epistêmico*, vinculado à percepção intelectual e emotiva; e (3) o *dos atos de fala*, que pertence à organização discursiva. A autora exemplifica citando o desenvolvimento dos verbos de percepção em diferentes modais.

3.2. A metonímia

3.2.1. O tratamento da Semântica Cognitiva

Se comparada com a metáfora, a metonímia tem recebido menor atenção por parte dos estudiosos desses temas (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 87). Em todo caso, na literatura tradicional, a metonímia é igualmente entendida como uma figura de linguagem, também inclusa no estudo dos *tropos* (cf. BRANDÃO, 1989, p. 19-20), através da qual

(...) uma palavra que designa uma realidade *A* é substituída por outra palavra que designa uma realidade *B*, em virtude de uma relação de vizinhança, de coexistência, de interdependência, que une *A* e *B*, de fato ou no pensamento (MARTINS, 1997, p. 102).

Reportando-se ao conceito tradicional de metonímia, Taylor (1992, p. 122) afirma que, sob essa ótica, "*o nome de uma entidade e¹ é empregado para se referir a outra entidade e², contígua a e¹*". Desse modo, ainda conforme esse autor, ocorre uma "*função de referência*", que permite utilizar o nome de uma coisa em lugar do de outra. Por exemplo, mencionar o nome do recipiente em vez do nome do conteúdo, como em "*A chaleira está fervendo*", ou reportar-se ao produtor para se referir ao produto, tal como em "*Ele comprou um Portinari*".

Quanto a isso, Resende e Gomes (2007, p. 5), contrapondo-se a essa perspectiva tradicional reducionista, esclarecem que, na metonímia, não se realiza apenas uma função referencial; existe também "*a função de promover compreensão*". Significa que, dependendo da entidade mencionada para se estabelecer referencialidade, operam-se diferentes relações de sentido a partir de características particulares. Uma evidência disso seria, por exemplo, o caso de se dizer "*Apesar de separados legalmente, eles ainda vivem sob o mesmo teto*", em que o referente "*teto*" não substitui meramente "*casa*", mas também implica "*abrigo*" e "*proteção*", uma vez que, em nosso conhecimento de mundo, residências funcionam como tais.

Ainda de acordo com esse modelo de abordagem, uma figura correlata à metonímia, da qual constitui uma subcategoria, é a sinédoque. Esta tem a ver com a relação estabelecida entre o todo e alguma de suas partes que é saliente. É isso que possibilita, por exemplo, a referência a uma parte do indivíduo em lugar deste, como se vê em "*Temos mais uma cara nova na empresa*", ou usar o nome de uma instituição como substituto do nome da(s) pessoa(s) que a compõe(m)/representa(m), como ocorre em "*O Governo recusou negociar com a oposição*".

Às vezes, pode haver a co-ocorrência de mais de uma metonímia. Por exemplo, na expressão "*Negociações entre Washington e Moscou*", os nomes das cidades substituem os das pessoas representantes das instituições sediadas nesses locais.

Para Taylor, no entanto, nem todas as funções de referência são plenamente produtivas, no sentido de que há certas substituições não licenciadas, como é caso, por exemplo, de "*Maria estava deliciosa*" (querendo significar "*A torta que Maria fez...*"), em que o nome "*Maria*", a produtora, encontra-se no lugar de "*torta*", o produto. Significa que qualquer instância de uma função de referência precisa ser sancionada por um conjunto de conhecimentos e crenças em uma situação apropriada.

Do mesmo modo como a metáfora, a metonímia é vista, nessa linha de pensamento, mais como uma manifestação de linguagem, para fins de uso estético-literário, e não como uma propriedade central de nosso sistema conceitual.

Para a Semântica Cognitiva, a metonímia, ao lado da metáfora, desempenha um papel fundamental na cognição humana (LAKOFF, 1987, p. 77). Assim, contrariando o ponto de vista da abordagem tradicional, que trata a metonímia como um caso de mera substituição referencial (isto é, em que uma palavra é empregada em lugar de outra), nessa nova perspectiva, a metonímia é focalizada como uma questão de conceitualização, no sentido de que ela é, em parte, responsável pelo processamento de determinadas formações conceituais. Nessa linha de raciocínio, assume-se que a metonímia, assim como a metáfora, é um componente básico do nosso aparato racional, *i.e.*, do nosso sistema cognitivo/conceitual.

No entender de Lakoff e Turner (1989, p. 100-106), a metonímia constitui um mapeamento dentro de um mesmo domínio conceitual, de modo que uma entidade de um domínio pode ser utilizada para se reportar a uma outra entidade desse mesmo domínio. Antes, o próprio Lakoff (1987, p. 78) já definira a metonímia conforme o seguinte princípio:

Dado um MCI⁵², sob certas condições de base/fundo, (...) existe uma relação de representação ocorrida entre duas entidades, *A* e *B*, tal que um elemento do MCI, no caso, *B*, pode representar o outro elemento, *A*. [tradução minha].⁵³

Desse modo, o MCI, contendo uma relação de representação, é designado pelo autor como constituindo-se um "*modelo metonímico*". Lakoff (p. 84-85) detalha tal modelo apontando as seguintes características:

1. há um conceito "alvo" *A* para ser entendido, com alguma finalidade, em determinado contexto;
2. há uma estrutura conceitual contendo um conceito *A* e um conceito *B*;
3. *B* é parte de *A* ou estreitamente associado a este nessa estrutura conceitual;
4. comparado com *A*, *B* é bem mais fácil de ser entendido, lembrado ou reconhecido, ou mais imediatamente útil para determinado propósito num dado contexto;

⁵² "MCI" significa "Modelo Cognitivo Idealizado", isto é, uma estrutura conceitual. Para maiores esclarecimentos e detalhes sobre isso, remeto a Lakoff (1987, p. 68-76 e 118-135).

⁵³ "... Given an ICM with some background condition (...) there is a 'stand for' relation that may hold between two elements *A* and *B*, such that one element of the ICM, *B*, may stand for another element *A*."

5. um "modelo metonímico" é um modelo de como *A* e *B* se relacionam numa certa estrutura conceitual. Essa relação é específica por uma função de *B* para *A*.

Para Taylor (1992, p. 123-124), metonímia tem a ver com o estabelecimento de "*conexões entre entidades que co-ocorrem numa dada estrutura conceitual.*" Nesse sentido, a metonímia possui uma compreensão bastante diversa e mais ampla do que aquela oferecida pela tradição retórica. Isto porque as entidades envolvidas não necessitam estar contíguas, em qualquer sentido espacial; também não se restringe a um mero ato de substituição referencial. Segundo esse autor, nesse novo enfoque, a metonímia é vista como um dos processos mais fundamentais de extensão de significado, talvez até mais básico do que a metáfora.

Para ilustrar isso, Taylor (p. 136) recorre ao caso de "*alto*" ("*high*") conceitualizado com base no esquema metafórico *em/para cima-em/para baixo* (*up-down*). Segundo o autor, existem dois sentidos espaciais distintos com que *alto* deve ser caracterizado: um *extensional* (por exemplo, *edifício alto*) e outro *posicional* (como em *o alto do edifício*), ambos tendo uma base como marco zero na escala de verticalidade. Essas duas noções de *alto* tornam-se possíveis pelo fato de, ao se acrescentar elementos/substâncias a uma pilha de objetos, a tendência natural é ela ficar mais *alta*, numa relação contígua de causa-efeito, observando-se sua dimensão aumentada em termos de verticalidade. Por uma extensão de significado, sancionada por essa relação, o que se posiciona no topo dessa pilha também é conceitualizado como *sendo alto/estando no alto*. Essa relação escalar é o que licencia a metáfora MAIS É PRA CIMA, como em "O preço da carne está *lá em cima*", em que o aumento no valor quantitativo é mapeado em termos de localização num patamar elevado. Em vista disso é que se pode conjecturar que a metonímia seja, provavelmente, uma noção mais básica do que a metáfora e pode favorecer a emergência desta.

Por sua vez, Croft e Cruse (2004, p. 216) definem a metonímia como

(...) o uso de uma expressão *E* com um conceito pré-dado *A* para evocar um conceito distinto *B*, onde a conexão entre *B* e *A* é inferível por princípios gerais (...) [tradução minha].⁵⁴

⁵⁴ "... the use of an expression *E* with a default construal *A* to evoke a distinct construal *B*, where the connection between *B* and *A* is inferable by general principles..."

Para esclarecer melhor essa definição, retomo a sentença dada anteriormente "A *chaleira* está fervendo". Nela, a expressão "*chaleira*" ("E"), cujo conceito ("A") foi omitido, mas encontra-se pré-dado e implícito, evoca o conceito de "água"/"chá" ("B"), dada a conexão contígua entre ambos os conceitos, uma vez que, pela nossa experiência cultural, é numa *chaleira* que, tradicionalmente, põe-se água/chá para ferver. É sob essas condições, portanto, que, em vez de se dizer "A *água/O chá* [o conteúdo] está fervendo", falar "A *chaleira* [o recipiente] está fervendo" é conceitual/semanticamente plausível.

Comentando esse conceito, Fischer (2005, p. 34) esclarece que o que diferencia a metonímia da metáfora é que, enquanto nesta o mapeamento se dá entre dois domínios conceituais distintos, naquela, o mapeamento conceitual restringe-se ao mesmo domínio. Ainda outra diferença apontada pelo autor entre ambas é o fato de que, na metáfora, o mapeamento ocorre entre um domínio de natureza concreta (a fonte) e outro abstrato (o alvo), ou seja, entre o sensível e o intangível; no caso da metonímia, o mapeamento conceitual parece localizar-se mais no âmbito da concretude – por exemplo, o autor pela obra, a instituição pela(s) pessoa(s) que lá trabalha(m), a parte pelo todo, e muitos outros.

Croft e Cruse (*ibidem*) apresentam outras duas diferenças entre metáfora e metonímia. É que, nesta, a correspondência entre as entidades envolvidas é por coincidência, isto é, por haver alguma relação de contigüidade conceitual, e não em razão de existir algum vínculo analógico, como é o caso da metáfora. A outra é que, na metonímia, não ocorre mesclagem conceitual entre as entidades relacionadas.

Esses autores esclarecem, ainda, que as associações que sustentam a metonímia podem ser divididas em dois tipos, a saber: "*associações intrínsecas*" e "*associações extrínsecas*" (p. 217). No primeiro tipo, as relações são inerentes ou, pelo menos, duradouras (por exemplo: parte/todo, indivíduo/classe, entidade/atributo, causa/efeito etc.); no segundo, A e B se associam por contingência e não-inerentemente. Como exemplo, apresento a sentença "*Esse número* não está respondendo", em que a relação entre o indivíduo (entidade substituída "B") e o número de seu telefone (entidade substituta "A") é apenas acidental.

3.2.2. A perspectiva funcionalista

Nos estudos funcionalistas sobre a mudança lingüística, parece não haver dúvidas quanto à participação da metáfora na emergência de novas funções para formas já existentes, a partir de operações analógicas. É nessa perspectiva que o exame acerca dos processos de metaforização teve lugar privilegiado. Conforme Hopper e Traugott (2003, p. 87), tal fato se deve à tradição das pesquisas em torno da gramaticalização, concebida a princípio em termos restritos da passagem *léxico* > *gramática*, isto é, considerando mais as relações de transferência de significado em itens lexicais, independentemente do ambiente formal em que ocorrem.

No entanto, a atenção volta-se igualmente para a metonímia com a constatação de sua importância no que se refere ao processo de reanálise, decorrente da contigüidade e associação conceituais entre os componentes lingüísticos no curso da fala, co-responsável pela configuração de novos padrões gramaticais (HOPPER e TRAUGOTT, *ibidem*). Portanto, compartilhando da mesma visão da Semântica Cognitiva, para o Funcionalismo, a metonímia não se limita aos usos especiais da linguagem, como sempre se defendeu nos estudos retórico-estilísticos tradicionais; é antes uma questão de associação conceitual e, tal qual a metáfora, constitui um "*modelo cognitivo*" (cf. SILVA, 1997, p. 68). Nesse sentido, Hopper e Traugott (*ibidem*, p. 88), retomando Kövecses e Radden, definem a metonímia como o "*processo cognitivo no qual uma entidade conceitual fornece acesso a outra entidade conceitual dentro de um mesmo domínio*".

Citando a clássica distinção feita por Jakobson e Halle entre metáfora e metonímia, Hopper e Traugott (p. 87) informam que aquela é vista como escolha, funcionando no eixo paradigmático, enquanto esta última representa associação e seqüência no eixo sintagmático. A primeira leva à homogeneidade e coerência; a segunda, à justaposição e incoerência potencial. Esses autores explicam, ainda, reportando-se a Antilla, que, enquanto a metáfora representa um caso de transferência semântica através da similaridade de percepções do sentido, sendo, além disso, analógica e icônica, a metonímia constitui uma transferência semântica através de contigüidade e é "*indexical*", no sentido de "apontar" para certas relações num dado contexto lingüístico que inclui interdependência (morfo)sintática entre as entidades envolvidas.

Vê-se, com isso, que, seguindo um percurso relativamente distinto dos cognitivistas, que se detêm, principalmente, no exame da conceitualização metonímica entre entidades referenciais, a Lingüística Funcional concentra seu interesse, tal como em relação à metáfora, no vínculo entre metonímia e gramaticalização. Quanto a isso, busca investigar a (co)atuação de fatores metonímicos na (trans)formação conceitual e na conseqüente (re)organização formal de determinadas estruturas lingüísticas.

Para ilustrar tal fenômeno, Hopper e Traugott (*ibidem*, p. 88-89) abordam o caso da gramaticalização de "*be going to*" (o marcador de futuro "*ir*", em inglês). No entender desses autores, o sentido de futuro dessa expressão não é derivado apenas de "*go*" ("*ir*"), mas da interação entre este e o propositivo "*to*" ("*para*"/"*a fim de*"), além da participação do progressivo "*be... -ing*" ("*estar*" + marcador de gerúndio), que dá a idéia de "*atividade em processo*". Assim, a reinterpretação semântica desses componentes resultou em reorganização estrutural, conforme esquematizada a seguir:

[[*be going*] [*to S (=sentença subordinada)*]] > [*be going to V (X)*].

Nesse caso, segundo defendem os autores, o processo de gramaticalização de "*be going to*" deveu-se, provavelmente, mais a relações metonímicas, ensejadas pela contigüidade semântica e contextual desses componentes lingüísticos, do que mesmo à pura transferência metafórica espaço > tempo do item lexical "*go*" individualmente.

De acordo com Gonçalves et al. (2007, p. 48), metáfora e metonímia são fenômenos complementares na gramaticalização. Para eles, em muitos casos, é possível identificar a co-atuação de ambos os mecanismos em determinadas instâncias do percurso de mudança. Querem dizer com isso que, enquanto a metáfora resolve um problema de representação, a metonímia associa-se à solução de questões relacionadas à informatividade e relevância na comunicação. É sob esse ângulo que metáfora e metonímia podem ser vistas como fenômenos que explicam a mudança de um item lexical ou uma construção maior em uma forma mais gramatical, favorecida por processos de associação conceitual e inferenciação pragmática (cf. HOPPER e TRAUGOTT, *ibidem*, p. 92-93).

Tratando, ainda, do envolvimento e atuação da metáfora e da metonímia na trajetória de gramaticalização, Gonçalves et al. (*ibidem*, p. 49) fornecem um quadro comparativo no qual sintetizam as distinções entre ambas. Eis conforme se apresenta⁵⁵:

Quadro resumitivo sobre a atuação da metáfora e da metonímia na gramaticalização (Q4)

Metáfora	Metonímia
Opera no eixo paradigmático	Opera no eixo sintagmático
Opera na inter-relação de domínios conceituais	Opera na inter-relação sintática dos constituintes
Opera por analogia	Opera por reanálise (abdução)
Envolve implicaturas convencionais	Envolve implicaturas conversacionais

Quadro 4

Em síntese, vemos que, embora existam interesses distintos quanto ao foco sobre a metáfora e a metonímia, a Semântica Cognitiva e a Linguística Funcional contemporânea comungam a idéia de que aquelas são parte integrante dos mecanismos racionais dos seres humanos, desempenhando um papel fundamental na conceitualização de boa parte de nossas experiências. Desse modo, ambos os modelos de abordagem afastam-se do viés tradicional, no que se refere tanto ao fato de este reduzir tais categorias apenas a questões de natureza semântico-lingüística, como de vinculá-los tão somente aos usos especiais da linguagem.

Assim, contrariando essa perspectiva, cognitivistas e funcionalistas adotam o postulado da metáfora e da metonímia conceituais, isto é, como estruturas cognitivas básicas, responsáveis por diversos processos de significação. Tais processos se refletem na linguagem, tanto nos aspectos lexicais como gramaticais, em termos pancrônicos, na interação criativa entre conteúdo e expressão.

⁵⁵ Na verdade, o quadro demonstrativo no texto desses autores encontra-se com as caracterizações invertidas, ou seja, as informações que deveriam estar relacionadas à metáfora encontram-se atribuídas à metonímia e vice-versa. Em minha reprodução aqui, procurei desfazer esse equívoco.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE GRAU E INTENSIFICAÇÃO E ALGUMAS ANÁLISES PRELIMINARES

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE GRAU E INTENSIFICAÇÃO E ALGUMAS ANÁLISES PRELIMINARES

Neste capítulo, tenciono proceder à distinção entre *grau* e *intensificação*, tradicionalmente vistos como noções intercambiáveis. Primeiramente, teço algumas breves considerações gerais em torno do grau e apresento um quadro panorâmico de sua caracterização; depois, concentro-me em descrever a intensificação, no que se refere à sua definição conceitual, seu escopo, alguns dos aspectos semânticos envolvidos em sua conceitualização e os recursos expressivos que a codificam. Finalizo expondo alguns dados quantitativo-percentuais com respeito ao uso de determinadas formas intensificadoras, seguidos dos respectivos comentários.

1. A distinção entre grau e intensificação

Traçar o perfil conceitual da intensificação e apreender seus limites não é tarefa tão simples. Isto porque tal fenômeno recobre um complexo bastante amplo e variado de nuances semânticas-discursivas não facilmente capturáveis.

Tradicionalmente, *intensificação* e *grau* (ou *gradação/graduação*, para alguns) têm sido tratados como noções idênticas. Conforme já visto, tal tratamento tem-se limitado a descrever, principalmente, o grau das categorias substantivo, adjetivo e advérbio⁵⁶, em seus aspectos semânticos e formais, com evidente preferência pelos padrões canônicos e inegável pendor normativo. Mesmo nas abordagens recentes – cada uma enfocando, a seu modo, um ou outro aspecto dessa questão – grau e intensificação aparecem, invariavelmente, como conceitos intercambiáveis.

⁵⁶ Convém lembrar, tal como já observado no capítulo 2, que o grau do verbo não tem recebido a mesma atenção, salvo raríssimas exceções, como Cruzeiro (1973, p. 53-55), Leech e Svartvik (1994, p. 112), Almeida (1999, p. 302-303) e Flores (2004, p. 4), por exemplo.

Neste trabalho, entretanto, embora considere grau e intensificação como conceitos intrinsecamente correlacionados, proponho tomá-los como distintos um do outro. Apesar de não pretender tratar aqui o grau em toda a sua extensão – por não ser isso a tarefa mesma deste estudo –, desejo tecer algumas breves considerações em torno desse tema antes de abordar a intensificação – uma das facetas do grau e ponto central aqui – mais específica e detalhadamente. Tal opção se deve em vista da necessidade de alguns esclarecimentos preliminares mais gerais quanto a certos aspectos do grau, os quais se encontram, por sua vez, subjacentes nos processos intensivos.

1.1. O grau

O Dicionário Houaiss (HOUAISS e VILLAR, 2004, p. 1479) define o *grau*, num sentido mais amplo, como

(...) cada uma das posições, estágios que escalonam um processo ou uma ordem classificatória; situação, estado considerado em relação a uma série de outros progressivamente superiores ou inferiores; (...).

Do ponto de vista gramatical – portanto, numa acepção mais estrita –, o grau é definido como a

(...) categoria lingüística que acrescenta a uma palavra ou a um semantema a noção de quantidade, intensidade ou tamanho; (...).

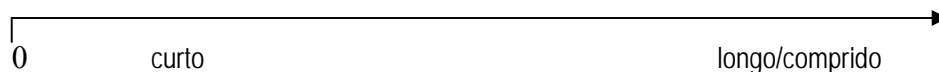
Por essas palavras, pode-se depreender que o grau inclui (1) a idéia de escalonamento; (2) a atividade comparativa; (3) a relação direta com categorias lingüísticas; (4) as noções de hierarquia, quantidade, tamanho e intensidade. Percebe-se, ainda, por esta última observação, que grau e intensificação se inter-relacionam, porém não se equivalem. Quer dizer, o grau incorpora a noção de intensidade, mas não se restringe apenas a isso.

Segundo Flores (2004, p. 3-4), a concepção de grau está intimamente vinculada à de escalaridade, tal como os degraus a uma escada. Assim, o grau tem a ver com tudo o que pode ser escalonado em diferentes níveis ou estados. Isso inclui eventos e situações em geral que são conceitualizados em termos escalares. A autora observa, ainda, a nomenclatura diversa existente acerca desse conceito, que oscila entre *grau*, *gradação*, *graduabilidade*,

intensificação, entre outras designações mais incomuns, como *elevação* e *acentuação*, todas elas dependentes da perspectiva adotada pelo estudioso.

Gonçalves (2007, p. 153), também variando terminologicamente, com base em Rocha Lima (1998), divide o grau em duas categorias distintas, a saber, o grau *dimensivo* e o *intensivo*. O primeiro refere-se ao que, tradicionalmente, tem sido tratado como *grau dos substantivos*, subdividido nas noções *augmentativa* e *diminutiva*; o segundo aplica-se ao que tem sido considerado *grau dos adjetivos e dos advérbios*, sendo, portanto, neste âmbito que se situa a intensificação. O autor, todavia, mantém, do mesmo modo, a clássica distinção entre os tipos *comparativo* e *superlativo*, com suas respectivas subdivisões, para o segundo caso.

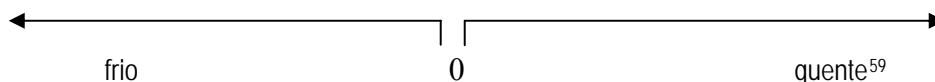
Croft e Cruise (2004, p. 170-171) apontam a percepção do grau em dois tipos de escalas: o *monoescalar* e o *biescalar*.⁵⁷ No primeiro caso, tem-se a escala do grau em apenas uma direção, partindo-se de um ponto zero e estendida indefinidamente. Um exemplo dado pelos autores é a noção de *comprimento*, esboçado através do seguinte gráfico:



Por essa escala, definem-se também as noções de *tamanho* (pequeno < grande), de *estatura/altura* (baixo < alto), de *quantidade* (pouco < muito), de *distância* (perto < longe, próximo < distante), de *aceleração* (lento < veloz, devagar < rápido), de *preenchimento/ocupação* (seco < cheio, vazio < lotado) entre outras que se pautam pelos mesmos parâmetros de conceitualização.

⁵⁷ Croft e Cruise (p. 173) observam que muitas noções relacionadas à escalaridade do grau podem ser tomadas em termos precisamente quantificados ou mensurados. Uma amostra disso vemos, por exemplo, em "... minha irmã, **dois anos mais nova** do que eu." (*Corpus D&G/RJ*, p. 20). Contudo, a expressão de quantidade precisa pode ser enganosa, como em "... aí você pode recheiar também de **mil maneiras**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 31) e em "... tem uma mesinha do lado da minha cama... que fica telefone... porta-retra/ **milhões de porta-retratos**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 23). Nesses casos, as quantificações ("*mil*" e "*milhões*") não exprimem valor quantitativo exato; trata-se, antes, de um recurso hiperbólico-intensivo para significar, respectivamente, as inúmeras e variadas maneiras de "*recheiar*" e a quantidade excessiva de "*porta-retratos*". Deve-se observar, ainda, que, como essas escalas relacionam-se mais especificamente aos conceitos definidos em termos de *antonímia/oposição*, muito provavelmente não se apliquem a noções como *gripado*, *redondo*, *verde*, por exemplo, em que não existe tal aceção.

No outro caso, a escala segue em direções opostas, sendo estas disjuntas entre si⁵⁸. O exemplo apresentado é o conceito de *temperatura*, cujo esquema é dado a seguir:



Nesse tipo de escala, podem também se enquadrar conceitos tais como o de *consistência material* (mole < duro), de *sensibilidade tátil* (macio < áspero) de *luminosidade* (escuro < claro) e demais em que se apliquem bases conceituais similares.

Segundo o que foi exposto, o grau tem sido convencionalmente focado como um fenômeno semântico que se projeta sobre uma determinada forma lingüística, alterando seu conteúdo básico em termos escalonáveis.

Em perspectiva relativamente diversa das abordagens expostas até o momento, porém, ao mesmo tempo, aproveitando as contribuições significativas já empreendidas nessa área de estudos, entendo que a conceitualização do grau constitui uma atividade semântico-cognitiva e discursivo-pragmática fundada em nossas experiências individuais (*i.e.*, físico-afetivas) e socioculturais, na qual se escalonam, em alguma medida, noções relativas a eventos e estados de coisas em geral que são tomados como suscetíveis a essa noção de algum modo.

1.1.1. Bases semântico-cognitivas do grau

Neste ponto, desejo esclarecer, ainda, que, na base da formação semântico-cognitiva desse conceito, participam os seguintes aspectos:

⁵⁸ Os autores apresentam mais dois subtipos do grau biescalar, os quais decidi ignorar aqui em razão de não representarem o protótipo dessa categoria de escalaridade.

⁵⁹ Nesse tipo de escala, o grau zero parece confundir-se com o normal/médio, uma vez que, no *continuum* entre o *frio* e o *quente*, consideramos que existe um grau de temperatura mediana, vista como normal. Portanto, os termos *normal/médio* parecem mais adequados em vez de *zero*, que pode significar ausência de qualquer das propriedades, o que não se aplica nesse caso. Essa mesma observação também é válida para os demais conceitos que se encaixam nesse tipo de escalaridade.

(1) *Comparação*

A atitude comparativa é fundamental na construção conceitual da gradualidade. Essa mesma posição é compartilhada por autores como Said Ali (1971, p. 82), Quirk e Greenbaum (1979, p. 130), Fonseca (1985, p. 220), Taylor (1992, p. 136); Heine (1997, p. 124-125), Koch e Vilela (2001, p. 237-238), Travaglia (2004, p. 74-75) e Flores (2004, p. 6). Antes destes, Ribeiro (1956, p. 336) já argumentava que

De feito, a ideia mesma de gráu ou degráu não se apresenta a nosso espírito, senão como resultado de uma comparação; *ha, pois, comparação em todos os graus* (...) [grifo meu].

Significa que, na atribuição de grau, parte-se de uma determinada noção tomada como ponto de referência, seja ela vista como neutra, normal ou até mesmo já graduada. Assim, para que algo seja conceitualizado, por exemplo, como *casarão, bastante salgado, mais feio, quantia mínima, superlotado, baixo padrão, bem cedinho, beber demasiadamente* etc., necessita de outro elemento ou situação que lhe sirva de parâmetro, ao qual se assemelha ou de que distingue quanto a determinado padrão ou norma fixado(a) subjetivamente ou por alguma convenção sociocultural. Dependendo da perspectiva adotada e da intenção discursiva em jogo, tal operação comparativa pode ser expressa (citando-se o ponto de referência, através de uma construção comparativa prototípica) ou não (demais codificações de grau em que se omite o elemento comparante).

Portanto, o conceito de grau fundamenta-se no confronto em relação a uma base referencial (ou noção comparante) via determinados critérios de julgamento. Em outras palavras, o grau se estabelece comparativamente entre noções que são reputadas como semelhantes ou distintas, ainda que essa comparação não se efetive verbalmente (isto é, no caso em que o elemento comparante não venha textualmente explicitado – cf. HOUAISS e VILLAR, 2004, p. 1479).

Tal perspectiva conduz, obrigatoriamente, ao abandono da clássica distinção entre o grau *comparativo* e o *superlativo*, preferindo-se, em lugar disso, a adoção das noções de *comparação explícita* (com o comparante – base da comparação ou ponto de referência – expresso) e *comparação implícita* (estando o comparante apenas pressuposto, o que permite inferir-se a adoção de comparatividade), em concordância com Quirk e Greenbaum (1979, p. 131). Tais fenômenos podem ser demonstrados nos seguintes fragmentos textuais:

• **Comparação explícita:**

- 1- "... cada um procurando ga/ querendo **ganhar mais do que o outro** né..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 43);
- 2- "... cada máscara era **mais horrível do que a outra**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 43);
- 3- "... a situação econômica no Brasil está **pior do que::... do que nunca... nunca esteve tão ruim assim**..." (*Corpus D&G/RJ*, p.11);
- 4- "... mas ô rapaz tímido... tímido demais... **mais tímido do que eu**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 339).

• **Comparação implícita:**

- 1- "... o:: Centro Tecnológico da PUC que:: sempre foi **o maior do... do Rio de Janeiro... um dos maiores do Brasil**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 15);
- 2- "... a sala é **o maior** e **o mais ventilado** cômodo da casa..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 385);
- 3- "... a delegacia de Candelária tá su/ **hiper lotada**... (...) e as celas são... sei lá... **hiper minúsculas**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 381);
- 4- "... tem mês né... que **chove mais**... tem mês que **chove menos**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 81).

Nas amostras do primeiro tipo de comparação – a *explícita* –, vemos o ponto de referência expressamente citado: "o outro" (em 1-), "a outra" (em 2-), "nunca" = "jamais... em qualquer outra época" (em 3-) e "eu" (em 4-). Nas do segundo tipo – a comparação *implícita* –, a identificação do termo comparante é decorrente de um processo inferencial: em 1-, deduz-se que, no Rio de Janeiro e em outros lugares do Brasil, há outros grandes centros tecnológicos; em 2-, podemos pressupor que existem outros cômodos na casa, provavelmente, também espaçosos e ventilados; em 3-, concluímos ou que há outras delegacias ou que a lotação e as celas estão exorbitando em relação a um padrão ou à normalidade conhecido(a); em 4-, inferimos que a quantidade e/ou a intensidade das chuvas baseia(m)-se na comparação de sua ocorrência com outro(s) mês(es) do ano.

(2) *Subcategorização*

A atribuição de grau é um procedimento subcategorizador, no sentido de que, ao graduarmos um dado conteúdo, alteramos seu significado, básico (TAYLOR, 1992, p. 15). Desse modo, deslocamos o conceito graduado para um patamar nocional distinto da "normalidade" semântica com que é convencionalmente tomado, levando-o a ser incluído numa espécie de subcategoria conceitual.

Esclarecendo melhor: se, por exemplo, em vez de *chuva*, menciona-se *chuvisco* ou *toró*, apesar de inter-relacionados semanticamente, cada um desses conceitos se enquadra numa subcategoria distinta da noção mais geral: *cair água das nuvens* (ou *chuva*, simplesmente). No caso de *chuvisco*, trata-se de uma *chuva fina/de pouca intensidade*, e quanto a *toró*, significa *chuva forte/ intensa, em geral, com trovoada*; portanto, nenhum deles – um graduado para menos, e o outro, para mais – encaixa-se rigorosamente no conceito de *chuva* em sua acepção vista como normal. Agora, consideremos como exemplo o caso de alguém, em lugar de dizer *azul*, referir-se a *bem azul* (= um *azul intenso*) ou, em vez disso, *meio azulado* (= *relativamente azul*). É bastante provável que, em nenhuma dessas formas de graduação, esteja propriamente recortando uma outra categoria de cor, mas escalonando a tonalidade da mesma cor e, assim, mantendo-a dentro dos mesmos limites categoriais. Entretanto, de um modo ou de outro, alterou o significado básico de simplesmente *azul* (ou *azul "normal"*) e, dessa maneira, provocou um deslocamento ideacional da categoria para um nível acima ou abaixo do que seria considerado normal. Conseqüentemente, não se trata mais do mesmo tipo convencional de azul exatamente, mas de uma, digamos assim, subclasse conceitual deste. Daí, dizer-se que, ao graduarmos um conceito, movemos a mesma categoria para uma instância conceitual distinta (numa forma de subcategorização), pelo fato de possuir um agregado nocional que lhe imprime um novo matiz semântico, alterando seu conteúdo.

Tal perspectiva reafirma a visão defendida pelo paradigma cognitivo-funcional quanto à não discretude categorial (LAKOFF, 1987; GIVÓN, 1995), no sentido de que as categorias distribuem-se num *continuum* escalar, sendo algum(ns) de seus representantes conceitualizado(s) como pertencente(s) a uma espécie de padrão e outros que se situam em posições conceituais mais fluidas, nocionalmente alteradas, por se afastarem, com certa relatividade, do modelo cognitivo convencional (ou prototípico). O grau, portanto, em razão

de sua natureza semântica escalonável, traduz com bastante propriedade esse fenômeno. Isto porque, ao se atribuir gradualidade – para mais ou para menos – a um dado conteúdo, modifica-se sua acepção básica habitual, instaurando-se uma subcategoria conceitual deste em uma instância além ou aquém de seu significado "puro"/comum.

Esse processo, entretanto, não se dá independente da atitude comparativa. Uma vez que nosso sistema conceitual acha-se fundamentado na categorização, isto é, na capacidade de agrupar/separar os dados adquiridos mediante nossa relação com o mundo biofísico, psicoafetivo e sociocultural, a partir de um conjunto de propriedades – dependentes do modo como as percebemos – que os aproxima ou os afasta, tal procedimento tem como base a confrontação entre entidades conceituais (cf. HEYVAERT, 2003, p. 12). Nesse sentido, comparar e (sub)categorizar são atividades cognitivas inter-relacionadas e imprescindíveis na formação conceitual da gradualidade.

Assim, graduar constitui-se uma operação de (re)definição e (re)alinhamento categorial acerca de uma dada noção, entendida como possuidora de um componente semântico que a distingue de outra(s), em razão de se ter elevado ou reduzido sua concepção nocional. Observemos as amostras a seguir:

- 1- "(...) Com a absolvição de Renan [Calheiros], o **sangramento** pode evoluir para **hemorragia**..." (PETRY, A. Nas mãos do PT. In: *Veja*, 12/09/2007, p. 66);
- 2- "... iam nos bares e mostravam como a noite poderia se tornar... um... a... o seu sábado pode/ o seu **sábado** à noite poderia se tornar num **sábado super**..." (*Corpus D&G/ Natal*, p. 161);
- 3- "... ele estava **errado**... mas o táxi veio cortando pela contramão também... o cara do táxi que estava **mais errado do que ele ainda**... e tanto o policial falou que o cara/ ele tinha chance de ganhar no tribunal..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 10);
- 4- "... e sueca ela é legal porque você **rouba pra caramba**... entendeu? (...) ... quando tem **o maior jogão** na mesa... um ás... um sete..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 11).

No excerto 1-, deixando-se de lado as considerações em torno do recurso à figuratividade em "*sangramento*" e "*hemorragia*", cabe observar a alteração categorial entre esses dois conceitos, em que o segundo é nitidamente intensificado em relação ao primeiro, sendo isso confirmado pelo uso do termo "*evoluir*". Nesse caso, apesar de os dois conceitos pertencerem a uma mesma categoria superordenada – "*derramamento/perda de sangue*" –,

ambos são vistos como distintos e, portanto, colocados em pontos diferentes de sua categoria, uma vez que "*hemorragia*" inclui a idéia de "*abundância*"/"*intensidade*" da perda de sangue, o que não é encontrado em "*sangramento*". Essas ocorrências demonstram que a graduação de um conceito afeta sua identidade nocional, podendo transportá-lo para um outro nível de seu domínio categorial. Na amostra 2-, "*sábado*" é classificado como "*super*" (= *muito agradável/divertido*) com base na saída à noite para se aproveitarem as opções de lazer nos bares e, ao mesmo tempo, em contraste, provavelmente, com outro(s) sábado(s) "normal(is)"/comum(ns), em que não se sai de casa e/ou não se tem diversão. Assim, através do atributo intensivo, o conceito de "*sábado*" como dia normal é redimensionado nocionalmente, transpondo-se para um nível distinto dos demais de sua categoria. No trecho 3-, o atributo "*errado*" (aplicado ao "*cara do táxi*") é incluído numa categoria gradual intensiva ("*mais errado... ainda*"), comparado com o outro motorista, que também "*estava errado*", mas não tanto quanto aquele que, além de estar na contramão, tentou a ultrapassagem. Portanto, o conceito de "*errado*" em relação a este passou por um escalonamento categorial por se encontrar em um nível intensificado e não mais significar a mesma coisa, pura e simplesmente. E tal era o nível de erro do taxista em relação ao do outro, que este poderia "*ganhar no tribunal*". Em 4-, o enquadramento de "*rouba*" na categoria gradual amplificada ("*pra caramba*") torna-se possível em razão de, nesse caso, tal ação vincular-se a um tipo específico de jogo ("*sueca*") que facilita esse comportamento. Isso sugere, ainda, que, em outros tipos de jogo, provavelmente, também se pode roubar, porém, talvez nem tanto quanto nesse, o que justifica o conceito do roubo na sueca, mais recorrente e intenso, ser realinhado categorialmente em outro patamar. Ainda com respeito ao exemplo 4-, a categorização de "*jogo*" em termos amplificados ("*o maior jogão*") reside no fato de esse conceito associar-se ao contexto de haver na mesa cartas extremamente valorizadas ("*um ás*" e "*um sete*"), contrastando-o com outro(s) não (tão) entusiasmante(s), em que não haja cartas de valor tão expressivo.

O fenômeno da subcategorização emergente da atribuição de grau torna-se ainda mais evidente nos casos em que ocorre reformulação textual, através da qual o falante propõe a re colocação do estado de coisas referido em outro patamar conceitual mais adequado ao que deseja significar, ou quando uma determinada categoria é apresentada num *continuum* gradiente, revelando níveis nocionais diversos entre si. Vejamos isso nas ocorrências que seguem:

- 5- "*O trânsito* não estava *ruim* estava *péssimo*." (In: FIORIN, 2002, p. 167);
- 6- "Os Cassetas agora em *longa-metragem* (aliás, *enorme, imensa, avantajada metragem*)."
(In: *Veja*, 26/11/2003, p. 161);
- 7- "Vai levar a *garantidona*, a *garantidaça* ou a *garantidésima*?
Linha de Tvs Lumina. O máximo em tecnologia, o mínimo em consumo de energia." (In:
Veja, 01/08/2001);
- 8- "... é uma *invenção caipira* do *caipiríssimo José Aparecido de Oliveira*, por sua vez
cupincha do *caipirésimo Itamar Franco*..." (SABINO, M. Jecocentrismo globalizado. In:
Veja, 24/07/1996).

Por essas amostras, ratifica-se a hipótese do deslocamento/reposicionamento conceitual de uma dada categoria. Note-se que, no caso 5-, "*ruim*" não traduz com exatidão a baixa qualidade do "*trânsito*", necessitando ser este redefinido como "*péssimo*", o que o coloca em outro nível de conceitualização, ainda que, em ambos, haja a idéia de algo "não bom/satisfatório". O mesmo ocorre na amostra 6- em relação a "*metragem*", cujo atributo ("*longa*") não é considerado suficiente para classificá-la, sendo então reformulado para o exagero intensivo "*enorme, imensa, avantajada*". Isso resulta numa espécie de reclassificação do referente, que passa a ser focalizado como se encontrando num ponto mais alto da escala categorial. No caso 7-, temos nitidamente três diferentes subcategorias de "*Tvs*", significadas nas formas graduais distintas de apresentação de cada tipo: a "*garantidona*", a "*garantidaça*" e a "*garantidésima*". Quanto ao fragmento 8-, além da diferença referencial entre "*invenção*", "*José Aparecido de Oliveira*" e "*Itamar Franco*", há também diversidade no nível do atributo aplicado a cada um destes, respectivamente: "*caipira*" < "*caipiríssimo*" < "*caipirésimo*", levando-nos a ver esse conceito distribuído em três pontos escalares distintos de sua noção semântica, ou seja, com matizes conceituais diversos, estando, assim, subcategorizado em termos graduais.

(3) *Perspectivização*

Refere-se ao modo como o grau é conceitualizado e focalizado (TAYLOR, 1992, p. 90; TOMASELLO, 1999, p. 153-155; MARTELOTTA e PALOMANES, 2008, p. 184). Significa que o nosso ponto de vista sobre os fatos e a maneira como pretendemos apresentá-lo ao

nosso interlocutor – isso, obviamente, orientado por outras circunstâncias – são um dos fatores que determinam a conceitualização do grau. Sendo assim, o conteúdo graduado reflete, em certa medida, um ponto de vista imposto sobre um determinado evento ou situação.

Tal constatação frustra qualquer tentativa em se encontrar relação direta entre a atribuição de grau a um dado conceito e a realidade, o que aponta, necessariamente, para a não paridade entre esse procedimento e o exato estado de coisas existente no mundo objetivo. Isso se confirma, por exemplo, no fato de uma dada noção ser, em geral, concebida como, aparentemente, não passível de graduação, e, no entanto, contrariando essa expectativa, em determinado contexto, encontrar-se graduada. Uma amostra disso é o que vemos em:

1- "*Na Argentina, para se assumir que é gay, hay que ser muy macho*" (*Época*, s.n.t.).

O conceito de "*macho*", em termos lógicos, relaciona-se à noção semântica de complementaridade (*macho/fêmea*), isto é, à presença ou ausência da propriedade, não admitindo, portanto, alteração gradual. Ocorre que, ainda que nosso sistema conceitual seja dependente das experiências que temos com a realidade individual e/ou ambiental, não se obriga – nem poderia, dadas tantas limitações e interferências – a refleti-la precisa e absolutamente; ao contrário, molda-se ao sabor de determinadas circunstâncias, alterando-a, conseqüentemente, conforme certas necessidades e conveniências. É por isso que, sob uma ótica contextualmente motivada, a propriedade de *ser macho* pode ser conceitualizada como gradiente ("*muy macho*", que, aí, inclui as noções de *coragem* e *ousadia*). Veja-se mais este trecho:

2- "... e foi-se embora... deixou a pequenininha **bem:: lá no fundo do mar...**" (*Corpus D&G/Natal*, p. 428).

Sabemos, pela nossa experiência com a realidade, que, se algo se encontra no fundo de um recipiente, é porque, provavelmente, chegou ao limite máximo/no ponto mais baixo da base deste; desse modo, não tem como estar *muito/mais no fundo*. No entanto, pelo que se percebe nesse trecho quanto ao modo como a noção de "*no fundo*" foi perspectivizada ("*bem::... no fundo*"), abre-se a possibilidade de concebê-la como suscetível à graduação para mais. Assim, a marca intensiva aplicada ("*bem::*"), exprime o excessivo nível de profundidade em que "*a pequenininha*" foi deixada, segundo a concepção do locutor. O mesmo se dá no caso que segue:

3- "FOME ZERO, NÃO, **ZERÍSSIMO**"

A federação Internacional dos Comedores Competitivos (sim, existe uma) promove 100 competições por ano nas quais se disputa quem come mais em menos tempo..." (In: *Veja*. 15/06/2005, p. 48).

No título do texto, retoma-se o nome daquele programa do governo Lula, o "Fome Zero", que pretendia extinguir a fome no Brasil, levando, ao menos, uma cesta básica para pessoas extremamente necessitadas. Portanto, a idéia em *fome zero*, do ponto de vista lógico, é a *ausência absoluta de fome*. Nesse sentido, tal conceito prescinde de qualquer acréscimo nocional, de modo que sua intensificação soaria implausível. Entretanto, como o conteúdo da reportagem gira em torno da competição entre comilões (*i.e.*, pessoas que comem demasiadamente, não para matar a fome, mas para disputar um prêmio), a conceitualização de *zero* como se fosse algo muito além disso ("*zeríssimo*") tem sua coerência assegurada.

A mesma observação pode ser válida para a noção de *vazio/cheio*. Quer dizer, se alguém diz que algo está *vazio* (ou *seco*), então, logicamente, concebe-se que este se encontra no ponto zero de preenchimento; de modo contrário, se ouvimos dizer que alguma coisa está *cheia*, supomos que esteja em seu nível máximo de ocupação. Vistos assim, parecem ser conceitos que se definem em termos de *tudo ou nada*. Todavia, não são incomuns expressões como "*muito vazio*" ou "*bem cheio*", por exemplo, explicadas no fato de tais noções poderem ser conceitualizadas sob uma ótica que lhes atribui gradualidade.

Em vista disso, podemos admitir que a atribuição de grau deve-se, em parte, à perspectiva adotada (subjativa ou convencionalizada a partir de parâmetros fixados socio-culturalmente) quanto à maneira como se conceitualiza e se enfoca um dado fenômeno ou situação, o que resulta em não correspondência exata com os fatos em si no mundo.

(4) Abstratização

Apesar de esse ponto ser foco de interesse especial no capítulo seguinte, em que examino os processos de abstratização exclusivamente quanto ao grau intensivo, por enquanto, vale esclarecer que tal noção diz respeito à transferência semântica que se opera entre domínios conceituais, através de processos metafóricos e/ou metonímicos. Contudo, esses mecanismos parecem ser restritos apenas à conceitualização dos graus intensivo e

hierárquico, não se aplicando, portanto, ao grau dimensivo nem ao quantitativo⁶⁰. Isto, muito provavelmente, pelo fato de estas últimas categorias de grau incidirem conceitualmente sobre noções extensivas a conteúdos vistos como mais "concretos".

É tanto que conceitualizações graduais como *grande* em "*sala grande*" (grau dimensivo) ou *muito* em "*muito dinheiro*" (grau quantitativo), por exemplo, são tomadas como mais "reais"/"denotativas", em razão de poderem ser menos ou mais sensorialmente apreendidas. Já quanto a essas mesmas noções em "*grande decepção*" e "*muito feliz*", respectivamente, não se pode dizer o mesmo, uma vez que se relacionam a conceitos entendidos como situados num plano abstrato.

É, portanto, nessa medida, que podemos afirmar ter ocorrido casos de projeção conceitual. Significa que conceitos designativos de noções tidas como "concretas" são transpostos, em inúmeros casos, via operações metafórica e/ou metonímica, para o domínio de pura abstração. Evidencio a correspondência metafórica com o que segue, em relação ao conceito de *alto*:

- 1- "... mas à frente teria *uma mata densa... bem mais **alta**... uma floresta...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 122);
- 2- "... eu ouvia um... nitidamente *um PSIU né... bem **alto** assim...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 123);
- 3- "... é a única maneira que a justiça tem para livrar a nação de bandidos de ***alta periculosidade...***" (*Corpus D&G/Natal*, p. 387);
- 4- "... então é... *o ponto mais **alto** dessa viagem... foi Esteios...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 23).

Vemos, na informação 1-, que o grau dimensivo em "*alta*" inscreve-se num domínio conceitual mais "concreto", visto exprimir uma propriedade atribuída a uma entidade cuja concepção é interpretada como tangível (a "*mata*"), podendo, assim, ser perceptualmente mensurada (a altura das árvores). Porém, nos três últimos trechos, percebemos que a noção de "*alto*" projetou-se para o domínio conceitual abstrato: em 2-, refere-se à intensidade sonora do "*PSIU*" (neste caso, o grau intensivo), ainda que esse som possa ser classificado como concretamente perceptível; no caso 3-, também se relaciona à intensidade do referente mencionado ("*periculosidade*"), significando, relativamente, "*perigosíssimos*"; no trecho 4-,

⁶⁰ Essas categorias do grau são explicitadas logo adiante, neste mesmo capítulo.

vincula-se a um conceito hierárquico cujo significado é, mais ou menos, equivalente a "*mais interessante*"/"*o melhor*"/"*de maior valor*", que incide sobre "*ponto*". Tal projeção se deve pelo fato de "*alto*" possuir em seu conteúdo básico as noções semânticas de *grandeza* (i.e., *tamanho extenso em termos verticais*), *volume quantitativo considerável*, *posição/nível acima do normal*, *superioridade* e similares, o que torna possível sua projeção nos conceitos de *intensidade sonora avantajada* (exemplo 2-), de algo em *nível elevado/excessivo* (a *periculosidade*, na amostra 3-) ou com a noção de *importância máxima/valor supremo* (fragmento 3-). Sendo assim, são exemplares de transferência conceitual metafórica, o que permite formular, preliminarmente, o esquema conceitual INTENSIDADE É EXTENSÃO/ POSIÇÃO VERTICAL, decorrente, creio, de um outro esquema cognitivo ainda mais básico: INTENSIDADE É QUANTIDADE (cf. LAKOFF, 1987, p. 276-277; TAYLOR, 1992, p. 136-137). Agora vejamos estas evidências da conceitualização metonímico-metafórica do grau em relação aos conceitos de *morrer* e de *dor*, respectivamente:

5- "... os velhos estão **morrendo**... assim... assim... está morrendo por quê? muitos deles ficam em fila de aposentado..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 6);

6- "... aí ele puxou a irmã dela... a irmã dela **morrendo de medo**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 42);

7- "... havia um ferro de passar roupa usado a [*sic*] poucos instantes e logo quente ainda, sentei-me sobre ele e foi um [*sic*] **dor** enorme." (*Corpus D&G/RJ*, p. 48);

8- "... aí chegou esse cara com outro cara... **feio que dói**..." (*Corpus D&G/RG*, p. 5).

Observe-se que, no caso 5-, "*morrendo*" significa "*deixar de viver*"/"*falecer*", portanto, em acepção denotativamente biofísica, mais "concreta". Já em 6-, "*morrendo*" é utilizado como elemento intensificador/hiperbólico de "*medo*" (desse modo, mais ou menos equivalente a "*com medo excessivo*"), estando, assim, em sentido figurado e abstrato. Quanto ao trecho 7-, "*dor*" aponta conceitualmente para a experiência física de sofrimento, causado por algum agente agressor (no caso, o ferro quente), o que a coloca no âmbito da "concretude". Porém em 8-, "*que dói*" possui caráter intensivo atribuído a "*feio*" (quer dizer, relativamente igual a "*feio demais*"). Em ambos os casos (6- e 8-), a abstratização emerge da contigüidade semântica entre causa e efeito. Explicando melhor: tanto a morte quanto a dor são experiências biofísicas negativas, resultantes de algum fator causal suficientemente agressivo/forte para provocá-las. Sendo assim, em ambos os casos, é como se os falantes dissessem, respectivamente: "*O medo era tanto/tão intenso que estava levando à morte*" (em

6-) e "era tão feio que chegava a/fazia doer" (em 8-). Entretanto, por um processo de reanálise, os respectivos conceitos de intensidade foram expressos em termos resultativos ("morrendo"; "que dói"), numa substituição metonímica da causa (intensidade do "medo"; intensidade do "feio", respectivamente). Quer dizer, em vez de serem utilizados os próprios termos intensivos (*tanto/tão*), estes foram omitidos e substituídos pelos que exprimem o efeito da intensidade causativa, assumindo tal noção. Vejamos isso melhor esboçado no quadro a seguir:

Quadro esquemático sobre o processo de reanálise/metonímia na intensificação (Q5)

conceitualização subjacente	conceitualização metonímica
<i>Estava morrendo</i> (efeito) <i>de tanto</i> (causa intensiva) <i>medo</i> (estado) ⇔	<i>morrendo</i> (conceito intensivo) <i>de medo</i> (estado)
<i>É tão</i> (causa intensiva) <i>feio</i> (atributo) <i>que dói</i> (efeito) ⇔	<i>feio</i> (atributo) <i>que dói</i> (conceito intensivo)

Quadro 5

Deve-se observar, ainda, que os conceitos de *morte* e *dor*, nesses casos, são abstratizações de caráter hiperbólico. Na verdade, o medo não estava levando, de fato, o experienciador à morte; nem a feiúra causava dor física ou emotiva de natureza real.

Um outro ponto a se considerar sobre isso é que tais exemplos parecem, também, ser casos de projeção metafórica. Explico: como a morte e a dor são experiências duras/cruéis e que se impõem sobre nós de forma impactante e irresistível, tais conceitualizações, de base física, projetam-se, metaforicamente, para exprimir a noção abstrata de intensidade.

Embora limitadas, essas amostras textuais sinalizam que a formação nocional dos tipos de graduação como a intensiva e a hierárquica, mais especificamente, podem ser projeções conceituais de um domínio (o "concreto") para outro (o abstrato). Nesse trânsito, colaboram mecanismos de natureza metafórica e/ou metonímica, operados, respectivamente, por algum mapeamento conceitual entre um domínio e outro e por contigüidade semântica.

1.1.2. Caracterização tipológica do grau

Aqui, pretendo traçar um perfil panorâmico das categorias do grau, conforme este é concebido neste trabalho, em relativa aproximação com as propostas de Quirk e Greenbaum (1979, p. 214-219) e de Gonçalves (2007, p. 149-151). Tal categorização inclui, de uma maneira geral, os graus *dimensivo*, *quantitativo*, *intensivo* e *hierárquico*, por entendê-los como tipos distintos de atribuição desse conceito a referências diversas, embora, em muitos contextos, possam vir mesclados. Passo, então, a esclarecer essa tipologia de acordo com o que segue (cf. HOUAISS e VILLAR, 2004, p. 1479):

a) O grau *dimensivo*

Refere-se ao escalonamento, em nível aumentado ou diminuído, do tamanho, estatura ou proporção/extensão física de uma dada entidade (ser ou coisa)⁶¹.

- 1- "... caí deitado no colo do **negrão** atrás de mim..." (*Corpus D&G/RG*, p. 2);
- 2- "... tem... um **barzinho**... do lado (...) eh... tem um **telão**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 45);
- 3- "... uma **cicatriz** muito **grossa** na texta..." (*Corpus D&G/RG*, p. 20);
- 4- "... mais adiante vamos ver umas **pedras grandes** que vem escorrendo **águas** bem **finas**, **rios** bem **largos** com **pedrinhas** de várias cores..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 76);
- 5- "... Se homem gosta de **bumbum grande** e **seios fartos**, por que a gente não pode gostar de **volumes generosos** também?..." (AVERBUCK, C. In: *Superinteressante*. jun., 2002, p. 118).

Em todos esses casos, percebemos a referência à dimensão física das entidades mencionadas quanto ao tamanho aumentativo (em 1-, "negrão"; em 2-, "telão"; em 4-, "grandes"; em 5-, "grande", "fartos" e "generosos", este significando, mais ou menos, "de dimensões avantajadas") e diminutivo ("barzinho" em 2- e "pedrinhas" em 4-) e ao diâmetro/largura graduados para mais ("grossa" em 3-, "finas" e "largos" em 4-).

⁶¹ Estou ampliando aqui a concepção do grau dimensivo proposta em Gonçalves, que a limitou apenas à idéia de tamanho. No meu entender, tal noção deve incorporar, também, os conceitos de estatura, espessura, largura e demais outras que se vinculam à idéia de proporção física, uma vez que todas elas são passíveis de gradência dimensiva.

b) O grau *intensivo* (ou *intensificação*)

Grosso modo, tem a ver com o incremento semântico aplicado a um(a) determinado(a) conteúdo/noção para além de sua concepção normal ou já graduada. Assim, temos manifestação da intensidade do grau, caracterizada pelo reforço escalar, de direção para mais ou para menos, atribuído a um dado conceito.

- 1- "... ela ***muito branca***, tipo europeu e eles, dois ***negões enormes...***" (*Corpus D&G/ RJ*, p. 32);
- 2- "... é um lugar ***super restrito... super reservado... bem meu mesmo...***" (*Corpus D&G/RJ*, p. 39);
- 3- "... começou a ***chover muito***, tipo ***temporal mesmo...***" (*Corpus D&G/RJ*, p. 43);
- 4- "... olhou para ele e ***bem alto berrou***: Esta [*sic*] amarrado em nome de Jesus!..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 43);
- 5- "Veja como o satélite [Lua] vai se afastando da Terra, ***devagarinho, devagarinho***. (VENTUROLI, T. In: *Superinteressante*. out., 1998, p. 88).

Note-se que, em 1-, temos, respectivamente, intensificação da cor ("*muito branca*", "*negões*") e do tamanho ("*negões enormes*"); em 2-, intensifica-se o grau de reserva/intimidade do lugar ("*super restrito... super reservado... bem meu mesmo*"); em 3-, exagera-se a intensidade da chuva ("*chover muito... temporal mesmo*"); em 4-, reforça-se o volume sonoro da voz ("*bem alto berrou*"); e em 5-, reforça-se a noção intensiva para menos de *devagar*, tanto pelo acréscimo do sufixo "*-inho*", como pela repetição do item lexical ("*devagarinho, devagarinho*").

c) O grau *quantitativo*

Vincula-se, especificamente, à quantificação indefinida de referentes ou noções contáveis/mensuráveis, para mais ou para menos.

- 1- "... num tem lugar aqui no Brasil para ***tanto preso...***" (*Corpus D&G/Natal*, p. 380);
- 2- "... aí... ***aquele mundaréu de gente*** na minha frente... né?... " (*Corpus D&G/RG*, p. 4);
- 3- "... parece que ficaram conversando um ***tempão...***" (*Corpus D&G/RJ*, p. 8);
- 4- "... e bota um ***pouquinho de sal...***" (*Corpus D&G/RG*, p. 28);
- 5- "Cine trash

SANGUE, SANGUE, SANGUE

Filmes *abusam de tortura e assassinatos*." (In: *Galileu*. jun., 2006, p. 25).

Por esses casos apresentados, podemos constatar a ocorrência desse tipo de noção gradual, evidentemente distinto dos demais. Em todos eles, vemos a menção a quantidades indefinidas passíveis de escalonamento aumentativo (em 1-, "*tanto* preso"; em 2-, "*aquele mundaréu* de gente" = "gente em *demasia*"; em 3-, "*tempão*" = "*bastante* tempo"; em 5-, temos, respectivamente, "*sangue, sangue, sangue*" = "*muito* sangue" e "*abusam de tortura e assassinatos*", significando que há torturas e assassinatos em quantidade exagerada) ou diminutivo ("*pouquinho* de sal", em 4-).

d) O grau hierárquico

É denotado através da referência à posição de uma dada entidade ou estado de coisas, considerado(a) como possuidor(a) de *status*/condição superior ou inferior, numa escala de valores.

- 1- "... gente de ***alto nível***..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 45);
- 2- "... você tem que acreditar que existe um ser ***superior***..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 63);
- 3- "... isso além de ficarem em condições ***sub-humanas***..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 381);
- 4- "... ela ***a maior*** jornalista do mundo..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 414);
- 5- "... É uma trajetória fulminante e devastadora, que credencia o atual escândalo a figurar entre os grandes rombos da história recente... Rivaliza até com ***o pai de todos os escândalos***, aquele que derrubou Collor..." (CABRAL, O. In: *Veja*. 13/07/2005, p. 70).

Por essas evidências, podemos constatar a atribuição de hierarquia (que, por si só, já pressupõe a idéia de nivelamento superior ou inferior) entre determinadas entidades ou noções conceituais: em 1-, "*alto nível*" coloca a "gente" referida em posição acima de outro(s) tipo(s) de gente; em 2-, o mesmo ocorre em relação a "*ser*", que é reputado como estando hierarquicamente acima ("*superior*") dos demais; em 3-, o prefixo "*sub-*" inferioriza o conceito de humanidade, vista aí em situação abaixo do normal; em 4- e 5-, "*jornalista*" e *o escândalo que derrubou Collor* são alçados à posição máxima ("*a maior*" e "*o pai de todos os escândalos*", respectivamente) em relação aos outros membros de suas categorias.

1.1.3. A escalaridade das noções graduáveis

Dada essa tipologia do grau, deve-se observar, além disso, que tais categorias podem ser escalonadas em diferentes níveis/matizes de gradiência, os quais refletem não apenas a natureza de sua conceitualização, mas também determinados propósitos discursivo-pragmáticos. Nesse sentido, o grau é concebido em termos escalares, podendo estender-se, mais ou menos, dentro do seguinte *continuum*:

- **o nível zero ou neutro**: representado por noções em sua acepção básica e com ausência absoluta de (*i.e.*, não suscetíveis a) qualquer traço de escalonamento (amostras disso seriam, por exemplo, *cognição, militar, existir, lateral, hoje* etc.);
- **o nível mínimo**: designa uma propriedade situada no ponto mais baixo da escala (tais como *ínfimo, o mínimo/menos possível, o menor de todos* etc.);
- **o nível diminutivo ou reduzido**: conceitualiza eventos e/ou situações em direção escalar decrescente (por exemplo, *menor, baixo, menos, sub-, pequeno, -inho, pouquíssimo*, entre outros);
- **o nível atenuante**: aponta para uma espécie de amenização/suavização de um conteúdo cuja noção deve ser vista como não muito aumentada/intensa (exemplares: *não muito, nem tanto, não tão...quanto, não... demais* e equivalentes);
- **o nível aproximativo**: vincula-se à idéia de avizinhamo ou incompletude da situação designada, num nível não precisamente delimitado (como, por exemplo, *quase, mais ou menos, relativamente, aproximadamente, praticamente* e similares);
- **o nível normal ou médio**: denota conceitos passíveis de escalonamento gradual, porém focalizados como em estado padrão ou num ponto de equilíbrio (entre os muitos casos, cito *tranqüilidade, caminhar, moderado, conscientemente*, por exemplo);
- **o nível enfático**: refere-se à reafirmação/corroboração de um conteúdo aparentemente já completo e preciso (amostras: *não... de jeito/modo nenhum, simplesmente, literalmente, exatamente, definitivamente* e outros);
- **o nível aumentativo ou amplificado**: tem a ver com a conceitualização de ocorrências e/ ou estados de coisas em perspectiva de escalonamento ascendente (por exemplo, *grande, muito, bastante, mais, tão, demasiadamente, -ão, -íssimo, -aria, super(-), mega-, forte* e assim por diante);

- o nível *máximo*: descreve uma situação em seu ponto mais elevado, isto é, no ponto extremo da escala em sentido ascendente (entre os representantes disso, temos *ao máximo*, *ao extremo*, *o mais... possível*, *o maior*, *supremo* etc.).

Vale esclarecer que, entre uma instância e outra ou até mesmo dentro de uma mesma instância dessa escala, pode haver variação de gradiência não precisamente delimitável (conforme já brevemente comentado nas p. 55 e 56 deste trabalho). Assim, formas consideradas, nos compêndios tradicionais, como nocionalmente similares, diferenciam-se nitidamente quando confrontadas em certos contextos de uso, como é o caso, por exemplo, dos sufixos *-íssimo* e *-érrimo* em "... vestidos de *soleníssimas* sobrecasacas e com *solenérrimos* tubos de chaminés reluzentes nas cabeças..." (LOBATO, M. In: BARROS, 1985, p. 191), onde se percebe a escala ascendente do grau intensivo entre "*soleníssimos*" e "*solenérrimas*", sugerindo a idéia de que este último referente é *bem mais solene* do que aquele; ou, do mesmo modo, em "... é uma invenção caipira do *caipiríssimo* José Aparecido de Oliveira, por sua vez cupincha do *caipirésimo* Itamar Franco..." (SABINO, M. In: *Veja*, 24/07/1996), onde o sufixo *-ésimo* sinaliza maior ênfase intensiva do que *-íssimo* em relação ao adjetivo *caipira*. Também é o caso dos prefixos *super-* e *hiper-* em "*Superocupada*, mas *hiperconectada* com os filhos" (ZAIDAN, P. In: *Cláudia*. jun., 2004, p. 82), que revelam igual gradação/ascendência conceitual entre um e outro (ou seja, o segundo – "*hiperconectada*" – é focalizado como sendo mais intenso do que o anterior – "*superocupada*"). O mesmo se dá entre as formas sintética e analítica, convencionalmente tratadas como representando, tão somente, diferenças estilísticas, mas possuindo paridade semântica. Entretanto, esta amostra "*Péssimo* – *Muito Ruim* – Fraco – Regular – Bom – *Muito Bom* – *Ótimo*", coletada em uma ficha de avaliação das tarefas de uma gincana cultural entre os alunos de uma escola pública (Parnamirim/RN, jun., 2006), parece contradizer tal visão, uma vez que, entre "*péssimo*"/"*muito ruim*" e "*muito bom*"/"*ótimo*", respectivamente, há incontestável hierarquia conceitual.

Ainda um outro ponto de destaque é que, no caso da conceitualização dos antônimos graduáveis, cuja escalaridade parte do pólo nocional negativo para o positivo (ou vice-versa), devem ser observadas as diferenças entre os tipos de escalas (propostos por CROFT e CRUISE, 2004, p. 170-171 e já apresentados anteriormente no início deste capítulo) que graduum esses conceitos.

No quadro demonstrativo que segue, tento esboçar o que proponho sobre a caracterização do grau. Cabe frisar, no entanto, que tal esboço em nada se pretende definitivo ou dogmático, estando, portanto, sujeito a possíveis ajustes e aperfeiçoamento. Isto, sobretudo, porque, conforme já observado, a atribuição de gradualidade é contextualmente dependente, abarcando um vasto espectro de noções extremamente distintas entre si e nem sempre encaixáveis nos mesmos parâmetros de aferição.

Quadro resumitivo sobre a caracterização tipológica do grau (Q6)

Escalaridade	Categorias			
	Dimensivo	Quantitativo	Intensivo	Hierárquico
Máxima	(a) o máximo, o maior, (o...) todo, o... inteiro, Ex.: o maior prédio,	o mais, o principal, ao extremo, completamente, absolutamente, o máximo de tempo, arquí-rival	supremo, tanto quanto possível, totalmente, plenamente, inteiramente, o mais querido, chefe supremo.	top-, um completo, um perfeito etc. completamente nu.
Aumentativa/ Amplificada Direção para +	grande, alto, longo, extenso, comprido, largo, grosso, espesso, gordo, profundo, -ão, -aço, -arra, -udo etc. Ex.: sala grande, prédio alto, caminho longo, fila extensa, perna grossa, lago profundo, casarão, bocarra, barrigudo.	muito(s), bastante(s), vários, mais, demais, tanto(s), farto, um monte de, uma porção de, diversos, em abundância, -aria, -eiro, -ada etc. Ex.: muita gente, comida farta, longo período, mais tempo, tantos animais, boataria, aguaceiro, papelada.	muito, mais, tão, tanto, demais, bastante, forte, pesado, alto, grande, imenso, enorme, sobre-, super(-), hiper-, ultra-, -ão, -imo, -íssimo, -érrimo, -ésimo, -aço, -ada, -udo, -aria, -eiro, -oso, -dor, -aréu, mega-, demasiado, gigantesco, extremamente excessivo, exorbitante etc. Ex.: muita dor, tão longe, mais amizade, quente demais, superlotar, hiper-resistente, ultraconservador, belíssima, ricaço, bonitão, bem espaçoso, linguarudo, fofoqueiro, quantidade gigantesca, extremamente aborrecido.	alto, acima de, elevado, superior, sobre- etc. Ex.: alto comando, nível elevado, ser superior, acima de tudo,
Enfática	definitivamente, um Ex.: realmente cheio,	verdadeiro, em hipótese alguma, não vou de jeito nenhum	de jeito nenhum, simplesmente,	literalmente, realmente etc
Normal/ Média	tamanho, altura ou proporção/extensão considerado(a) mediano(a).	quantidade ou duração considerada normal/suficiente.	noção básica do evento ou do estado de coisa.	nível ou status/posição considerado(a) mediano(a).
Aproximativa	aproximadamente, Ex.: quase caiu,	mais ou menos, cerca de, meio, mais ou menos frio,	relativamente, praticamente, , quase, uns, um pouco praticamente cego, uns 10km meio acordado.	
Atenuante	não... muito, menos, Ex.: pouco explorado,	não... demais, pouco, menos importante,	não... tão, não/nem... tanto etc. não conheço muito bem, não tão bobo quanto parece.	
Diminutiva/ Reduzida Direção para -	pequeno, baixo, curto, estreito, fino, magro, mini-, -inho, -ito, -ete, -eta, -ote, -ola etc. Ex.: boca pequena, prédio baixo, saleta, cabelo curto, palito, minissaia, casinha, caixote, bandeirola.	pouco, escasso, menos, breve, curto, -inho etc. Ex.: pouca água, comida escassa, menos caloria, período curto, tempinho.	bem/muito menos/pouco, menor, -inho etc. Ex.: muito pequeno, bem cedo, devagarinho, mais baixo.	abaixo de, inferior, sub-, infra-. Ex.: abaixo do tolerável, condição inferior, subnutrido.
Mínima	o mínimo, o menor,	o menos, ínfimo		
Zero/Neutra Ausência da propriedade	noção considerada em seu estado puro, isto é, básico e impossível de ser alterado.			

Quadro 6

Cabe, ainda, por último, examinar o grau, considerando-se também os seguintes pontos aqui defendidos:

1 - desvinculação do grau das categorias lingüísticas com as quais se articula (cf. CROFT, 1991, p. 101; CROFT e CRUISE, 2004, p. 168). Um dos problemas no tratamento do grau feito até então reside no fato de este ser diretamente relacionado às classes lexicais (substantivo, adjetivo, advérbio e, mais raramente, verbo). Desse modo, desloca-se esse fenômeno dos domínios da cognição e da interação discursiva para reduzi-lo a uma questão de mera expressão verbal com suas características "semânticas" e formais definidas *a priori*. Nessa perspectiva, o que se gradua não é propriamente um dado conteúdo conceitual, mas uma categoria lingüística (cf. DUBOIS et al., 1998, p. 319).

Portanto, afastando-me desse enfoque, proponho separar, ao menos em termos parciais, a atribuição de grau da embalagem lingüística que efetivamente a representa. Isto porque existe farta evidência de expressões graduadas nas quais se utiliza uma classe lexical (substantivo, por exemplo), porém isso reside apenas na aparência das palavras, pois, na verdade, o que se gradua é a noção que está por trás da classe lexical que a atualiza. Tanto é que tal expressão poderia ser codificada através de outra construção verbal. Visto assim, o grau não é do substantivo ou de qualquer outra categoria lingüística, mas de uma dada noção conceitual, que pode ser verbalizada por algum recurso formal dependente de determinadas motivações. Vamos às evidências:

- 1- "... aí a situação é **muito comédia**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 22);
- 2- "... [o quarto] É **bem minha cara, mesmo**." (*Corpus D&G/RJ*, p. 44);
- 3- "... um homem comum assim... **bem povão** a forma dele se trajar..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 109);
- 4- "... os striptismos masculinos né? eu achei **barríssimo**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 62).

Como se pode ver nesses trechos, apesar de termos, aparentemente, intensificação de substantivos ("*comédia*", "*cara*", "*povo*", "*barra*"), não é exatamente a classe lexical que está sendo graduada, mas a conceitualização subjacente em cada uma dessas palavras. Assim, em 1-, "*comédia*" equivale mais ou menos a "*engraçada*"/"*hilariante*"; em 2-, "*minha cara*" quer dizer "*parecido comigo*"; em 3-, "*povo*" significa, provavelmente, "*simples*"/"*popular*"; e "*barra*" é relativamente similar a "*chocante*". Portanto, o que é realmente graduado nesses

casos não são entidades referenciais substantivas, mas atributos (mais freqüentemente codificados através da categoria adjetivo), que, nesses exemplos, aparecem substantivados.

Mais surpreendente, ainda – e inovadoras –, são as amostras a seguir, em que substantivos aparecem intensificados com marcas próprias dos sufixos adjetivais e associados a conceitos que, em termos lógicos, não admitem alteração intensiva. Na verdade, através deles, o que o locutor deseja é enaltecer/supervalorizar as pessoas mesmas e suas respectivas qualidades, e não os nomes em si:

5- "... *Betíssima Almeida*, linda! Linda! Linda!... (...)

Henrique Fonseca e *Terezérria*,... (...)

Fazendo caras, bocas – todo boa gente, o *deputadézimo-secretário* Iberê Ferreira de Souza." (SABOYA, C. de. In: *Diário de Natal*. 09/10/2004, p. 1).

Por outro lado, cabe observar que existe uma tendência em estabelecer certa relação entre o que se quer graduar e a classe lexical a que tal noção se vincula. Dito de outro modo: os falantes, ao graduar uma certa noção, tendem a "optar", convencionalmente, por determinada categoria lingüística. Nesse sentido, por exemplo, o grau dimensivo relaciona-se mais diretamente a substantivos que descrevem referentes percebidos como possuidores de dimensões físicas, como tamanho, extensão, altura, profundidade, diâmetro, largura etc. Porém, não é a classe lexical que designa o referente (o substantivo) e nem mesmo a classe lexical que designa a propriedade atribuída ao referente (o adjetivo) que são graduados, mas a conceitualização do estado de coisas envolvido na situação descrita lingüisticamente.⁶²

Pela ótica prevalente nos estudos do grau, um caso como "... tem *árvores altíssimas*... (...) *árvores enormes assim... gigantes... grandes mesmo*..." (*Corpus D&G/ Natal*, p. 123-124), provavelmente, seria analisado de duas formas distintas: uma consideraria o grau do adjetivo "*altíssimas*" (superlativo absoluto sintético); a outra levaria em conta o grau do substantivo "*árvores enormes/grandes*" (grau aumentativo analítico). No entanto,

⁶² Sobre isso, deve-se admitir, em contrapartida, que a categoria lingüística parece impor certas restrições, no sentido de selecionar determinadas formas de expressão intensiva que podem ou não acompanhar tal categoria. Uma evidência disso, por exemplo, é o fato de *o(a) maior e aquele* só ocorrer com substantivos. Por outro lado, formas que são mais restritas a uma dada categoria, podem, às vezes, ser aplicáveis a outra(s), como o que se vê em "Pô, o cara tá *malzão*, tá *caidaço mesmo*..." (diálogo de um personagem da série *Malhação*, da Rede Globo. jul., 2008), em que o sufixo *-ão*, de uso mais convencional com substantivos e, em outros casos, com adjetivos, aparece aí intensificando um advérbio (embora isso se explique por este encontrar-se em função predicativa).

mesmo um olhar superficial perceberá que temos a descrição de apenas um estado de coisas: o tamanho das árvores, aqui misturado ao conceito de altura extensional, já que este é decorrente daquele em virtude da posição vertical do objeto descrito. Do mesmo modo, expressões como em "... 'ah... me dá um::... *um trocadinho* pra mim comprar uma coisa...' (...) negar um pedaço de pão pra uma criança... *um dinheirinho* pra eles comprarem alguma coisa pra comer... " (*Corpus D&G/RG*, p. 27) seriam interpretadas como revelações do grau diminutivo sintético. Contudo, dá para ver claramente que o sufixo *-inho* aplicado a ambos os substantivos (*trocado* e *dinheiro*) não alude à pequena dimensão física desses referentes, e sim à *baixa/pouca quantidade de seu valor monetário*. Portanto, são amostras do grau quantitativo em nível escalar diminuído.

Em vista disso, reitero que associar o grau diretamente a uma determinada forma lingüística em si pode levar a limitações e equívocos quanto à verdadeira noção que se deseja significar. Assim, ao invés de se falar em grau de uma ou de outra classe de palavras, o que se deve pôr em pauta é a conceitualização da cena/situação perspectivizada ou de um dado conteúdo em termos graduais, as estratégias adotadas para sua significação escalar, os produtos verbais empregados em sua codificação e como isso afeta o discurso e a própria interação.

2 - distinção entre a noção de grau e a de intensificação, devendo esta ser tomada como um conceito decorrente daquele. O grau é um conceito mais geral e abrangente, cobrindo uma variada gama de noções em que se percebe a existência da aplicação de alguma escalaridade, incluindo-se aqui, também, os níveis *normal/médio* e *zero/neutro*.

Daí a necessidade da separação de ambos os conceitos, uma vez que a noção de normalidade ou de ausência da propriedade gradual não se aplica à intensificação. Essa diferença pode ser ilustrada nos casos a seguir:

- 1- "... os *alojamentos grandes*... maior mesmo era o *salão*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 192);
- 2- "... e dentro desses *espaçozinhos* de areia ela colocou umas *plantinhas*... (...) dão umas *rosinhas* vermelhas..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 327);
- 3- "... quero um [namorado] *bonitão*... *fortão*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 352);
- 4- "... aí dava pra comer... mas *bem devagarinho*... sabe? *bem devagarinho mesmo*... muito triste..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 232).

Nas ocorrências 1- e 2-, claramente se percebe a referência ao tamanho das entidades mencionadas, isto é, ao *grau dimensivo*, distribuído nas respectivas escalas aumentativa ("*alojamentos grandes*", "*salão*") e diminutiva ("*espaçozinhos*", "*plantinhas*", "*rosinhas*"). Em 3- e 4-, temos o *grau intensivo*, espelhado no exagero para mais ("*bonitão*", "*fortão*") e para menos ("*bem devagarinho... bem devagarinho mesmo*"), respectivamente, das propriedades referidas. Tais amostras, portanto, ratificam a constatação de que o grau abarca a noção de intensidade. Quer dizer, esta pressupõe e inclui necessariamente aquele, porém o contrário não é verdadeiro. Observemos, ainda, as amostras que se seguem, nas quais se exhibe gradualidade, mas não intensificação:

5- "... é um banheiro **relativamente grande**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 57);

6- "... um copo e *dois dedos mais ou menos* de água ou leite..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 39);

7- "... e a **mãozinha** dela sobre o olho..." (*Corpus D&G/RG*, p. 20);

8- "... isso além de ficarem em *condições sub-humanas*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 381).

Nesses casos, há, obviamente, expressão de grau, entretanto não se pode dizer o mesmo quanto à noção de intensidade: em 5-, identificamos o *grau dimensivo aumentativo* ("*grande*"), em tom incerto, dada a aplicação da escalaridade *aproximativa* ("*relativamente*"); em 6-, temos o *grau quantitativo*, também em escala *aproximativa* ("*mais ou menos*"), referindo-se à relativa quantidade ("*dois dedos*") de "*água ou leite*"; no excerto 7-, o sufixo *-inha* (em "*mãozinha*") exprime o *grau dimensivo diminutivo*, referindo-se à pequenez da mão; e em 8-, o prefixo *sub-*, aplicado ao adjetivo "*humanas*" representa o grau hierárquico, significando o que está abaixo do que é considerado humano. Vê-se, portanto, que, em nenhuma dessas amostras, pode-se dizer que existe atribuição de intensidade, uma vez que, em todas elas, a noção de grau se apresenta, de algum modo, relacionada a outras categorias desse conceito que não a intensiva.

1.2. A intensificação

Neste ponto, além de explicitar o conceito de intensificação esposado aqui – de certo modo, já relativamente definido antes no item sobre o *grau intensivo* deste capítulo –, busco também esclarecer alguns aspectos envolvidos na caracterização semântica de tal

fenômeno, qual o seu âmbito de alcance, que procedimentos são adotados para significá-lo e quais as formas de expressão recrutadas para codificá-lo textualmente. Trata-se de uma tentativa de descrição panorâmica, sem a intenção de se ater às questões motivacionais, isto é, às determinações cognitivo-discursivas, o que será alvo de exame mais adiante, na seção seguinte.

1.2.1. Conceito de *intensificação*

Conforme já foi esclarecido, a *intensificação* é uma das categorias do grau (o *grau intensivo*), constituindo-se, portanto, um conceito subordinado a este e dele dependente. Sendo assim, intensificação incorpora, inevitavelmente, a concepção de grau, porém este prescinde da noção de intensidade; quer dizer, um dado conceito pode estar graduado e isento de qualquer noção intensiva, tal como demonstrado anteriormente.

Considero, portanto, a *intensificação* como o processo semântico-discursivo pelo qual se atribui intensidade, em termos graduais (para mais ou para menos), a uma dada noção conceitual, em geral, de acepção mais abstrata. Em outras palavras, é uma operação cognitiva (motivada e emergente pela interação verbal) por meio da qual se imprime reforço, em escala ascendente ou descendente, à idéia de um determinado conteúdo, estendendo-se sua concepção para além do nível de significação considerado normal ou básico. Convém frisar, ainda, que a intensificação pode também incidir sobre uma noção já graduada.

Nesse sentido, ao contrário do que tradicionalmente tem sido ensinado, o que se defende aqui é que a atribuição de intensidade não se aplica a uma dada categoria lingüística (adjetivo, advérbio etc), mas à idéia que lhe é subjacente. Isso não significa que não possa haver coincidência, em muitos casos, recorrente (tal como se vê pela abundância de dados), entre o conteúdo intensificado e a classe lexical que convencionalmente o codifica – talvez pela relativa tendência de paridade entre referentes e substantivos, propriedades e adjetivos, ações/processos e verbos, circunstâncias e advérbios. Porém, ainda assim, daí não se deve concluir que a intensificação incide sobre a forma lingüística em si ou que haja correspondência obrigatória entre o que é intensificado e a categoria verbal que o codifica, como sempre se fez crer nas abordagens sobre tal fenômeno.

1.2.2. Caracterização do grau intensivo

Uma das limitações dos enfoques sobre a intensificação reside na desconsideração a alguns de seus aspectos semânticos relacionados ao modo como tal conceito é formulado. Quanto a isso, esses enfoques, em geral, têm concentrado sua atenção unicamente nas distinções entre os tipos *comparativo* e *superlativo* e em suas respectivas subdivisões – *igualdade*, *superioridade* e *inferioridade*, para o primeiro tipo, e *relativo* e *absoluto* (ou *elativo*) para o segundo.

No entanto, observando-se a atribuição de intensidade no discurso, podemos perceber que existem alguns detalhes ideacionais distintos entre si, igualmente merecedores de atenção, os quais permitem traçar uma caracterização melhor delimitadora dos fenômenos intensivos. Assim sendo, proponho considerar aqui as seguintes características do grau intensivo em relação aos modos de sua perspectivização semântica e focalização, a saber: (1) quanto ao *aspecto*, (2) quanto à *escalaridade* e (3) quanto à *incidência*.

(1) **Quanto ao *aspecto***, a intensificação pode ser:

(a) ***pontual***: a atribuição de intensidade é apresentada como estando já estabelecida; quer dizer, o que é intensificado é exposto como dado e definido. Vale observar que esta é a forma de apresentação mais recorrente e comum do grau intensivo.

1- "... o motorista do táxi ***muito receptivo***... perguntou de onde eu era e... ***super... super hospitaleiro*** assim... me deixou ***bem à vontade*** e me explicou alguns trechos... dali do centro como eu deveria... (...) onde era os lugares ***mais fúceis*** ali do centro..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 101);

2- "... a chegada lá é indescritível: ***lindíssimo***, paisagem perfeita, ***maior astral*** são palavras pequenas para aquele lugar ***tão sublime***. (...) vê-se também como o mundo é fluido e ***como nós somos pequenos***." (*Corpus D&G/RJ*, p. 28).

Nesses dois exemplos, percebe-se que os conceitos intensificados se apresentam estáticos, isto é, como propriedades já existentes e definidas. Nesse sentido, o que é intensificado conceitualiza-se como sendo um estado de coisas já pronto, estabelecido e imobilizado no tempo.

(b) *processual*: a intensificação é mostrada como se encontrando ainda em andamento, ou com uma certa duração, cujo processo ainda não foi ou está para ser concluído.

1- "... fez *aquele fogaréu*, e *foi aumentando, aumentando*, até que se transformou numa grande explosão..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 67);

2- "... os pais não entendem por que os filhos *tão ficando tão... agressivos... tão revoltados...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 155).

Nesses trechos, tanto em 1- (o aumento da proporção do fogo) como em 2- (o nível de agressividade e de revolta dos filhos), as respectivas propriedades intensivas são apresentadas como estando em desenvolvimento, num *continuum* ascendente. E tal fato se estabelece principalmente pelo uso das locuções gerundivas, em ambos os casos, o que aponta para a idéia de duração num certo espaço de tempo.

Tal distinção torna-se ainda mais evidente no caso de uma mesma noção ser perspectivizada com aspectos diversos, como nos seguintes excertos:

3- "... ele saltou do carro... pô... *putão...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 10);

4- "... aí o cara *foi ficando mais puto...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 4);

5- "... ela morreu e minha vó severina [*sic*] *chorou muito.*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 98);

6- "... não sabia o que fazer... *chorava... chorava... chorava...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 79).

Veja-se que, em 3- e em 5-, o atributo "*putão*" e a ação "*chorou muito*" são intensivos conceitualizados, respectivamente, numa perspectiva pontual, acabada; já em 4- e 6-, os mesmos conceitos se apresentam focalizados sob uma ótica processual, contínua. E isso corroborado pela forma "*foi ficando*", em um, e pelo uso da flexão imperfectiva (-*va*), bem como da repetição lexical ("*chorava... chorava... chorava*"), no outro.

(2) Quanto à *escalaridade*⁶³, a intensificação pode ser:

(a) *polarizada*: a intensificação é conceitualizada como estando em nível máximo ou mínimo, isto é, num dos extremos da escala.

⁶³ Flores (2004, p. 5-6) denomina esse tipo de intensificação "*o grau mais alto*" (o que chamo de *polarizada*) e "*o grau muito alto*" (o que designo como *escalonado*). Todavia não considero a terminologia da autora muito adequada pelo fato de que, nessa perspectiva, a *escalaridade* só vai em direção ascendente. No entanto, sabemos – e há abundante evidência disso – que o grau pode também encontrar-se no nível *mais baixo* (o mínimo possível) ou *muito baixo*, isto é, com *escalaridade* descendente, muito reduzida.

- 1- "... e nesse instante *arremessei* a bola *o mais longe que pude*..." (*Corpus D&G/RG*, p. 20);
- 2- "... esse é *o de melhor qualidade que eu já vi até hoje* no mercado..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 137);
- 3- "... o resultado final é a transferência, *no máximo de fidelidade possível*, daquilo que apreendo da paisagem,..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 172).

Vê-se, nesses casos, que a intensificação das propriedades apresenta-se delimitada em uma dada medida, tornando possível "determinar" seu ponto de escalonamento. Em 1-, a distância do arremesso da bola é colocada no nível máximo dentro das condições circunstanciais ("*o mais longe que pude*"); em 2-, o grau de qualidade é considerado como o melhor já visto até hoje no mercado; em 3-, o nível de fidelidade da transferência também é posto no ponto extremo da escala, ou seja, "*no máximo... possível*".

(b) escalonada: o conceito intensificado apresenta-se num ponto indefinido da escala, não se podendo determinar precisamente em que nível de intensidade se encontra. Nesse caso, pode-se apenas verificar a direção do escalonamento, se para mais ou para menos.

- 1- "... os dois assim *mortinhos de sono*... né? o:/ ah:... o tempo *horrível... horrível... horrível... horrível*... (...) de madrugada estava assim... *fri::o*..." (*Corpus D&G/RG*, p. 3);
- 2- "... ele saltou do carro... pô... *putão*... e o motorista do táxi *tranqüilíssimo*..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 10);
- 3- "... quando a gente está voltando... começa a *chover assim... torrencialmente*... (...) aí a gente voltou... mas foi *uma senhora experiência*..." (*Corpus D&G/ Natal*, p. 33).

Nos dois primeiros trechos, o grau dos atributos referidos encontra-se elevado a um ponto alto da escala, porém num nível impreciso, não exatamente identificável. No terceiro, o evento "*chover*" é apresentado como ocorrido de modo intenso ("*torrencialmente*", o que significa, mais ou menos, "*copiosamente*"/"*fortemente*"), mas não delimitado até que ponto, e a "*experiência*" é avaliada num grau imensamente positivo ("*uma senhora*"), todavia num nível escalar não precisamente situado.

Uma observação quanto a essa propriedade semântica da intensificação – a *escalaridade* – é que, na conceitualização *polarizada*, parece só ser admissível, em termos formais, construções do tipo *artigo definido + termo intensificador + conteúdo intensificado* (o que equivale, especificamente, ao *grau superlativo relativo*, no modelo tradicional), tal como se pode ver no item (a). Para isso, os termos intensificadores apropriados são os pares *mais/menos*, *maior/menor*, *melhor/pior*, *máximo/mínimo*. Assim, tudo indica ser impossíveis formatações desse aspecto conceitual da intensidade através de outras estruturas, mais reservadas à manifestação da noção *escalonada*, conforme se apresenta em (b).

(3) Quanto à incidência, a intensificação pode ser:

(a) localizada: a noção intensiva incide sobre um referente, um evento, um atributo ou uma circunstância individualizado(a), sendo, assim, de modo mais específica e restritamente focalizada.

- 1- "... então ela tá *muito decepcionada... chora... chora... chora... chora...*" (*Corpus D&G/RG*, p. 5);
- 2- "... a minha tia... é uma pessoa *super ótima... me dá bastante carinho...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 104);
- 3- "... só que nesse dia eu tava *inspirado demais... falei até... pelos cotovelos...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 70).

Nesses fragmentos, podemos relacionar o conteúdo intensivo a uma entidade referencial especificamente identificável. No caso 1-, temos intensificados o grau de decepção e a recorrência do choro; no 2-, a intensidade recai, respectivamente, sobre a "medida" de bondade e de carinho da "tia". Em 3-, intensificam-se o grau de inspiração do locutor e de sua atividade verbal.

(b) seqüencial: a atribuição de intensidade irradia-se ao longo de um dado segmento discursivo, não incidindo, portanto, sobre um referente, uma propriedade, uma ocorrência, ou uma circunstância especificamente localizado(a) e delimitado(a) por um item lexical ou expressão. É o que poderíamos chamar de *gradação discursiva*, uma vez que se trata de uma seqüência nocional que vai sendo gradativamente

intensificada no decorrer do desenvolvimento textual, encontrando-se, desse modo, mais dispersa/distribuída na cadeia discursiva.

1- "Há aqueles que *lutam um dia*

e por isso são *bons*;

Há aqueles que *lutam muitos dias*

e por isso são *muito bons*;

Há aqueles que *lutam anos*

e são *melhores ainda*;

Porém há aqueles que *lutam toda a vida*

esses são os *imprescindíveis*." (BRECHT, B. Os que lutam. In: Cartaz do SINTE/RN. Natal, jun., 2006);

2- "(...)

Mas se o pai do menino é da oposição

à *ilustríssima autoridade municipal*,

prima da *eminentíssima autoridade provincial*,

prima por sua vez da *sacratíssima autoridade nacional*,..." (ANDRADE, C. D. de.

In: *Menino antigo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1973, p. 49);

3- "(...)

Enquanto caminhava, o leite chacoalhava dentro da lata.

E os pensamentos faziam o mesmo dentro da sua cabeça.

'Vou vender o leite e comprar *uma dúzia de ovos*.

Depois, choco os ovos e ganho *uma dúzia de pintinhos*.

Quando os pintinhos crescerem, terei bonitos *galos e galinhas*.

Vendo os galos e crio as frangas, que são *ótimas botadeiras de ovos*.

Choco os ovos e terei *mais galos e galinhas*.

Vendo tudo e compro *uma cabrita e algumas porcas*' (...)"

(Esopo/La Fontaine, J de. In: TULCHINSKI, L. *Adaptação das fábulas de Esopo e Jean de la Fontaine*. São Paulo: Scipione, 1998).

Nessas amostras textuais, observamos que, além das formas convencionais de intensificação (em 1-: "*muito bons*", "*melhores ainda*" e em 2-: "*ilustríssima*", "*eminentíssima*", "*sacratíssima*"), há também uma gradação intensiva subjacente ao longo de

cada uma dessas seqüências, num *continuum* escalar ascendente. Veja-se que, em 1-, a idéia de valorização dos "que lutam" vai-se intensificando gradualmente de apenas "bons" < "muito bons" < "melhores ainda" até atingir o nível máximo com "os imprescindíveis" (i.e., "extremamente bons"), isso em equivalência com a escalaridade também crescente do grau quantitativo entre "um dia" < "muitos dias" < "anos" < "toda a vida", indicando, assim, a proporcionalidade entre a duração do período de luta e o grau do valor atribuído ao lutador correspondente. No trecho 2-, percebemos a amplificação gradual da noção de importância das autoridades mencionadas entre "ilustríssima" < "eminentíssima" < "sacratíssima", sendo corroborada pela também escala ascendente da posição hierárquica dos respectivos referentes – "municipal" < "provincial" < "nacional". No caso 3-, o processo de intensificação não se localiza num ponto referencial específico. Diferente disso, só pode ser percebido à medida que se avança na leitura do texto, uma vez que tem a ver com a escalaridade aumentativa tanto dos bens como dos lucros, deles decorrentes, do locutor pensativo. Indiretamente, tal gradação intensiva aponta, também, para a crescente ambição/ganância do empreendedor citado. Isso se confirma na seqüência em escala ascendente "dúzia de ovos" < "dúzia de pintinhos" < "galos e galinhas" < "mais galos e galinhas" < "uma cabrita e algumas porcas".

Tais constatações levam, obrigatoriamente, a um novo redimensionamento do alcance da intensificação, esclarecido no tópico a seguir quanto ao seu escopo.

1.2.3. Escopo da intensificação

Conforme ficou evidenciado anteriormente, a intensificação incide sobre uma dada noção conceitual, e não sobre qualquer das categorias lingüísticas. Desse modo, contrariando o tratamento convencional, estou admitindo que o que é intensificado é a conceitualização subjacente à forma lingüística, não esta em si.

No tópico anterior, procurei demonstrar que a incidência da intensificação dá-se, prevalentemente (a provar pela imensa maioria dos casos flagrados no material de análise), sobre referentes, eventos, atributos e circunstâncias específicos, os quais podem ser conceitualizados em termos graduais, numa escala para mais ou para menos. Assim, tal procedimento projeta-se sobre um dado conteúdo cuja expressão é realizada,

preferencialmente, através de uma categoria lexical ou de uma construção lingüística específica, o que chamei de *intensificação localizada*.

No entanto, quero aqui frisar que, pelo fato de um dado conceito intensivo incidir mais diretamente sobre um certo conteúdo específico, não significa que tal intensificação se restrinja unicamente a este. Assim, diferente do que se tem convencionalmente postulado, defendo que o valor intensivo deve ser interpretado, em muitas ocorrências, como abarcando/atingindo também o conteúdo do termo, expressão ou sentença relacionado(a) ao elemento delimitadamente intensificado. Posto nesses termos, vejo a necessidade de se tomar a intensificação como modificadora tanto do conteúdo lexical a ela explicitamente vinculado, como também de todo o conteúdo sintagmático ou proposicional, conforme for o caso. Para melhor esclarecimento disso, apresento os seguintes dados:

- 1- "... começou uns latido assim... bah... *um monte de cachorro... tri grandão* assim... treinado... né?..." (*Corpus D&G/RG*, p. 28);
- 2- "... outro *cantava mais fino*... outro *cantava mais grosso demais*... tudo desafinado..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 279);
- 3- "... é *muito* difícil você permanecer onze anos com uma pessoa sem brigar..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 210);
- 4- "Apesar do eleitorado feminino ser infinitamente maior, nenhuma mulher assumirá, no próximo ano uma cadeira na Câmara.
– O que é *profundamente* lamentável."⁶⁴ (SABOYA, C. de. In: *Diário de Natal*. 09/10/2004, p. 3).

Na amostra 1-, apesar de os intensificadores "*tri*" e "*-ão*" se aplicarem mais diretamente a *grande*, pode-se dizer que essa intensificação recai também sobre o referente "*um monte de cachorro*", alterando a perspectiva com este que foi enfocado. Nesse caso, os cachorros referidos são conceitualizados não como apenas em sua acepção "pura" ou simplesmente *grandes*, e sim como *demasiadamente grandes*, portanto, distintos de outros tipos, digamos, (quase) normais. No caso 2-, a intensificação com "*mais*" e a dupla "*mais... demais*", do mesmo modo, não é exclusiva aos respectivos conceitos adverbiais de "*fino*" e "*grosso*", mas também atinge o conteúdo verbal "*cantava*", modificando-o conceitualmente.

⁶⁴ Transcrevi o texto tal como se encontra no original.

Portanto, o que se depreende daí é que não é tão somente o conceito a que se vincula diretamente o conteúdo intensivo que é modificado, mas o valor semântico do referente ou da proposição por inteiro, que se transforma, deixando-se "contaminar" pela presença da intensificação, o que nos obriga a ver a informação como um todo conceitualmente graduada.

Os fragmentos 3- e 4- apresentam ocorrências em que os respectivos conceitos intensificados aplicam-se a um conteúdo mais extenso, no caso, o de uma proposição/um período inteira(o). Note-se que, em 3-, "*muito difícil*" é uma expressão avaliativa em relação a "*você permanecer onze anos com uma pessoa sem brigar*" e, em 4-, "*profundamente lamentável*" é atribuído ao fato de *o eleitorado feminino ser bem mais numeroso, mas não ter representatividade na Câmara*. Sendo assim, não se pode interpretar a atribuição de intensidade restrita apenas ao âmbito dos itens lexicais nela diretamente envolvidos. Na verdade, em contextos como esses, a intensificação se estende para além dos limites lexicais/sintagmáticos, modificando também um conteúdo mais amplo.⁶⁵

Nesse sentido, estou lançando mão do seguinte raciocínio: se *A* modifica *B* e este modifica *C*, então *C* também é modificado, ainda que indiretamente, por *A*. Quer dizer, se há um conceito adjetival intensificado modificando (na condição de adjunto ou de predicativo) um certo conteúdo nominal, é válido supor que este é, igualmente, abarcado por tal valor intensivo. Esse mesmo raciocínio pode ser aplicado para o caso de um advérbio vinculado a uma noção verbal ou a um modalizador relacionado um conteúdo proposicional maior.

Por outro lado, como também foi visto, há recursos intensivos não propriamente circunscritos a uma noção individualizada, mas a um dado segmento discursivo, em tom gradativamente escalar de modo ascendente ou descendente. Significa que, ao invés de se limitar a um conceito restrito – isto é, um referente, um evento, um qualificativo ou uma circunstância especificamente delimitado(a) –, a intensificação dispersa-se ao longo de uma seqüência informativa, em que se procura, desse modo, imprimir reforço gradiente a um determinado conteúdo ideacional mais amplo. Vejamos, para maior confirmação, os seguintes fragmentos textuais:

⁶⁵ Não estou, com isso, contradizendo o que afirmei anteriormente a respeito da incidência referencial/localizada da intensificação ou criando outra categoria relativa ao seu escopo. Na verdade, a proposta é ampliar a visão quanto ao que tem sido tradicionalmente aceito, isto é, à idéia de que o valor intensivo recai tão somente sobre uma dada classe lexical, modificando unicamente o conteúdo semântico desta.

5- "(...)

quando encontrava alguma coisa

não cheirava

nem examinava

engolia com voracidade

O bicho não era ***um cão***

não era ***um gato***

não era ***um rato***

O bicho, meu Deus, era ***um homem***"

(BANDEIRA, M. Belo belo. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967);

6- "Quero que todos ***os dias da vida***

Todos ***os dias do ano***

De ***meia em meia hora***

De ***cinco em cinco minutos***

Me digas: Eu te amo." (ANDRADE, C. D. de. s.n.t.);

7- "(...)

Bandas de Rock que não se toleram

Eu te ***odeio*** – Eagles. Principais brigas: nos tribunais.

Te ***odeio muito*** – Black Sabbath. Principais brigas: no estúdio... o grupo se enfrenta a tapas.

Te ***odeio demasiadamente*** – The Who. Principais brigas: ... o péssimo costume de se atracar no palco.

Te ***odeio até morrer*** – Ramones. Principais brigas: no palco, no estúdio, no banheiro... morreram sem voltar a se falar." (MARTINS, S. Tropa de elite. In: *Veja*. 05/12/2007, p. 228-229).

No fragmento 5-, encontramos, primeiramente, a gradação intensiva entre a seqüência de ações "*não cheirava*" < "*nem examinava*" < "*engolia com voracidade*", significando, indiretamente, não apenas a intensa fome do "*bicho*", mas também o excessivo ímpeto e rapidez com que ele devorava a comida. Logo depois, por meio do segmento de gradação hierárquica decrescente entre "*um cão*" > "*um gato*" > "*um rato*" > "*um homem*", o poeta quer, também de forma indireta, incrementar gradualmente a noção do nível extremo de

degradação/desumanização a que chegou o "*homem*" referido no texto. No exemplo 6-, percebe-se que, através da gradação quantitativa para menos ("*os dias da vida*" > "*os dias do ano*" > "*meia em meia hora*" > "*cinco em cinco minutos*"), o locutor deseja imprimir reforço intensivo em tom escalar, distribuído ao longo do segmento textual, à idéia de necessidade cada vez mais urgente e constante de ouvir a declaração de amor. Na amostra 7-, percebe-se com mais nitidez ainda a escala em direção crescente quanto à intensidade do *ódio* na comparação entre as bandas de rock. Assim, a intensificação se configura partindo do simples "*odeio*", daí estendendo-se para "*odeio muito*", depois "*odeio demasiadamente*", até chegar ao ponto máximo "*odeio até morrer*". Tal escalaridade intensiva se esclarece, ainda, nos tipos de *brigas*, correspondentes ao grau do *ódio*, isto é, que ia das mais civilizadas "*nos tribunais*" aos casos mais violentos de agressão corporal em qualquer lugar.

Portanto, tal como evidenciado através desses casos, vê-se que a atribuição de intensidade não se localiza, como majoritariamente se dá, num ponto/referente específico. Em vez disso, dilui-se ao longo de um segmento discursivo mais extenso, de modo escalar, através do qual se procura graduar um determinado conteúdo.

Convém esclarecer, ainda, que a atribuição de intensidade pode também incidir sobre as demais categorias do grau (dimensivo, quantitativo e hierárquico) e, inclusive, sobre um conceito aparentemente já intensificado. Nesse caso, pode-se ter a intensificação de uma noção já graduada, como forma de imprimir incremento/exagero ao conteúdo referido, amplificando-o ou reduzindo-o ainda mais. Vejamos como isso ocorre nas amostras que seguem:

a) Intensificação do grau dimensivo: trata-se do reforço aplicado a uma dada propriedade dimensiva já graduada.

1- "... o Quico... anda sempre com *aquela bolona grande*..." (*Corpus D&G/RG*, p. 44);

2- "... vem escorrendo *águas bem finas, rios bem largos* com pedrinhas de várias cores..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 76);

3- "... tem *árvores altíssimas*... (...) *árvores enormes* assim... *gigantes*... *grandes mesmo*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 123-124).

Nesses exemplos, a intensificação incide sobre uma outra categoria do grau, a dimensiva. Esta tem como característica conceitual descrever a proporção física de referentes

considerados mais "concretos" em termos graduais. No entanto, nessas amostras, os aspectos dimensionais dos referentes mencionados encontram-se reforçados, atribuindo intensidade a conteúdos já graduados: em 1-, "*grande*" enfatizando "*bolona*"; em 2-, "*bem*", incrementando, respectivamente, "*finas*" e "*largos*"; e em 3-, a sobrecarga *-íssimas*, "*enormes*", "*gigantes*" e "*grandes mesmo*" atribuída ao conceito de *alto*.

b) Intensificação do grau quantitativo: ocorre quando se atribui incremento a uma noção quantitativa indefinida.

1- "... estou ganhando *fortunas de dinheiro* assim... *vou ficar milionário* em um ano..." (Corpus D&G/RJ, p. 76);

2- "O engarrafamento na ponte tava de lascar. Tudo parado... Nada andava... *ÔÔÔÔnibus que não acabava mais.*" (In: GONÇALVES, 2003, p. 51);

3- "... na biblioteca *tem tanto do li:vro*...meu Deus do céu... *tem nem onde a gente pisar*..." (Corpus D&G/Natal, p. 80).

Nesses fragmentos textuais, percebe-se o exagero conferido à quantidade dos respectivos referentes ("*dinheiro*", "*ônibus*" e "*livro*"), o que se comprova pelos comentários adicionais enfáticos em relação a cada um: "*vou ficar milionário*", "*que não acabava mais*" e "*tem nem onde a gente pisar*". Nesse sentido, elevou-se o nível da quantificação a um ponto ainda mais exagerado e indefinido.

c) Intensificação do grau hierárquico: evidencia-se através da adoção da idéia de elevação ou de rebaixamento do *status*/condição de determinado referente em um nível para além de sua aceção graduada.

1- "... aí aquilo [conseguir furar a fila e ser atendida] foi::... *o máximo dos máximos*..." (Corpus D&G/RG, p. 4);

2- "... Nada, *nem o mais selvagem* Death Metal ou o Hard Core *mais feio, sujo e malvado, se compara a* [sic] *devastação interior* daquela composição [Pierrot Lunaire, de Schoenberg]..." (CAPISTRANO, P. In: *Metropolitano*. 15/04/2005, p. 2);

3- "... no tempo próprio manifestará o bem-aventurado e único soberano, *Rei dos reis e Senhor dos senhores*;..." – I Tim. 6:15 (In: SHEDD, 1980).

No trecho 1-, vemos que o grau hierárquico já se estabeleceria se o falante tivesse classificado "*aquilo*" simplesmente como "*o máximo*". Porém, ao dizer que foi "*o máximo dos máximos*", elevou-se esse grau para um ponto exageradamente reforçado, resultando na intensificação de uma noção cujo conteúdo relaciona-se ao grau em seu nível extremo. No 2-, o nível de devastação interior causado pela composição de Schoenberg (Pierrot Lunaire) é alçado a um ponto supremo da escala, hierarquicamente bem superior/mais intenso que "*o mais selvagem Death Metal ou o Hard Core mais feio, sujo e malvado*", aparentemente, já focalizados como se encontrando em um patamar muito acima dos demais de suas respectivas categorias. O excerto 3- (retirado do texto bíblico), demonstra os respectivos conceitos de "*Rei*" e de "*Senhor*", que, em nosso conhecimento cultural/de mundo, já designam posição hierárquica máxima na escala social, são aí conceitualizados como estando em um grau ainda mais elevado, acima dos demais de sua categoria, o que revela encarecimento excessivo de seu conteúdo.

d) Intensificação do grau intensivo: através desse recurso, imprime-se intensidade a uma noção já intensificada, numa espécie de *intensificação da intensificação*, reforçando-se ainda mais seu conteúdo intensivo (BARRETO, 1980, p. 99-100).

1- "... a praia estava *mui::to cheia... muito entupida...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 29);

2- "... a gente pendura [as panelas]... é *prático à beça... super prático...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 30);

3- "... o professor era *simplesmente louco... louco... daquele de jogar pedra na lua...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 51).

Essas amostras exibem igualmente o encarecimento de noções já intensificadas. Em 1-, "*mui::to cheia*", na qual se pode ver o recurso ao grau intensivo, acha-se reforçada pela expressão "*muito entupida*"; em 2-, a intensidade mostrada em "*prático à beça*" aparece incrementada pelo acréscimo, também intensivo, "*super prático*"; em 3-, a *loucura* do "*professor*" encontra-se exagerada não só pela repetição, mas também pela sentença enfática "*daquela de jogar pedra na lua*". Desse modo, podemos constatar que um dado conceito já intensificado pode vir sobrecarregado por manifestações de reforço, imprimindo-lhe a idéia de intensidade exagerada.

Conforme observado anteriormente, pode-se ou "intensificar" um dado conteúdo que, aparentemente, não comporta tal noção, pelo fato de já se encontrar em sua acepção "precisa". Acredito que, nesse caso, trata-se de uma espécie de ênfase, que é aplicada quando se deseja reafirmar o conteúdo e, assim, não apenas realçá-lo, como também elevar o grau de certeza e confiabilidade da informação. Vejamos isso nos dados que seguem:

- 1- "... o cara **não tem a menor noção** do que ele tinha que estar fazendo..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 11);
- 2- "... está **completamente sem verba** e ameaçado de fechar..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 15);
- 3- "... aí foi **bem na hora** que eu toquei nesse assunto..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 62);
- 4- "... disse que eu **não era louca coisa nenhuma**..." (*Corpus D&G/RG*, p. 44).

Observe-se que *não ter noção* (em 1-), *estar sem verba* (em 2-), *na hora* (em 3-) e *não ser louca* (em 4-) são conteúdos que, em si mesmos, já designam conceitos relativamente precisos, não carecendo, portanto, ser aperfeiçoados ou complementados por nenhum outro acréscimo informacional. Assim, o que neles se percebe é algo como um reforço confirmativo da noção significada, de caráter mais pragmático do que propriamente semântico.

Em contrapartida, há casos em que a intensidade de um determinado conteúdo encontra-se num nível atenuado, indicando o desejo do locutor em amenizar/suavizar o "peso" atribuído à informação. Todavia, mais ou menos semelhante ao que se vê nesses parágrafos imediatamente anteriores, muitas dessas ocorrências parecem também apontar para o grau de veracidade/certeza do que é informado. Os trechos a seguir ilustram essa questão:

- 1- "... **não me lembro muito bem**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 110);
- 2- "... o telespectador brasileiro **não está mais tão passivo**..." (*Corpus D&G/ Natal*, p. 173);
- 3- "Eu acho que a injeção é **menos mal**... viu? (*Corpus D&G/Natal*, p. 248);
- 4- "... até ele ficar **um pouco firme** sabe? **não duro demais**..." (*Corpus D&G/ Natal*, p. 286).

Por essas amostras, podemos constatar a atenuação de seus respectivos conteúdos intensificados: em 1-, refere-se ao grau da *lembança*, reduzido por "*não... muito*"; em 2-, ameniza-se "*tão passivo*" através de "*não... mais*"; em 3-, o malefício de "*injeção*" acha-se enfraquecido por "*menos*" (isso relativizado, ainda, pelo "*acho*"); em 4-, "*um pouco*" revela um nível de redução incerto da idéia de "*firme*", e isso está sendo relativamente mais esclarecido através da expressão, também atenuante, "*não duro demais*".

Constatamos, assim, que o alcance da noção intensiva pode dar-se em nível mais local, ou seja, incidindo sobre um conteúdo individual/específico – que, pela enorme quantidade de casos encontrados, parece ser a tendência predominante –, como também, embora menos freqüente, subjazer numa dada seqüenciação escalar, em que abarca um conjunto discursivo mais extenso, não se limitando, portanto, a um único componente ideacional. Pode também incidir sobre uma outra categoria gradual, imprimindo-lhe reforço e estendendo sua noção conceitual para um plano mais avançado. Há que se considerar, ainda, o fato de o grau intensivo poder ser atribuído a uma noção aparentemente não suscetível a ou carente de tal atribuição, sendo esta, assim, de natureza mais enfática e compromissiva. Por último, deve-se também atentar para os casos em que a intensidade de um conceito encontra-se enfraquecida, indicando, muitas vezes, baixo teor de conhecimento e credibilidade quanto ao que se informa.

1.2.4. Estratégias de significação da intensidade

Na aplicação do grau intensivo, os locutores utilizam alguns procedimentos de significação que se relacionam ao modo como tal fenômeno se deixa perceber no discurso. Na maioria das vezes, a intensificação é facilmente identificada pelo fato de se apresentar diretamente exposta; noutras, esse recurso é deixado nas entrelinhas do texto, encontrando-se, portanto, apenas sugerido na superfície textual, quer dizer, indiretamente significado. Em vista disso, advogo que tais estratégias sejam tipificadas conforme explicito a seguir.

(1) Significação direta: quando o conceito intensificado está diretamente posto na superfície textual, podendo ser facilmente apreendido através dos produtos verbais que o codificam. Observem-se estes casos:

- 1- "... essa mulher fez **um escândalo enorme** dentro do ônibus..." (*Corpus D&G/RG*, p. 48);
- 2- "... ele [o colégio] é **um... bem bonito**... a sala de aula também é **muito grande**..." (*Corpus D&G/RG*, p. 40);
- 3- "... e lá eles começaram a **beber beber beber beber**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 5);

4- "... uma base de lápis *bem fraquinha*... aí depois vai contornando... *bem devagarinho*..."
(*Corpus D&G/RJ*, p. 78).

Por essas amostras, pode-se perceber que o conteúdo intensificado encontra-se diretamente explicitado através da construção linguística que o codifica: em 1-, expõe-se a imensa proporção do escândalo ("*escândalo enorme*"); em 2-, intensificam-se a beleza do colégio ("*bem bonito*") e o tamanho da sala de aula ("*muito grande*"), respectivamente; no caso 3-, apresenta-se o exagero na bebida ("*beber beber beber beber*"); e, no trecho 4-, a intensidade do enfraquecimento da "*base de lápis*" ("*bem fraquinha*") bem como da vagareza na confecção do contorno ("*bem devagarinho*") são ostensivamente postos na superfície textual.

(2) **Significação indireta:** quando o objeto da intensificação não se encontra verbalmente explicitado, mas sugerido indiretamente no conteúdo exposto. Nesse caso, o que está de fato intensificado é deduzido pela via inferencial. Vejamos os fragmentos textuais que se seguem:

1- "(...)

Mulher, mulher,
na escola em que você foi ensinada
jamais tirei um dez
sou forte, mas não chego aos seus pés."

(CARLOS, E. e NARINHA. Mulher. In: *musicas.lettras.terra.com.br*);

2- "(...)

Vou andar, vou voar
pra ver o mundo
*nem que eu bebesse o mar
encheria o que eu tenho de fundo.*"

(DJAVAN. Seduzir. In: *musicas.lettras.terra.com.br*);

3- "*Frio, cruel e insensível. Se o mocinho é assim, imagina como são os bandidos. 'A Missão' com Robert de Niro.*" (In: *Isto É*. 25/06/1997, p. 137);

4- "Turismo? Como?"

Os preços são inacreditáveis – e como se não bastasse, ***o atendimento é triste.***"
(SABOYA, C. de. In: *Diário de Natal*. 30/07/2004, p. 3).

Nessas amostras, o que realmente é intensificado não se encontra diretamente codificado, como prototipicamente ocorre; ao contrário, acha-se implícito no material lingüístico posto, o que requer uma operação dedutiva. Em 1-, pode-se inferir, através do enunciado "*sou forte, mas não chego aos seus pés*", que a força da "*mulher*" supera em muito a do locutor; em 2-, o que se depreende a partir da informação "*imagina como são os bandidos*", tomando-se também como base o conteúdo anterior, é que estes são *bem piores* (isto é, *excessivamente mais frios, mais cruéis e mais insensíveis*) do que "*o mocinho*"; em 3-, pelas palavras expostas do informante, deduz-se que o que este tem "*de fundo*" é *tão imenso*, que nem todo o mar seria suficiente para preenchê-lo; em 4-, o autor deixa implícito, respectivamente, pelo predicativo "*inacreditáveis*", que os preços são *absurdamente altos*, e, pelo predicativo "*triste*", que o atendimento é de *péssima qualidade*.

Ainda com relação a essa forma de significação intensiva, consideremos os seguintes trechos da literatura bíblica (SHEDD, 1980), em que essa noção se apresenta notadamente hiperbólica, porém apenas insinuada, não diretamente explícita:

5- "... Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam.

Eu, contudo, vos afirmo que ***nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.***" (Mat. 6:28, 29);

6- "Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas forem relatadas uma por uma, creio eu que ***nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.***" (Jo. 21:25);

7- "Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, ***se não tiver amor, nada serei.***" (I Cor. 13:2).

Eis o que se deixa pressuposto nessas passagens: em 5-, o locutor dá a entender que os lírios do campo vestem-se de glória (uma referência a sua *extrema beleza*) em *muito superior* à do rei Salomão; no trecho 6-, exageram-se os feitos de Jesus a um ponto incomensurável, tornando seu registro completo praticamente impossível, uma vez que não haveria espaço no mundo para a *gigantesca quantidade de livros* (intensificação do grau

quantitativo); no 7-, o amor é elevado a uma posição de *importância máxima*, superando os maiores feitos e virtudes (intensificação do grau hierárquico).

Vê-se então que, em nenhuma dessas amostras, a manifestação de intensidade se deu conforme os padrões esperados, mas de forma sinuosa, indireta. Fica, portanto, evidente que o recurso à intensificação nem sempre se processa de modo explícito, codificado diretamente por meio de uma expressão lingüística nos moldes convencionais. Significa que, nesse caso, o falante/escrevente conta com a capacidade dedutiva/inferencial do interlocutor para apreender o conteúdo intensivo significado, abstraindo-o de determinadas pistas deixadas na superfície do texto. E aqui se incluem, também, o que anteriormente chamei de "gradação discursiva", a qual, da mesma maneira, vale-se de implícitos/estratégias indiretas de expressão.

1.2.5. Modos expressivos de codificação das noções intensivas

Os recursos lingüísticos através dos quais se expressa o grau intensivo são amplos e variados, estendendo-se desde os mais gramaticalizados e previsíveis até os mais criativos e surpreendentes. Sem querer adiantar aqui os diferentes fatores subjacentes a essa diversidade e dela determinantes, por ora, atendo-me tão somente a procurar descrever – de um modo geral e longe de esgotar o extenso leque de possibilidades expressivas – as formas/construções verbais mais recorrentes e produtivas, reveladas nos dados colhidos, pelas quais a intensificação se deixa codificar. Entre elas, temos:

(1) no plano fonético

Estabelece-se pela utilização de recursos supra-segmentais, em que se alonga e/ou se imprime maior tonicidade/reforço a um dado componente sonoro da fala. Outro recurso acústico é o que Cagliari (*apud* GONÇALVES, 2003, p. 50) chama de "*fala silabada*", na qual o

falante produz a escansão de sílabas com função intensificadora⁶⁶. Observemos esses recursos nos dados que seguem:

- 1- "Rafael Alencar, o astro brasileiro do cine erótico internacional, mostra o seu *enooooorme 'talento'*." (Manchete de capa. In: *G-Magazine*. set., 2003);
- 2- "E por falar nisso, a Dona Dalva fez ontem uma *carne assada gosTOOOOOsa...*" (In: GONÇALVES, 2003, p. 48);
- 3- "As mulheres *a-d-o-r-a-m* [sic] uma sobremesa, mas se sentem culpadas depois da primeira colherada." (In: *Época Especial Mulher*. 08/03/2004, p. 3);
- 4- "O que? Adoro ele [Thiago Lacerda], que ele é lindo demais, que é *GA-TÉ-SI-MO!*" (In: GONÇALVES, *ibidem*, p. 50).

Nos fragmentos 1- e 2-, temos o alongamento silábico (em "*enooooorme*" e "*gosTOOOOOsa*"), sendo que neste, além disso, há o reforço tônico. Nos trechos 3- e 4-, encontramos a silabação (em "*a-d-o-r-a-m*" e "*GA-TÉ-SI-MO*"), observando-se, neste último caso, a mistura com o reforço sonoro.

Existe, ainda, uma outra estratégia de intensificação através da via fonética, mencionada em Barros (1985, p. 194): trata-se da "*aliteração*", pela qual se exprime e, ao mesmo tempo, se reforça/intensifica uma dada noção, repetindo-se insistentemente um dado fonema. O autor apresenta-nos o seguinte exemplo:

- 5- "*Boi bem brabo, bate baixo, bota baba, boi berrando... Dança doido, dá de burro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando...*" (ROSA, G., 1956, p. 23) [grifo meu].

Segundo esse autor, a insistência sonora desses fonemas sugere a enorme agitação da boiada passando e o barulho intenso resultante desse movimento. As redundâncias acústicas são, portanto, uma forma intensiva de imitar esse evento.

⁶⁶ Quanto a isso, observei que há casos – se bem que mais raros – em que o falante soletra apenas a última sílaba, numa tentativa de conferir reforço intensivo a um determinado conteúdo. Um exemplo disso é "... Esta e muitas outras ofertas pra você, só o Boa Esperança tem. *Duvido* você encontrar precinho mais barato em outro lugar, *duvi-d-ó-dó!*" (Propaganda em carro de som, do Supermercado Boa Esperança. Parnamirim/RN, 03/05/2008).

(2) no plano morfológico

Realiza-se por meio da afixação (prefixos, sufixos etc.) evidenciadora da noção de intensidade. No português, entre os prefixos, temos, por exemplo, *super-*⁶⁷, *hiper-*, *mega-*, *ultra-* e alguns outros menos comuns⁶⁸; quanto aos sufixos, encontramos os tradicionais -*íssimo*, -*ílico* e -*érrimo*, o mais recente -*ésimo*, além de outros também muito comuns, tais como -*ão*, -*inho*, -*ria*, -*eiro*, -*eira*, -*dor* etc. Vamos às amostras:

- 1- "E agora as mais modernas [máquinas] são setenta milímetros, que muitos até usam para aquelas telas *superpanorâmicas*, pra dar idéia até do... terceira dimensão,..." (INQ 138, INF 167. In: LOPES, 2000, p. 3);
- 2- "... sou da antiga, prefiro estudar. Quando não dá pela noite eu me levanto '*tricedo*' e me arrango com café." (*Corpus D&G/RG*, p. 29);
- 3- "A grande dama da noite foi Meimê dos Brilhos, que segurou o público, sempre *telentosésima* (...). *Belíssima*, Dos Brilhos levantou a galera *carentérrima* de um show à altura." (In: GONÇALVES, 2003, p. 56);
- 4- "... só vejo [o rapaz] de longe... achei *bem bonito*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 339);
- 5- "... foi *aquela correria* para não perdermos o ônibus." (*Corpus D&G/RJ*, p. 57);
- 6- "Creuza – Na hora foi *a maior choradeira*..." (In: *Isto É*. 21/01/1998, p. 13).

Vemos, por essas amostras, que a atribuição de intensidade processou-se pelos meios lingüísticos da afixação: em 1- e 2-, através dos prefixos "*super-*" e "*tri-*"; nas demais, recorreu-se aos morfemas sufixais ("*-ésimo*", "*-íssima*" e "*-érrima*" em 3-; "*-ão*" em 4-; "*-ria*" em 5; e "*-eira*" em 6-). Deve-se observar, ainda, que as três últimas ocorrências registram também o uso de outras formas de intensificação auxiliares ("*bem*" em 4-, "*aquela*" em 5- e "*a maior*" em 6-).

⁶⁷ Em muitos casos, esse prefixo não é tomado com tal, mas como um advérbio, mais ou menos equivalente a *muito*, *bastante*, *demasiadamente* ou similares, como se pode ver em expressões do tipo "*super bem*", "*super à vontade*", "*super na moda*", "*super mal-equipada*". Quanto a isso, ver estudo em Silva (2001, p. 111-127).

⁶⁸ Casos bem recentes de intensificação pela via prefixal registram-se nos usos dos itens lexicais importados do inglês, respectivamente, *big-* (=grande), surgido na conversação informal, como este exemplo na fala de uma professora: "Eu estou *big-*, *mega-*, *super-*, *hipercansada*", e *giga-* (termo da linguagem computacional, por sua vez, proveniente do grego, de onde temos, em português, "*gigante*", por exemplo), tal como visto na ocorrência "*Gigafeirão* WebMotors: Aqui você encontra..." (In: *Classificados do Diário de Natal*. 31/05/2008, p. 1).

A mesma tendência de se exprimir a intensificação de um conteúdo pela via da afixação também pode ser encontrada em outras línguas, conforme atesta Petter (2003, p. 66-67) através dos seguintes exemplos:

- 7- "σοφω" = "sábio" < "σοφωτερον" = "*mais sábia do que*"; "μικρο" = "pequeno" < "μικροτερος" = "*o menor*" (em grego);
- 8- "lamaz-i" = "bonito/belo" < "u-lamaz-es-i" = "*muito bonito*"/"*belíssimo*"; "did-i" = "largo" < "u-did-es-i" = "*muito largo*"/"*larguíssimo*" (em georgiano);
- 9- "lapun" = "velho" < "lapunpun" = "*muito velho*"/"*velhíssimo*" (língua pidgin da Nova Guiné);
- 10- gavu = bom < "gagavu" = "*muito bom*"/"*ótimo*" (em fa d'ambu, na ilha de Ano Bom).

Como se pode observar, a intensificação, nesses casos, foi expressa por diferentes recursos morfológicos de afixação: em 7-, temos o uso de sufixos tanto para o "comparativo" (-τερον) como para o "superlativo" (-τερος); em 8-, temos o uso do circunfixo *u-...-es*; em 9- e 10-, vemos, respectivamente, no primeiro, a repetição de uma parte do radical em posição sufixal (-pun) e, no segundo, como uma espécie de prefixo (*ga*-).

(3) no plano lexical

Quando a intensificação se mostra através do próprio lexema, isto é, quando o item lexical em si já exprime intensidade. As classes de palavras que podem, em si mesmas, expressar noção intensiva são:

- a) o substantivo: chuva < *temporal*, medo < *pavor*, raiva < *ódio*, desejo < *tara*;
- b) o adjetivo: bonito < *lindo*, pobre < *miserável*, bravo < *furioso*, frio < *gelado*;
- c) o verbo: pedir < *implorar*, falar < *tagarelar*, gastar < *esbanjar*, abrir < *escancarar*;
- d) o advérbio: *muito*, *bem*, *bastante*, *mais*, *demais*, *demasiadamente*, *tão*, *tanto*.

Podemos conferir esse fenômeno nestes recortes textuais que seguem:

- 1- "Vi ontem um bicho
na *imundície* do pátio
catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa
não examinava nem cheirava

engolia com *voracidade* (...)"

(BANDEIRA, M. Belo belo. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967);

- 2- "... o filme do Intercine vai ser um **HORror!**... Não gosto muito de filmes de terror. De aventura, eu realmente *Adoro*, mas de terror eu **DEtesto**." (In: GONÇALVES, 2003, p. 48);
- 3- "... só para esse tipo de crime *hediondo*... essas coisa *bárbara*... *bárbara mesmo*... que deveria ser adotada a pena de morte..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 383).

No primeiro caso, as palavras "imundície" e "voracidade" trazem, em suas acepções básicas, peso intensivo, uma vez que uma designa "sujeira excessiva" e a outra significa "devorar com gula intensa", respectivamente. No segundo, "HORror" quer dizer, mais ou menos, "muito ruim/desagradável"; "Adoro" é relativamente igual a "gostar imensamente"; e "DEtesto" poderia traduzir-se por "ter grande aversão", "abominar". No terceiro, "hediondo" e "bárbara" equivalem a "extremamente violento(a)/cruel".

Devo mencionar, com relação a isso, o que já foi assinalado por Cruzeiro (1973, p. 121): palavras que normalmente não exprimem intensidade podem ser convocadas especialmente para esse fim, em um dado contexto, amparadas por alguma similaridade e/ou contigüidade nocional. Prestemos atenção aos seguintes excertos textuais:

- 4- "(...)

ah, isso não: o vagabundo

ficará mofando lá fora

e leva no boletim *uma galáxia de zeros*."

(ANDRADE, C. D. de. *Menino antigo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1973, p. 49);

- 5- "Nadia [Comaneci], que vive nos Estados Unidos desde que fugiu da Romênia comunista, em 1989, virou um monumento ao silicone: busto de *dimensões olímpicas*, lábios *idem*..." (In: *Veja*. 26/04/2006, p. 91).

Note-se que "galáxia" não é costumeiramente tomada como um intensificador; no entanto, no trecho 4-, por transferência analógica, visto que essa palavra engloba em seu conceito a idéia de algo grandioso (*i.e.*, uma formação sideral de proporções descomunais, com bilhões de corpos celestes), é aproveitada para exprimir a noção intensiva da enorme quantidade de zeros no boletim. O caso 5- reflete uma ocorrência de intensidade por associação co(n)textual. Explicando: como o assunto do texto gira em torno dos exagerados implantes de silicone de Nadia Comaneci (a ex-campeã romena de ginástica olímpica) e por

ser a olimpíada o maior evento multiesportivo do planeta, estabelece-se, assim, o nexo por contigüidade e similaridade semânticas entre esta e as dimensões avantajadas do busto e dos lábios siliconados da ex-atleta, expresso pelo adjetivo "*olímpicas*", que, comumente, também não é visto como intensivo.

(4) no plano sintático

A conceitualização de intensidade revela-se mediante determinados arranjos sintagmáticos ou certas construções oracionais. Nesse aspecto, são comuns, por exemplo, combinações do tipo termo/expressão intensificador(a)+substantivo/adjetivo/verbo/advérbio (as mais recorrentes são as formadas com os advérbios *mais*, *muito*, *bem*, *bastante*, *demais*, *tão*, *tanto* etc.) ou uma dessas classes lexicais acompanhada de/inserida numa oração ou período de caráter intensivo. Verifiquemos isso nos fragmentos textuais a seguir:

- 1- "... então nesse momento eu tava com ***profundo sono***..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 98);
- 2- "... um rastro de sol assim... ***bem forte*** sobre... sobre a minha cabeça..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 121);
- 3- "... lá as pessoas *se divertiam o máximo*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 81);
- 4- "... mas ele... minha filha... ganha ***super mal***... sabe?..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 264);
- 5- "... e nesse instante arremecei [sic] a bola ***o mais longe que pude***..." (*Corpus D&G/ RG*, p. 20);
- 6- "...Ele [o presidente Lula] passou a *acreditar em si mesmo muito além do que seria razoável*..." (TOLEDO, R. P. de. In: *Veja*. 13/07/2005, p. 134);
- 7- "... é... caneta ***tão chique que num sabe nem escrever direito***..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 128);
- 8- "... cada máscara era ***mais horrível do que a outra*** do... dos personagem entendeu?..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 155);
- 9- "... ***Quanto*** melhor for o papel, *observaremos ainda mais* tal detalhe." (*Corpus D&G/Natal*, p. 171).

Por essas amostras, podemos constatar que a noção de intensidade processou-se através de diferentes codificações sintáticas. Nos casos de 1- a 4-, temos noções intensivas expressas pela via sintagmática, em que se combinou um elemento intensificador com um

item intensificado, respectivamente ("*profundo*"+"*sono*", "*bem*"+"*forte*", "*se divertiam*"+"*o máximo*", "*super*"+"*mal*"); em 5- e 6-, tal fenômeno se evidencia, respectivamente mediante o uso de sentenças intensificadoras ("*o mais... que pude*", "*muito além do que seria razoável*"); nos demais excertos, verificamos a intensificação pela forma da correlação oracional: em 7-, recorre-se à estrutura consecutiva; em 8-, à comparativa; e, em 9-, à proporcional.

Existem, ainda, outras formações sintáticas, já até um pouco comuns, de exprimir intensidade. Entre elas, pode-se apontar a repetição/redundância de termos (lexical) e/ou de construções, que podem ser idênticos(as) ou parafrásticos(as), numa espécie de reforço/ênfase. Isso pode ser ilustrado através dos casos que seguem:

- 10- "ah:... o tempo *horrrível... horrrível... horrrível... horrrível...*" (*Corpus D&G/RG*, p. 3);
- 11- "A gente *anda, anda, anda*. Mas não vende nada." (In: *Isto É*. 21/01/1998);
- 12- "... mas eu queria ver a paisagem porque era *bela demais... bela demais...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 171);
- 13- "ah... *que vergonha* que eu fiquei... *que vergonha...*" (*Corpus D&G/RG*, p. 4);
- 14- "E:... não... claro... tá *ótimo... excelente... muito bom...*" (*Corpus D&G/RG*, p. 12);
- 15- "... é um lugar *super restrito... super reservado... bem meu mesmo...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 57).

Note-se que, em 10- e 11-, ocorre a redundância lexical do adjetivo ("*horrrível*") e do verbo ("*anda*"), respectivamente; em 12- e 13-, vemos repetidas as respectivas expressões, já intensificadas em si, "*bela demais*" e "*que vergonha*"; em 14- e 15-, empregou-se a repetição parafrástica, em tom enfático: "*ótimo/excelente/muito bom*" e "*super restrito/super reservado/bem meu mesmo*".

A manifestação de intensidade por meio de mecanismos sintáticos também é bastante comum em diversas línguas. Apenas a título de amostragem, apresento o que segue, extraído de Taylor (2002, p. 381 e 385, respectivamente):

- 16- "shū *hěn guì*" = "(Os) livros são *muito caros*" (chinês);
- 17- "Pelajar-pelajar hari ini *semakin malas*" = "Os alunos de hoje estão ficando *mais e mais/cada vez mais preguiçosos*" (malaio).

Do mesmo modo, Heine (1997, p. 125) apresenta-nos, entre outros, os seguintes casos:

- 18- "mē lámayā hama lámayinta **ma vādā** hoñda y" = "Este rapaz é **o mais** alto de todos" (sinhalese, língua indo-iraniana);
- 19- "mâi-wá Bòrnó-bè **zâu-rò** nòwátà-ò fál-nzá" = "Ele é **um dos** reis **mais** conhecidos de Bornéu" (kanuri, língua falada no norte da África).

Observe-se que, na amostra 16-, "*hěn*" equivale ao intensificador "*muito*"; em 17-, "*semakin*" equipara-se às construções intensivas processuais "*mais e mais*"/"*cada vez mais*"; no caso 18-, "*ma*" é um termo enfático associado a "*vādā*", que é igual a "*mais*"; no 19-, a forma intensificadora "*zâu-rò*" traduz-se por "*um dos...mais*".

A intensificação ou ênfase intensiva em que se utilizam repetições podem ser também verificadas em outras línguas, tal como se evidencia a seguir:

- 20- "ši(n)" = "pequeno" < "**ši(n) ši(n)**" = "**muito** pequeno" (Exemplo do xipaya, língua indígena brasileira. In: CÂMARA Jr., 1989, p. 103);
- 21- kadosh = santo < "... **kadosh kadosh kadosh...**" = "**santíssimo/extremamente** santo" (Em hebraico. In: Is. 6:3);
- 22- "tlôu *ethata bogolo-bogolo* môdiphôlôgôlông" = "O elefante é **o mais** forte dos animais" (Em tswana, língua centro-africana. In: HEINE, 1997, p. 125);
- 23- "**más** sasil u wich u na' **más** twich ti kuxa'an ti yok'olkab-a" = "O olho de sua mãe era **mais** brilhante que o de todos os outros seres viventes da terra" (Em mopan, língua falada na América Central. In: HEINE, *ibidem*, p. 127).

(5) no plano textual

Nessa forma de expressar intensidade, em vez de se recorrer aos modelos mais convencionais, "prefere-se" demonstrá-la por meio da repetição enfática da mesma idéia ao longo de uma seqüência textual.⁶⁹ Os fragmentos textuais seguintes podem comprovar tal estratégia:

- 1- "(...)

⁶⁹ Nos estudos literários/estilísticos tradicionais, essa estratégia é vista como um caso de "*figura de sintaxe/construção*" (*i.e.*, formas de *paralelismo sintático*), distinguido como *anáfora* (sempre no início do(a) verso/frase) e *iteração/reiteração* (aleatoriamente ao longo do texto), sem contudo, atentar devidamente para o seu valor intensivo e discursivo.

Um homem vai *devagar*.

Um cachorro vai *devagar*.

Um burro vai *devagar*.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus."

(ANDRADE, C. D. de. Cidadezinha qualquer. In: BARROS, 1985, p. 194);

2- "... a atriz Juliana Paes *fumou*, torceu, *fumou*, gritou, *fumou* e até chorou na partida entre Brasil e Japão em Dortmund, na Alemanha..." (In: *Veja*. 28/06/2006, p. 79);

3- "... Tudo foi dado a eles: *o sacrifício* de direitos, *o sacrifício* de milhões de empregos, *o sacrifício* de incontáveis empresas brasileiras, *o sacrifício* da legitimidade do congresso, *o sacrifício* do patrimônio nacional, *o sacrifício* da Constituição. E eles quebraram o país..." (FREITAS, J. de. In: *Folha de S. Paulo*. 17/02/1998).

No fragmento 1-, a reiteração do advérbio "*devagar*" parece sugerir a *excessiva lentidão* com que a vida passa na cidade descrita; no 2-, pela repetição do verbo "*fumou*", pode-se inferir que o locutor pretende, além de demonstrar a intermitência dessa ação em meio a outras, também significar a intensidade de sua ocorrência; no caso 3-, a insistência enfática do termo "*o sacrifício*", no início de cada seqüência nominal, aponta não apenas para "*tudo foi dado*" como esclarecimento adicional, mas também para a intensificação de seu conteúdo nocional, como reforço argumentativo, em contraste com o resultado decepcionante expresso em "*eles quebraram o país*".

Esse recurso parece não ser tão recente. Na verdade, Cruzeiro (1973, p. 91-92) nos dá conta da mesma tendência já no português medieval. Entre os exemplos fornecidos, cito:

4- "E o firmamêto era como ceo sobre as suas cabeças *muy fremoso*, do quall estauã penduradas cadeas d'ouro *muy fremosamente* lauradas, ã que estauã arredomas e uasos *muy fremosos*.";

5- "– Ai, *boõ* homem, *boõ* cavaleiro, *boõ* de armas, *boõ* de ardimento, *boõ* de cortesia."

(6) combinações entre diferentes planos formais na expressão de intensidade (formas mistas de codificação intensiva)

É também bastante comum, no recurso à intensificação, a co-ocorrência superposta de formas diversificadas de expressão intensiva, pertencentes a planos lingüísticos distintos, numa espécie de "redundância intensificadora", imprimindo-se, desse modo, mais ênfase/ maior reforço significativo ao conteúdo informado. Tal estratégia é utilizada com o fim de tornar esse conteúdo mais saliente e lhe conferir considerável importância discursiva. Temos, assim, um recurso icônico de se tentar aproximar a sobrecarga formal ao superencarecimento conceitual e seu correspondente realce/maior valor comunicativo. Entre as formas mais recorrentes encontradas, figuram, por exemplo:

a) a combinação item lexical+recurso fonético: quando, além do uso de uma palavra cujo conteúdo básico já é intensivo, acrescenta-se reforço fonético, seja pelo alongamento silábico, pela sobrecarga tônica ou pela silabação, tal como se mostram nestes casos:

- 1- "Kaiser, uma *graaaaaaande* cerveja" (Em um outdoor publicitário. Natal/RN, 2000);
- 2- "... o filme do Intercine vai ser um *HORror!*... Não gosto muito de filmes de terror. De aventura, eu realmente *Adoro*, mas de terror eu *DEtesto*." (In: GONÇALVES, 2003, p. 48);
- 3- "As mulheres *a-d-o-r-a-m* [sic] uma sobremesa, mas se sentem culpadas depois da primeira colherada." (In: *Época Especial Mulher*. 08/03/2004, p. 3).

Observe-se que, na amostra 1-, *grande* já possui noção gradual em si, uma vez que esse adjetivo refere-se, denotativamente, a algo de *tamanho avantajado*. No entanto, nesse texto, tal atributo exhibe, figurativamente, valor intensivo, pelo fato de querer significar a "*excelente qualidade*" da cerveja. A isso, somou-se a ênfase fonética do alongamento silábico ("*graaaaaaande*"), pela qual se imprimiu intensidade ainda maior às propriedades positivas da cerveja. No caso 2-, tanto o substantivo ("*HORror*") como os dois verbos utilizados ("*Adoro*" e "*DEtesto*") exprimem conteúdo intensivo em si mesmos: *horror* é relativamente similar a "*péssimo*", ou "*imensamente desagradável*"; *adorar* e *detestar* significam, respectivamente, "*gostar/apreciar demasiadamente*" e "*ter enorme desprezo/aversão*". Todavia, tais conceitos encontram-se incrementados pelo acento silábico, o que lhes atribui tonalidade intensiva redobrada. Em 3-, o verbo *adorar*, nesse contexto, traz também em si

carga semântica intensiva, semelhante ao sentido expresso no exemplo anterior. E essa intensidade ganha maior "peso" com o acréscimo do reforço fonético da fala silabada, representado graficamente pela forma "a-d-o-r-a-m".

b) a combinação item lexical+processo morfológico: quando a intensidade revela-se tanto através do conteúdo básico da própria palavra, quanto do morfema gramatical que lhe é acrescido. Vejamos os seguintes extratos textuais:

1- "(...)

É você olhar no espelho

Se sentir um *grandessíssimo* idiota..."

(SEIXAS, R. In: *Nova história da MPB*. São Paulo: Abril, 1978);

2- "(...)

Mas se o pai do menino é da oposição

à *ilustríssima* autoridade municipal,

prima da *eminentíssima* autoridade provincial,

prima por sua vez da *sacratíssima* autoridade nacional,..." (ANDRADE, C. D. de. In: *Menino antigo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1973, p. 49);

3- "O que? Adoro ele [Thiago Lacerda], que ele é lindo demais, que é **GA-TÉ-SI-MO!**"

(In: GONÇALVES, 2003, p. 50).

No excerto 1-, apenas o adjetivo *grande* bastaria para indicar a intensidade do atributo *idiota*, porém, com o acréscimo do sufixo *-íssimo* duplicado ("*grandessíssimo*"), a idéia intensiva foi reforçada consideravelmente. No trecho 2-, a gradiência ascendente entre "*ilustríssima*" < "*eminentíssima*" < "*sacratíssima*" encontra-se ainda mais acentuada pela presença do sufixo (*-íssima*) nesses adjetivos. No fragmento 3-, o nome atributivo *gato* (significando, mais ou menos, "*homem de aparência física extremamente bela e atraente*"), que, em si mesmo, já porta noção intensiva, tem esse conteúdo enfatizado pela adição do sufixo *-ésimo*.

c) a combinação item lexical+processo sintático: quando uma palavra com base lexical denotativa de intensidade vem incorporada a alguma construção sintática que também exprime noção intensiva. Aqui vão as seguintes amostras:

- 1- "... Betíssima Almeida, *linda! Linda! Linda!* E Rita Macedo – que astral, que charme...!" (SABOYA, C. de. In: *Diário de Natal*. 09/10/2004, p. 3);
- 2- "... olhou para ele e *bem alto berrou*: Esta [*sic*] amarrado em nome de Jesus!..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 43);
- 3- "E:... você trabalhar com detalhes... é importante pra você?
I: *demais... demais... demais...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 151).

Temos, no primeiro trecho, a demonstração de intensidade reforçada, tanto na formação sintática da repetição vocabular de *linda* ("*linda! Linda! Linda!*"), como no próprio conteúdo lexical dessa palavra, que, em geral, transmite a idéia de algo "*mais do que bonito*" / "*de beleza mais intensa*". No segundo, o verbo "*berrou*", por si só, já exprime a noção de "*grito exagerado*" / "*gritar a plenos pulmões*". Acompanhado da forma adverbial, também intensificada, "*bem alto*", resultou num conceito intensivo ainda mais acentuado. No terceiro, a repetição enfática do advérbio ("*demais... demais... demais*"), que já possui noção intensiva em sua própria formação básica, contribui para sobrecarregar a idéia da "*extrema importância*" de "*trabalhar com detalhes*".

d) a combinação processo morfológico+recurso fonético: quando se conjuga a utilização de um afixo intensificador aliado a alguma marca de reforço acústico.⁷⁰ Seguem abaixo os exemplos, extraídos de Gonçalves (2003, p. 50):

- 1- "A loja de roupa, tinha que ver... *CHIquééééerrima!*";
- 2- "O que? Adoro ele [Thiago Lacerda], que ele é lindo demais, que ele é *GA-TÉ-SI-MO!*".

e) a combinação processo morfológico+construção sintática: quando a atribuição de intensidade manifesta-se pelo uso de uma palavra com afixo intensivo inserida em alguma construção sintática igualmente intensificadora. Eis as evidências disso:

- 1- "*GRANDE FEIRÃO* DE PISOS AGAÉ

A partir de R\$ 7,99" (Outdoor publicitário. Natal/RN, jun., 2006);

⁷⁰ Quanto a isso, os sufixos *-íssimo*, *-líssimo*, *-érrimo* e *-ésimo* aparecem como os mais representativos desse fenômeno, uma vez que, além de exprimirem conteúdo intensivo, trazem também em si um certo peso sonoro, presente em sua acentuada forma tônica proparoxítona.

2- "... nós íamos chegando no ponto e foi *aquela correria* para não perdermos o ônibus..."
(*Corpus D&G/RJ*, p. 43);

3- "... cheguei no outro dia de manhã *bem cedinho*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 105).

No texto 1-, o atributo "*grande*" intensifica o conteúdo de *feira*, que, acrescida do sufixo *-ão* ("*feirão*"), também intensificada através desse recurso morfológico, contribui para tornar a idéia intensiva ainda mais enfática. No trecho 2-, o demonstrativo "*aquela*" exerce função intensificadora⁷¹ em relação a "*correria*", significando "*correria intensa*". Ocorre que esse substantivo também se acha intensificado pela forma sufixal *-ia*, o que resulta numa noção intensiva redundante, mais incrementada. No caso 3-, em "*bem cedinho*", temos, do mesmo modo, o redobro intensivo, evidenciado nos intensificadores adverbial ("*bem*") e sufixal (*-inho*), respectivamente.

f) a combinação construção sintática+recurso fonético: quando a noção de intensidade expressa-se, ao mesmo tempo, mediante uma construção sintática, enfatizada por algum recurso fonético que lhe imprima maior realce intensivo. Como ilustração, observemos as amostras a seguir:

1- "Fã que é fã da cantora Avril Lavigne segue um código que inclui

VISUAL

(...)

Olhos *beeeem* maquiados

Cabelos *beeeem* lisos

Unhas pintadas de preto, preto, preto, preto..." (MING, L. In: *Veja*. 28/09/2005, p. 98);

2- "... Diz Mariah [Carey]: 'Inventei uma cantora chamada Mimi Stonegroove. A carreira dela vai *muuuuito* bem'." (MARTINS, S. In: *Veja*. 01/07/2005, p. 122);

3- "... além de ter que fazer *uma caminhada enor::me*... tem que subir a maior rampa..."
(*Corpus D&G/RJ*, p. 27).

Nesses fragmentos textuais, verificamos composições sintáticas demonstrativas de intensidade acrescidas do componente fonético, também de valor intensivo – o alongamento

⁷¹ O pronome demonstrativo *aquela(a)* tem sido utilizado em alguns contextos para exprimir grau intensivo. É o caso, por exemplo, de "... *aquela* mundaréu de gente na minha frente... né?... " (*Corpus D&G/RG*, p. 4) e de "... fez *aquela* fogaréu" (*Corpus D&G/Natal*, p. 67).

silábico no próprio elemento intensificador (os advérbios *bem* e *muito* nos dois primeiros casos, respectivamente, e o adjetivo *enorme* no terceiro) –, resultando nas formas "beeeem maquiados" e "beeeem lisos", em 1-, "muuuuito bem", em 2- e "uma caminhada enor::me", em 3-.

Devo mencionar aqui os casos em que o conceito intensivo processa-se mediante a conjunção de construções sintáticas com *que*, *como*, *quão*, *quanto* + entonação exclamativa. Apresento a seguir as evidências disso:

- 4- "... ah... **que** vergonha que eu fiquei... **que** vergonha..." (*Corpus D&G/RG*, p. 4);
- 5- "... vê-se também **como** o mundo é fluido e **como** nós somos pequenos." (*Corpus D&G/RJ*, p. 28);
- 6- "Ai, **quanto** querer
cabe em meu coração!..." (DJAVAN. Samurai. In: *Djavan: grandes sucessos*. Globo, 2006.).

Esse mesmo recurso é atestado por Cruzeiro (1973) no português medieval, conforme já explicitado no capítulo 2. Repito aqui as passagens citadas:

- 7- "Ai, Deus! **Que** malaventura e **que** pecado!" (p. 34);
- 8- "Ai! Casa de Camaalot! **Como** tu eras *temida e dultada*..." (p. 44);
- 9- "**Cam** fremosa es e **cam** louçãa..." (p. 49).

Igualmente, no inglês (e creio que em outras línguas também!), verifica-se essa mesma tendência:

- 10- "**What a fool** he is!" = "**Que** tolo ele é!" (In: PIETZSCHKE, P. 1980, p. 1060);
- 11- "**How great** Thou art!" = "**Quão** grande és Tu!" (Tradicional cântico religioso norte-americano. s.n.t.).

Há, também, a possibilidade de se combinarem mais de dois recursos lingüísticos em uma mesma construção de natureza intensiva, ainda com a igual intenção de, por meio dela, imprimir-se realce semântico-discursivo a um dado conteúdo considerado relevante naquele contexto. São os que aqui denomino sob o rótulo geral de

g) combinações múltiplas: quando há a superposição de três ou mais recursos lingüísticos distintos para manifestação de intensidade. Para comprovar esse fenômeno, recorro aos seguintes exemplos:

- 1- "... Adoro ele [Thiago Lacerda], que ele é lindo demais, que é **GA-TÉ-SI-MO!**" (In: GONÇALVES, 2003, p. 50);
- 2- "Veja como o satélite [Lua] vai se afastando da Terra, **devagarinho, devagarinho.**" (VENTUROLI, T. In: *Superinteressante*. out., 1998, p. 88);
- 3- "... a Ainá... passou um tempo fora... estava **branqui::nha... bem branqui::nha...** com aquele biquine [*sic*] europeu..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 41).

O que podemos constatar, no primeiro caso, é a co-ocorrência de quatro recursos intensificadores. Explico: o atributo *gato* (isto é, "*homem de aparência física extremamente bela e atraente*", portanto, de noção intensiva no próprio lexema) encontra-se imensamente encarecido tanto pela adição do sufixo *-ésimo*, como pelas ênfases fonéticas da silabação e da sobrecarga sonora. No segundo, vemos a conjunção de três fatores demonstrativos de intensificação, a saber, o lexical (uma vez que *devagar* é uma palavra de conteúdo intensivo para menos, indicando "*redução no grau de velocidade*"), o morfológico (representado pelo sufixo *-inho*, o qual, associado ao advérbio *devagar*, reforça ainda mais a intensidade desse conceito, em tom descendente), e o sintático (marcado pela repetição do vocábulo, o que também colabora para enfatizar ainda mais essa conceitualização intensiva). No terceiro exemplo, também encontramos, pelo menos aparentemente, três contribuições formais para expressar o conceito intensivo: trata-se do prolongamento silábico em "*branqui::nha*", da repetição desse forma ("*branqui::nha... branqui::nha*"), acompanhada do reforço adverbial "*bem*"⁷².

Todas essas combinações são tentativas de os locutores imprimirem reforço/ênfase à conceptualização do grau intensivo, e podem também ser utilizadas para incrementar o conteúdo em outras manifestações do grau⁷³, conforme atestado anteriormente (no item 1.2.3., tratando sobre o *escopo da intensificação*). Tais estratégias, como já afirmei, têm o objetivo de tornar o conteúdo informado semanticamente mais expressivo e cognitivamente mais saliente e, assim, contribuir para destacar algo que é considerado discursivamente relevante.

⁷² Poder-se-ia também considerar, nesse caso, o sufixo *-inho* como co-participante na expressão de intensidade, sendo mais um reforço intensivo. Porém, já que se encontra vinculado a um conceito de cor, seria discutível uma afirmação categórica quanto a isso.

⁷³ Eis mais estas amostras: "... uma outra equipe lá estava **a maior barulheira...**" (*Corpus D&G/RJ*, p. 66); "... a gente ia passar: **um bocado de tem::po... um bocado de tempo...**" (*Corpus D&G/Natal*, p. 438).

1.2.6. Conteúdos lexicais intensificáveis e suas respectivas funções sintáticas

De início, quero ratificar a idéia defendida de que o que é, de fato, intensificado é o conceito subjacente à palavra ou expressão a que o conteúdo intensivo se vincula, e não a forma lingüística em si. Aliás, conforme já ficou evidenciado, a noção intensiva pode até ser expressa de modo indireto, não se vinculando, necessariamente, a um item lexical/construção verbal específico(a). Também não há relação obrigatória entre o conceito intensificado e a classe gramatical do lexema com que se associa.

Tanto é que o mesmo conceito intensivo pode ser expresso por recursos lingüísticos (categorias lexicais) distintos, o que comprova a não paridade entre a idéia intensificada e uma dada forma lexical correspondente. Uma evidência disso pode ser conferida, por exemplo, em "bandidos de *alta periculosidade*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 387), cujo conteúdo intensificado, expresso por um substantivo, poderia ser verbalizado, mais ou menos, nos termos "*altamente perigosos*", sendo, aí, o adjetivo o elemento intensificado. O contrário também é possível, tal como em "o motorista do táxi *tranqüilíssimo*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 10), com intensidade no adjetivo, que poderia ser transformado, relativamente, em "*na maior tranqüilidade*". Ainda uma outra amostra pode ser vista em "começa a *chover assim... torrencialmente*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 33), na qual o conteúdo verbal intensificado pode vir, grosso modo, algo como "começa *uma chuva assim... torrencial*", nesse caso, com intensidade sobre o substantivo.

Por outro lado, não há como negar um forte pendor para, costumeiramente, intensificar-se uma noção referencial e esta ser verbalizada através de um substantivo, ou de se atribuir intensidade a uma dada circunstância e esta vir expressa por um advérbio, por exemplo, e assim por diante (a provar pela maioria avassaladora de casos em que isso se manifesta). Assim, os dados a seguir demonstram a tendência em se codificar a intensificação de um referente, ou de uma propriedade, ou de um evento/uma ação, ou de uma circunstância, associando-o(a) à classe lexical que, em geral, é utilizada para exprimir tal conceito.

(1) Conteúdos lexicais intensificáveis

a) Substantivos

- 1- "... uma outra equipe lá estava **a maior barulheira...**" (*Corpus D&G/RJ*, p. 66);
- 2- "... ah... **que vergonha** que eu fiquei... **que vergonha...**" (*Corpus D&G/RG*, p. 4);
- 3- "... eu acho que você faz com **muita competência...** com **muita competência mesmo...**" (*Corpus D&G/Natal*, p. 153).

b) Adjetivos

- 1- "... a praia estava **mui::to cheia... muito entupida...**" (*Corpus D&G/RJ*, p. 29);
- 2- "... ah::... o tempo **horrível... horrível... horrível... horrível...**" (*Corpus D&G/RG*, p. 3);
- 3- "... deixo esse óleo ficar **bem quente... bem quente mesmo...**" (*Corpus D&G/Natal*, p. 61).

c) Verbos

- 1- "... olhou para ele [o assaltante] e **bem alto berrou:** Esta [sic] amarrado, em nome de Jesus!..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 43);
- 2- "... então ela está muito decepcionada... **chora... chora... chora... chora...**" (*Corpus D&G/RG*, p. 5);
- 3- "... eu **tava olhando** pra ele **demais...** aí eu **olhava... olhava... olhava...** e ele também olhava..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 355).

d) Advérbios

- 1- "... começou a arregalar os olhos para mim e **esconder** a carteira e o relógio **tão rápido** [= *rapidamente*] que achei-me surpresa..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 43);
- 2- "... e nesse instante **arremecei** [sic] a bola **o mais longe que pude...**" (*Corpus D&G/RG*, p. 20);
- 3- "... cheguei no outro dia **de manhã bem cedinho...**" (*Corpus D&G/Natal*, p. 105).

e) Pronomes

- 1- "... eles estão dando mui/ *pouquíssimas* prioridades pras escolas caren/ quer dizer... deveria ter *muito mais* escolas... *muito mais* professores..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 50);
- 2- "Hoje em dia eu vejo que uma pessoa entrando no mercado de trabalho tem *muito menos*⁷⁴ chances de conseguir um resultado satisfatório..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 13);
- 3- "... é um lugar super restrito... super reservado... *bem meu mesmo*..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 39).

f) Locuções nominais

Às vezes, se bem que mais raramente (são menos de dez os casos encontrados), a intensificação pode vir associada a uma locução nominal, tal como se observa nas amostras que seguem.

- 1- "... me *deixou bem à vontade*... e me explicou alguns trechos..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 101) – esta, de caráter adverbial;
- 2- "... porque ela tinha me falado *uns assuntos* assim *super barra pesada* da vida dela..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 126) – equivalente a um atributo;
- 3- "... e por aí foi... né... *a rasgação de seda danada*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 177);
- 4- "... fiquei *muito sem graça*..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 16).

(2) Funções sintáticas dos conteúdos intensificáveis

Com respeito às funções sintáticas desempenhadas pelas categorias lexicais intensificadas, relaciono, a seguir, os casos prototípicos mais comuns.⁷⁵

⁷⁴ Considero essa forma ("*menos*"), bem como sua contraparte "*mais*", quando associada a substantivos, como um *pronome quantificador invariável*, e não um advérbio, como tradicionalmente se admite.

⁷⁵ Não estou considerando aí os casos de intensificação nos verbos-predicadores nem nos advérbios-adjunto adverbial pelo fato de isso já estar implicitamente contemplado no tópico anterior, nos itens sobre *verbos* e *advérbios*, respectivamente.

a) SA-predicativo (do sujeito ou do objeto)⁷⁶

- 1- "... *ele* saltou do carro... pô... **putão**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 10);
- 2- "... eu estava **muito nervoso**... estava::... **super nervoso**... né?" (*Corpus D&G/RG*, p. 26);
- 3- "... *os poros de absorção* ficam **bem menores**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 121);
- 4- "... Sua camada de zircone torna *as lentes* **ultra-resistentes** a arranhões e **muito mais duráveis**..." (In: *Cláudia*. jun., 2004, p. 79).

b) SN-objeto direto

- 1- "... tem que ter... eh... **muita paciência**... **muita calma** pra... sair quase perfeito..." (*Corpus D&G/RG*, p. 22);
- 2- "... além de... de diminuir **a superlotação** das penitenciárias... pode... pode servir como um chega pra lá nos bandidos..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 382);
- 3- "... Só se vê **recessão e mais recessão**...." (*Corpus D&G/RJ*, p. 21);
- 4- "... e as [universidades] particulares, [sic] cobram **um absurdo de mensalidades** e, nem por isso, oferecem **melhores condições**..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 16).

c) SA-adjunto adnominal de sujeito

- 1- "... então é... *o ponto* **mais alto** acho que dessa viagem... foi Esteios..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 103);
- 2- "... *o* **mais importante mesmo** é o primogênito... aí tiraram o primo/ o diabo tirou o primogênito... (...) aí um ano depois... tirou o segundo... *o [filho]* **mais velho** que ficou... parece que morreu num assalto..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 367);
- 3- "*A* **melhor coisa** que poderia ter acontecido na minha vida foi ter me mudado do Alecrim para Candelária..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 383).

d) SA-adjunto adnominal de predicativo

- 1- "... então eu era *um cara* **super fechado** assim..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 364);
- 2- "... solar com a mão direita... hoje é *a coisa* **mais natural** do mundo..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 376);

⁷⁶ SA = Sintagma Adjetival.

- 3- "... Jó foi *uma pessoa de muita fé*,..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 384);
- 4- "... A sala é o *maior e mais ventilado* cômodo da casa,..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 385).

e) SA-adjunto adnominal de objeto (direto ou indireto)

- 1- "... tem *uma lagoa bem grande*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 371);
- 2- "... em cima da tinha um ferro... *um ferro* ((riso)) *quente à beça*..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 46);
- 3- "... seja para dar à figura *formas mais suaves*, seja para dar *formas mais rudes*..." (*Corpus D&G/RG*, p. 22);
- 4- "... Essa má preparação (tem como consequência) resulta em *um maior índice* de reprovações,..." (*Corpus D&G/RG*, p. 23).

f) SA-adjunto adnominal em locução adverbial

- 1- "... ela me mostrou um casal *no maior sarro*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 363);
- 2- "... aí subiu e desceu *num VAPT-VUPT tão grande*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 366);
- 3- "... [a casa] fica entre um terreno baldio e *uma casa bem pequenininha*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 369);
- 4- "... só pra *esse tipo de crime hediondo*... *essas coisa bárbara*... *bárbara mesmo*... que deveria ser adotada a pena de morte..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 383).

2. Alguns dados quantitativos sobre a intensificação nos *Corpora D&G*

A seguir, passo a apresentar alguns quadros demonstrativos em que exponho uma amostra (representada pelas Tabelas 1 e 2, respectivamente) de alguns dos recursos formais evidenciadores da intensificação, utilizados no *Corpus D&G*, nas versões escolhidas para a coleta de dados neste trabalho, a saber, a do Rio de Janeiro, a do Rio Grande e a de Natal. Para essa amostragem, optei por selecionar, em cada versão, cinquenta (50) textos, distribuídos por grau de escolaridade, que inclui 3º grau, 2º grau, 1º grau maior (8ª série), 1º

grau menor (4ª série) e alfabetização⁷⁷ (um informante em cada um desses níveis), sendo dez (10) textos por grau (um falado e um escrito, nos cinco tipos textuais), perfazendo o total de cento e cinquenta (150) textos. Nesse levantamento, procurei escolher apenas os textos que, aparentemente, exibem maior incidência de casos explicitamente marcadores de intensidade. As amostras encontram-se separadas segundo a tipologia das formas empregadas para sinalizar o grau intensivo, que são *itens lexicais*, *repetição lexical*, *recursos fonéticos*, *processos mórficos*, *relações sintáticas*⁷⁸ e *formas mistas* (incluindo-se nestas as *combinações múltiplas*), em que co-atuam planos formais distintos.

Depois apresento um quadro comparativo dos usos de intensificadores nas categorias textuais utilizadas nos três *corpora*, a saber, *narrativa de experiência pessoal* (NE), *narrativa recontada* (NR), *descrição de local* (DL), *relato de procedimento* (RP) e *relato de opinião* (RO). Tais categorias recobrem os principais modos de organização textual, exibindo os tipos de estruturas de que se compõe a maioria dos textos.

A intenção desses procedimentos é, primeiramente, verificar quais as formas intensificadoras mais recorrentes e quais as classes lexicais mais recrutadas para a manifestação de intensidade. Depois, observar em que tipo de texto há maior tendência para o recurso à intensificação.

⁷⁷ Deve ser lembrada, quanto a isso, a relação entre o nível escolar e a faixa etária do informante, que, obviamente, varia de um nível para o outro. Quer dizer, alunos de escolaridade inferior têm menos idade do que aqueles de nível mais avançado.

⁷⁸ Decidi aqui separar a repetição lexical das demais construções sintáticas apenas para verificar isoladamente sua frequência de uso nas respectivas categorias lexicais.

Tabela sobre o uso de intensificadores nos *corpora D&G RJ, RG e NATAL*, considerando os modos de codificação lingüística e suas respectivas categorias lexicais, distribuídos conforme o grau de escolaridade. (T1)

Classes	Nível escolar	3º g.			2º g.			8ª s.			4ª s.			Alfab.			Total
	Formas / <i>Corpora</i>	RJ	RG	Natal	RJ	RG	Natal	RJ	RG	Natal	RJ	RG	Natal	RJ	RG	Natal	
Substantivo	Itens lexicais	01	-	-	03	-	-	-	-	05	-	-	-	-	-	-	09 (0,7)
	Repetição lexical	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01 (0,07)
	Recursos fonéticos	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 (0,07)
	Processos mórficos	-	01	01	01	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	04 (0,3)
	Relações sintáticas	17	08	50	09	07	18	05	12	11	06	01	03	-	-	02	149 (11,8)
	Formas mistas	01	01	02	02	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01	01	09 (0,7)
Subtotal		19	11	53	15	07	18	05	12	17	06	01	04	01	01	03	173 (13,8)
Adjetivo	Itens lexicais	02	-	05	01	01	04	01	-	06	02	-	-	-	-	-	22 (1,7)
	Repetição lexical	-	01	03	-	-	01	01	-	02	-	-	-	-	-	-	08 (0,6)
	Recursos fonéticos	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	02 (0,1)
	Processos mórficos	04	01	16	-	-	02	02	01	09	-	-	-	-	02	01	38 (3,0)
	Relações sintáticas	29	17	254	16	12	157	17	18	77	18	05	18	15	13	10	676 (53,9)
	Formas mistas	-	-	14	01	02	06	01	02	11	04	-	01	01	03	-	46 (3,6)
Subtotal		35	20	292	18	15	170	22	21	105	24	05	19	16	19	11	792 (63,2)
Verbo	Itens lexicais	-	-	01	01	-	-	-	-	02	01	-	-	-	-	-	05 (0,4)
	Repetição lexical	-	01	-	-	01	01	03	02	05	-	02	02	-	-	07	24 (1,9)
	Recursos fonéticos	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	01 (0,07)
	Processos mórficos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Relações sintáticas	21	01	57	11	09	35	10	07	02	07	-	12	05	08	-	185 (14,7)
	Formas mistas	-	-	02	01	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	04 (0,3)
Subtotal		21	02	60	13	10	36	15	09	09	08	02	14	05	08	07	219 (17,4)
Advérbio	Itens lexicais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Repetição lexical	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 (0,07)
	Recursos fonéticos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Processos mórficos	-	-	01	-	-	-	01	-	-	01	-	01	-	-	-	04 (0,3)
	Relações sintáticas	03	04	09	02	02	14	03	-	04	-	-	-	-	-	-	41 (3,2)
	Formas mistas	-	-	-	-	-	06	-	-	01	-	-	01	-	-	01	09 (0,7)
Subtotal		03	04	11	02	02	20	04	-	05	01	-	02	-	-	01	55 (4,3)
Pronome	Processos mórficos	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01 (0,07)
	Relações sintáticas	03	-	03	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	07 (0,5)
Subtotal		04	-	03	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	08 (0,6)
Loc. Nom.	Relações sintáticas	02	-	03	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	06 (0,4)
Total		84	37	422	49	34	245	46	42	136	39	08	39	22	28	22	1.253 (100)

Tabela 1 (Obs.: os números entre parênteses correspondem às quantidades percentuais)

Em primeiro lugar, cabe esclarecer que os textos do *Corpus* de Natal são os mais extensos, seguidos pelos do Rio de Janeiro e, por último, pelos da cidade do Rio Grande, que são os menores. Isso explica por que os dados coletados dos natalenses são mais numerosos, e os dos rio-grandenses, mínimos. Ainda quanto à extensão dos textos, nos três *corpora*, é evidente a disparidade entre o volume informacional dos textos orais se comparados aos escritos, uma vez que, na fala, além das características próprias dessa modalidade, que inclui muitas observações de fundo, paráfrases, entre outras, a tendência é os informantes serem mais espontâneos e prolixos, o que, obviamente, torna os textos mais "carregados". Por outro lado, uma semelhança percebida entre os *corpora* diz respeito ao tamanho diminuto dos textos pertencentes aos informantes da alfabetização, depois, os dos alunos da 4ª série, em relação aos dos demais níveis escolares⁷⁹. Tal fato se deve, muito provavelmente, entre outras coisas, pela limitada experiência de vida das crianças nessas respectivas faixas etárias e por seu reduzido repertório cultural, que se reflete, conseqüentemente, no pouco conteúdo informativo.

Pelos números exibidos na tabela exposta, pode-se perceber que, comparadas às demais formas de codificação, as construções sintáticas são mais numerosas (a saber, 1.064 ocorrências, ou 85% dos dados), especialmente as relacionadas aos conceitos adjetivais, responsáveis por 676 ocorrências, ou 54% do total. A propósito, conforme se vê nessa tabela, tais conceitos – os expressos por adjetivos –, seguidos, em menor proporção, daqueles representados por verbos, parecem ser mais tendentes à intensificação do que as demais classes, o que se comprova pelos 792 dados, equivalentes a 63,2%. Merecem destaque, ainda, as formas mistas (as quais, em sua maioria, incluem também processos sintáticos), que somam 68 ocorrências (igual a 5,4% dos casos), bem como as repetições lexicais (representantes de mais uma forma de combinação sintática), que se revelam até bastante recorrentes (coletados 34 casos, o que equivale a 2,7%), mormente nos conteúdos verbais, considerando-se que são usos tidos como não muito comuns.

⁷⁹ Embora tenha incluído, na Tabela 1, a divisão dos usos intensivos por nível de escolaridade, desconsidero aqui a análise desse quesito, pelo fato de já tê-lo contemplado, de certo modo, em minha pesquisa de mestrado, conforme comento brevemente à p. 20 deste trabalho.

A preferência pelas configurações sintáticas, ao que tudo indica, parece derivar do fato de que estas são as formas que melhor refletem, iconicamente, a transparência entre conteúdo e expressão. Significa que, em razão de possuir mais componentes lingüísticos e resultar numa seqüência formal mais extensa, esses modos de codificação são os que, aparentemente, exprimem, por alguma "similaridade" conceitual, a correspondência da relação entre a idéia intensiva e sua representação simbólico-verbal (cf. LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 221).

Tabela sobre o uso de intensificadores nas categorias textuais dos *corpora D&G RJ, RG e NATAL*. (T2)

Tipo textual	RJ			RG			Natal			Total Geral
	F	E	Subtotal	F	E	Subtotal	F	E	Subtotal	
NE	38	25	63 (5,0)	32	11	43 (3,4)	163	54	217 (17,3)	323 (25,7)
NR	25	09	34 (2,7)	23	08	31 (2,4)	150	39	189 (15,0)	254 (20,2)
DL	20	08	28 (2,2)	12	05	17 (1,3)	97	32	129 (10,2)	174 (13,9)
RP	23	07	30 (2,3)	09	03	12 (0,9)	109	35	144 (11,4)	186 (14,8)
RO	51	34	85 (6,7)	34	12	46 (3,6)	151	34	185 (14,7)	316 (25,2)
Total	157 (12,5)	83 (6,6)	240 (19,1)	110 (8,7)	39 (3,1)	149 (11,9)	670 (53,4)	194 (15,4)	864 (68,9)	1.253 (100)

Tabela 2 (Obs.: os números entre parênteses correspondem às quantidades percentuais)

Pelo que ficou demonstrado, a Tabela 2 apresenta uma incidência bem maior de recurso à intensificação quando se trata dos tipos textuais *narrativa de experiência pessoal* (NE) e *relato de opinião* (RO), ambos exibindo, respectivamente, 323 e 316 casos, ou 25,7% e 25,2% do total de ocorrências. Tudo leva a crer que isso se deve em razão de o primeiro tipo (NE) compor-se de um conteúdo relacionado à participação direta dos informantes em um acontecimento real. Assim, estes se sentem mais autorizados e à vontade para falar, uma vez que informam algo vinculado a uma situação vivenciada pessoalmente por eles. No caso do outro tipo (RO), os locutores falam de suas crenças e julgamentos quanto a um estado de coisas, exercendo seu direito de comentar e avaliar determinado fato/tema (aliás, escolhido por eles mesmos) a partir de sua ótica subjetiva. Daí, também, a espontaneidade para falar e atribuir seu juízo de valor com mais liberdade. Essas circunstâncias favorecem a produção de

textos mais extensos (principalmente os da modalidade oral, conforme já assinalado), visto que há a tendência para comentários, explicações e outras observações de fundo, criando um ambiente geralmente propício para o aparecimento de muitos conteúdos intensificados, em que os falantes desejam realçar algum componente ou porção informacional, tentando, desse modo, chamar a atenção para determinados aspectos de seu discurso que eles julgam importantes.

Em contrapartida, os tipos *narrativa recontada* (NR), *descrição de local* (DL) e *relato de procedimento* (RP) representam os casos de menor recorrência ao emprego de noções intensificadas. Uma explicação possível para a baixa incidência encontra-se no fato de esses tipos textuais possuírem menos informação, sendo, portanto, de tamanho mais reduzido se comparados aos demais. Isso pode decorrer do fato de, nesses tipos de discurso (mais particularmente na descrição e no tipo procedimental), os locutores parecem ser mais "objetivos" e focar diretamente o ponto em questão, não abrindo muito espaço para divagações extras. No caso do relato recontado, creio que, como os informantes não estão pessoalmente envolvidos, na condição de participantes dos fatos narrados, tendem, assim, a se concentrar no fio principal do "evento" exposto.

No entanto, esses fenômenos não podem ser tomados em termos absolutos. Significa que, nesses três últimos tipos de textos observados, verificam-se, num ou noutro, menos ou mais esclarecimentos e/ou apreciações de fundo. É isso que explica, de certo modo, a variabilidade quantitativa entre eles de um *corpus* para o outro, tal como se mostra nessa tabela sob apreciação.

Nas tabelas seguintes, apresento os recursos intensificadores, primeiramente, no que se refere às respectivas funções sintáticas às quais se relacionam (Tabela 3). Depois, com relação aos termos (pronominais e adverbiais) que, convencionalmente, acompanham as classes lexicais cujos conteúdos são por eles intensificados (Tabela 4), formando uma construção sintática intensiva. Pretendo, através disso, por um lado, fornecer um panorama caracterizador das funções sintáticas mais recorrentemente sensíveis à atribuição de intensidade; por outro, elencar os termos intensificadores mais recrutados e verificar as possíveis restrições de uma ou outra categoria lexical em relação a estes.

Para a Tabela 4, especificamente, selecionei, em cada *Corpus* (a saber, *RJ*, *RG* e *Natal*), os textos falados e escritos (incluindo os cinco tipos textuais) de um informante, apenas nos níveis de escolaridade 3º grau, 2º grau e 8ª série do 1º grau⁸⁰, o que equivale a um total de noventa (90) textos. O critério de escolha foi, mais uma vez, em função daqueles que são mais representativos quanto ao uso de recursos intensivos e, possivelmente, exibirem maior diversidade de casos.⁸¹

⁸⁰ Decidi deixar de fora dessa amostra (Tabela 4) os textos dos informantes da 4ª série e da alfabetização, por ter concluído que não trariam alguma contribuição significativa, uma vez que possuem uma quantidade bastante reduzida e pouco representativa de exemplos.

⁸¹ Vale esclarecer que estão sendo considerados apenas as *formações sintáticas simples* (ou seja, o termo intensificador e a categoria lexical que ele modifica), não estando, pois, contempladas as ocorrências de *formas mistas e combinações múltiplas*.

Tabela sobre os termos intensificadores mais utilizados nos *corpora D&G RJ, RG e Natal*. (T3)

Categoria lingüística	Forma Intensiva	RJ		Total parcial	RG		Total parcial	Natal		Total parcial	Total Geral
		F	E		F	E		F	E		
Substantivo	muito	-	01	01	06	01	07	25	11	36	44 (4,7)
	mais	-	-	-	02	01	03	06	-	06	09 (0,9)
	tanto	01	-	01	-	-	-	02	-	02	03 (0,3)
	super	-	-	-	-	-	-	01	-	01	01 (0,1)
	o(a) maior	10	-	10	02	01	03	20	06	26	39 (4,2)
Adjetivo	muito	07	07	14	12	07	19	186	36	222	255 (27,5)
	mais	05	07	12	03	06	09	77	27	104	125 (13,5)
	demais	-	-	-	-	-	-	09	-	09	09 (0,9)
	super	13	-	13	02	01	03	54	-	54	70 (7,6)
	bem	03	02	05	04	02	06	70	10	80	91 (9,8)
	tão	02	01	03	03	01	04	32	02	34	41 (4,4)
	bastante	-	02	02	01	02	03	-	03	03	08 (0,8)
Verbo	muito	08	09	17	05	01	06	74	07	81	104 (11,2)
	mais	08	02	10	01	02	03	31	06	37	50 (5,4)
	demais	-	02	02	-	-	-	06	-	06	08 (0,8)
	bem	04	01	05	-	-	-	01	02	03	08 (0,8)
	tanto	-	-	-	-	01	01	02	01	03	04 (0,4)
	bastante	-	-	-	-	-	-	04	-	04	04 (0,4)
Advérbio	muito	05	01	06	02	01	03	12	06	18	27 (2,9)
	mais	-	-	-	01	-	01	05	02	07	08 (0,8)
	super	-	-	-	01	-	01	04	-	04	05 (0,5)
	bem	-	01	01	-	01	01	11	-	11	13 (1,4)
	tão	-	-	-	-	-	-	01	-	01	01 (0,1)
Total geral		66	36	102	45	28	73	633	119	752	927 (100)

Tabela 3 (Obs.: os números entre parênteses correspondem às quantidades percentuais)

No quadro exposto, merecem destaque as seguintes constatações: em primeiro lugar, observa-se a alta produtividade das formas *muito* e *mais* , representantes de 430 e 192, respectivamente, do total de casos, ou seja, 46,3% e 20,7% destes. Isto se explica, em parte, pelo fato de essas formas se prestarem à intensificação de todas as categorias lexicais, o que parece não ser possível às demais. O outro motivo se deve, provavelmente, em razão de tais termos relacionarem-se às noções mais básicas de *quantidade* , conceito que se estende, de modo mais convencional, à expressão de intensidade.

Outra observação diz respeito ao emprego um tanto considerável de *bem* e *super* , responsáveis por 112 e 76 ocorrências, respectivamente, isto é, 12,1% e 8,2% destas. Essa incidência de casos é decorrente, suponho, da (quase) equivalência semântica com *muito* , cujo conteúdo encontra-se desgastado pela alta frequência de uso, segundo comentam Cuesta e Luz (1971, p. 477). Assim, a preferência por essas formas alternativas seja, possivelmente, devido a serem tomadas como mais expressivas, em especial, a segunda (*super*). Esta vem sendo utilizada, inclusive, até com advérbios (como em " *super bem* ", " *super cedo* ") e com locuções preposicionadas (como " *super à vontade* ", " *super a fim* ", por exemplo), porém seu emprego ainda é mais restrito à fala informal, conforme se verifica na tabela⁸².

Vale destacar, ainda, a boa frequência de uso de *o(a) maior* , restrito a substantivos (isto, explicável pela própria estrutura do intensificador – artigo+adjetivo), e a baixa ocorrência de *bastante* e *demais* , acompanhantes apenas de adjetivos e verbos nos casos coletados.

⁸² A combinação de *super* em acepção intensiva com verbos é ainda bastante limitada. Isso é observável em pouquíssimos casos, tais como *superlotar* , *superestimar* , *superfaturar* , por exemplo, em que tal termo aparece ainda na condição de prefixo.

Tabela sobre as funções sintáticas das categorias lexicais intensificadas nos *corpora D&G I RJ, RG e Natal*. (T4)

Corpus	Categorias lingüísticas						Total geral
	SA-pred.	SN-ob.dir.	SA-adj.adn. de sujeito	SA-adj.adn. de predicat.	SA-adj.adn. de objeto	SA-adj.adn. de loc. adv.	
RJ	41	18	01	11	14	05	90 (22,2)
RG	38	09	01	06	06	07	67 (16,5)
Natal	127	27	11	23	42	18	248 (61,2)
Total geral	206 (50,8)	54 (13,3)	13 (3,2)	40 (9,8)	62 (15,3)	30 (7,4)	405 (100)

Tabela 4 (Obs.: os números entre parênteses correspondem às quantidades percentuais)

Os dados expostos nessa tabela levam aos seguintes comentários: observa-se que a intensificação recai com maior freqüência no SA-predicativo, que cobre metade dos casos apurados (50,8%). A razão para isso reside no fato de ser essa função sintática mais reservada a esclarecimentos e apreciações avaliativas do locutor sobre algum conteúdo (cf. FORD et al., 2003, p. 136), sendo, assim, mais suscetível às intervenções pessoais e, com isso, favorável ao recurso à intensidade.

As outras funções sintáticas intensificadas de maior representatividade são o SA-adjunto adnominal de objeto (62 ocorrências, igual a 15,3%) e SN-objeto direto (54 amostras, ou 13,3% dos casos). Deve-se ressaltar, sobre isso, que o objeto é um dos termos pertencentes ao predicado cujo núcleo é preenchido por um verbo transitivo, na maioria das vezes, carente de complementação portadora de conteúdo novo, sendo, por outro lado, mais raros os casos com informação já conhecida. O fato de introduzir um novo referente, em algumas situações, necessitando de melhor delimitação ou em situação contrastiva, seja, possivelmente, o motivo para a atribuição de intensidade, no próprio referente ou em seu atributo, como demonstram os dados.

Em contrapartida, a intensificação relacionada ao adjunto de sujeito apresenta o índice mais baixo (apenas 13 casos, o equivalente a 3,2%), se comparada às ocorrências com outras categorias sintáticas. Tal fato se deve, provavelmente, em razão de ser o sujeito o termo mais tendente a representar informação velha, expressa, muitas vezes, por pronominalização

ou por anáfora zero, o que dispensa o recurso à delimitação conceitual do referente, reduzindo em muito a possibilidade de aplicação intensiva (cf. NEVES, 2006, p. 42-43).

CAPÍTULO 5

DEMANDAS COGNITIVO-INTERACIONAIS NO RECURSO À INTENSIFICAÇÃO

DEMANDAS COGNITIVO-INTERACIONAIS NO RECURSO À INTENSIFICAÇÃO

Neste capítulo, dedico-me em ampliar a análise e a interpretação dos processos de intensificação, conforme se apresentam nas diversas situações inter-comunicativas de fala e escrita, buscando identificar os aspectos funcionais envolvidos tanto em sua conceitualização como em seus diversos modos de manifestação lingüístico-textual. No primeiro momento, investigo as motivações semânticas de base cognitiva (*i.e.*, as projeções nocionais metafóricas e/ou metonímicas) subjacentes à formação conceitual de intensidade. Nesse ponto, recorro, ainda, à demonstração translingüística dos conceitos fundamentais mais recorrentes que embasam as noções intensivas, objetivando argumentar em favor da existência de determinados padrões cognitivos relativamente comuns na conceitualização do grau intensivo, a despeito da diversidade lingüística e cultural. Depois, examino essa questão, procurando identificar os fatores discursivo-pragmáticos também influentes na sua codificação formal.

1. Bases cognitivo-conceituais da intensificação

Dizer que, nos processos intensivos, revela-se a transparência icônica entre conteúdo e expressão (*i.e.*, a tentativa de "imitar", através da forma, a idéia de intensidade) não é algo novo. Aliás, isso já foi demonstrado em minha dissertação de mestrado (SILVA, 2000) com relação às construções não-canônicas do superlativo absoluto. Quanto a isso, verificou-se que, na tentativa de exprimir ou mesmo enfatizar uma noção superlativa, os locutores recorrem a determinadas estratégias "inovadoras" ou pouco comuns de alongamento/reforço formal, espelhando, desse modo, a motivação existente entre o conceito intensivo significado e sua codificação verbal⁸³.

⁸³ Ver explanação geral sobre isso no capítulo introdutório deste trabalho.

Sobre esse princípio icônico da quantidade mais especificamente relacionado ao conceito da intensificação, Lakoff e Johnson (2002, p. 221) já haviam se pronunciado, de uma maneira geral, afirmando o seguinte:

MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO.

(...) Esperamos, entretanto, que algumas espacializações metafóricas da língua ocorram em todos os idiomas e, mesmo que os detalhes sejam diferentes, não seria surpreendente encontrar essas correlações de quantidade.

Um exemplo em inglês de **MAIS FORMA É MAIS CONTEÚDO** é a iteração:

Ela correu e correu e correu e correu.

Que indica mais corrida do que simplesmente

Ela correu.

De forma similar,

Ele é muito muito muito alto.

Indica que ele é mais alto do que

Ele é muito alto.

O alongamento de uma vogal pode ter o mesmo efeito. Dizer

Ele é gra-a-a-a-ande!

Indica que o referente é maior do que se dissermos apenas:

Ele é grande! [destaques dos próprios autores].

Todavia, o que interessa aqui é identificar os fundamentos cognitivos que embasam a formação conceitual dos recursos de intensidade. Nesse sentido, as amostras a serem mais especificamente apresentadas no decorrer deste capítulo parecem indicar que os conceitos intensivos têm sua origem na percepção sensório-motora resultante de nossas experiências com o mundo físico e sociocultural, conforme já afirmado anteriormente. Explicando: os recursos lexicais e tantas outras estratégias morfológicas e/ou sintáticas de acréscimo estrutural, o alongamento silábico, a ênfase sonora e demais manifestações acústicas representam, na verdade, uma tentativa de reflexo simbólico dos conceitos básicos de *quantidade, tamanho/dimensão, peso/força, localização e estados/ sensações biofísico(a)s* ou *psicoafetivo(a)s* e também daqueles derivados de algo reputado como possuidor de um certo grau de *valor/desvalor*, oriundos da relação corporal do indivíduo com o espaço, seres, objetos, eventos e/ou situações com que está em contato.

Assim, pode-se admitir que os processos intensificadores derivam, em geral, do estabelecimento da relação cognitiva que se faz, metafórica e/ou metonimicamente, entre esses conceitos, de natureza mais abstrata, e aqueles de concepção mais "concreta", adquirida

através de experiências sensoriais, emotivas e intersociais. Note-se que, no caso específico do português (mas não menos em outras línguas, conforme se verá adiante), uma quantidade considerável das formas intensificadoras emerge diretamente dessas conceitualizações básicas.

1.1. Conceitos metafóricos e metonímicos de intensidade mais gerais e recorrentes

1.1.1. A metáfora de *quantidade* como recurso intensificador

Dentre todas as manifestações de intensificação, a que parece ser mais comum, nas diversas línguas pesquisadas, é a que tem como base a projeção metafórica do conceito de *quantidade*. Nesse sentido, o esquema cognitivo fundamental desse conceito pode ser expresso nos termos INTENSIDADE É QUANTIDADE, em que, mediante projeção conceitual, a noção de um domínio de base mais concreta (a *quantidade*) é mapeada em outro mais abstrato (a *intensidade*).

Pode-se depreender tal fato pela imensa variedade de línguas em que, para se exprimir o conceito intensivo, recorre-se exatamente ao mesmo termo utilizado para designar noções quantitativas, tais como *muito*, *bastante*, *mais* ou *demais*. Há casos em que, mesmo não se preservando a mesma forma lingüística, recorre-se a termos lexicalmente aparentados, sinalizando a permanência da relação conceitual básica.

Evidências disso são, por exemplo, o que temos em português entre as palavras *tão/tanto* e *quão/quanto*, em que os primeiros itens (*tão* e *quão*), designativos de *intensidade*, possuem a mesma base lexical de seus respectivos pares (*tanto* e *quanto*), indicadores tanto de *quantidade* como de *intensidade*; aqueles, acompanhantes de noções adjetivas ou adverbiais, e estes, extensivos a todas as noções expressas lexicalmente. Há também, em espanhol, o caso de *mucho* = *muito*, indicando *quantidade*, e *muy* = *muito*, significando *intensidade*, que possuem a mesma origem etimológica. Esse mesmo radical (*much*) pode ser também encontrado em inglês com as mesmas acepções de quantidade e intensidade, respectivamente, tal como em "He has too **much** money" ("Ele tem *dinheiro demais*") e "It's **much** better" ("[Isto] é *bem melhor*"), por exemplo. É igualmente digno de nota o que se observa no italiano entre *plus* = *mais* (de valor numérico-quantitativo) e *piu* = *mais* (designativo de

intensidade), que compartilham afinidade etimológica. E o interessante é que esse mesmo lexema serve como atribuidor de intensidade em francês, conforme se encontra, por exemplo, em "Marie est *la plus sage*" ("Maria é a *mais sábia*"). Tal fato se vê, ainda, em yawanawá, língua falada por uma tribo indígena do Acre, entre a palavra *itfapa* = *muito* (como em "atun *itfapa pia*" = "Eles comem muito"), que exprime quantidade, e o sufixo *tapa* = *muito* (em "*huitapa*" = "*muito sujo*" e "*binatapa*" = "*novíssima*", por exemplo), com noção intensiva (PAULA, 2003, p. 12).

Ainda com relação à metáfora de *quantidade*, em português, além das palavras *muito*, *bastante*, *mais*⁸⁴ e *demais*, temos também *tão*, *tanto*, *quão*, *(o) quanto*, *demasiado*, *demasiadamente*, *farto*, *fartamente*, *abundante/mente*, *um bocado*, *sem medida*, *desmedidamente*, *imensurável/mente*, *copioso*, *copiosamente*, *assaz/mente*, *além da conta* (este, também vinculado ao conceito metafórico/+abstrato de *localização*), entre outros. Vejamos estas ocorrências a seguir:

- 1- "... e entra *muita* gente também... e numa dessa... numa dessas levas de entra e sai... entrou uma garota *muito* bonita..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 105);
- 2- "Resultado *mais* efetivo ainda traria o anúncio de que o capturado fora o próprio Saddam... (...) Uma *mentira a mais*, uma a menos, não faz diferença." (TOLEDO, R. P. de. Entre sócias e sombras. In: *Veja*. 10/09/2003, p. 134);
- 3- "Mas afirmar que 'Saddam Hussein é o Napoleão do Islã' é forçar *demais* a barra... (...) o historiador se mostra *demasiadamente* arrogante." (FRANQUI, L. H. In: *Época*. 10/03/2003, p. 24).

Observe-se que, em 1-, a primeira menção de "*muita*", relacionada a "*gente*", remete a quantidade contável, de base concreta; já a segunda, em "*muito* bonita", tal termo confere intensidade a esse atributo, o que demonstra sua aplicação numa esfera mais abstrata. Em 2-, o primeiro "*mais*" – reforçado por "*ainda*" – designa a intensificação de "*efetivo*", enquanto o segundo denota, inequivocamente, quantidade em relação a "*mentira*". Em 3-,

⁸⁴ Na verdade, *mais* (de *magis*) tem a mesma raiz de *magno* (*grande*), isto é, *mag-*, que, por sua vez, é oriunda do grego *mega*. Sendo assim, observamos a íntima relação entre as noções de *tamanho* e *quantidade*; quer dizer, o que é numeroso/abundante é também percebido como de maior dimensão/massa material. Isso parece apontar, igualmente, para o que afirma Taylor (1992, p. 236-237) quanto à relação metonímica de causa e efeito entre quantidade e verticalidade.

tanto "*demais*" como "*demasiadamente*" exprimem intensidade; aquele quanto à atitude de "*forçar a barra*", e este quanto ao atributo "*arrogante*". Portanto, através desses casos, podemos constatar o mapeamento de quantidade numérica, em termos metafóricos, no domínio da intensificação.

Devem ser incluídos aqui, ainda, os sufixos *-ada*, *-(a)ria* e *-eiro/a*, nos quais se manifesta a idéia de "*quantidade excessiva*"/"*acúmulo*", cujos respectivos conceitos são construídos a partir do que é quantitativamente perceptível. Tais conceitos podem ser encontrados, por exemplo, no caso de *-ada*, em *papelada*, *filharada*, *goiabada*, *goleada*; no caso de *-(a)ria*, em *sapataria*, *padaria*, *infantaria*, *galeria*; no caso de *-eiro/a*, em *aguaceiro*, *lamaceiro*, *buraqueira*, os quais exibem maior "concretude" por serem apreendidos através da observação físico-perceptível. Essa noção "concreta" é, então, transferida para significar aquilo que nos parece além do seu estado entendido como normal. Entre os diversos exemplos, pode-se apontar, para *-ada*, *cipoada*, *paulada*, *risada*; para *-(a)ria*, *correria*, *gritaria*, *pancadaria*; para *-eiro/a*, *fofoqueiro*, *trabalheira*, *roubalheira*, todos eles significando "*ação enérgica/intensa*" e/ou "*excesso*", em termos mais abstratos. Eis alguns casos presentes em situações de discurso real:

- 4- "As reuniões ministeriais eram ocasião para *copiosas churrascadas*." (TOLEDO, R. P. de. Nhô Lula e a tentativa do último milagre. In: *Veja*. 13/07/2005, p. 134);
- 5- "... e foi *aquela correria* para não perdermos o ônibus." (*Corpus D&G/RJ*, p. 57);
- 6- "... outra alternativa, que não exige nem ação firme de Lula nem *discourseira* inútil: revogar a emenda da reeleição... mas não resolve nada para a sociedade, que ainda quer, quererá sempre, uma faxina ética em que a *sujeira salta aos olhos*." (PETRY, A. Qual a salvação? In: *Veja*. 13/07/2005, p. 96).

Essa tendência de transferir os conceitos básicos de quantidade, fundamentados na experiência com o mundo concreto, para a esfera mais abstrata da intensificação é observada em outras línguas. Os casos a seguir são uma boa evidência disso.

(1) Em alemão:

• *sehr* = *muito*.

7- "Das Glas ist *sehr voll*" = "O copo está *muito cheio*" (quantidade +concreta);

8- "Ich bin *sehr krank*" = "Eu estou *muito doente*" (designa intensidade).

(2) Em mandarim:

• *hě̃n* = *muíto(s)*, *bastante(s)*, *demais*:

9- "fáng zi lǐ rēn hě̃n duō" = "Há *muítas* pessoas na casa" (quantidade observável);

10- "tā gè zi hě̃n gāo" = "Ele é *muíto* alto" (idéia intensiva).

(3) Em neerlandês:

• *veel* = *muíto(s)*.

11- "de jogen heb *veel* auto's" = "O rapaz tem *muítos* carros" (quantidade contável);

12- "Ik heb *veel* gewerkt" = "Tenho *trabalhado muíto*" (conceito intensivo).

(4) Em japonês:

• *ippai* = *muíto(s)*, *bastante(s)*, *demais*, *cheio*.

13- "*ippai* daigakusé ga" = "*muítos* alunos universitários" (noção quantitativa);

14- "*ippai* muzukashii" = "*muíto* difícil" (exprime intensidade).⁸⁵

Um dado considerável sobre a relação entre intensidade e quantidade, ainda em japonês, encontra-se no intensificador *itchibán* (= *mais*, *o mais*, *maximamente*), como em "*watashi=wá ringo=gá itchibán suki dês*", isto é, "*Eu gosto mais de maçã*" (FUKUMA, 1993, p. 219). Esse termo intensivo é derivado da noção quantitativa do numeral *um* (1) – *ítchi* –, podendo significar, também, o ordinal *primeiro*. Nesse caso, creio que essa idéia de primazia relaciona-se, por associação, à idéia de importância/destaque, o que, possivelmente, favorece o deslizamento para o significado intensivo.

(5) No grego *koiné*, variante popular falada no início da era cristã (ALAND et al., 1970):

• *πολυ* = *muíto(s)*, *mais*, *bastante(s)*, *demais*.

⁸⁵ Os exemplos 7- a 14- foram fornecidos por falantes nativos dos respectivos idiomas.

- 15- "... και δαιμονια **πολλα** εξεβαλλον, και ηλειφον ελαιω **πολλους αρρωστους**..." = "... e expeliam **muitos demônios** e curavam **numerosos enfermos**,..." – Mar. 6:13 (ambas as ocorrências denotam quantidade);
- 16- "... αλαβαστρον μυρου ναρδου πιστικης **πολυτελους**..." = "... um vaso de alabastro com **preciosíssimo perfume** de nardo puro;..." – Mar. 14:3 (idéia intensiva).

(6) No hebraico antigo (HARRIS, 1998):

• **מְאֹד** (*me'od*)⁸⁶ = **numeroso, muito(s), (o) mais, excessivamente.**

- 17- "E o homem [Jacó] se tornou **mais e mais rico**; teve **muitos rebanhos**,..." – Gên. 30:43 (intensidade e quantidade, respectivamente);
- 18- "... todas as suas tropas com eles, **muito povo**,... e **muitíssimos cavalos e carros**." – Jos. 11:4 (idéia quantitativa);
- 19- "... tu [Jônatas] eras **amabilíssimo** para comigo!..." – II Sam. 1:26 (idéia intensiva).

(7) O inglês é, em igual medida, pródigo nesses casos. Em apenas um texto (*Awake!* Aug. 8, 2002, p. 13-15) – sobre energia geotérmica –, colhi as seguintes amostras:

• **much** = **muito** (em quantidade material ou em intensidade).

- 20- "... 'We generate **so much hot water and steam** every hour that it is necessary to inject separated water back into the ground reservoir...' = "... 'Nós geramos **tanta água quente e calor** a cada hora, que é necessário injetar água separada de volta para o reservatório do solo...' (noção de quantidade material);
- 21- "... But underground, pressures are **much higher**,..." = "... Mas, no subsolo, as pressões são **muito mais altas**..." (expressa intensidade).

• **more** = **mais** (em quantidade material ou em intensidade).

- 22- "**More pipes** can be seen bringing steam from the wells..." = "**Mais tubos** podem ser vistos trazendo vapor dos poços..." (idéia de quantidade material);

⁸⁶ Não foi possível transcrever aqui o texto em hebraico devido à extrema dificuldade de notação gráfica. Outro obstáculo é a inexistência da escrita vocálica no *software* (pequenos sinais gráficos colocados sob as representações consonantais), o que deixaria a grafia dos fragmentos textuais bastante empobrecida.

23- "Future developments will no doubt help us see how to use our treasures *more beneficially*..." = "Os desenvolvimentos futuros, sem dúvida, nos ajudarão a ver como usar nossos tesouros *mais beneficentemente*..."⁸⁷ (noção intensiva).

(8) Observamos também igual tendência em tikuna – língua indígena brasileira –, com a palavra *ãurüma* (= *muíto(s)*, *bastante(s)*, *demais*), tal como se pode ver nos exemplos a seguir encontrados em Soares (2000, p. 131 e 162, respectivamente):

24- " *ãurüma tchawü-tchi'ü*" = "*muíta bebida de milho*" (exprime quantidade);

25- " *ãurima na rütcha*" = "*muíto inchado*" (de conteúdo intensivo).

(9) O mesmo ocorre em outra língua indígena brasileira, o karitiana, pertencente ao tronco tupi. Müller et al. (2006, p. 191) informam que a palavra *kandat* (= *muíto(s)*, *bastante(s)*, *demais*) serve tanto para indicar quantidade como intensidade. Os autores fornecem os seguintes dados como evidência:

26- "*Kandat nakahori dibm taso*" = "*Muitos homens* irão amanhã" (noção quantitativa);

27- "Pyrykiidn jonso *pytim'adn kandat tyym*" = "Há mulheres que *trabalham muíto*" (expressão de intensidade).

(10) Thompson et al. (2006, p. 18-24) fornecem-nos algumas amostras em wappo (língua indígena norte-americana, falada no vale do rio Russo, ao norte de São Francisco – Califórnia), em que a palavra *leʔa* (= *muíto(s)*, *bastante(s)*, *demais*) tanto pode ser aplicada à noção de quantidade como à de intensidade. Vejamos as amostras que seguem:

28- "*c'ici leʔa ho:miseʔ*" = "*Muitos pássaros* estão voando" (noção quantitativa);

29- "*ah leʔa le:če uk'ši*" = "Eu bebo *muíto leite*" (idem do anterior);

30- "*ce k'eši leʔa ohcaʔšeʔ'*" = "Este cervo *pesa bastante*" (noção intensiva);

31- "*ah te leʔa okal'ukh hak'šelakhhi*" = "Eu não gosto que ela *fale muíto/demais*" (idem do anterior).

⁸⁷ Os casos 20- a 23- são traduções minhas.

Essas evidências reafirmam o caráter metafórico da noção intensiva em sua relação com o conceito básico mais "concreto" de quantidade. E esse mapeamento metafórico parece ser o mais produtivo e fundante, a provar pela sua enorme recorrência discursiva (conforme se comprova através da Tabela 3, à p. 189, em que se revela a alta incidência de *muito* e *mais*, acrescentando-se a isso as ocorrências com *tanto*, *bastante* e *demais*, todos relacionados ao conceito quantitativo).

Um dado interessante nisso é que, a despeito da diversidade sociocultural e lingüística, essa relação parece, de certo modo, sistemática, sinalizando um vínculo semântico-cognitivo mais geral, isto é, um mapeamento conceitual entre esses domínios (o quantitativo e o intensivo), de ordem superior, mais ligado ao modo como formulamos cognitivamente o conceito de intensidade. Assim, o que importa não é buscar as similaridades lexicais/gramaticais translingüísticas na expressão desse conceito, o que, obviamente, não existe, mas em que medida as diferentes comunidades de fala espelham, através de seus recursos lingüísticos particulares, a afinidade ideacional entre um conceito e outro.

1.1.2. A noção intensiva derivada do conceito de *tamanho/dimensão*

Invocando a argumentação de Taylor (1992, p. 236-237), confirmada em Lakoff e Johnson (1999, p. 54-55; 2002, p. 62) e em Croft e Cruse (2004, p. 217), em favor da relação entre metáfora e metonímia, sendo esta entendida como mais fundamental e determinante para aquela, levanto aqui a hipótese de que, na relação entre intensidade e tamanho/dimensão, possivelmente, haja, em primeiro lugar, uma operação metonímica entre quantidade e tamanho. Isto porque, em nossa percepção objetiva, o tamanho de uma determinada entidade depende da quantidade de substância/massa material que a constitui. Sendo assim, *dimensão/proporção/altura/extensão física* são resultantes naturais, de acordo com nossa percepção, do acréscimo ou da redução quantitativo(a) de seu(s) componente(s) massivo(s).

Aliás, não é incomum flagrarmos a estreita relação entre quantidade e *dimensão*. Quanto a isso, são abundantes as ocorrências em que a noção quantitativa é designada através de termos/expressões cujo conteúdo vincula-se à idéia de *tamanho/dimensão*. Apenas a título de ilustração, apresento estes excertos textuais:

- 1- "... a *produtividade* do bando era *muito maior*, ou seja, todo mundo tinha *mais carne* para comer,..." (In: *Veja*. 08/06/2005, p. 75);
- 2- "... Isso leva os bancos a cobrar *taxas ainda maiores...*" (In: *Veja*. 04/05/2005, p. 64);
- 3- "Gastar *um dinheiro* com telefonia local só tem graça quando não é na sua empresa. Lig Local da Intelig Telecom..." (In: *Veja*. 18/05/2005, p. 95).

O fragmento textual 1- exprime o conceito quantitativo, relacionado ao aumento da "*produtividade*", em termos de tamanho ("*maior*"), e isso é explicitado no próprio trecho, quando se esclarece, mais adiante, que tal fato tem a ver com "*mais carne*". No fragmento 2-, o acréscimo do valor quantitativo das "*taxas*" é designado por "*maiores*". Em 3-, o sufixo *-ão* em *dinheiro* remete, evidentemente, à quantidade exagerada de valor monetário, que, nesse caso, aparece conceitualizada em termos de tamanho aumentativo. Essas evidências nos levam a admitir que o domínio de tamanho/dimensão ("*maior*") é mapeado no de quantidade ("*mais*"); em outras palavras, MAIS É MAIOR (o contrário – MENOS É MENOR – também é verdadeiro), que, de modo mais específico, representa o esquema básico mais geral QUANTIDADE É TAMANHO/DIMENSÃO. Nesse sentido, não é de se estranhar a base lexical comum, ao menos no latim, entre *mais* e *grande/maior* (*magis*, já apontada anteriormente na nota nº 83, à p. 201) e entre *menos* e *menor* (*minus*).

Ainda uma outra demonstração desse vínculo pode ser constatada num exemplo do nungubuyu, língua australiana, encontrado em Croft (1990, p. 179): "*Balamumu wu:= wali- η ru η gal*" ("*A tribo Balamumu chegou, vários deles/muita gente*"). Neste, o termo destacado – "*ru η gal*" – significa, literalmente, "*grande*".

Portanto, quando se diz que algo é grande ou pequeno, largo ou estreito, alto ou baixo, espesso ou fino etc., subjaz aí, indiretamente, a noção quantitativa, numa relação causa-efeito, por isso mesmo, metonímica. Nesse sentido, o conceito metafórico intensivo que reflete o esquema INTENSIDADE É TAMANHO/DIMENSÃO (no qual o domínio-fonte da dimensão física, de base mais concreta, é mapeado no domínio-alvo mais abstrato da intensificação), na verdade, tem como fundamento primitivo, creio, a relação metonímica de causa-efeito entre quantidade e dimensão. Assim, implicitamente, ainda se mantém o vínculo conceitual entre quantidade e intensidade, no sentido de que *o que é mais/menos é também*, como consequência natural, *maior/menor*.

A metáfora de tamanho/dimensão existente na conceitualização intensiva faz-se representar através de diversos termos e expressões. Entre os/as mais comuns, encontram-se *grande*, *grandioso*, *enorme/mente* (este, derivado da noção do *que não é normal*), *imenso*, *imensamente*, *gigante*, *gigantesco*, *alto*, *altamente*, *amplo*, *amplamente*, *largo*, *largamente*, *vasto*, *grosso*, *gordo*, (o) *maior*, (o) *menor*, (o) *máximo*, (o) *mínimo*, *ínfimo*, *magnitude*, *magistral*, *tamanho* (derivado de *tam magno*) etc. Os dados a seguir ilustram bem isso.

- 4- "O ganho no crime organizado é **grande**, mas os riscos são **altíssimos** e a vida é fora da lei." (UCHÔA, E. In: *Época*. 10/03/2003, p. 24);
- 5- "Quanto **maior** era a população, **maior** também a necessidade de comida." (In: *Veja*. 08/06/2005, p. 75);
- 6- "A informação de que Saddam costumava operar com sócias foi **amplamente** alardeada pelo governo de George W. Bush..." (TOLEDO, R. P. de. Entre sócias e sombras. In: *Veja*. 10/09/2003, p. 122).

No trecho 4-, vemos claramente a relação metonímica entre quantidade e tamanho quanto ao fato de "ganho" ser considerado "grande" (em outras palavras, ganha-se *muito dinheiro* no crime organizado). Essa relação contígua quantidade > dimensão licencia a relação analógica dimensão > intensidade. Quer dizer, se quantidade é conceitualizada como tamanho/dimensão e é igualmente mapeada no domínio da intensificação, então o conceito de tamanho/dimensão pode também ser transferido para significar intensidade (mais ou menos como no esquema matemático: se $A = B$ e também $= C$, logo $B = C$). Quanto a "altíssimos", também em 4-, nele confirma-se, mais uma vez, a relação de contigüidade metonímica entre quantidade e tamanho (em sentido vertical). Tal relação poderia ser esquematizada algo como *quantidade > elevação física/tamanho vertical > altura*, em que se revela a seqüência causa > efeito, de acordo com o que já foi esclarecido pelos teóricos citados anteriormente, o que enseja o mapeamento metafórico tamanho (vertical) > conceito intensivo. Vale observar, ainda, o fato de termos, aí, intensificação da intensificação (ou seja, *alto*, que, nesse contexto, já designa intensidade, acrescido do reforço sufixal *-íssimo*), uma vez que o locutor deseja enfatizar (e alertar) que "os riscos" são *ainda maiores* que "o ganho" no crime organizado, isto comprovado pelo contrajuntivo "mas".

Em 5-, a proporcionalidade entre o número quantitativo da "população" e a igual "necessidade de comida" expressa, do mesmo modo, o vínculo estabelecido entre quantidade

e tamanho/dimensão. Note-se que, na primeira referência, "*maior*" (designativo de *tamanho*) tem a ver com o *número de pessoas*, portanto, uma noção quantitativa observável, traduzida, metonimicamente, em termos dimensionais; na segunda, relaciona-se ao conceito +abstrato "*necessidade*", demonstrando, assim, a transferência metafórica de um domínio (o numérico-quantitativo) para o outro (o intensivo) pelos mesmos motivos já explicados anteriormente.

O fragmento 6- exibe também uma dupla intensificação. Primeiro porque a própria palavra "*alardeada*" já traz em si uma noção intensiva, significando mais ou menos *divulgação altissonora e exagerada*; depois pelo fato de vir reforçada por "*amplamente*", cujo conceito básico é de "*grande proporção*", portanto, relativo a *tamanho considerável*. Como este é atribuído à ação de *alardear*, transferindo-se, assim, da esfera concretamente mensurável para o âmbito abstrato da intensificação, operou-se, então, a projeção metafórica, resultante, por sua vez, da associação básica entre quantidade e amplitude (*i.e.*, o que possui *mais* medida é conseqüentemente *maior/amplamente*, daí, também +*intenso*).

A relação metonímica quantidade-tamanho/dimensão e seu reflexo metafórico na formação do conceito intensivo mostra-se ainda mais evidente nos casos em que o próprio *design* linguístico exibe em si uma forma exagerada de codificação, conforme já assinalado (ver comentário de Lakoff e Johnson no início deste capítulo), numa tentativa de associação icônica entre conteúdo e expressão. Reparemos os extratos textuais que seguem, em que a intensificação se configura mediante o elástico formal em tom enfático:

7- "... Olhos *beeeem* maquiados

Cabelos *beeeem* lisos

Unhas pintadas de *preto, preto, preto, preto...*" (MING, L. In: *Veja*. 28/09/2005, p. 98);

8- "... a gurria caiu no chão... eu comecei *dá-lhe... dá-lhe* na cara dela... *dá-lhe... dá-lhe...* (...) e:: ficou um hematoma na cara da gurria... eu comecei a dar risada... a gurria começou... *chorar... chorar... chorar* e eu dava risada..." (*Corpus D&G/RG*, p. 50);

9- "... aí na volta [de Maceió]... teve assim... menina o shopping lá... o shopping dá de dez daqui [de Natal]... ave Maria... *que grande... imenso... imenso... imenso...* aí a gente entrou nesse shopping... a gente fomos lá... mas menina... ave Maria... *grande demais...* e bonito..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 341).

Nesses casos, o que se vê é a inflação do material linguístico – quer pela repetição lexical, quer pelo alongamento sonoro – como recurso intensificador ou como maior reforço

intensivo (em "*beeeem maquiados*" e "*beeeem lisos*", que já estão intensificados pelo advérbio "*bem*" – no fragmento 7-). Desse modo, mesclam-se as noções de quantidade e tamanho/dimensão, uma vez que *mais* palavras resultam em *maior* forma verbal, prestando-se, assim, à manifestação do conteúdo intensivo: em 7-, acentua-se a tonalidade da cor *preta*; em 8-, intensificam-se as noções de *dar* e de *chorar*, respectivamente; e, em 9-, exagera-se o grau dimensivo quanto ao *tamanho do shopping de Maceió*.

A transposição do conceito de tamanho/dimensão para o domínio da intensificação pode ser também observada no uso de afixos. Na prefixação, há os casos de *mega-*, *macro-*, *maxi-*, *mini-* e *micro-*. Quanto à sufixação, temos, entre os mais comuns, *-ão*⁸⁸, *-aço*, *-udo* (de noção aumentativa/ascendente) e *-inho* (com idéia diminutiva/decrecente).⁸⁹

A relação entre concretude e abstração nos afixos é vista, por exemplo, em casos como "*megaconstrução*"/"*megaevento*", "*macrocéfalo*"/"*macroeconomia*", "*maxissaia*"/"*maxidesvalorização*", "*miniatura*"/"*minicurso*", para a prefixação; entre os sufixos, temos "*naviaço*"/"*ricaço*", "*barrigudo*", "*narigudo*"/"*sortudo*", "*linguarudo*" etc. Deve-se notar que, nesses pares, os primeiros exemplos referem-se a *tamanho físico perceptível*, enquanto os demais vinculam-se a *noções intensivas* (para mais ou para menos), derivadas metaforicamente das anteriores. Vejamos, ainda, estas amostras:

10- "... A captura de um sócia do ex-ditador [Saddam Hussein], de perfil igualmente rechonchudo, *o bigodão espesso* e *o jeito absurdamente bonachão*, para alguém com as mãos tão manchadas de sangue,..." (TOLEDO, R. P. de. Entre sócias e sombras. In: *Veja*. 10/09/2003, p. 122);

11- "... ela [a cidade de Espírito Santo/RN] se localiza próximo a Goianinha... nessa região Oeste... é *uma cidadezinha pequenininha*... poucos habitantes..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 80).

No fragmento 10-, o sufixo *-ão*, em "*bigodão*", relaciona-se, inequivocamente, às proporções físicas do *bigode*, ou seja, um *bigode grande* e "*espesso*"; na segunda referência

⁸⁸ Um exemplo do uso desse sufixo (*-ão*) que evidencia o nexo existente entre a idéia de quantidade e a de tamanho pode-se ver em "... depois ficaram conversando *um tempão*." (*Corpus D&G/RG*, p. 8). Nesse excerto, *-ão*, tradicionalmente designativo de *tamanho físico avantajado*, refere-se à *quantidade considerável de tempo* gasto na conversa, configurando-se, assim, o mapeamento metonímico de causa-efeito entre a noção quantitativa e a dimensiva dela resultante.

⁸⁹

(em "*bonachão*"), possui uma acepção mais abstrata, significando a intensidade do qualificativo *bom*. Quanto ao sufixo *-inho*, no excerto 11-, a primeira menção (em "*cidadezinha*") designa o *tamanho diminuto da cidade*, portanto de conteúdo mais "concreto"; no entanto, ligado ao atributo "*pequeninha*", funciona, nesse contexto, como elemento de *maior ênfase intensiva*, uma vez que o termo *cidade* já se encontra graduado para menos e acompanhado pelo reforço adjetival, cuja base léxica comporta também a idéia de graduação descendente.

Vale notar, ainda, que o sufixo *-ão* com idéia intensiva tende a se combinar mais com lexemas que possuem *valor positivo* ou com *noção conceitual para mais* (como em "*bonitão*", "*fortão*", "*grandão*" etc.); pode também, além disso, denotar *desprestígio exagerado* (em "*bobão*", "*bundão*", "*grandalhão*" e outros). No caso de *-inho*, este, por seu conteúdo designativo de *pequenez*, como elemento intensificador, aparece mais associado a palavras cuja noção indica *direção para menos*, reforçando-lhe a idéia diminutiva (tal como em "*pequeninho*", "*cedinho*", "*devagarinho*" "*agorinha*" etc.); também, por extensão metafórica, presta-se à atribuição de valor atenuante ou depreciativo, conforme se vê em "*bonitinho*", "*crescidinho*", "*gentinha*" e similares.

Também devem ser incluídos nessa lista os sufixos de valor diminutivo *-eco(a)* – presente, por exemplo, em *boteco* (indicando tamanho diminuto), *soneca* (*sono rápido e de pouca intensidade*, mais ou menos, como *um cochilo*) –, cuja noção, muito provavelmente, ensejou a metáfora depreciativa encontrada em palavras como *filmeco*, *jornaleco*, *repeteco*, *meleca*, entre outras, e *-ico/-isco*, como em *burrico*, *nanico*, *rabisco*, por exemplo, estendidos metaforicamente para designar *menos intensidade*, conforme se nota em *namorico*, *veranico*, *chuvisco* etc. Há, ainda, os casos de *-ete/-eta*, os quais provêm, do mesmo modo, da noção "+concreta" de *tamanho pequeno*, como a encontrada em palavras do tipo "*saleta*" e "*vareta*" ou "*caminhonete*" e "*disquete*". Esses mesmos sufixos podem também exprimir, por mapeamento metafórico, *pequenez abstrata*, como em "*lembrete*", prestando-se, igualmente, à expressão de intensidade desqualificadora, tal com se pode ver nesta amostra: "Só nesta *republiqueta* [Brasil] um ministro se presta a participar de reuniões na calada da noite e continua no cargo." (SILVA Jr. P. C. da. In: *Veja*. 07/06/2006, p. 38).

O mesmo também é válido para o sufixo *-ote*, cuja designação de algo percebido como *pequeno*, é transferida para se aplicar à noção mais abstrata de *pequenez* ou de

inferioridade. Isso pode ser atestado, por exemplo, em vocábulos como "*caixote*", "*saiote*", "*serrote*" e "*filhote*", "*rapazote*", "*fracote*". O interessante nos casos de *filhote* e *rapazote* é que, nestes, parece misturarem-se tanto a idéia de *tamanho* ("+concreta") como a de *pouca idade* (+abstrata).

Ainda um outro modo de se perceber a íntima relação entre tamanho e intensidade através da afixação encontra-se nas seguintes passagens textuais com o sufixo *-aréu*:

12- "... fez *aquele fogaréu*, e foi aumentando, aumentando, até que se transformou numa *grande explosão*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 67);

13- "... aí... *aquele mundaréu de gente* na minha frente... né?..." (*Corpus D&G/RG*, p. 4).

Em 12-, o sufixo *-aréu* (de "*fogaréu*") denota a *grande proporção do fogo*; no caso 13- (em "*mundaréu*"), intensifica de modo enfático a noção de *mundo*, que, por sua vez, exprime figurativamente a idéia de *quantidade demasiada* de "*gente*". Voltando ao exemplo 12-, merece destaque, ainda, o adjetivo "*grande*", que intensifica, em termos abstratos de *tamanho*, o referente "*explosão*", demonstrando, também, a inter-relação entre esses conceitos.

Essas evidências reforçam o argumento em favor do mapeamento metafórico entre a noção "+objetiva" de tamanho físico e o conceito +abstrato de intensidade. Tal relação mostra-se produtiva não apenas através dos itens lexicais que podem exprimir uma noção ou outra, mas também por meio da afixação, cujos conteúdos transitam, do mesmo modo, entre uma acepção dimensiva mais tangível e uma projeção mais abstrata desta com valor intensivo.

Em outras línguas, parece também ser comum a transferência metafórica da noção "+concreta" de tamanho/dimensão para a conceitualização +abstrata de intensidade. Vejamos essa tendência nas amostras a seguir:

(1) Em alemão, segundo nos apresenta Silva (2003, p. 28 e 30, respectivamente):

• *groß* = *grande, muito, mais*.

14- "Zwei Uhr nachts in Hamburg. Petra Frank ist allein in ihrer *großen* *Vierzimmerwohnung*." = "São duas horas da madrugada em Hamburgo. Petra Frank está sozinha em seu *amplo* *apartamento* de quatro quartos." (noção +objetiva de tamanho);

15- "Meine grôâte Schwäche ist meine Unpünktlichkeit." = "Minha *grande/maior* *fraqueza* é minha impontualidade." (noção intensiva +abstrata).

(2) Em húngaro:

• *nagy* = *grande, muito, demais*.

16- "*nagy ház*" = "*casa grande*" (noção +concreta de tamanho/dimensão);

17- "*nagyon jó*" = "*muito bom*" (noção metafórica intensiva).⁹⁰

(3) No grego *koiné* (ALAND et al., 1970):

• *μεγα* = *grande, demasiadamente*.

18- "... και εξήγηθεν φωνη *μεγαλη* εκ του ναου... και σεισμος εγενετο *μεγας*... και εγενετο η πολις η *μεγαλη* εις τρια μερη... και Βαβυλωνη *μεγαλη* εμνησθη ενωπιον του θεου... οτι *μεγαλη* εστιν η πληγης αυτης σφοδρα." = "... e saiu *grande* voz do santuário,... e ocorreu *grande terremoto*... e a *grande cidade* se dividiu em três partes,... e lembrou-se Deus da *grande Babilônia*,... porquanto o seu *flagelo* era *sobremodo intenso*." – Apoc. 16:17-21.

Nesse exemplo, vemos que o termo "*μεγαλη*" é utilizado tanto para designar *grandeza física* como *intensidade*. Em "*grande cidade*" e "*grande Babilônia*" parece haver, ao mesmo tempo, a noção de *grande extensão territorial* (de base mais concreta) e a de *grau elevado de importância* (numa acepção intensiva mais abstrata), visto que sabemos ser esta uma das maiores e mais proeminentes cidades do mundo antigo, tanto em tamanho como em termos econômicos, políticos e socioculturais. As demais referências ("*grande voz*", "*grande terremoto*" e "*sobremodo intenso*") apontam para conceitos intensivos: a intensidade sonora da "*voz*", a intensidade sísmica do "*terremoto*" e a extrema intensidade do "*flagelo*".

(4) No hebraico antigo (HARRIS, 1998):

• *גדול* (*gadol*) = *grande, alto, muito(s), intenso*.

19- "... para entrardes a possuir *nações maiores* e mais fortes do que tu; *cidades grandes* e muralhadas..." – Deut. 9:1;

20- "... Amnom sentiu por ela [sua irmã] *grande aversão*, e *maior* era a *aversão* que sentiu por ela que o amor..." – II Sam. 13:15;

⁹⁰ Os exemplos 16- e 17- foram fornecidos por um falante nativo.

21- "... e [Rabsaqué] *chorou muitíssimo*." – II Reis 20:3.

Na amostra 19-, temos em "*nações maiores*", mais uma vez, a fusão dos conceitos de quantidade/tamanho/intensidade, revelando a interação entre metonímia e metáfora na formação deste último. Esclareço: o termo intensificado "*maiores*" representa uma extensão metafórica da relação metonímica entre a *extensa quantidade numérica da população* e o fato conseqüente de as nações serem consideradas *muito grandes*, refletindo a associação contígua causa (quantidade)-efeito (tamanho). Isso também explica a coerência da informação posterior quanto a ocuparem cidades igualmente "*grandes*". Em 20- e 21-, o conceito metafórico de *grandeza* aplica-se, respectivamente, à intensidade da "*aversão*" e do *choro*.

(5) Para demonstrar essa relação conceitual entre tamanho e intensidade em inglês, apresento os trechos colhidos, também, no mesmo texto da revista *Awake!* (2002, p. 13-15), com "*huge*" e "*large*":

- **huge** = *enorme, imenso, extremamente grande* (em tamanho físico, importância ou valor).

22- "... these loops allow for expansion and contraction of *the huge pipes* as they heat and cool." = "... estas presilhas permitem a expansão e a contração dos *enormes tubos* enquanto eles aquecem e esfriam." (exprime a idéia +concreta de dimensão física);

23- "Beneath the surface of the earth lies *a huge treasure*... it is a tremendous store of heat called geothermal energy." = "Sob a superfície da terra repousa *um enorme tesouro*... é um tremendo estoque de calor chamado energia geotérmica." (refere-se, em termos mais abstratos, aos imensos recursos naturais e valor socioeconômico da energia geotérmica).

- **large** = *grande* (em dimensão física ou em termos metafóricos intensivos).

24- "... Awake! visited *a large geothermal facility* called Mak-Ban, in the Philippine province of Laguna." = "... Awake! visitou *uma grande usina geotérmica* chamada Mak-Ban, na província filipina de Laguna." (com clara noção de tamanho físico perceptível);

25- "... the Philippines has become one of the *world's largest producers* of power from geothermal energy." = "... as Filipinas têm se tornado um dos *maiores produtores*

mundiais de energia geotérmica." (metaforicamente, designa grandeza intensiva, em mais uma relação entre a quantidade de produção e "tamanho" empresarial).⁹¹

(6) Na língua káro (do tronco tupi), os falantes também se valem do conceito de tamanho/dimensão para significar intensidade. Gabas Jr. (*apud* RODRIGUES e CABRAL, 2006, p. 14) apresenta-nos evidências disso:

26- "*oken cútem*" = "Eu dormi *muito*";

27- "□a o□toy *ma□aptem*" = "Ela me *observou por muito tempo/demoradamente*".

Analisando-se os termos "*cútem*" e "*ma□aptem*", em 26- e 27-, respectivamente, temos: *cú-*, que significa, literalmente, *grande*, e *ma□ap*, que se traduz exatamente por *longo*. Com o acréscimo do sufixo adverbializador *-tem*, esses atributos designativos de tamanho/dimensão físico(a) transformam-se em intensificadores das noções verbais, configurando-se, assim, o mapeamento metafórico de um domínio (o conceito de grandeza) no outro (o conceito intensivo).

(7) Do mesmo modo, em japonês, também flagramos a relação entre a noção dimensiva e sua projeção metafórica no conceito de intensidade. Isso se comprova através do termo *ookii*, que significa *grande*, relativo a tamanho/extensão físico(a). A idéia intensiva também pode ser expressa a partir desse termo, tal como se vê, por exemplo, no derivado *ookiku* = *grandemente* (FUKUMA, 1993, p. 330).

Um dado interessante, ainda quanto à relação entre quantidade, tamanho e intensidade, pode ser visto no alemão (com o termo *groß*) e no hebraico antigo (com o termo גָדוֹל [*gadowl*]), cujas palavras designam o conceito de *grandeza*. As ocorrências 28- (do primeiro) e 29- (do segundo) demonstram isso:

28- "Ich habe *ein großen Bruder*" = Literalmente: "Eu tenho *um irmão maior*", ou seja, "Eu tenho *um irmão mais velho*" (exemplo fornecido por um falante nativo);

29- "A Sem, que foi pai de todos os filhos de Héber e *irmão mais velho* de Jafé, também lhe nasceram filhos." – Gên. 10:21 (HARRIS, 1998).

⁹¹ As traduções dos exemplos 22- a 25- são de minha responsabilidade.

Em ambos os casos, o termo *grande* (*groß* e *gadawl*, respectivamente) refere-se ao fato de alguém ter *mais idade/mais anos de vida*, o que, em outras palavras, significa ser *mais velho*. Ocorre que, pela nossa experiência perceptual, observamos haver, quase sempre, uma relação entre ser *mais velho* e ser *maior em tamanho físico*. Assim, nessas línguas, a conceitualização intensiva de *mais velho* traduz-se em termos da projeção metafórica de *grandeza*, que, por sua vez, vincula-se, por contigüidade (portanto, metonimicamente), ao conceito quantitativo de *mais anos*.

Quanto a isso, merece ser citado o caso do recurso intensificador em que se utiliza a expressão *um(a) senhor(a)*. Parece-me que a razão de esta designar um conceito intensivo resulta do fato de alguém ser chamado(a) de *senhor(a)* e isso associar-se à idéia de este(a) ser mais velho(a)/adulto(a); possuir, geralmente, maior tamanho físico; exercer certo poder; e, assim, impor tratamento respeitoso. É, portanto, lícito conjecturar que essas inter-relações conceituais podem funcionar como motivação para o uso dessa construção como metáfora intensiva, tendo sua produtividade favorecida, como nos demais casos, pela inferenciação pragmática. Vejamos estes dados:

30- "... tem ali... mais ou menos ali na Praia dos Artistas... **uma senhora** mansão..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 126);

31- "... aí a gente voltou... mas foi **uma senhora** experiência..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 33);

32- "A banda [Motim] leva **uma senhora** vantagem em relação aos grupos mais jovens." (Reportagem do *Jornal Hoje/TV Globo*, em 06/07/2004).

Na primeira amostra (30-), "*uma senhora*" aponta metaforicamente para o exagero na descrição e/ou avaliação das dimensões/características físicas da "*mansão*". Na segunda (31-), tal expressão aponta para o sentido de uma *experiência intensamente emocionante*. Na terceira, relacionada a "*vantagem*", é, mais ou menos, equivalente a "*enorme*"). Assim, em todas essas ocorrências, não há dúvida de que essa expressão atua como intensificadora dos conteúdos lexicais com que se relaciona.

1.1.3. A conceitualização de *peso/força* extensiva à noção de intensidade

Seguindo a mesma linha de raciocínio esboçada no item anterior quanto à estreita relação conceitual entre quantidade e tamanho, em termos metonímicos, e suas respectivas

projeções metafóricas na conceitualização do grau intensivo, defendo aqui que a metáfora de *peso/força* presente em algumas noções intensivas, muito provavelmente, constrói-se nesses mesmos moldes/esquemas. Isto porque, considerando o que apreendemos pela experiência em situações reais, do mesmo modo que associamos mais/menos substância material (noção quantitativa) à conseqüente alteração no tamanho dos seres ou coisas, também estabelecemos igual relação contígua entre a dimensão física destes(as) e o fato de nos parecerem menos ou mais pesados e/ou poderem exercer/demandar menor ou maior força (cf. LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 62). Tal relação nos permite exprimir o conceito intensivo em termos do que é *pesado, forte, poderoso* e assim por diante, cujo esquema cognitivo básico pode ser representado como INTENSIDADE É PESO/FORÇA.

Focalizada sob esse ângulo, faz sentido encontrarmos muitas noções intensivas expressas por palavras como *pesado, forte/mente, reforçado, poderoso, poderosamente, potente, imponente, vigoroso, vigorosamente, rigoroso, rigorosamente, intenso, intensamente*, entre tantas outras que se associam a esse conceito. Isso se revela, ainda, a meu ver, nos casos em que o falante imprime maior "peso" sonoro a um item cujo significado deseja intensificar. Vejamos como isso se manifesta nos casos a seguir:

1- "Seu carro não leva a bike? Acorda.

Seu carro não leva a prancha? Acorda.

Seu carro não leva o cachorro? Acorda.

Sono pesado esse seu, hein?

Tá na hora de você acordar para o Honda Fit." (In: *Quatro Rodas*. abr., 2005, p. 104);

2- "... era uma... uma... *uma forte tempestade... uma chuva forte...* e eu tava do lado da janela na asa do avião... e... e pra mim era *uma coisa muito forte* porque meu pai tinha muito medo de avião... e... um pouco desse medo transferiu-se pra mim..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 95).

Em relação ao texto 1-, é claro que "*pesado*" não se refere denotativamente à idéia concreta de *peso*, sendo, em vez disso, uma atribuição metafórica à intensidade do "*sono*". Creio que uma explicação para se conceitualizar, metaforicamente, essa intensidade em termos de *peso* é o fato de que, quando estamos *extremamente sonolentos*, é *como se isso fosse um peso* que se impõe irresistivelmente sobre nós e nos domina. Nesse sentido,

estabelece-se uma operação nocionalmente comparativa entre *algo tão pesado* a ponto de não podermos suportar e o *sono intenso*, que exerce seu "peso" de forma irresistível.

Quanto ao fragmento textual 2-, a idéia de *força* relacionada a "*tempestade*"/"*chuva*" tem a ver com a *intensidade* desta. Isso significa que, dado o grande volume de água que cai numa chuva assim classificada, em geral, acompanhada de ventos e trovões (daí ser também vista como "*tempestade*"), do ponto de vista natural, consideramos que tal volume possui *força*, podendo, inclusive, vir a causar estragos e prejuízos. Assim, dada a associação analógica que é feita entre algo volumoso, forte e imponente e uma chuva de tal magnitude e potência, pode-se falar em "*forte tempestade*"/"*chuva forte*". Na última referência, relacionada a "*uma coisa*" (i.e., *sensação/medo*), "*forte*" possui acepção ainda mais abstrata por vincular-se a um estado psicológico. Nesse contexto, equivale a algo como *uma sensação/um medo muito intensa(o)*. Vemos aqui, mais uma vez, o estabelecimento de afinidade entre "*tamanho*"/"*proporção*", "*força*"/"*poder*" e a transposição metafórica desses conceitos para o domínio abstrato da noção *intensiva*, em virtude de serem conceitualizados como ideacionalmente "similares"/"aparentados".

As amostras seguintes, em inglês, corroboram a tendência em se conceitualizar *intensidade* como *peso/força*:

- 3- "He [Stern] argues that the aspects of a source domain that are relevant to a target domain are *heavily dependent* not only on the domains themselves, but on the whole context of the utterance,..." (CROFT e CRUSE, 2004, p. 210) = "Ele [Stern] argumenta que os aspectos do domínio-fonte que são relevantes para o domínio-alvo são *fortemente dependentes* não apenas dos próprios domínios, mas também de todo o contexto do enunciado,..." [tradução minha];
- 4- "It is believed that the proposed experiential approach, even though itself largely articulated on the basis of constructed data, nevertheless *strongly encourages*, in fact requires, the investigation of naturally occurring data for its further development,..." (MARMARIDOU, 2000, p. 279) = "Acredita-se que a abordagem experiencialista proposta, ainda que amplamente articulada na base de dados construídos, não obstante *encoraja fortemente* – na verdade, exige – a investigação de dados que ocorrem naturalmente, para o seu maior desenvolvimento,..." [tradução minha].

Nesses trechos, do mesmo modo, os respectivos vocábulos "*heavily*" e "*strongly*" (ambos traduzidos como "*fortemente*", embora o primeiro seja, ao pé da letra, "*pesadamente*") não se relacionam a *peso* ou *força em termos físicos*. Na verdade, são expressões metafóricas de intensidade atribuídas, respectivamente, ao qualificativo "*dependent*" ("*dependente*") e à ação verbal "*encourages*" ("*encoraja*"). Nesse sentido, a *intensidade* da *dependência* e do *encorajamento* é entendida como *um peso/uma força* com poder de pressão, que conduz a um determinado fim.

Ainda a respeito da correspondência entre a acepção mais concreta de *peso/força* e sua transposição metafórica para o conceito de *intensidade*, vale observar o que foi levantado anteriormente quanto à possível relação entre isso e a tonicidade silábica. Os exemplos a seguir, captados em Gonçalves (2003), são uma evidência dessa relação, em que os locutores imprimem peso/força sonoro(a) ao componente verbal cujo conceito desejam intensificar. Esse procedimento é, também, conforme já esclarecido, uma estratégia iconicamente motivada de se aproximar forma e significado:

- 5- "E por falar nisso, a Dona Dalva fez ontem uma *carne assada gos***TOOOOO**sa..." (p. 48);
6- "O que? Adoro ele [Thiago Lacerda], que *ele* é lindo demais, que é **GA-TÉ-SI-MO!**" (p. 50).

Examinando-se esses dados, vemos que, neles, combina-se mais de uma forma expressiva de manifestação do conceito intensivo. Em 5-, co-atuam o alongamento silábico e o reforço acústico. Nesse caso, parece haver a interação entre as noções de *quantidade* (mais material sonoro), *tamanho* (forma mais extensa/maior duração sonora) e *peso* (força sonora acentuada), colaborando na formulação metafórico-icônica da *idéia intensiva*. Em 6-, temos, além da silabação e da ênfase fônica, o sufixo intensificador *-ésimo*, que também é marcado pela tonicidade acústica, numa espécie de reforço intensivo adicional.

Assim, vemos, mais uma vez, a superposição de componentes verbais, na qual se (con)fundem quantidade, tamanho e peso/força, resultando em mais/maior volume e carga formal, numa tentativa de estabelecer uma associação conceitual entre tais recursos e a intensificação. Temos, desse modo, uma espécie de cadeia/seqüência associativa de causa e efeito, de natureza metonímica, que poderia ser esquematizada, mais ou menos, como *quantidade* ⇒ *tamanho* ⇒ *peso*. Portanto, não é difícil concluir que tal associação licencia a formulação do conceito intensivo, em termos de extensão metafórica, a partir de qualquer uma

dessas noções, sendo a primeira delas (*quantidade*), ao que tudo indica, o apoio basilar para a construção das demais.

A associação metonímico-metafórica entre quantidade e intensidade, em termos do conceito de *peso*, pode ser demonstrada de modo mais transparente no trecho que segue:

7- "... Aos 23 anos, a top gaúcha [Ana Hickmann] tira proveito do auge

e investe **pesado** para transformar seu nome numa grife de luxo." (ANGELI, A. In: *Cláudia*. jun., 2004, p. 144).

Veja-se que, *investir pesado*, nesse caso, pode ser interpretado, grosso modo, como *fazer um investimento numa quantidade considerável, no que se refere a valores financeiros*. Portanto a relação causa-efeito entre o que é mais quantitativo/numeroso e seu acentuado peso correspondente viabiliza a transferência conceitual para o plano intensivo, resultando na metáfora em termos do que é *pesado* para designar algo *intenso*. Essa relação poderia traduzir-se através do seguinte cálculo lógico: se *quantidade* (*Q*) associa-se, por contigüidade, a *peso* (*P*) e, comparativamente, à *intensificação* (*I*), isso nos permite deduzir que esta pode, também, ser associada à idéia de peso. Quer dizer, se *Q* implica *P* e pode, igualmente, designar *I*, então é plausível conjecturar que *I* possa ser conceitualizada em termos de *P*.

1.1.4. A idéia de intensidade oriunda do conceito de *localização*

O conceito de *localização* (vertical ou horizontal) aplicado metaforicamente à idéia intensiva dá-se, a meu ver, devido à relação daquele com a percepção que temos não apenas quanto à posição superior/inferior, além/aquém dos seres e coisas no mundo, mas também com o fato de estes(as) se situarem num ponto considerado máximo ou além de um limite tomado como "normal". Nesse sentido, defendo a hipótese de que tal conceitualização, provavelmente, associa-se, ao mesmo tempo, aos esquemas cognitivo-perceptuais mais básicos de *recipiente* ("*container*", nas palavras de LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 81-83) e de *quantidade* mensurável. Isto porque, no caso da intensificação, em diversos contextos, como

mostram os dados, esta é expressa por palavras ou expressões do tipo *alto*⁹², *altamente*, *elevado*, *profundo*, *profundamente* (relativos à verticalidade), *avançado*, *extremo*, *extremamente*, *além*, *de longe*, *pra lá de* (vinculados à horizontalidade) e tantas outras. Em vista disso, podemos afirmar que o esquema sintetizador dessa relação pode ser expresso nos termos INTENSIDADE É LOCALIZAÇÃO (de orientação vertical ou horizontal). Ilustro isso, citando os seguintes extratos textuais:

- 1- "Ele [o presidente Lula] passou a *acreditar em si mesmo muito além do que seria razoável*. (TOLEDO, R. P. de. Nhô Lula e a tentativa do último milagre. In: *Veja*. 13/07/2005, p. 134);
- 2- "*Juros altos* são resultado da falta de confiança na capacidade do Estado de saldar seus débitos. O Estado deve muito, gasta mais do que arrecada e tenta arrecadar cada vez mais para poder gastar o que não tem. O ciclo é infernal. (...) *Dívida elevada, carga tributária excessiva*, leis trabalhistas retrógradas, burocracia enlouquecedora, ritos jurídicos e judiciários desanimadores, rombo na Previdência." (ALVARENGA, T. Espelho, espelho meu. In: *Veja*. 04/05/2005, p. 64);
- 3- "Apesar do *eleitorado feminino* ser *infinitamente maior*, nenhuma mulher assumirá, no próximo ano uma cadeira na Câmara. – O que é *profundamente lamentável*." (SABOYA, C. de. In: *Diário de Natal*. 09/10/2004, p. 3);
- 4- "... Porto Rico e Santo Ângelo já fica na... *no extremo assim... do outro lado do mapa do Rio Grande do Sul...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 104);
- 5- "... dando um ar de *extrema independência* da mulher..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 72).

Em 1-, o termo "*além*", cujo conceito já se encontra intensificado por "*muito*", obviamente não denota "*lugar adiante*"/"*localização fora do limite*" em termos objetivamente perceptuais, e sim a *intensidade* do crédito que o presidente Lula tem em si mesmo. Nesse caso, "*o que seria razoável*" (a *razão*) é conceitualizado como se fosse um espaço e o "*acreditar em si mesmo*" (a *crença*), devido à sua *excessiva* "quantidade"/"extensão", como se ultrapassasse esse limite.

⁹² Incluí aí *alto* e seu derivado adverbial, já referidos no caso da metaforização intensiva do conceito de *tamanho*, em razão do duplo caráter semântico dessa noção. Isso significa que esta pode ser conceitualizada tanto com a acepção de "*grande porte*"/"*estatura avantajada*" (extensão vertical) como de "*situação elevada*"/"*posição superior*" (localização vertical). Aliás, tais diferenças são devidas à perspectiva adotada: se o referente é visto/focado considerando-se sua dimensão vertical ou sua situação nesse sentido. Todavia, o que importa aqui é o fato de essas noções, de um modo ou de outro, projetarem-se na idéia de intensidade.

Na amostra 2-, "altos", que intensifica "juros", e "elevada", intensificador de "dívida", são conceitos intensivos relacionados à idéia de *posição vertical superior*, oriundos, conforme já discutido, da relação metonímico-metafórica MAIS É PRA CIMA, isto é, do mapeamento da *noção quantitativa* "+concreta" no domínio mais abstrato da *intensificação* em termos de *altura*. No caso do intensificador "excessiva", relativo a "carga tributária", sua conceitualização é oriunda da idéia de algo que se localiza/vai além do(a) limite/medida estipulado(a). Isso indica, novamente, a conjunção dos conceitos abstratizados de *container*, *quantidade* e *localização*, uma vez que, se algo encontra-se *localizado além do limite*, é porque *extrapolou quantitativamente a medida de um determinado recipiente*, ultrapassando, assim, suas fronteiras. Desse modo, é visto como *excessivo*. Nesse sentido, configura-se aqui, mais uma vez, a interação produtiva entre metonímia e metáfora, considerando-se que esta, nesse contexto, é também fruto das relações de contigüidade existentes naquela.

No excerto 3-, temos a abstratização da idéia locativa relacionada a intensidade, expressa, respectivamente, pelos termos "infinitamente", atribuído ao também intensificador "maior", e "profundamente", vinculado a "lamentável". Naquele, a interpretação, em termos metafóricos, é de algo que *se estende a um ponto cuja distância é imensurável* por não possuir uma demarcação estabelecida. Neste, o conceito intensivo é metaforicamente derivado da noção de *localização vertical num ponto extremamente baixo/fundo e distante da superfície num container*.

Cabe retomar aqui o esquema proposto por Lakoff e Johnson (1999, p. 54-55) MAIS É PARA CIMA e observar que, em termos de verticalidade, MAIS também pode ser PARA BAIXO, dependendo da perspectiva adotada. Significa dizer que, numa direção descendente, quanto mais se desce, mais ao fundo/profundo se vai; também quanto mais se tira, menos/menor fica. Isso, de certo modo, explica por que *profundo/profundamente* podem ser utilizados como noção intensiva. No caso do fragmento textual 3-, o fato de esse conceito vir associado a "lamentável", como seu intensificador, provavelmente, esteja relacionado à avaliação demasiadamente negativa, verificada nesse contexto de uso, quanto à informação exposta, o que favoreceu o mapeamento metafórico de tal conceito no domínio da intensidade.

Os trechos 4- e 5- exibem, através dos respectivos termos "extremo" e "extrema", a diferença entre a noção ancorada na concretude, isto é, referindo-se à região fronteira do Rio

Grande do Sul, e a resultante do processo de abstratização desse conceito, que intensifica a idéia de "dependência".

Outras palavras cujo conteúdo metafórico de intensidade também se relaciona ao conceito mais "tangível" de localização são as que se referem ao espaço sideral, tais como *exorbitante*, *estratosférico*, *astronômico* (este último, mais relacionado à idéia de *grandeza*, por designar algo que possui *dimensões de um astro*). Isso, provavelmente, em razão de se associarem à noção de distância para muito além/acima dos limites terrestres. Observemos os seguintes excertos textuais:

6- "... Na primeira, [o presidente Lula] foi grosseiro com os brasileiros, que sofrem com os *juros estratosféricos*..." (ALVARENGA, T. Espelho, espelho meu. In: *Veja*. 04/05/ 2005, p. 64);

7- "... os que ficam, embora poupados das longas semanas, ou meses, ou anos, de sobressaltos, de preocupações, de vigílias em hospitais e de plantões à beira da cama, sem falar do *preço astronômico* das doenças, especialmente os terminais, são fulminados pelo choque do inesperado." (TOLEDO, R. P. de Primeira e dama. In: *Veja*. 02/07/2008, p. 142).

A intensificação em termos de localização metaforizada também se revela em alguns elementos prefixais. Entre os designativos de *posição vertical*, encontramos as formas *sobre-*, *super-*, *hiper-*, por exemplo, com noção abstrata de *superioridade*, e *sub-*, *infra-* etc., de conteúdo intensivo de *inferioridade*. Quanto aos indicativos de *situação horizontal*, temos *extra-*⁹³, *ultra-* e similares⁹⁴. A transposição metafórica dessas noções mais tangíveis de localização, nesses prefixos, para o terreno da intensificação pode ser conferida em pares como *sobrepôr/sobre-humano*, *supercílio/superlotado*, *sublinhar/subnutrido*, por exemplo, para a relação *situação acima ou abaixo e intensidade*, e *extravasar/extra-forte*, *ultra-marinho/ultra-conservador*, para a relação *situação fora/além e intensidade*.

Esses prefixos aparecem também combinados com sufixo(s), formando um item lexical graduador/intensificador, como é o caso de *superior* (*mais/muito acima*), *supremo* (o

⁹³ Esse sufixo (*extra-*) já contém em sua formação básica um elemento designativo de *localidade*. Trata-se do prefixo *ex-*, presente também em outras composições lexicais, tais como *exceder*, *excesso*, entre outras. Tal prefixo é, por sua vez, derivado da forma grega *ek(s)-*, cuja noção básica é *estar fora/ir além da fronteira delimitada*, em outras palavras, *ultrapassar o limite territorial/do recipiente* (cf. HOUAISS e VILLAR, 2004, p. 1279).

⁹⁴ No caso do esquema intensivo de orientação horizontal.

mais alto/acima de todos), **soberbo** (*que está/se vê acima de todos*), **extremo** (*o mais exterior/distante de todos*), **extremamente** etc., ou com outras palavras, resultando na criação de termos com conteúdo igualmente intensivo, tal como se encontra em **sobremodo**, **sobremaneira** (*de modo superior*), **extraordinário** (*fora/além do comum ou normal*) **extraordinariamente**, entre outros. Vejamos agora as seguintes amostras em uso real, todas com valor intensivo, as quais dispensam comentário:

8- "Super Poupança Itaú.

Um investimento **superseguro** e **supersimples**, que você faz e acompanha com toda a **superconveniência** do Itaú:..." (In: *Veja*. s.n.t.);

9- "... as meninas, de top, shortinho e **silhueta hipercurvilinear**, saracoteavam na areia de Copacabana sob gritos delirantes..." (Coluna social Gente. In: *Veja*. 18/05/2005, p. 72);

10- "... Sua [lentes Crizal] camada de zircão torna as **lentes ultra-resistentes** a arranhões..." (In: *Cláudia*. jun., 2004, p. 79);

11- "... Cantoras da categoria de Ná Ozzetti **valorizam sobremaneira** a interpretação de belíssimos clássicos do nosso cancionário,..." (VINÍCIOS, M. O túmulo da música popular brasileira. In: *Foco: A Revista do RN*. 2005, p. 26);

12- "... Vida difícil, **vida extraordinariamente cara** mesmo para os parisienses:..." (LUFT, L. Índios em Paris. In: *Veja*. 18/05/2005, p. 22).

Dados interessantes sobre o mapeamento metafórico entre a idéia locativa (seja de orientação vertical ou horizontal) e o conceito de intensidade são encontrados já no latim, tal como se pode ver nos trechos a seguir:

13- "**Super** omnes beatus" = "**Mais** feliz que todos os outros" (HEINE, 1997, p. 124);

14- "Pœnas dare **super** quam satis est" = "Ser punido com **rigor sobremodo excessivo**" (SARAIVA, 1993, p. 1159);

15- "**Longe** nobilissimus et ditissimus apud Helvetios" = (RIBEIRO, 1956, p. 331);

16- "Plurimum et **longe** longeque plurimum" = (RIBEIRO, *ibidem*).

Este outro fragmento, em que uma noção de lugar aplica-se à idéia intensiva é encontrado em Said Ali (1971, p. 84), segundo este, referente ao período renascentista:

17- "Os quaes peixes são *muy peçonhentos por extremo*" = "Esses/Tais peixes são **extremamente venenosos**".

Esse mesmo fenômeno de transferência metafórica do conceito de localização, em ambos os sentidos, para designar intensidade pode ser também observado em outras línguas. Comprovamos isso através dos dados que seguem:

(1) Em húngaro (trechos extraídos do jornal *Nepszava*, 2004. Május 1, Szombat):

• **túlon** = *além, demasiadamente, extremamente*.

18- "... a határi **túlon** magyarok..." = "... aos húngaros **além** da fronteira..." (indica localização posterior, distância em sentido horizontal);

19- "... **túlon** tul átpolitizálunk..." = "... **politizados ao extremo/por demais**..." (conceito intensivo).

(2) No grego *koiné* (ALAND et al., 1970):

• **επι** = *sobre, em cima/acima de, demasiadamente, intensamente*.

20- "... θεωρουσιν του Ιησουν περιπατουτα **επι** της θαλασσης..." = "... viram Jesus andando **por sobre o mar**..." – Jo. 6:19 (noção "+concreta" de localização vertical);

21- "... **Επιθυμια** επεθυμησα τουτο το πασχα φαγειν..." = "... Tenho **desejado intensamente** comer convosco esta páscoa,..." – Luc. 22:15 (aqui, abstratizado na idéia de intensidade).

• **υπερ** = *sobre, acima de, além, mais*.

22- "Μη **υπερ** α γεγραπται, ινα μη εις **υπερ** του ενος..." = "Não **ultrapasseis** o que está escrito, a fim de que ninguém **se ensoberbeça**..." – I Cor. 4:6 (o primeiro designa *ir além/exceder*, figurativamente; o segundo exprime *noção intensiva de orgulho*);

23- "Διακνοι Χπιστου εισιν;... **υπερ** εγω... εν πληγαις **υπερβαλλοντως**,..." = "São ministros de Cristo?... **Eu ainda mais**... em açoites, **além da medida**;..." – I Cor. 11:23 (em ambos, reside a metáfora espacial de valor intensivo).

(3) No hebraico antigo (HARRIS, 1998):

• **על** ('*al*) = *sobre, acima, por cima de, além, mais, extremamente*.

24- "... do meio dos dois querubins que estão **sobre a arca** do testemunho, falarei contigo..." – Êx. 25:22 (exprime posição vertical);

- 25- "Mataram, *além* dos que já haviam sido mortos, os reis dos midianitas,..." – Núm. 31:8 (noção quantitativa);
- 26- "Pois tu, Senhor, és o *Altíssimo sobre toda a terra*; tu és *sobremodo* elevado *acima de todos os deuses*." – Sal. 97:9 (temos aí tal palavra como designativa, ao mesmo tempo, do grau intensivo – em "*Altíssimo*" e "*sobremodo*" – e do grau hierárquico – em "*sobre*" e "*acima*" –, em ambos os casos, uma extensão metafórica do conceito locativo de *situação elevada/posição superior*, este ancorado na experiência de ver algo sobreposto a outro).

(4) Em inglês:

• *high* = *alto, grande*.

- 27- "An approach that includes information on conceptual organization and conceptual transfer must have a *higher explanatory potencial*..." = "Uma abordagem que inclui informação sobre a organização e a transferência conceituais deve ter *um potencial explanatório mais alto/maior*..." (HEINE, 1997, p. 16);

• *far/further* = *bem, muito, mais, além, demais* etc.

- 28- "Both spatial and temporal relations are *further exploited* to mark what is sometimes referred to as 'logical relations' in discourse." = "Relações temporais e espaciais são *bem mais utilizadas/exploradas* para marcar o que às vezes é referido como 'relações lógicas' no discurso." (HEINE, *ibidem*, p. 150).⁹⁵

É evidente que os respectivos termos ("*higher*" e "*further*") empregados nesses exemplos não designam localização em termos "denotativos"/"literais" (*i.e.*, *mais alto* e *mais longe*). Na verdade, exprimem a noção metafórica de *intensidade*, aplicada, respectivamente, a *potencial explanatório* e *utilizadas/exploradas*.

Existem também, ainda em inglês, algumas construções cujo termo intensificador exprime a noção metaforizada de localização em sentido vertical ou horizontal. Entre elas, encontram-se, por exemplo, *top secret* (*super/altamente secreto*), *high tech* (*alta tecnologia*), *low carb* (*alimento com baixo teor de carboidrato*), *deep impact* (*impacto profundo*), *far better* (*bem/muito melhor*) e outros.

⁹⁵ As traduções dos exemplos 27- e 28- são de minha responsabilidade.

Ainda sobre a utilização da idéia de situação vertical ou horizontal para indicar intensidade em termos metafóricos é o que vemos nos exemplos fornecidos por Heine (1997), presentes em línguas bastante diversas. As amostras 29-, 30- e 31- são, respectivamente, do yorubá, haussa e duala (estas, faladas na África); a 32- é do alemão; e a 33- é do motu (em Nova Guiné). Em todas elas, o elemento intensificador destacado (significando *mais...do que*) é oriundo da noção literal mais "concreta" de *exceder, ultrapassar, estar além*, o que equivale, mais ou menos, ao esquema semântico *X excede/ultrapassa Y em Z*.

29- "O *tobi ju* u" = "Ele é **maior do que** o outro" (p. 113);

30- "Bellò yā **fi** Mūsā *girmā*" = "Bellò é **mais alto (do) que** Mūsā" (p. 113);

31- "Modi a **buki** Edimo *bwala*" = "Modi é **mais preguiçoso (do) que** Edimo" (p. 123);

32- "Sie **übertrifft** ihm an *Klugheit*" = "Ela é **mais esperta do que** ele" (p. 121);

33- "Una na *namo*, ina **herea**-ia" = "Este é **melhor do que** aquele" (p. 121).

Cabe, neste ponto, comentar o que Heine (*ibidem*, p. 212-214) afirma quanto ao esquema cognitivo subjacente a esse conceito, que, para o autor, trata-se da idéia de *ação*. Na verdade, ao se observar apenas os termos em si que a expressam (*exceder, ultrapassar* etc), percebe-se mesmo essa idéia. No entanto, parece que o importante para a conceitualização de intensidade não é a noção acional mesma, mas o resultado desta. Quer dizer, a intensificação sinaliza ter mais a ver, do ponto de vista metafórico, com o fato de algo *ficar/estar além de um determinado limite/container*, fixado como parâmetro, do que propriamente com o conceito de movimento (*ação móvel*) que tal resultado pressupõe. Portanto, ao se dizer que alguma coisa *excede/ultrapassa* outra numa dada propriedade (*i.e.*, que *X é/possui mais Z do que Y*), o mais pertinente para o conceito intensivo, creio, é a situação decorrente desse processo, ou seja, a relação entre a idéia de localização, conceitualizada para além de uma certa medida, e o mapeamento disso, em termos figurativos, na esfera abstrata da intensificação.

Em todos esses casos de intensificação expostos até aqui, podemos ver que, em sua conceitualização, ocorre um processo associativo entre esta e outro domínio de base nocional ancorada na experiência perceptiva do qual emerge. Dito de modo mais explícito, opera-se a transferência de um dado conteúdo (ou de certo(s) aspecto(s) dele), em geral, derivado de conceitos perceptualmente relacionados a quantidade, tamanho, peso ou localização, para a esfera +abstrata da intensificação, em termos metafóricos.

Nesse sentido, as ocorrências intensivas parecem revelar o que Lakoff e Johnson (2002, p. 76-78) denominam "*metáforas ontológicas*", cuja característica é a concepção de "*eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias*". Significa dizer que, ao se referir, por exemplo, à intensidade da beleza em termos quantitativos; do choro em termos extensionais; do sono em termos de peso; da simplicidade em termos de altura; ou do perigo em termos de distância; etc., o locutor realiza uma transferência (ou mapeamento cognitivo) desses conceitos para o âmbito da intensificação, tomando as noções intensificadas como se fossem entidades/substâncias que podem ser "contadas", ter "estatura" ou "peso", "posicionar-se" em algum lugar, e assim por diante.

Por outro lado, tal como ficou demonstrado, na maioria desses casos, parece ser fundamental a co-atuação da metonímia, em razão da contigüidade e interdependência existente entre alguns desses conceitos. Isto porque, no plano experiencial com seres e objetos do mundo, pode-se perceber a relação de causa-efeito entre quantidade e tamanho/peso/altura/distância etc. de categorias contáveis/mensuráveis. Como tal relação se reflete, indiretamente, na formulação da metáfora intensiva, é possível supor que o processamento cognitivo metonímico lhe seja subjacente.

A fusão conceitual entre tamanho/altura, localização vertical e quantidade mostra-se de forma bem evidente no japonês com o termo *takái* = *alto*. Vejamos os casos a seguir (FUKUMA, 1993, p. 371-372):

34- "*takái yamá*" = *monte alto* (noção "+concreta" de tamanho/altura);

35- "*takaku tônde íru tori*" = *O pássaro está voando alto* (localização vertical);

36- "*nedan=gá takakuté*" = *preço alto* (idéia de quantidade metaforizada em termos de verticalidade).

1.1.5. A abstratização intensiva advinda de experiências biofísicas e psicoafetivas⁹⁶

Muitos intensificadores emergem de conceitos que designam, denotativamente, sensações/experiências biofísicas. Trata-se de casos como os encontrados, por exemplo, em construções do tipo *trabalho extenuante*, *calor sufocante*, *barulho ensurdecidor*, *cheiro inebriante*, *brilho ofuscante*, *beleza estonteante*, *debate acalorado*, *ciúme doentio*, *desejo ardente*, *árduo dever*, *crescimento vertiginoso* (algumas dessas já um tanto clichêizadas) e similares. Eis algumas amostras disso:

- 1- "... tá certo que... só um pouquinho de ciúme... vai... não *aquele ciúme doentio...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 353);
- 2- "O estudo da biodiversidade vive uma revolução – as descobertas de espécies se sucedem *num ritmo vertiginoso.*" (BARELLA, J. E. 40 novas espécies por dia. In: *Veja*. 01/06/2005, p. 106).

Vemos, nesses dados, que os termos "*doentio*" (em 1-) e "*vertiginoso*" (em 2-) exprimem conceitualizações metafóricas de intensidade atribuída, respectivamente, a "*ciúme*" e "*ritmo*". Na verdade, tais termos representam conceitos resultativos, decorrentes da extrema intensidade dos referentes aos quais se associam. Em outras palavras, em 1-, afirma-se, indiretamente, que *tão intenso* é o *ciúme* que *se torna doentio* para quem o experimenta e, em 2-, que *tão intenso/veloz* é o *ritmo* que chega a *causar vertigem/ser vertiginoso*. Entretanto, conforme já brevemente apresentado no item (4)/tópico 1.1.1. do capítulo anterior (e mais especificamente esboçado no Quadro 5, à p. 135), num processo de reanálise, dada a contigüidade existente entre esses conceitos, os quais possuem entre si uma relação de causa e efeito, os termos de valor resultativo acabam por incorporar a função metafórica intensiva. O caso 3-, a seguir, demonstra essa mesma tendência. Nele, a idéia em "*à exaustão*" equivale a dizer que as "*fórmulas*" são *repetidas tão demasiadamente* que causam exaustão (*i.e., esgotamento/cansaço extremo*). Assim, o conceito que exprime consequência atua de modo

⁹⁶ *Biofísicas* refere-se às experiências biológico-corporais, tais como calor, surdez, arrepio, vertigem, tontura, dor, cansaço, doença, morte e similares; *psicoafetivas* têm a ver com as experiências de caráter emotivo/sentimental, entre elas, medo, temor, paixão etc. Por outro lado, isso não significa que haja uma separação discreta entre essas experiências, uma vez que, a rigor, as sensações físicas têm reflexos psicológicos/afetivos e vice-versa, pelo fato de corpo e mente estarem inalienavelmente ligados.

"figurado" para também exprimir, representativamente, o próprio conteúdo causativo, ou seja, a noção intensiva.

3- "... Há crise no atravessador, a mídia, que está viciada em fórmulas *repetidas à exaustão*..." (MATOGROSSO, N. In: *Época*. 29/08/2005, p. 102).

Há também certas construções sentenciais de valor intensivo, formuladas, mais ou menos, dentro dos esquemas sintáticos (1) *X que S*; (2) *X de S*; ou (3) *S de X* (sendo *X* o conceito intensificado e *S* [de *sentença*] o recurso intensificador), as quais revelam igual associação entre o domínio de base físico-experiencial e a intensificação. Tais esquemas realizam-se, mormente, através de expressões como: (1) *diferença que salta aos olhos, feio que dói*; (2) *vista de tirar o fôlego, frio de arrepiar, lindo de morrer*; (3) *cansar de avisar, matar-se de trabalhar, morrer de inveja, borrar-se de medo, acabar-se de rir* etc.

O que se depreende dessas construções é a relação metonímica de causa-efeito entre a noção intensificada e seu associado intensivo. Essa relação, tal como já visto, sinaliza uma espécie de reanálise conceitual e estrutural, em que o verdadeiro elemento intensificador cede lugar ao componente de caráter resultativo, passando este a assumir a função daquele. Assim, por exemplo, o que seria, grosso modo, o equivalente a algo como [[*diferença*] [*tão acentuada* (causa)]] [*que salta aos olhos* (efeito)] transforma-se em *diferença que salta aos olhos*; ou [[*frio*] [*tão intenso* (causa)]] [*de arrepiar* (efeito)] torna-se em *frio de arrepiar*; ou [*matar-se* (efeito)] [[*de tanto* (causa)] [*trabalhar*]] sintetiza-se como *matar-se de trabalhar*.

Conclui-se, então, que o mapeamento metafórico, em termos dessas experiências biofísicas, refletido na expressão intensificadora deriva, muito provavelmente, da associação metonímica mais básica, entre a conceitualização intensiva do evento/da situação referido(a), atuante como causativo de forte impacto, e seu resultado de proporções altamente sensíveis. Este, como tal, num processo de reinterpretação e de reorganização semântico-sintática, acaba por assimilar o valor intensivo, descartando, desse modo, o(s) marcador(es) característico(s) dessa função, o que culmina num desses tipos de construção conceitual de intensidade. Vamos às evidências, as quais, em razão dos esclarecimentos feitos, não serão mais comentadas.

4- "... aí chegou esse cara com outro cara... *feio que dói*..." (*Corpus D&G/RG*, p. 5);

5- "... *Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar*, desistiu com a noite." (FERNANDES, M. O socorro. In: <http://www.consciencia.net/2004/mes/03/millor-socorro.html>);

6- "... aí... quando dou conta ela estava dando o maior show lá na frente... fazendo um montão de coisa... fiquei super/ **morrendo de raiva**... né?... " (*Corpus D&G/RJ*, p. 51).

A extensão metafórica calcada em conceitos provenientes de experiências físicas pode, ainda, ser flagrada em termos como *deslumbrante*, *admirávelmente*, *espetacular*, *maravilhoso*, *maravilhosamente*, *notável*, *fascinante*, entre outros. Estes, vinculados à sensação visual, provavelmente, derivam da idéia de se ficar perplexo diante de algo visualmente impactante, o que parece, mais uma vez, relacionar-se aos nexos metonímicos mais básicos entre causa e efeito. Quer dizer, do ponto de vista perceptível, um ser ou coisa possui um apelo visual tão saliente/intenso que provoca determinada reação (de *deslumbramento*, *admiração* e similares). O conteúdo semântico de tal reação, por sua vez, é mapeado no domínio mais abstrato da intensificação, ao que tudo indica, licenciado por aqueles nexos metonímicos fundamentais. Observemos os fragmentos textuais a seguir, em que os respectivos conceitos intensivos são expressos em termos de noções associadas à saliência/atração visual:

7- "... e com isso não apenas se livraria do nó que lhe sufoca a garganta, (...) como também, numa **espetacular** reversão de golpes ilusionistas, usaria a seu favor o sócia..." (TOLEDO, R. P. de. Entre sócias e sombras. In: *Veja*. 10/09/2003, p. 122);

8- "... Ressalvada a coincidência de que ambos [Roberto Jefferson e José Dirceu] buscam o milagre, entre todos prodigioso, em política, da transubstanciação da derrota em vitória, *as diferenças de estilo saltam à vista*..." (TOLEDO, R. P. de. Em busca da mágica redentora. In: *Veja*. 29/06/2005, p. 134).

Ainda em relação a isso, o interessante é que tal tendência pode ser vista também no português medieval. Cruzeiro (1973, p. 183) apresenta-nos as seguintes ocorrências:

9- "Quando Lançalot e Persival viram esta aventura, foram *mui muito maravilhosos*,...";

10- "E ele era *muy velho a maravyilha*.";

11- "Mas o cavaleiro era de tam grã força, que *se defendia mui bem aa maravilha*."

Observando-se essas amostras, vemos que, em 9-, "*maravilhosos*" tem a ver com a experiência físico-emocional de admiração em decorrência da "*aventura*" vista; daí a base experiencial desse conceito, que se acha ancorado na sensação visual. Nos demais casos (10- e 11-), a expressão derivada "*a maravilha*"/"*aa maravilha*" é utilizada numa acepção mais

abstrata, uma vez que designa, metaforicamente, o reforço intensivo aplicado a "*muy velho*" e a "*mui bem*", respectivamente.

Nesses dados, portanto, pode-se perceber mais facilmente a inter-relação entre a idéia de se ficar extasiado (forte reação emotiva) diante de algum evento ou estado de coisas e a transferência desse conteúdo para designar intensidade. Aliás, é bom lembrar que o conceito de *maravilha/do* relativo ao âmbito emocional, por seu turno, emergiu exatamente de sua associação contígua com a noção mais básica de intenso apelo/impacto visual (*i.e.*, *algo que se mira e se admira*, em virtude de sua acentuada saliência e anormalidade).

Existem, ainda, outros recursos intensivos, em termos metafóricos, oriundos de conceitos que se relacionam a sensações/estados biofísicos e psicoemotivos, cujo conteúdo vincula-se, mais especificamente, à noção de *medo/temor* (cf. McMAHON, 1994, p. 170). Quanto a isso, pode-se supor que tal relação se dê em virtude de se associar a algo numeroso, grande e potente o bastante para se impor sobre nós e/ou se constituir uma ameaça à nossa integridade física, o que, conseqüentemente, desperta em nós espanto/terror; ou, ainda, a alguma coisa fora do comum e/ou misteriosa (fenômeno ou situação) que nos impressiona o suficiente para nos deixar estarecidos. Daí o fato de certos conceitos intensivos serem nomenclados através de palavras como *hediondo*, *medonho*, *pavoroso*, *estarecedor*, *estupendo*, *horrível/mente*, *terrível/mente*, *assustador/assustadoramente*, *assombroso/assombrosamente*, *monstruoso/monstruosamente*, *tremendo/tremendamente* (estes dois últimos relacionam-se, por extensão conceitual, à idéia de que o susto/medo atinge nosso sistema nervoso e causa em nós *tremor/estremecimento físico*) e outros que se ligam ideacionalmente a essas acepções.

Assim, mais uma vez, defendo que a transposição metafórica desses conceitos para o domínio da intensificação se deve, possivelmente, em primeiro lugar, à associação contígua de causa-efeito estabelecida entre algo reputado como imponente e prejudicial/destrutivo e a conseqüente reação de pavor/assombro em nós. Essa inter-relação, é de se supor, favorece o mapeamento entre *experiências de forte impacto emocional* e o *conceito intensivo*, o que poderia ser traduzido, esquematicamente, nos seguintes termos: INTENSIDADE É EXPERIÊNCIA FÍSICO-EMOTIVA IMPACTANTE. Apresento a seguir estas ocorrências:

12- "... o sangue começou a *escorrer de forma assustadora*, (...) e eu mais *assustada que nunca* fui correndo atrás dela." (*Corpus D&G/RG*, p. 20);

13- "... tem meninos que... é:: *horrível de ruim*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 441).

No trecho 12-, "*assustada*" (na segunda ocorrência) tem a ver com o real estado emotivo da locutora, portanto possui uma acepção mais "concreta". Já na expressão "*de forma assustadora*", esse adjetivo atribui intensidade a "*escorrer*", significando, mais ou menos, que o sangue *escorria em quantidade tão abundante* que chegava a ser assustador. Em 13-, a construção "*horível de...*" equivale a algo como *demasiadamente*, intensificando a noção de "*ruim*".

É digno de nota, quanto a isso, que o mesmo padrão exibido no português e em línguas aparentadas, como o espanhol, o italiano e o francês, por exemplo, verifica-se, de igual modo, em línguas bem distantes e distintas entre si, tal como se encontra no inglês e no hebraico antigo. Comparem-se os seguintes casos:

(1) em inglês:

• ***terrific, terrible, terribly* = *espantoso, terrível, muito, demais, demasiadamente*.**

14- "*to be terrified of*" = "*ter medo de*", "*ficar atemorizado com*" (noção "+concreta", de base psicofísica);

15- "*at a terrible hurry*" = "com *muita pressa*", "estar *demasiadamente apressado*";

16- "*in a terrific velocity*" = "numa *velocidade espantosa*", "em *alta velocidade*" (nessas duas últimas ocorrências, os adjetivos "*terrible*" e "*terrific*" exprimem, respectivamente, a noção metonímico-metafórica +abstrata de intensidade).

• ***tremendous, astounding* = *tremendo, espantoso, assombroso, sobremaneira*.**

17- "... it is a *tremendous store of heat* called geothermal energy." = "... é uma *tremenda reserva de calor* chamada energia geotérmica.";

18- "*An astounding amount of energy indeed!*" = "*Uma espantosa quantidade de energia, de fato!*". (nesses dois exemplos, temos, novamente, noções derivadas da idéia emotiva de *medo/espanto* – "*tremendous*" e "*astounding*" – como recurso intensivo).⁹⁷

(2) no hebraico antigo (HARRIS, 1998):

• **יָרָא (*yare'*) = *temer, aterrorizar, assombroso, tremendamente*.**

⁹⁷ Os dados de 14- a 16- foram extraídos de Pietzschke (1980, p. 951); os de nº 17- e 18- são de *Awake!, Aug.* 2002, p. 13-15. A tradução destes dois últimos casos é responsabilidade minha.

19- "... E **temendo** disse: 'Quão **temível** é este lugar!'" – Gên. 28:17;

20- "... como cristal brilhante que metia **medo**,..." – Ez. 1:22;

21- "... Deus está cercado de **tremenda majestade**." – Jó 37:22;

22- "... visto que por modo **assombrosamente maravilhoso** me formaste;..." – Sal. 139:14.

Em 19-, "*temendo*" e "*temível*", e "*medo*", em 20-, relacionam-se à experiência psicoemotiva de *temor*, portanto, de natureza mais sensorial. Em 21- e 22-, "*tremenda*" e "*assombrosamente*" não se encontram nessa mesma esfera nocional; em vez disso, atribuem intensidade aos respectivos conceitos com que se articulam ("*majestade*" e "*maravilhoso*"), sendo, assim, conceitualizados num plano mais abstrato e "figurado", pelos mesmos motivos já esclarecidos anteriormente.

1.1.6. O conceito intensivo através de metáforas novas

Conforme já referido, existem, ainda, outras conceitualizações metafóricas de intensidade formuladas a partir de noções que, normalmente, não possuem tal acepção. Contudo, em razão de determinados mapeamentos conceituais situacionalmente construídos, de certo modo, indiretamente vinculados às idéias de *quantidade*, *tamanho*, *força*, *localização* ou *experiência impactante* (estas, segundo ficou demonstrado, fundamentais na elaboração conceitual da intensificação), são recrutadas para atribuir grau intensivo. Tal fenômeno se revela no uso de palavras ou construções nas quais se infere o mapeamento estabelecido entre alguma característica de seu conteúdo mais "denotativo"/convencional e sua função intensiva, o que referenda seu estatuto metafórico. Atentemos para os seguintes dados:

1- "... As operações de crédito sofrem ainda **uma tributação draconiana**." (ALVARENGA, T. Espelho, espelho meu. In: *Veja*. 04/05/2005, p. 64);

2- "... *seu* [de Hitler] **virulento anti-semitismo**, por exemplo, era bastante comum não só na Alemanha, mas entre muitos europeus..." (TEIXEIRA, J. In: *Veja*. 13/07/2005, p. 125);

3- "... É **uma estupidez himalaica** culpar defensores dos direitos humanos pelos atentados..." (PETRY, A. Eles não passarão. In: *Veja*. 31/05/2006, p. 48);

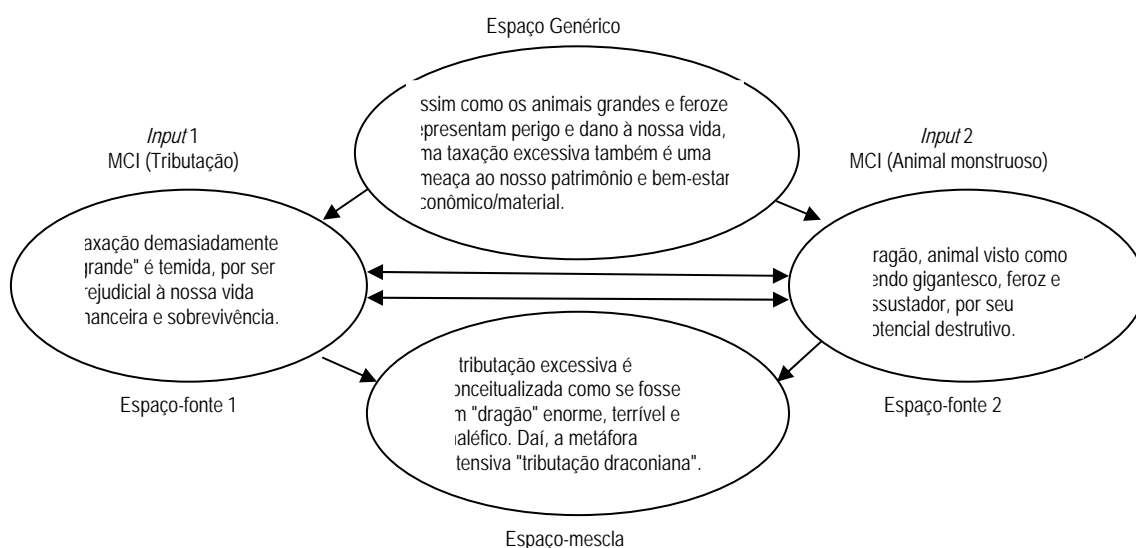
4- "... O personagem principal é Adolfo Lemoleme, professor de literatura que se dedica a uma 'empreitada de **hercúleas proporções**': escrever a biografia do escritor Bernardo Dopolobo,..." (SCLIAR, M. Ironia infinita. In: *Veja*. 31/05/2006, p. 113);

5- "... *O inverno no Leblon é quase **glacial**...*" (CALCANHOTO, A.; CÍCERO, A. Inverno. In: *Perfil – Adriana Calcanhoto: os maiores sucessos*. Globo/Sony&BMG, 2001).

Em todos esses exemplares textuais, as palavras que se aplicam à manifestação de intensidade têm em comum o fato de incorporarem em seu conteúdo semântico (ou estarem, de algum modo, associadas a) noções relativas a proporção gigantesca/excessiva, impacto grandioso, importância ímpar, anormalidade exacerbada e/ou algo exagerado. Vejamos isso mais detalhadamente: Em 1-, "*draconiana*", que remete a *dragão* (aquele *animal* mitológico conceitualizado como *gigantesco e perigoso*), remete ao *valor excessivamente elevado e prejudicial da "tributação"*. Em 2-, "*virulento*", designativo da ação de *microorganismos que possuem enorme poder de contágio e de causar danos à saúde* (os *vírus*), diz respeito à *intensidade do agressivo e maléfico sentimento anti-semita* de Hitler, que "contaminou" parte da Europa, resultando na conhecida perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra mundial. Em 3-, "*himalaica*", vinculada a "*estupidez*", potencializa o conteúdo desta por se referir, comparativamente, ao *conjunto de elevadíssimas montanhas na cordilheira do Himalaia*, nesse caso, querendo dizer, mais ou menos, *imensa/enorme estupidez*. Em 4-, "*hercúleas*", relativo a *Hércules* – o mitológico herói grego, *possuidor de avantajada estatura e incomparável força física* –, sobrecarrega a idéia de "*proporções*", intensificando também, extensivamente, o conteúdo de "*empreitada*". Em 5-, o intensivo "*glacial*", ainda que atenuado por "*quase*", associa-se às *grandes geleiras polares onde há frieza extrema*, aí, referindo-se ao *intenso frio do "inverno no Leblon"*.

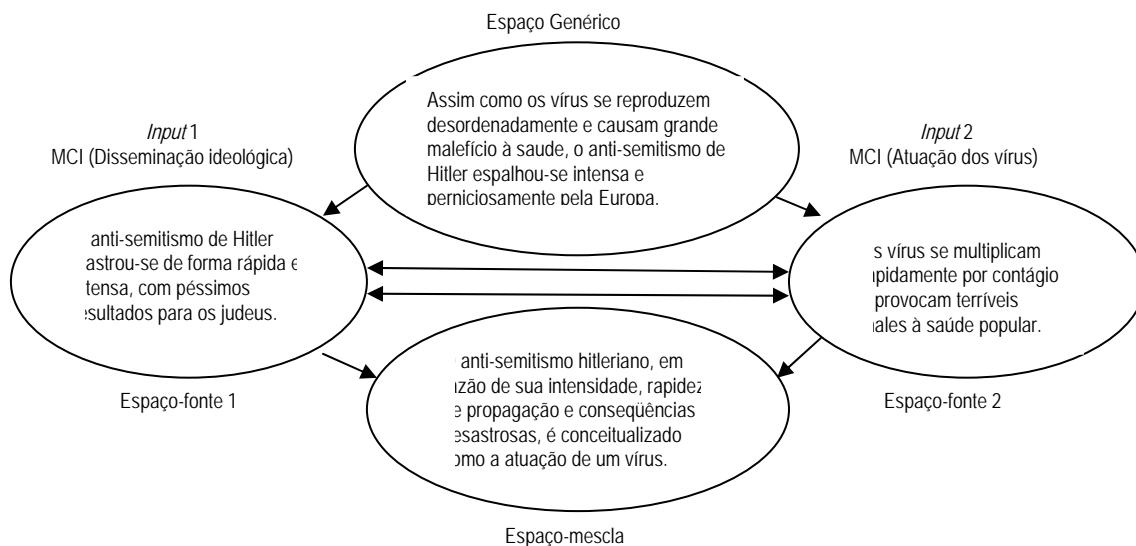
Neste ponto, aproveito essas ocorrências para examinar mais de perto o processamento metafórico de noções intensivas, explorando a teoria da "*mesclagem* (ou *integração*) *conceitual*", conforme se encontra em Lakoff e Johnson (1999, p. 47) e Martelotta e Palomanes (2008, p. 189-191), a partir da proposta de Fauconnier e Turner (1998, *apud* TAYLOR, 2002, p. 530-533; FELTES, 2007, p. 170-174). De acordo com essa proposta teórica, a metáfora é entendida como resultante da fusão (ou mescla) de duas estruturas conceituais de fontes distintas (o *input 1* e o *input 2*), as quais, por sua vez, derivam de um espaço genérico comum, em que os conceitos compartilham certas correspondências nocionais. O conceito metafórico constitui, portanto, uma nova estrutura emergente da seleção e amalgamação de propriedades/elementos conceituais existentes em ambos os domínios-fonte, considerando-se o que é pragmaticamente relevante no contexto em que ocorre.

Para ilustrar melhor isso, recorro, primeiramente, ao caso "*tributação draconiana*", na amostra 1-. Nele, temos, como espaço genérico, a conceitualização de *tributação exagerada* associada à de um *dragão poderoso e ameaçador*. No espaço-fonte 1, localiza-se o conceito relacionado à taxação excessiva/pesada carga tributária (ou seja, o modelo cognitivo idealizado pertencente ao mundo dos *impostos exorbitantes*) e seus efeitos negativos/danosos para os contribuintes e para a economia. No espaço-fonte 2, situa-se o conceito vinculado ao imaginário cultural sobre as propriedades de grandeza e ferocidade destrutiva atribuídas a um *dragão* (isto é, o modelo cognitivo idealizado sobre o mundo dos *grandes animais ferozes/monstruosos*). A inter-relação associativa dessas conceitualizações, suponho, favorece a formulação intensiva de *tributação* em termos do que representa um *dragão*, resultando na mesclagem conceitual desses componentes e, daí, na expressão metafórica citada. Para demonstrar tal mesclagem conceitual, apresento o seguinte esquema:



Gostaria de frisar quanto a isso que tal mapeamento torna-se possível se levarmos em conta, ainda, o fato de que excesso quantitativo é metaforicamente relacionado a tamanho avantajado, em razão da contigüidade metonímica já demonstrada. Desse modo, *taxação abundante* e *onerosa* pode ser conceitualizada como *imensa* e *prejudicial*, o que combina, relativamente, com as características de um animal como o *dragão*, convencionalmente representado desse modo (imenso e medonho). Temos, assim, nesse tipo de intensificação, um conjunto de operações cognitivas complexas, numa espécie de superposição metafórica, em que metáforas mais básicas (primárias) servem de suporte a uma outra mais engenhosa e rica.

Agora, vejamos essa mesma aplicação ao caso da ocorrência 2-, "*virulento anti-semitismo*".



A formação da metáfora, nessa amostra, parte da comparação entre a intensidade e furor prejudicial do anti-semitismo de Hitler e o poder de contágio e malefício verificado na atuação de um vírus, o que constitui o espaço genérico, em que esses domínios conceituais se associam nessas bases. No *input 1*, figura a idéia da intensa rapidez com que se espalhou a ideologia anti-semita de Hitler pela Europa e as conseqüências extremamente danosas para o povo judeu, em especial. No *input 2*, encontra-se o modelo cognitivo relacionado à atuação dos vírus, isto é, ao seu potencial de rápida disseminação e contágio, com efeitos bastante prejudiciais à saúde das pessoas. Assim, das associações entre esses dois espaços-fonte, resulta a mescla conceitual "*virulento anti-semitismo*", em que "*virulento*" assume, entre outras, noção intensificadora de "*anti-semitismo*". Pelo visto, mais uma vez o conceito intensivo expressa-se mediante a projeção e fusão conceituais de noções relacionadas a algo de enorme poder/grandes proporções/efeitos consideráveis. E esse mesmo mecanismo de construção de metáforas intensivas pode ser deduzido das demais ocorrências apresentadas nas últimas amostras.

Portanto, tal como ficou demonstrado através desses dados, as conceitualizações intensivas estabeleceram-se, por vias metafóricas, intimamente vinculadas a noções emergentes do nosso contato perceptivo com o mundo natural e/ou sociocultural. Ao fazer uso dessas inter-relações, o locutor, evidentemente, parte do pressuposto de que seu público-alvo

compartilha as mesmas experiências e, assim, possui repertório informativo suficiente para, mediante operações inferenciais favorecidas pelo contexto discursivo-pragmático, processar cognitivamente as associações metafóricas implicadas, reconhecer os nexos semânticos entre um conceito e outro e chegar ao sentido negociado (CROFT e CRUSE, 2004, p. 209). Em outras palavras, significa dizer que, nesses casos, dados o ineditismo e o nível de elaboração conceitual das metáforas utilizadas, o falante/escrevente conta com a capacidade de seu(s) ouvinte(s)/leitor(es) em reconhecer o mapeamento entre um domínio e outro, traduzindo, assim, o conceito relativo a aspectos da realidade em conteúdo intensivo.

Contudo, quero lembrar aqui o que foi conjecturado no início deste trabalho: o fato de que, não obstante as especificidades socioculturais e lingüísticas das diversas comunidades de fala e interlocutivas, o recurso à intensificação parece fundamentar-se em esquemas cognitivos mais gerais/básicos e, pelo que parece, relativamente independentes dessas peculiaridades (cf. HEINE, 1997, p. 17). Isto porque, conforme foi demonstrado, ficou de certo modo patente que os falantes, ao expressar alguma noção intensiva, na maioria das ocorrências, lançam mão de conceitos que possuem alguma associação semântica, direta ou indireta (pelo mapeamento metafórico), com algo que é conceitualizado em termos de muito/pouco, grande/pequeno, largo/estreito, pesado/leve, forte/fraco, alto/baixo, superior/inferior, longe/perto, apazível/desprezível, impactante e similares. Ao que tudo indica, essas noções, além de exibirem estreita relação com as experiências físico-sensitivas e culturais dos indivíduos, possuem propriedades conceituais que se ajustam à natureza da graduação intensiva, sendo, portanto, do ponto de vista cognitivo e interacional, mais facilmente processáveis e viabilizadoras das intenções sociodiscursivas.

Por outro lado, não há como negar as determinações do evento intercomunicativo e do ambiente sociocultural na manifestação de intensidade. Significa dizer que são as particularidades desses fatores que, de uma certa maneira, "selecionam", a partir da negociação discursiva entre os interlocutores, quais dessas noções anteriormente citadas e quais formas lingüísticas são mais adequadas e produtivas na expressão desse conceito (HEINE, *ibidem*, p. 146).

Em síntese, os processos de intensificação parecem exibir tanto esquemas imagéticos relativamente universais, mais ou menos oriundos diretamente das mesmas noções básicas, como também outros provenientes de aspectos vinculados a contextos socioculturais

e interativos mais específicos. Estes, no entanto, se observados mais cuidadosamente, poderão ser associados de modo indireto a alguma(s) dessas noções mais básicas subjacentes (de quantidade, tamanho etc.).

Por último, com base na observação de Grady et al., citada em Feltes (2007, p. 170), defendo que a conceitualização metafórica de intensidade tanto pode operar-se pela via da correspondência bidimensional entre domínios cognitivos, tal como formulada por Lakoff e Johnson em sua primeira concepção teórica da metáfora conceitual, como pela integração de espaços mentais-fonte, conforme pensada por Fauconnier e Turner na teoria da mesclagem conceitual. O que quero dizer com isso é que, no caso das intensificações mais "simples" e convencionais (com *muito, mais, grande, alto, pesado, forte, extremo, super(-), ultra-* etc.), parece ocorrer a projeção conceitual mais direta de um domínio (quantidade, tamanho, peso, localização, entre outros) em outro – o da intensificação – em termos daquele. Porém, quando se trata de um conceito intensivo em que se recorre, de modo indireto, a noções conceituais mais inovadoras, nas quais se exigem conhecimento de mundo específico e elaboração cognitiva supostamente mais complexa (como, por exemplo, nos casos de *virulento antissemitismo, tributação draconiana, juro estratosféricos, estupidez himalaica, hercúleas proporções* etc.), penso que o modelo dos espaços mentais reflete com melhor propriedade o processo de conceitualização ocorrido, uma vez que, para a construção do significado intensivo, revelada na expressão metafórica do espaço-mescla, ativam-se determinadas correspondências semânticas em que subjaz(em) alguma(s) daquelas noções mais básicas/primárias, o que requer o estabelecimento de certas inferências contextualmente definidas.

2. Fatores discursivo-interacionais consideráveis no recurso à intensificação

Em primeiro lugar, desejo esclarecer que a separação aqui entre as motivações semântico-cognitivas e as de caráter discursivo-pragmático é, tão somente, um procedimento metodológico, com o fim de melhor sistematizar a análise e a interpretação dos dados sobre a intensificação. Isso não significa que entendo tais motivações como dissociadas; ao contrário, em sintonia com o referencial teórico adotado, defendo que são interatuantes e mutuamente

dependentes (embora, às vezes, competidoras), tanto nas operações e formulações conceituais como na codificação lingüística.

Quanto a isso, já ficou mais ou menos evidenciada até aqui a inter-relação entre cognição e interação no processamento metafórico da conceitualização intensiva. Quer dizer, a construção semântica do conceito intensivo, de natureza abstrata, depende, eminentemente, de operações cognitivas realizadas mediante a transferência conceitual de uma noção calcada na experiência perceptual (como a de quantidade, tamanho, peso, localização etc.), o que parece ser, de certo modo, comum a todas as comunidades de fala, pelo menos, com base no que se verificou nas ocorrências apresentadas anteriormente. Em outras palavras, tudo indica haver certos esquemas cognitivos subjacentes mais gerais na formulação de tal conceito.

Por outro lado, conforme acertadamente ressalta Heine (*ibidem*, p. 14-15), os conceitos – e sua simbolização lingüística – são criados, mantidos, modificados ou mesmo substituídos em íntima dependência do ambiente sociocultural e interacional em que se dão. Isso equivale a dizer que, não obstante haver um conjunto limitado de esquemas cognitivos relativamente comuns na formulação de um dado conceito (como é o caso da intensificação), características particulares do grupo social e do evento comunicativo em que é manipulado desempenham um papel determinante na seleção conceitual e em sua conseqüente formação lingüística.

Tal fenômeno ficou evidenciado, por exemplo, no fato de, em português, exprimir-se a *comparação de superioridade* em termos *quantitativos* (i.e., *mais... do que*); em haussa, essa mesma operação conceitual se estabelece em termos *locativos* (ou seja, *estar/ficar além de, ultrapassar*) – se bem que, a meu ver, nesta subjaz igualmente a noção quantitativa, uma vez que *estar além = mais distância*. Outra amostra pode-se ver no excerto 6- do item anterior, em que o autor se refere à extrema intensidade da "*estupidez*" através do atributo "*himalaica*". É bastante provável que a "escolha" pela expressão desse conceito nesses termos seja em razão de se encontrar num artigo de opinião de uma revista (*Veja*) dirigida a um público de maior repertório informativo, coisa que dificilmente teria ocorrido caso se tratasse de um outro gênero textual, envolvendo interlocutores com formação cultural, digamos, mais "limitada", em um evento comunicativo mais descontraído e banal. Em relação a esse ponto, vale, ainda, citar o seguinte caso:

1- "... RUPERT EVERETT, 48 anos, *assumidíssimo*, no papel da diretora Camilla Fritton..."
(In: Coluna social Gente. *Veja*. 19/12/2007, p. 135).

O uso da forma intensiva "*assumidíssimo*", com esse tipo de sufixo (*-íssimo*), explica-se – ao menos, aparentemente – em primeiro lugar, por se encontrar num texto cujo gênero (coluna social) tende para a utilização de uma linguagem mais despojada, uma vez que o locutor se atém mais a informações "amenas" sobre a vida de celebridades, de modo bastante informal. Depois, sobretudo pelo fato de tratar acerca de um ator (*Rupert Everett*) que assume a personagem de uma figura feminina (a *diretora Camilla Fritton*), o que levou o jornalista a adotar, imitativamente, um estilo lingüístico mais próprio do homem que exibe um comportamento afeminado. Conforme já examinado em Gonçalves (2003), a preferência por essas formas lingüísticas é bem característico da fala de mulheres tipo "perua" ou de homens que apresentam "trejeitos mais femininos", os quais revelam uma tendência para a adoção de uma linguagem em tom um tanto exagerado. Os exemplos a seguir, um extraído de Gonçalves (*ibidem*, p. 54), em que o informante, numa conversa com amigos, procura imitar a fala de um "gay", e o outro, de uma resenha sobre lançamentos musicais, reforçam esse argumento:

2- "...O cara, né, gozado... Nem um pouco discreto... O cara vive soltando a franga. Lá na Faculdade, ele vai todo afetado dizendo pras meninas: (mudança de voz, com trejeitos) ‘aí eu cheguei *ar-ra-san-do*, de salto, *chiquíssima*, *elegantíssima*, *ma-ra-vi-lho-sa*’ (risos)."
[grifos meus];

3- "... O disco não tem nada de novo, mas também não é ruim. Já *Goddess in the doorway* merece a sua sina. É *ruim, ruim, ruim*. [Mick] Jagger soa desenxabido..." (In: *Veja*. s.n.t.).

O exemplo 2- dispensa comentários, pelo fato de casos como esse já terem sido alvo de esclarecimento no capítulo 2, expondo o que Gonçalves (*ibidem*) chama de "função indexical" dos sufixos superlativos. O 3-, embora pertença à modalidade escrita, numa revista em que, costumeiramente, adota-se uma linguagem padrão/formal, exibe um estilo de forma intensiva mais próximo ao da fala comum (a repetição lexical enfática – "*ruim, ruim, ruim*"). Isso se deve, é bem provável, em razão do gênero discursivo, uma vez que resenhas críticas de produções artísticas (nesse caso, músicas) em periódicos de circulação popular, facilitam ao locutor não só a tendência para a evasão de subjetividade mais explícita, mas também para a adoção de uma linguagem menos tensa. É possível, ainda, que o público-alvo geralmente

interessado nesse tipo de informação exerça alguma influência na "opção" por esse tipo de formatação lingüística.

Portanto, o que se conclui disso é que a formação do conceito intensivo processa-se, predominantemente, mediante a operação cognitiva de transferência metafórico-icônica de conceitos fundamentados na experiência corpóreo-perceptual, a partir dos quais se possa estabelecer algum(a) mapeamento/relação com a noção mais abstrata de intensidade. Todavia, a manifestação verbal de tal conceito está, de certo modo, vinculada a um conjunto de fatores culturais, socio-discursivos e pragmáticos que, em última instância, interferem em sua configuração formal. Entre esses fatores, podem ser citados, por exemplo, a natureza do evento de fala, o perfil social dos parceiros de interação e o gênero discursivo, os quais determinam, em boa medida, o grau de (in)formalidade do discurso e, conseqüentemente, o *design* dos produtos verbais utilizados.

Entretanto, o que pretendo examinar neste tópico tem a ver, mais especificamente, com as determinações de fatores discursivo-interacionais sobre a atribuição de intensidade. Dessas, quero, em primeiro lugar, concentrar-me na questão informacional em relação ao recurso à intensificação.

Quanto a isso, a visão predominante é que, em vista de se tratar de um fenômeno "marginal" (FONSECA, 1985, p. 215), isto é, não pertencente ao sistema básico da língua (BARROS, 1985, p. 189), por não se enquadrar nas grandes regularidades estruturais, a intensificação – e o grau como um todo – é apenas um adendo semântico (em termos fonéticos, morfológicos ou sintáticos), de viés subjetivo, no contexto lexical. Disso se infere que tal questão é tomada numa perspectiva que a reduz a uma mera expressão verbal, cujo conteúdo limita-se à modificação nocional de uma categoria lingüística. Além disso, por ser associada à ótica pessoal e/ou ao estado emotivo do falante, é relegada a um plano informativo inferior, de pouca contribuição para o discurso, podendo ser, por isso, facilmente descartada do texto, sem acarretar prejuízo à compreensão deste.

Na contramão dessa linha de pensamento (embora admita que a atribuição de grau possui, em parte, vínculos com a subjetividade), advogo que a intensificação desempenha um papel importantíssimo e até decisivo, em determinados contextos, para o estabelecimento do sentido não apenas em nível local, mas também num plano mais geral do discurso. Aliás, isso ficou parcialmente demonstrado em meu trabalho anterior (SILVA, 2000, p. 112-115), no

tocante à contribuição que o superlativo absoluto representa para a manutenção de nexos coesivos (catafóricos e/ou anafóricos) e semânticos na cadeia discursivo-textual. Apenas a título de demonstração, cito um dos exemplos e sua análise acerca disso (p. 114 da dissertação):

4- "... porque elas [as freiras] iam cantar na capela... lá tinha... coral de missa né... Igreja Católica... tinha que ser aquele negócio *super bem formal*... elas praticamente nem se mexem né... e... elas mudou um pouco o estilo (...) e aí... a primeira música que elas foram cantar já teve um arranjo de dança... de palmas... de tudo né... então a madre e o padre lá ficaram... assim... um pouco cismados... mas tava muito bonito né... o coro... e foi muito engraçado a maneira como elas dançavam... sabe?" (*Corpus D&G/Natal*, p. 279).

No caso acima, a conexão textual do superlativo encarecido "*super bem formal*" se faz, primeiramente, com o que foi referido antes, isto é, com o "*coral de missa*" que as freiras iam apresentar na capela. É, pois, uma observação qualificativa acerca do estilo litúrgico da missa católica tradicional. Depois, vincula-se à sentença esclarecedora seguinte "*praticamente nem se mexem*". Também se liga à informação mais adiante acerca do estranhamento do padre e da madre (ficaram "*um pouco cismados*") em relação à atitude esfuziante das freiras (que incluíram "*arranjo de dança... de palma*" no coral), uma vez que isto era totalmente inesperado para aqueles, habituados a uma cerimônia ainda marcada por extrema formalidade. Dito de outro modo: a sobrecarga no atributo "*formal*" explica a reação negativa dos superiores frente àquela *performance* musical fora do padrão eclesiástico.

Aí, portanto, a aplicação do superlativo sobrecarregado ao atributo *formal* aponta tanto para o que já foi referido, sendo um comentário descritivo mais detalhado sobre "*coral de missa*", como também contribui como conteúdo contrastivo em relação às informações posteriores acerca da mudança de estilo musical e da conseqüente *cisma* dos religiosos quanto a isso. Noutras palavras, exerce função, ao mesmo tempo, anafórica e catafórica. Essa dupla característica confere-lhe *status* de figurante indispensável na recuperação dos elos semânticos entre os enunciados e, conseqüentemente, no conjunto informacional em foco.

Ainda quanto à consideração parcial a fatores discursivo-interacionais em relação aos usos "especiais" do superlativo elativo, em minha pesquisa de mestrado, refere-se à função de reforço argumentativo destes. Assim, procurei demonstrar que o recurso a essas formas de superlativo tem a ver com a intenção do locutor em impressionar seu parceiro de

interlocução, tentando cativar-lhe a adesão com respeito ao ponto de vista defendido acerca de um dado evento ou fato polêmico.

Tais constatações são mantidas aqui e expandidas para a conceitualização intensiva como um todo. Contudo, o interesse recai, de forma mais específica, neste trabalho, sobre a participação que o grau intensivo tem na distribuição e perspectivização informacional, no sentido de considerá-lo como menos ou mais significativo para o estabelecimento e a orientação do conteúdo discursivo, tanto no âmbito mais restrito (referencial e/ou proposicional) como em aspectos mais amplos.

Primeiramente, comento a intensificação circunscrita ao nível mais localizado dos conceitos relativos a referentes, propriedades, eventos e circunstâncias. Depois avalio os usos intensivos em função de seu valor no contexto discursivo mais abrangente. Escolhi, para isso, textos de diferentes gêneros e modos de organização, a fim de captar a funcionalidade da intensificação, não obstante a diversidade textual-discursiva.

2.1. O valor comunicativo-interacional da intensificação em conceitos específicos

Consideremos, antes de tudo, as seguintes ocorrências intensivas nestes trechos de uma reportagem jornalística:

1- "Ana Hickmann

A *BELA FERA* DOS NEGÓCIOS

Ela está na lista das *mulheres mais bonitas* do planeta,

tem as *pernas mais longas* das passarelas e

é uma *empresária pra nenhum homem de terno e gravata botar defeito*.

Aos 23 anos, a *top gaúcha* tira proveito do *auge*

e *investe pesado* para transformar seu nome numa grife de luxo." (ANGELI, A. In: *Cláudia*. jun., 2004, p. 144-147).

Como se sabe, nesse tipo de reportagem (sobre uma celebridade, no caso, a modelo "Ana Hickmann"), procura-se, na maioria das vezes, apresentar uma imagem bastante positiva da personagem em foco. Nesse sentido, espera-se que o "tom" do discurso seja marcado por

uma certa subjetividade, em que o locutor expõe o tema sob uma perspectiva mais pessoal⁹⁸, o que, possivelmente, favorece a atribuição de intensidade a determinados conteúdos, sendo tal recurso de alto valor para a composição conceitual e o enfoque destes.

É assim que, no subtítulo e no resumo introdutório do texto, vemos uma seqüência informacional sobre um estado de coisas, na qual a intensificação desempenha um papel relevante na caracterização referencial. Primeiramente, no aposto "*a bela fera dos negócios*", temos a imitação alusiva ao título do conto infantil *A bela e a fera*. Aí, tanto o atributo "*bela*" como o nome nuclear "*fera*" possuem valor intensivo, na medida em que enquanto um aponta para a noção de "*muito bonita*" (cf. TRAVAGLIA, 1996, p. 164-165), o outro designa a imensa capacidade (*i.e.*, o considerável ímpeto e ousadia/agressividade) da modelo como negociante, respectivamente. Quer dizer, através de ambos os conceitos intensificados, a repórter procura, ao mesmo tempo, enaltecer/superestimar os dotes físicos e empresariais da modelo. Com isso, apesar de constituir uma informação de caráter mais explicativo, portanto, extra/de fundo (LIBERATO, 2001, p. 42 e segs.), a locutora consegue sintetizar o conteúdo geral da reportagem (que se concentra em torno da extrema beleza e habilidades empreendedoras de Ana Hickmann), conferindo destaque especial a esse conteúdo e aproveitando para utilizá-lo como motivação atrativa do interesse de seu público-leitor para a matéria.

As informações seguintes, contidas no resumo inicial, expandem e esclarecem um pouco mais a síntese do subtítulo. Nesse trecho, o recurso à intensificação é decisivo para o enquadre conceitual de alguns referentes citados: no circunstanciador "*na lista das mulheres mais bonitas do planeta*", o núcleo "*lista*" acha-se delimitado pelo sintagma "*das mulheres*", que, por sua vez, é restringido pelo adjetivo intensificado "*mais bonitas*". Ocorre que, nesse caso, o intensificador "*mais*" desempenha um papel central na configuração semântica do todo sintagmático, já que a retirada desse intensivo implicaria entender que a *lista* é apenas das *mulheres bonitas*, coisa que não corresponde aos "fatos"⁹⁹, pois, como se sabe, essa lista, de alcance internacional ("*do planeta*"), só inclui as mulheres que possuem beleza

⁹⁸ Todavia, é bom lembrar que, em situações assim, o locutor (uma repórter/jornalista) encontra-se, de certo modo, já direcionado pela ótica imposta pela empresa jornalística para a qual trabalha, principalmente se considerarmos o fato de se tratar de uma revista como a *Cláudia*, mais direcionada ao público feminino, em que mulheres como Ana Hickmann são retratadas de maneira supervalorizada e glamourosa.

⁹⁹ Leia-se *ponto de vista cultural*, e não a realidade objetiva em si. Não se trata, portanto, da equivalência entre linguagem e mundo, perspectiva teórica, aliás, já rejeitada neste trabalho.

considerada extraordinária/muito além do convencional, e não simplesmente *bonitas*. No complemento verbal "*as pernas mais longas das passarelas*", o nome "*pernas*" é modificado pelo atributo "*mais longas das passarelas*", que também se encontra intensificado. Neste caso, novamente, a ausência do termo intensivo levaria à leitura de que não há outras modelos de pernas longas. Mas não é isso, obviamente, o que se quer dizer (porque não seria condizente com as evidências no mundo da moda), e sim que Ana Hickmann, em comparação com as demais colegas de profissão, é detentora de pernas bem maiores. Quanto ao conteúdo delimitador de "*uma empresária*" – "*pra nenhum homem de terno e gravata botar defeito*" –, através dele, a locutora quer significar, mais ou menos, "*extremamente talentosa/eficiente*", portanto, um conceito encarecido. Assim, a configuração conceitual do sintagma predicativo define-se, embora de modo indireto, pela idéia de intensidade implícita no atributo, dando a entender que a modelo é uma empresária de excelente qualidade, muito provavelmente, demonstrando quebra de expectativa quanto ao fato de, por ser mulher, modelo e jovem, no nosso imaginário social, Ana Hickmann não teria capacidade para uma boa atuação como uma mulher de negócio. E isso pode, de certo modo, ser depreendido pelo fato de a atribuição intensiva ter sido codificada utilizando-se a figura masculina "*de terno e gravata*", mais ou menos correspondente ao ideário do que seria um representante prototípico da atividade empresarial. A última seqüência, cujo conteúdo intensivo ("*pesado*") incide sobre o predicador verbal "*investe*", exprime modo, o que representa uma informação considerada periférica (*i.e.*, o adjunto adverbial). No entanto, nesse contexto, contribui para precisar mais detalhadamente a "natureza" do investimento. Além disso, tal informação atua como justificativa para a afirmação subsequente quanto ao fato de "*transformar seu nome numa grife de luxo*", o que só pode ser alcançado, entre outras coisas, com *alto investimento*.

Ainda um dado que deve ser assinalado quanto ao resumo inicial da reportagem é o fato de todos esses conceitos intensivos posicionarem-se no *predicado* das sentenças, isto é, na porção designada como *comentário*, representando a exposição de *conteúdo novo* na cadeia informativa (cf. GIVÓN, 1984, p. 250). E um olhar mais atento para as informações nessas seqüências predicadoras perceberá que é a intensificação conceitual o foco de interesse informativo. Isto porque a intenção não é, propriamente, afirmar que Ana Hickmann *está na lista*, ou *na lista das mulheres*, ou mesmo *na lista das mulheres bonitas do planeta*, mas figurá-la entre as que estão no topo dessa lista, o que, necessariamente, requer uma atribuição

intensiva ao conteúdo de "bonitas". Com respeito à informação sobre *ter pernas...*, apenas este complemento ("pernas"), nesse contexto, não teria valor em si mesmo (e até soaria estranho); tampouco seria pragmaticamente aceitável, ainda que estivesse delimitado por *longas das passarelas*, pelo motivo já apresentado anteriormente. Na verdade, a informação que conta aí é que o tamanho das pernas dessa modelo não tem igual (*i.e.*, são as "*mais longas*") no universo *fashion*, obrigando, assim, o recurso à intensificação. E, com relação ao predicativo "*é uma empresária...*", o ponto central da informação não recai propriamente sobre esse qualificativo; antes, o que o locutor pretende mesmo é especificar que tipo de empresária é a modelo, ou seja, muito acima do esperado para uma pessoa como ela. Ainda uma observação é que, nesse caso, a informação contida no predicativo não poderia ser considerada como absolutamente velha, uma vez que, mesmo retomando, de certo modo, o já dito – "*fera dos negócios*" –, esclarece, digamos, mais denotativamente, essa informação metaforizada.

2- "Lentes Crizal. Totalmente transparentes.

As Lentes Crizal são tão invisíveis que você pode esquecer que está de óculos. Isso porque elas possuem a mais avançada tecnologia em anti-reflexo. Sua camada de zircone torna as lentes ultra-resistentes a arranhões e muito mais duráveis. E, finalmente, o tratamento top coat, que facilita em muito a limpeza das lentes. Com Crizal, você vê e é visto com muito mais clareza." (In: Cláudia. jun., 2004, p. 79).

Nesse tipo de discurso – a propaganda comercial de um produto –, tem-se, igualmente, a tendência para a superestima referencial e de outros conteúdos relacionados ao produto, uma vez que se deseja apresentá-lo da melhor forma possível e, assim, conquistar a preferência do consumidor. Daí, a explicação para o aparecimento de conceitos encarecidos.

Portanto, a intensidade no predicativo "*tão invisíveis*" objetiva pontuar não o nível de invisibilidade das lentes (afirmação que não seria verdadeira), mas a extrema transparência destas. Além disso, tal informação, nesses termos, possui um valor discursivo-pragmático, no sentido de querer conquistar pessoas que se sentem desconfortáveis por usar óculos de grau ou que, por algum motivo, não gostam de utilizá-los continuamente. Ainda uma justificativa para a intensidade em *invisíveis* encontra-se na seqüência consecutiva posterior ("*que você pode esquecer...*"), o que, em geral obriga o uso de um intensivo antecedente, e na explicação seguinte quanto a essas lentes possuírem "*a mais avançada tecnologia em anti-reflexo*", em

que também se recorre à intensificação, numa demonstração de que tais usos se inter-influenciam no discurso. Quer dizer, tal tipo de lente só é considerada *tão invisível* em razão de possuir essa *tecnologia mais avançada/superior em anti-reflexo*. O mesmo se diz com respeito aos intensivos "*ultra-resistentes*" e "*muito mais duráveis*", que só se explicam se considerados à luz da informação precedente: ter "*camada de zircão*", que, provavelmente, é um recurso diferencial em relação a outros tipos de lentes. Nesse sentido, dizer apenas que tais lentes são *resistentes e duráveis* não traduziria de forma "adequada" esse estado de coisas nem resultaria no mesmo efeito discursivo/argumentativo. Isso também vale para a informação subsequente com relação ao intensivo em "*facilita em muito*", que se dá com base no que se diz anteriormente sobre "*o tratamento top coat*", significando que, sem ele, é provável que a limpeza das lentes não teria o mesmo grau de facilidade. Quanto à intensidade em "*muito mais clareza*", tem-se uma retomada, em tom de reforço e fechamento, da argumentação em favor da máxima transparência e vantagem dessas lentes. O interessante nisso é que, embora se trate de uma informação considerada "acessória", por se constituir um adjunto adverbial (de modo), é essa informação que de fato importa, e não simplesmente "*vê e é visto*".

3- "... depois de um ano ele [o diabo] tirou o segundo filho dele [Jó]... porque o primeiro filho dele era o filho que ele **mais** gostava... que era **mais** inteligente... o/ obedecia **mais**... já era... era o primogênito... primogênito? é primogênito... era primogênito era o filho que ele *dava mais valor* né... na época... se bem que continua igual a essa... **o mais importante mesmo** é o primogênito... aí tiraram o primo/ o diabo tirou o primogênito dele... morreu afogado parece... aí ele... ficou **muito triste** num sei quê..." (*Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 367).

Nesse trecho – extraído de uma narrativa recontada –, as delimitações conceituais através da intensificação em "*mais gostava*", "*mais inteligente*", "*obedecia mais*", "*dava mais valor*" e "*o mais importante mesmo*" representam uma necessidade informativa de cunho inferencial. Explico: para não se passar o falso pressuposto de que Jó gostava apenas do primeiro filho e de que este era o único inteligente, obediente, valorizado e importante, tem-se o uso desses intensivos. Desse modo, deixa-se implícito que Jó também gostava dos outros filhos e que estes também eram inteligentes, obedientes, valorizados e importantes; no entanto, o primogênito era especial, estando acima da média e em vantagem em relação aos

demais. Vale notar que uma razão para o *gostar mais*, nesse tom intensivo, se deve, ainda, aos esclarecimentos seguintes, também encarecidos, acerca do primogênito.

Nesse caso, tal como já visto antes, o papel da intensificação num dado conceito se explica, entre outras coisas, em função de demais informações (anteriores ou posteriores, igualmente intensificadas ou não) relacionadas a esse conceito, contribuindo para o estabelecimento da coesividade e a manutenção da coerência no discurso multiproposicional (cf. GIVÓN, 2001, p. 8-9). Isso se percebe, da mesma forma, em "*muito triste*", cuja intensidade faz sentido se levada em conta a informação precedente sobre a morte dos dois filhos. O mesmo se dá, em parte, no fragmento a seguir, integrante de uma narrativa de experiência pessoal:

4- "Quando eu estava cursando a 8ª série a matéria que *mais me fascinava* [sic] era química. Não sei a razão de eu *gostar tanto* de química, mas eu *chegava ao extremo* de depois da escola, em casa, ler (revistada) revista, livros sobre (a) o assunto, e até mesmo discutir com o meu professor. A consequência [sic] disso foi a de eu ser *o melhor aluno* em química da aula, (...) Mas o que *realmente me* (deixo) *envaideceu* foi ser convidado a ser monitor de ciência. (...) Esse trabalho me deu *muita autoconfiança* e fez nascer em mim o desejo de lecionar ciências." (*Corpus D&G/RG*, 1996, p. 22).

Perceba-se que o primeiro recurso intensivo ("*mais me fascinava*") tanto participa na demarcação conceitual de "*matéria*", por se encontrar dentro de uma oração restritiva, como contribui no cálculo inferencial de que outra(s) matéria(s) poderia(m) fascinar o locutor, porém não na mesma proporção que Química. As informações intensificadas subsequentes – "*gostar tanto*", "*chegava ao extremo*" e "*o melhor aluno*" – estão coesiva e coerentemente vinculadas a essa primeira (*o extremo fascínio* por essa matéria) como seu resultativo. Quanto às intensificações em "*realmente me envaideceu*" e "*muita autoconfiança*", estas se explicam na informação sobre o *convite para monitoria de ciência*.

5- "... Esses artistas [Max de Castro, Fernanda Porto e Zeca Baleiro] não partiram para fórmulas totalmente novas, mas deram uma reciclada num material de *ótima qualidade*. Jorge Ben continua atual, com a mesma música de 40 anos atrás. Gilberto Gil ainda cai bem na gandaia. Ouvir Tom Jobim continua provocando sensações de *grande sofisticação*. Pixinguinha, já disse Chico, é incontestável. Cantoras *da categoria* de Ná Ozzetti *valorizam*

sobremaneira a interpretação de *belíssimos clássicos* do nosso cancioneiro, com *uma suavidade inacreditável*. O Brasil produziu *o melhor da música mundial* nos últimos 100 anos, juntamente com a América Latina, a Inglaterra e os Estados Unidos..." (VINÍCIOS, M. O túmulo da música popular brasileira. In: *Foco: A Revista do RN*. 2004, p. 26).

Nesse excerto, que representa uma resenha crítica sobre a música popular brasileira (MPB), vê-se que o recurso à intensificação possui um viés mais "intimista", em que prevalece a ótica avaliativa do locutor em tom bastante subjetivo e passional, o que parece ser uma tendência geral nesse gênero de discurso. Portanto, os recursos intensivos aplicam-se mais à apreciação valorativa do que, propriamente, à delimitação conceitual. Quer dizer, o que mais interessa, nesse caso, é a expressão do ponto de vista do locutor, a partir de uma certa perspectiva (positiva ou negativa), através da qual este procura impor sua ótica particular acerca de um determinado estado de coisas.

Nesse sentido, recorrer a conceitos como *de qualidade, sofisticação, valorizam, clássicos e suavidade* já se constituiria, conforme o senso comum, uma orientação semântico-discursiva de caráter positivo e elogioso. Em outras palavras, de acordo com nosso conhecimento de mundo, tais noções se bastariam, nesse contexto, para configurar um enquadre conceitual favorável, dispensando, pois, qualquer acréscimo informacional para atribuir precisão a seus respectivos conteúdos. Pode-se, então, admitir que, nesses casos, os acompanhantes intensivos ("*ótima*", "*grande*", "*sobremaneira*", "*belíssimos*", "*inacreditável*") atuam, principalmente, como reforço valorativo, conferindo maior realce e importância a esses conceitos e, em última instância, estendem-se à finalidade do locutor, que é a de prestigiar a MPB, negando o argumento oposto de que esta se encontra falida e desinteressante.

Quanto às expressões intensivas "*da categoria*" e "*o melhor*", estas, além de co-participantes na intenção enaltecadora em relação à MPB, conforme já explicitado, colaboram também na inferenciação pragmática. A primeira ("*da categoria*") deixa implícito que a *interpretação de clássicos do nosso cancioneiro* só é *supervalorizada* se for conduzida por *cantoras de talento excepcional*, em que *Ná Ozzetti* figura como parâmetro/ponto de referência, o que delimita o conceito de *cantoras*, deixando outras de fora desse círculo por não possuírem os mesmos dotes artísticos. A segunda ("*o melhor*") enquadra parte da *música mundial nos últimos 100 anos* numa categoria bastante especial (*i.e.*, num *nível de qualidade*

superior), dando a entender que outras produções musicais não possuem o mesmo padrão e valor.

Resta aqui, ainda, um ponto a ser discutido: este diz respeito à afirmação de Ford et al. (2003, p. 136-137) sobre a relação entre o emprego de sintagmas adjetivais e distribuição informacional. De acordo com as autoras, adjetivos em posição atributiva vinculam-se à introdução e descrição de novos referentes, enquanto os que atuam como predicativos associam-se a informação velha e possuem um caráter mais avaliativo.

Gostaria, entretanto, de relativizar esse postulado, em razão de evidências que a ele se contrapõem. Sobre isso, vejamos as amostras a seguir:

6- "... *As longuíssimas pernas* – que medem, ao todo, 1,20 metro, fizeram, inclusive, com que figurasse por um tempo no Guinness, o livro dos recordes, como a modelo de *pernas mais compridas do mundo* – *deslumbraram* fotógrafos consagrados, entre eles o célebre alemão Helmut Newton..." (ANGELI, A. In: *Cláudia*. jun., 2004, p. 144-147).

Nessa ocorrência, apesar de se constituir um adjunto atributivo, o adjetivo "*longuíssimas*" relaciona-se a uma informação dada, isto é, caracteriza o referente "*pernas*", que já havia sido citado anteriormente. Portanto, o uso desse atributo, conceitualmente intensificado, não tem a ver com a apresentação de um novo referente. Por outro lado, desempenha papel importante não apenas no recorte e subcategorização conceitual do referente, mas também na continuidade informativa do texto, uma vez que justifica as informações adiante. Quer dizer, o fato de as *pernas* serem mostradas conceitualmente como "*longuíssimas*" / "*as mais compridas do mundo*" aponta para as informações sobre a entrada da modelo no livro dos recordes, o deslumbramento de fotógrafos famosos, entre outras não registradas aí.

7- "*Sua empresa é tão novinha* e já pode ter um cartão dos grandes: Ourocard Business é o primeiro cartão múltiplo empresarial..." (In: *Veja*. s.n.t.).

Nesse trecho, vê-se o contrário: o adjetivo "*novinha*", também intensificado (tanto pelo "*tão*" como pelo sufixo *-inha*), exerce função predicativa, porém, relacionando-se a um referente recém-introduzido no texto – "*sua empresa*" – e parecendo ser mais descritivo do que avaliativo. A atribuição de intensidade, por sua vez, vincula-se, ao mesmo tempo, ao estabelecimento de um implícito e à quebra de expectativa, deduzidos, em parte, pela informação subsequente. Isto porque deixa-se pressuposto que uma empresa com esse perfil

("tão novinha") não poderia "ter um cartão dos grandes"; a quebra de expectativa se dá no fato de o *Ourocard Business* ser um cartão dos grandes extensivo até para uma empresa assim, isto é, *tão recente* na praça.

2.2. A funcionalidade dos conceitos intensivos no todo discursivo

Conforme ficou evidenciado, o recurso à intensificação participa de modo significativo na delimitação conceitual de muitos conteúdos (referentes, propriedades, eventos, circunstâncias etc.). Além disso, em diversos casos, contribui no estabelecimento de implícitos, os quais oferecem certas instruções de sentido que conduzem o interlocutor ao cálculo de determinadas inferências em relação a alguma porção do discurso.

Todavia, a atuação dos conceitos intensivos não se restringe apenas a noções específicas, convencionalmente expressas por alguma categoria lexical. Significa que, mesmo incidindo sobre um dado conteúdo individualmente identificado no discurso, o valor intensivo deve ser interpretado como significativo no todo discursivo. Isto porque, se o locutor põe em destaque, pela intensificação, algum(ns) componente(s) de seu discurso, este(s) afeta(m), se não o conteúdo como um todo, ao menos o segmento em que se encontra, contribuindo para torná-lo comunicativamente relevante.

Tal como também já foi assinalado, a significação intensiva pode ser construída gradativamente ao longo de uma cadeia discursiva mais extensa, através da qual o locutor vai tecendo uma determinada idéia, apontando para certa conclusão pretendida. Noutras palavras, as seqüências informativas vão-se compondo de forma reiterativa/enfática ou num tom gradiente, conduzindo-as para um desfecho e o alcance de um dado efeito de sentido. Vejamos isso nos casos repetidos a seguir:

1- "... Tudo foi dado a eles [o governo militar]: *o sacrifício* de direitos, *o sacrifício* de milhões de empregos, *o sacrifício* de incontáveis empresas brasileiras, *o sacrifício* da legitimidade do congresso, *o sacrifício* do patrimônio nacional, *o sacrifício* da Constituição. E eles quebraram o país..." (FREITAS, J. de. In: *Folha de S. Paulo*. 17/02/1998).

A repetição redundante de "*sacrifício*" não aponta apenas para a noção intensiva desse referente em si, quer dizer, não se restringe tão somente a reforçar a idéia do *imenso*/

extremo sacrificio feito pelos brasileiros; quer, também, orientar a convicção do interlocutor para a inutilidade desse sacrificio, a despeito de sua magnitude. Isso se confirma na informação seguinte quanto ao fato de *eles terem quebrado o país*, a qual se contrapõe a esse esforço excessivo como quebra de expectativa.

2- "Há aqueles que *lutam um dia*

e por isso são *bons*;

Há aqueles que *lutam muitos dias*

e por isso são *muito bons*;

Há aqueles que *lutam anos*

e são *melhores ainda*;

Porém há aqueles que *lutam toda a vida*

esses são *os imprescindíveis*."

(BRECHT, B. Os que lutam. In: Cartaz do *SINTE/RN*. Natal, jun., 2006).

Nesse texto, vemos que a noção intensiva constrói-se de forma gradiente ao longo do texto, tanto em relação à *luta*, uma vez que essa idéia vai sendo paulatinamente ampliada ("*um dia*" < "*muitos dias*" < "*anos*" < "*toda a vida*"), como à qualificação dos que lutam, cujo significado também vai aos poucos se expandindo de um enunciado para o outro ("*bons*" < "*muito bons*" < "*melhores ainda*" < "*imprescindíveis*"). No entanto, a atribuição de intensidade não se limita exclusivamente ao encarecimento dos conceitos individuais de *luta* e de *bondade* daqueles que lutam, respectivamente; na verdade, também se presta, de modo indireto, à construção do sentido quanto ao considerável valor da perseverança em lutar sempre e nunca desistir, deixando, ainda, implícito que disso dependem as grandes conquistas. E isso se confirma no desfecho em ponto de intensidade máxima: "*aqueles que lutam toda a vida... são os imprescindíveis*".

Desse modo, a intensificação, embora recaia mais especificamente sobre um dado conteúdo ("*o sacrificio*", em 1-; *a luta e a qualidade dos lutadores*, em 2-), estende-se também sobre o todo informacional, uma vez que esse recurso colabora na construção de uma idéia/ponto de vista que se deseja forjar na mente do interlocutor, não só alterando a informação pragmática deste (no sentido dikiano), mas também conduzindo a uma determinada conclusão. Vista sob essa perspectiva, a noção de intensidade não diz respeito apenas à manifestação de conteúdo semântico-informativo quanto a um estado de coisas, ou

mesmo ao estabelecimento de nexos coesivos e significativos na tessitura textual; também participa decisiva e eficazmente na negociação interativa, no que se refere à composição de um dado raciocínio discursivo, com vistas à interferência no universo de crenças/convicções do outro.

3- "... Não sei se as propagandas que tentam aos poucos aliviar essa *tragédia* [o excessivo número de mortes no trânsito brasileiro] *ajudam tanto* a preservar vidas *quanto* as *intermináveis*, ricas e coloridas propagandas de cerveja *ajudam a beber mais e mais e mais*, colaborando para uma parte dessa *carnificina*... (...)

Atenção: os jovens são – em geral, mas não sempre – *mais arrojados, mais imprudentes*, têm *menos experiência* na direção. Portanto, são *mais inclinados* a acidentes, bobos ou fatais, em que a gente mata e morre. Mas há um *número impressionante* de adultos – mais homens do que mulheres, diga-se de passagem, porque talvez sejam biologicamente *mais agressivos* – cometendo loucuras ao dirigir... (...)

Autoridade justa, mas *muito mais rigorosa*, é o que talvez nos deixe *mais lúcidos e mais bem-educados*: em casa, na escola, na rua, na estrada, no bar, no clube, dentro do nosso carro..." (LUFT, L. Falta de educação e velocidade. In: *Veja*. 20/02/2008, p. 20).

Esse fragmento revela a abordagem opinativa sobre o alto índice de violência no trânsito brasileiro, em consequência do excesso de álcool nos motoristas. Sendo assim, não há dúvida de que, sem o recurso à intensificação, não apenas os conceitos em si ou os segmentos textuais individualmente, mas o discurso como um todo resultariam no mesmo saber e no mesmo sabor.

Primeiramente, vale assinalar que, numa perspectiva de análise mais tradicional, conceitos como "*tragédia*" e "*carnificina*" (no primeiro parágrafo), dificilmente, seriam vistos como intensificados. No entanto, sabemos que, na base lexical de ambos, existe um viés de noção intensiva, uma vez que se relacionam a eventos negativos de proporções assombrosas. Portanto seu uso no texto não se esgota apenas na informação do conceito intensivo em si; mais do que isso, também colabora para acentuar a gravidade do problema discutido, revestindo-o de contornos altamente dramáticos, na intenção de causar um efeito impactante e convincente sobre o(s) leitor(es) e, assim, orientar o ponto de vista deste(s) para o fim desejado.

Os demais conceitos intensificados funcionam como contrastes em relação a outros, do mesmo modo, com o objetivo de conferir "peso" à idéia defendida. Ainda no primeiro parágrafo, a sobrecarga em "beber" se explica em razão do equivalente enorme estímulo das "propagandas de cerveja", insinuado como sendo superior ao dos anúncios educativos. Um indício dessa idéia está implícito no item lexical, também de valor intensivo, "intermináveis", dando a entender que, por serem bem mais extensos, os anúncios de incentivo à bebedeira levam ampla vantagem se confrontados com os instrutivos. No segundo parágrafo, os conteúdos intensificados se justificam na medida em que, por eles, a locutora procura, igualmente, opor uns fatos a outros: características psicoafetivas dos jovens e dos homens e a tendência desses grupos para provocar acidentes, em comparação com adultos e mulheres, respectivamente. As intensificações no terceiro parágrafo fazem sentido se considerarmos o fato de que a articulista tenciona argumentar que, para o enfrentamento/combate de situações tão graves e danosas, só medidas de igual magnitude.

Dadas essas condições no recurso ao conceito do grau intensivo, pode-se resumir, reiterativamente, o que delas se depreende nos seguintes pontos:

- na atribuição de intensidade, opera-se um recorte conceitual de um dado referente, atributo, evento, circunstância ou conjunto de fatos, através do qual se formula um certo enquadre nocional, resultando no estabelecimento de uma subcategoria conceitual. Significa que, ao se intensificar um determinado conteúdo, este é, automaticamente, redimensionado em uma outra configuração conceitual/representação mental específica. E tal operação, apesar de sua natureza cognitiva, não pode prescindir da negociação interativa, a fim de que seu significado e função discursiva sejam eficazmente reconhecidos na interlocução;
- a manifestação verbal dessa subcategoria conceitual, operada pela intensificação, configura-se a partir de uma certa perspectiva adotada pelo locutor, que pode constituir-se em um viés favorável (positiva) ou desfavorável (negativa), em função dos propósitos discursivos em jogo. Trata-se, portanto, do que se pode chamar de *focalização discursivo-pragmática* do conteúdo semântico informado;
- sendo a intensificação um processo semântico-discursivo em que o locutor apresenta um dado conteúdo a partir de uma certa perspectiva, poder-se-ia, precipitadamente, concluir que se trata de um procedimento unicamente calcado na subjetividade do informante, conforme defende Gonçalves (2006). Entretanto, embora deva-se admitir que haja um forte

teor de ingerência subjetiva na conceitualização de intensidade, é conveniente lembrar que tal subjetividade forma-se, primordialmente, a partir da construção coletiva da experiência. Nesse sentido, as noções intensivas são, em muitos casos, resultantes de um ponto de vista intersubjetivo sobre um determinado estado de coisas;

- os conceitos intensificados adquirem não apenas relevo semântico, no sentido de possuírem um "colorido" nocional mais acentuado, mas também saliência discursiva. Disso resulta a constituição de um componente discursivo +marcado e +contrastivo em relação a outro(s), tornando-o cognitivo e comunicativamente mais relevante para o interlocutor;
- pelo recurso à intensificação, procede-se, em muitos casos, à sinalização de informações implícitas, deixando ao interlocutor a operação de determinadas inferências, importantes para o cálculo de significados pretendidos na interação. Uma amostra disso pode se verificar, por exemplo, no último parágrafo do fragmento textual 3-, com "*muito mais rigorosas*" e "*mais lúcidos*": os valores intensivos permitem-nos pressupor que as autoridades já são muito rigorosas e de que já somos lúcidos. Ao mesmo tempo, evita-se criar a idéia incômoda e comprometedora de que as autoridades não são tão rigorosas e de que não somos lúcidos;
- as noções intensivas não se voltam apenas para conteúdos estritos, tampouco estão circunscritas a categorias lingüísticas individuais, cuja significação encerra-se em si mesma, conforme nos fazem crer as abordagens tradicionais e até mesmo outras mais recentes (já expostas aqui no capítulo 2) sobre o grau. Diferentemente dessa perspectiva, defendo a idéia de que tais noções tanto independem, ao menos, em parte, de itens lexicais específicos, como se expandem para outros pontos do texto. Desse modo, são, em certa medida, co-responsáveis pela instauração de nexos coesivos e do fluxo informacional (seja para retomar/recuperar ou para antecipar/avançar determinado conteúdo) e participantes na construção e/ou manutenção da rede de coerência discursiva;
- dado o papel de colaboradores não apenas na manifestação de conteúdo semântico, mas também no estabelecimento da seqüenciação informacional, os recursos intensivos auxiliam na formulação de um raciocínio, a partir de certa perspectiva, em direção a um desfecho/conclusão pretendido(a). Nesse sentido, atuam como suporte retórico e orientador argumentativo, com conseqüente realinhamento da informação pragmática do interlocutor e tentativa de interferência em seu mundo de crenças.

Portanto, é com base nesses aspectos que podemos admitir ser o recurso ao grau intensivo um fenômeno em cuja formação e delineamento expressivo co-atuam fatores/motivações de caráter semântico-cognitivo e discursivo-interacional.

3. Considerações sobre a gramaticalização de recursos intensificadores

Obviamente, não pretendo tratar aqui de todos os casos de gramaticalização dos recursos intensivos no português. Isto porque¹⁰⁰ alguns deles encontram-se já bem definidos e incorporados ao sistema, principalmente as tradicionais construções sintáticas com *muito*, *mais*, *bastante*, *demais*, *tão/tanto* e as formações derivacionais eruditas (se bem que mais incomuns) com *-íssimo*, *-érrimo* e *-ílimo*¹⁰¹, entre outras, todas essas amplamente reconhecidas e estudadas em diversas abordagens sobre o *grau* nos moldes já explicitados.

Quanto às primeiras, é válido supor que a relação daquelas formas com o conceito de quantidade perceptível (num movimento de extensão metafórica, tal como esclarecido anteriormente) tenha favorecido sua utilização produtiva na designação de intensidade via inferenciação pragmática (BYBEE et al., 1994, p. 283-284). Assim, tem-se, com isso, um equilíbrio de forças competidoras, demonstrado no fato de serem mobilizados, ao mesmo tempo, fatores *icônicos*, num esforço pela transparência entre conteúdo e expressão, e *econômicos*, pelo aproveitamento de material já existente e eficaz num contexto para reutilizá-lo em outro (cf. HAIMAN, 1985, 167-168; CROFT, 1990, p. 164-166; NEVES, 1997, p. 110-112; MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 25). Nesse sentido, pode-se admitir que, no processo de gramaticalização de recursos intensivos, tem-se, simultaneamente, a conjunção interativa de motivações semântico-cognitivas (nos mapeamentos icônicos de conceitos concretos da experiência em conteúdos intensificados) e discursivo-pragmáticas (no jogo de inferências

¹⁰⁰ Outra razão é o fato de tal empreendimento constituir-se uma tarefa de demandas incomensuráveis e não ser esta mesma a finalidade neste trabalho.

¹⁰¹ No estágio atual da língua e dos estudos sobre o grau, é praticamente inacessível o conhecimento sobre as motivações semântico-pragmáticas que forjaram a gramaticalização desses sufixos. Por ora, é apenas possível conjecturar que, entre outras coisas, provavelmente, tenha algo a ver com sua sobrecarga fonética, conforme já observado.

comunicativo-interacionais, em que se dá o recrutamento de velhas formas para novos usos, em razão de serem mais facilmente reconhecíveis e processáveis).

Posto isso, devo esclarecer que, neste ponto, limitar-me-ei a considerar o provável curso de gramaticalização de algumas formas que, a meu ver, parecem encontrar-se em processo de variação e possível regularidade como "novas" construções intensivas no português do Brasil. Trata-se das combinações sintáticas com *bem*, *mesmo*, *ainda*, *danado (de)*, *aquele* e *assim*,¹⁰² as quais estão tornando-se cada vez mais freqüentes em muitos contextos. Apenas a título de demonstração, apresento, a seguir, alguns dos diversos casos coletados, em que tais elementos figuram, ora na condição de reforço intensivo, ora como o próprio recurso intensificador.

- **Bem:**

- 1- "... o outro [quadro] fica **bem** perto da porta da rua..." (*Corpus D&G/RG*, p. 9);
- 2- "... é um lugar super restrito... super reservado... **bem** meu mesmo..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 39);
- 3- "... ele foi **bem** garoto pra essa família né... trabalhar ainda garoto... chegou **bem** novo lá..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 116);
- 4- "... ela é muito bonita realmente... né? **bem** magrinha... **bem** alta..." (*Corpus D&G/ Natal*, p. 233).

Por essas amostras, podemos perceber que "*bem*", além de outras funções já conhecidas (como item lexical, circunstanciador de modo, operador argumentativo em construções do tipo *se bem que* etc.), aí, atua como intensificador de "*perto*", em 1-; de "*meu*" (i.e., "*íntimo*"/"*pessoal*"), em 2-; de "*garoto*" (= "*jovem*") e "*novo*", em 3-; de "*magrinha*" e "*alta*", em 4-. Vale notar que, nessa função, esse elemento se mostra bastante recorrente, na maioria dos casos, relacionado a conceitos adjetivais e adverbiais, conforme se constatou nos *corpora* sob análise.

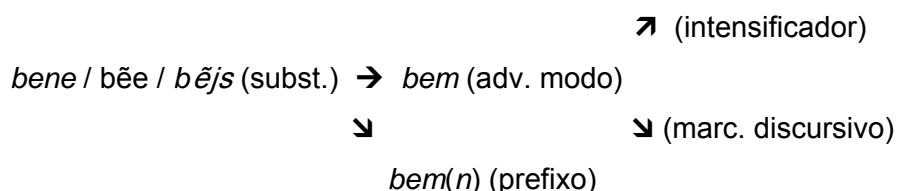
Segundo nos informa Houaiss e Villar (2001, p. 429-430), na raiz dessa palavra, parece ter havido, inicialmente, uma associação conceitual com *recurso/posse material (bens)*

¹⁰² Apesar da enorme recorrência e produtividade de "*super*" como intensificador, os fenômenos de variação e mudança deste não serão alvo de investigação aqui. Para isso, remeto a Silva (2001).

e *condição satisfatória de existência (bem-estar)*, portanto, de conteúdo "+concreto"; daí, relacionando-se também a conceitos mais abstratos, de conotação *ética (agir bem/fazer o bem)* e *afetiva (querer bem a/falar bem de)*. Essas noções, provavelmente, motivaram a idéia modal (*realizar algo/atuar de forma ideal e agradável*, tal como em *escrever bem*, por exemplo).

Quanto ao conceito intensivo, creio derivar-se dessa extensão semântica mais abstrata de *nível/situação de excelência*. Nesse sentido, o que se encontra nessas condições é considerado *excepcional, incomum*, o que ensejou, suponho, o ambiente conceitual favorável para o desenvolvimento da noção intensiva.¹⁰³ Temos, assim, na gramaticalização desse termo em função intensificadora, uma cadeia de associações conceituais metonímico-metafóricas que o projeta de item lexical-forma livre, de designação mais objetiva, a elemento gramatical-forma +dependente, de conteúdo mais abstrato.¹⁰⁴

Assim, pelo que se vê na diacronia dessa palavra, podemos, grosso modo, esquematizar seu percurso formal e categorial/funcional até o presente estágio de adjunto intensificador (cf. MACHADO, 1952, p. 350):



Um dado a se observar sobre esse processo diz respeito à alteração do *status* categorial e sintático de *bem*. É que, na passagem de advérbio de modo para adjunto intensificador, parece ter ocorrido a mudança *forma dependente* → *forma +dependente*. Quer

¹⁰³ Quanto a isso, Fukuma (1993, p. 253) apresenta exemplos do japonês que parecem endossar a associação conceitual de *bem* entre a idéia do que é considerado satisfatório e a noção de intensidade: "*yōku hanasse-más*" = *Sei falar bem* (quer dizer, *satisfatoriamente*); "*itaria-go=wá yōku deki-más*" = *Conheço bem o italiano* (neste, com sentido intensivo, mais ou menos, equivalente a *bastante*). É interessante notar que essa palavra, do mesmo modo que em português, também possui identidade radical com *bom* (*yō*), e esta é, curiosamente, semelhante ao termo húngaro *yó*, de igual acepção.

¹⁰⁴ Não se deve esquecer que "*bem*" também se gramaticalizou como forma presa prefixal em casos como *benquisto, benfazejo, benemérito, bendizer* etc. e em combinações como as verificadas em *também, se bem que, ainda bem*, entre outras. Outra observação é que esse elemento também assumiu a forma vernácula adjetival "*bom*", por sua vez, proveniente de sua transmutação, ainda no latim, em "*bonus*". Há, ainda, usos dessa forma como marcador discursivo, conforme se vê, por exemplo, em "**Bem** a minha opinião sobre o namoro é que está muito avançado,..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 363).

dizer, na condição de advérbio, esse item tem posição nuclear num constituinte à parte (ou seja, é um sintagma adverbial – SAdv.); como intensificador, está em situação periférica dentro de outro sintagma ao qual se sujeita, não podendo ser um constituinte isolado, portanto, bem mais dependente.

Isso aponta para a necessidade de um pequeno ajuste no esquema da trajetória de gramaticalização *item lexical* → *palavra gramatical* → *clítico* → *afixo flexional*, conforme propõem Hopper e Traugott (1993), uma vez que, nesse percurso, uma determinada forma pode variar entre/passar de um estágio de (-)dependente para +dependente, sem se constituir, propriamente, um clítico ou um componente mórfico. Sendo assim, proponho esboçar essa trajetória tal como se segue, advertindo, ao mesmo tempo, que essa seqüência é variável, não havendo obrigatoriedade de que as formas envolvidas sigam todas as etapas exatamente.

forma livre → *forma (-)dependente* → *forma +dependente* → *forma clítica* → *forma presa*

- **Mesmo:**

1- "... o pessoal gostou... achou legal... e... é *bastante interessante mesmo*... lá... é conforme eu te falei..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 69);

2- "... aí nesse... nesse povo/[povoado] parece que era um negócio assim *bem... bem distante mesmo* da capital... (...) ... aí mas o cemitério era... era *muito... muito... era abandonado mesmo* né..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 24-25);

3- "... a história é *muito boa mesmo... tocante mesmo*... (...) ... o carro super... sabe... ve/veloz e ele... sabe? *velocidade mesmo*... (...) aí depois... ele levou ela pro hotel... o hotel super chique... e ela toda desarrumada assim... *brega mesmo... né?...*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 233);

4- "... ele matou num foi aos poucos... né? porque matam... *uma violência mesmo*... mas ele tem que morrer aos poucos... pra sentir... sabe?" (*Corpus D&G/Natal*, p. 248).

Observando-se essas amostras, vemos que, em 1-, "*mesmo*" desempenha um papel de coadjuvante enfatizador, uma vez que a expressão já se encontra intensificada por "*bastante*". Em 2-, no primeiro caso, também funciona como reforço, pelo fato de o adjetivo vir intensificado por "*bem*"; no segundo caso, parece ser o próprio termo intensivo na

expressão "*abandonado mesmo*" (este, mais ou menos igual a "*muito*"/"*bastante*"). Em 3-, a primeira menção é a única ocorrência em que tal elemento funciona como adjunto enfático ("*muito boa mesmo*"); nas demais ("*tocante mesmo*", "*velocidade mesmo*" e "*brega mesmo*") e na amostra 4- ("*uma violência mesmo*"), não há dúvida de que "*mesmo*" atua sozinho como intensificador, designando exagero, excesso, exorbitância dos conteúdos a ele relacionados.

Recuperando-se a história dessa palavra, podemos constatar que, até onde se sabe, esta exprime a idéia de reafirmação/ênfase de um dado referente (mais ou menos, similar a *igual a esse/isso de fato*), uma espécie de modalizador epistêmico através do qual o locutor desejava assegurar a veracidade da informação. Com base em Houaiss e Villar (*ibidem*, p. 1903), sabemos que tal palavra formou-se a partir da partícula prefixal *met-* (de procedência não esclarecida) + o pronome dêitico *-ipse-* (hoje transformado em *esse/isso*) e o sufixo superlativo *-imus*, resultando na forma *metipsimus*; depois para *meesmo* e, finalmente, *mesmo*. É provável que esse uso primitivo de confirmador/reforço informacional tenha favorecido o desenvolvimento para designar intensidade; até porque, em seu próprio conteúdo já subjaz essa noção, representada pelo sufixo intensificador.

Processo semelhante deu-se com o intensificador inglês *very*, conforme se lê em McMahon (1994, p. 170). Esse termo evoluiu do item lexical francês *vrai*, onde significa *verdadeiro*. Posteriormente, entrou na língua inglesa com igual acepção, passando, depois, a designar confirmação em relação a um dado conteúdo informado, como um desejo do falante em ser/parecer confiável para o seu interlocutor. Nesse caso, é plausível supor que tal uso, provavelmente, conferiu a esse item um caráter reforçador, ensejando, daí, a noção intensiva que mantém até o presente (cf. HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 122-123).

Assim, no processo de gramaticalização de *mesmo*, tem-se, de igual modo, a trajetória de um conceito de base "+concreta" para uma acepção mais abstrata, uma vez que esse termo, a princípio, empregado para mostrar e confirmar alguma informação relacionada ao contexto extra-verbal, passou, também, à função de enfatizador de conteúdos textuais, e daí, estendendo-se, por associação semântica, à noção intensiva. A seguir, uma tentativa de esboço da trajetória de variação e mudança desse elemento:

ipse (pron. dêitico) → *metipse/metipsimus* (adv. confirmador/enfático)



mesmo (pron. confirmador) → (adv. enfático) → (intensificador)

Uma observação sobre *mesmo* como intensificador é que, nessa condição, parece não ser ainda aplicável a conceitos verbais. Quando acompanhante de sintagma verbal (SV) em que há verbo pleno, esse elemento atua mais como confirmador do evento. Porém, nessa função, pode ser que venha a assumir papel intensivo.

- ***Ainda***:

1- "... aí passa pro dois... aí o dois... a velocidade do giro do dois... do floclador dois vai ser menor do que do um... (...) ... aí vai pro terceiro floclador... floclador três aí a velocidade é *menor ainda*... mas é bem pequena mesmo a velocidade..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 197);

2- "... ele estava errado... mas o táxi veio cortando pela contramão também... o cara do táxi que estava *mais errado* do que ele *ainda*..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 10);

3- "... Por isso acho muito importante uma (f) reformulação do programa escolar, e *mais importante ainda* uma conscientização dos professores com relação à maneira de ensinar." (*Corpus D&G/RG*, p. 23);

4- "O melhor negócio do ano ficou *ainda melhor*.

Kia Saportage EX 2,7 4x4." (In: *Veja*. 23/07/2008, p. 12-13).

Nesses excertos, "*ainda*" exprime, inequivocamente, função intensificadora; em todos eles, relacionado a excesso de intensidade em comparação com outros conteúdos, na maioria, já intensificados. No caso 1-, "*ainda*" demonstra ultrapassagem na diminuição da velocidade do floclador três em relação à do dois. Quer dizer, naquele, o grau de lentidão do giro é bem mais acentuado do que neste, que já é considerada "*menor*". No 2-, tal componente reforça intensivamente a noção de "*mais errado*", a fim de exagerar a idéia de erro do "*cara do táxi*". No 3-, o grau de importância de uma "*reformulação do programa escolar*" é defendido de modo intensificado ("*muito importante*"); porém a "*conscientização dos professores*" é colocada num patamar bem superior àquele. Quanto a isso, *ainda* colabora para elevar a noção de *mais importante* a esse nível. Em 4-, a idéia de *bom negócio* já se encontra intensificada na primeira referência, através de "*melhor*"; na segunda menção, esse conceito encontra-se bem mais acentuado com a participação de "*ainda*", que equivale, relativamente, a *muito* ou similares.

Essa palavra é analisada por Martelotta (1996, p. 208-220) em seu estudo sobre a gramaticalização de operadores argumentativos. Tomando como base a proposta de Heine et al. (1991) sobre a trajetória de mudança lingüística *espaço* → *tempo* → *texto*, em seu artigo, o autor procura demonstrar que o elemento *ainda* evoluiu da noção primeira de localidade (com a forma primitiva latina *inde*), assumindo, posteriormente, as formas *ende*¹⁰⁵ e *ainda*, das quais, apenas esta última sobrevive no português atual, com funções variadas.

Uma delas, segundo Martelotta, é de operador argumentativo, de natureza enfática, em expressões como "*ainda bem*" (= "*melhor*"), "*ainda mais*", "*ainda assim*", entre outras, e em construções do tipo "*ainda agora*" (= "*agorinha*" / "*neste instante*"), "*ainda esta semana*" etc., dando a entender a acentuada proximidade do evento. É possível, pois, conjecturar que esse viés enfático tenha, provavelmente, favorecido a tendência para o uso intensivo desse elemento em diversos contextos (como esses verificados nos exemplos fornecidos), levando-o a desempenhar mais essa função. Isso posto, arrisco a apresentação de um esquema em que sintetizo parte de tal evolução:

↗ *ende* (adv. espacial/anafórico)
inde (adv. locativo)
↘ *ainda* (adv. temporal / oper. argum.) → (intensificador)

Quanto a esse elemento como intensificador, deve ser assinalado que este não se aplica a conceitos expressos por substantivos. Também é mais comum como encarecimento em relação a outro conceito já intensificado. Nesse caso, ele exprime sempre uma noção mais intensiva, superior a outra, tal como se vê nos exemplos 1- e 3-, principalmente.

Um aspecto que merece ser comentado quanto à gramaticalização de *ainda* e de *mesmo* como intensificadores, especificamente, refere-se ao processo de reanálise operado nas respectivas (re)formulações conceituais e estruturas sintagmáticas em que ambos os termos ocorrem. Explico: na condição de adjuntos enfáticos (ou reforçadores), funcionam apenas como um adendo/acréscimo semântico a um item já intensificado, tendo, portanto, um papel mais periférico na estrutura sintagmática. Sendo o próprio componente intensivo, não apenas

¹⁰⁵ Conforme esse mesmo autor, *ende* aglutinou-se com a preposição *por*, resultando no operador lógico-argumentativo *porém*.

exerce uma função decisiva na modificação conceitual do conteúdo a que se vincula, como também possui maior grau de integração/dependência sintática em relação a este.

Essa análise parece adequar-se à proposta feita anteriormente quanto ao percurso formal (-)dependente → +dependente no processo de gramaticalização, no sentido de uma forma lingüística, nesse percurso, passar da posição de sintaticamente menos integrada para a de mais integrada. A seguir, tento demonstrar esquematicamente a idéia defendida aqui, tomando como base amostras de exemplos já citados:

- *mesmo*: (1) [[*muito boa*] [*mesmo*]] – elemento enfático, sintaticamente menos integrado;
(2) [*tocante mesmo*] – reanalisado como intensivo, sintaticamente mais integrado.
- *ainda*: (1) [[*mais importante*] [*ainda*]] – elemento enfático, sintaticamente menos integrado;
(2) [*menor ainda*] – reanalisado como intensivo, sintaticamente mais integrado.

• **Danado:**

- 1- "... e fazendo a maior força... e não conseguia encaixar o macaco... o carro descendo porque estava na serra... o maior desespero... né? e o coração da gente a mil... (...) ... *um susto danado*..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 33);
- 2- "... brigou comigo mas depois veio pedir desculpas e tudo mais... não sei que mais lá... eu também pedi e por aí foi... né... *a rasgação de seda danada*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 177);
- 3- "... aí chegou e chegou meu paquera... *ô bicho bom danado*... bonitão... forte..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 355);
- 4- "... Lula, prometendo usar parte dos recursos obtidos com o petróleo em benefício dos pobres, o que faz *um bem danado* em ano eleitoral." (In: *Veja*. 30/07/2008, p. 66).

Por essas amostras, verificamos que, em todas elas, "*danado*" funciona como intensivo: de "*susto*", em 1-; de "*rasgação de seda*", em 2-; de "*bicho bom*", em 3-; e de "*bem*", em 4-. Apesar de pouco comum e mais restrito à modalidade falada em situações mais informais, esse parece um uso, relativamente, já bem aceito e generalizado no Brasil. Prova disso é sua utilização por falantes de regiões tão distantes e de níveis distintos de escolaridade (um universitário carioca e uma estudante natalense da 8ª série, nos exemplos 1- e 3-, respectivamente). Por outro lado, até mesmo em textos escritos e em situações nem tanto

informais, como é o caso do exemplo 4-, esse elemento é também utilizado na condição de intensificador, o que corrobora sua produtividade como tal.¹⁰⁶

Esse termo possui uma trajetória típica de muitos itens lexicais que passaram à condição de elementos gramaticais, partindo de uma noção "+concreta" para outra mais abstrata. Pelo que nos dão conta Houaiss e Villar (*ibidem*, p. 906), essa palavra exhibe a forma participial de *danar*, por sua vez, derivada de *dano*, cujo significado exprime a noção de *prejuízo*, *ruína* e similares.

A forma "*danado*", também empregada em função adjetival, designa, entre outras coisas, alguém *muito inquieto/impetuoso/ousado* ou *furioso*. Disso se depreende que, nessas acepções, tal palavra vincula-se à idéia de ação intensa de difícil controle, apontando, desse modo, para significados de conteúdo "+objetivo". Com base nisso, podemos inferir que, dada a relação desses conceitos com a noção de algo forte/intenso e incontido, tenha facilitado seu deslizamento semântico para a designação de intensidade, tal como se vê nesses exemplos.

Um comentário sobre essa transformação funcional refere-se à mudança categorial desse item, o que torna mais nítido seu processo de gramaticalização. Note-se que, enquanto designativo de *muito travesso/impulsivo/irritado*, é um componente lexical pleno, pertencente à classe dos adjetivos; portanto, uma forma livre. Porém, como elemento intensificador, assume propriedade semelhante à de modificador adverbial, com certa dependência sintática. Uma evidência disso pode ser conferida no fato de, no exemplo 3-, vir associado a um adjetivo ("*bom*") como seu adjunto intensivo, com significado, mais ou menos, equivalente a "*demais*".¹⁰⁷

- *Aquele*:

1- "... aí as pessoas ficavam... todo mundo olhando assim... que estava *aquele burburinho*... né?... (...) ... eu nunca me tinha visto numa situação tão sem graça... aí... *aquele mundaréu de gente* na minha frente... né?..." (*Corpus D&G/RG*, p. 4);

¹⁰⁶ Há, ainda, uma outra evidência disso no seguinte exemplo: "... a apresentadora **SABRINA SATO** [destaque da autoria], 27 anos, tem *dado um duro danado*." (In: *Veja*. 30/07/2008, p. 90).

¹⁰⁷ Uma outra amostra disso é encontrada num trecho de uma música de Luís Gonzaga: "Tá *danado de bom*...", mais ou menos, equivalente a "Tá *muito bom/bom demais*".

- 2- "... então nós fomos *naquela... naquela... naquela zoeira* já... eh... cantan::do na chuva...
 (...) ... então quando chegamos no ônibus... estava todo mundo molhado e todo mundo gritando muito..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 42);
- 3- "... nós também íamos chegando no ponto e foi *aquela correria* para não perdermos o ônibus..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 43);
- 4- "... só um pouquinho de ciúme... vai... não *aquele ciúme doentio*..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 353).

Pelo que se sabe, tradicionalmente, "*aquele*" é pronome demonstrativo, utilizado com função dêitica (indicando algo/alguém na situação comunicativa ou já conhecido do interlocutor) ou anafórica. Nesses fragmentos textuais, entretanto, assume valor inequívoco de elemento intensificador/enfático: em 1-, intensifica/reforça, respectivamente, "*burburinho*" e o quantitativo, já intensificado, "*mundaréu de gente*"; em 2- e em 3-, exagera ainda mais os respectivos significados de "*zoeira*" e de "*correria*", os quais, em si mesmos, encontram-se também encarecidos pelos sufixos; e, em 4-, sobrecarrega o conteúdo de "*ciúme doentio*", do mesmo modo, já encarecido pelo adjetivo.

De acordo com o que se lê em Houaiss e Villar (*ibidem*, p. 266), *aquele* é derivado da junção da partícula intensiva *accu* + o pronome pessoal *ille* – *accuille*. Nessa configuração, prestava-se a apontar um indivíduo ou objeto no ambiente de fala, relativamente distante do locutor e de seu(s) interlocutor(es), particularizando-o/destacando-o entre os demais. Pode ser que essa função mostrativa e atribuidora de saliência contextual tenha, posteriormente, por alguma operação de projeção conceitual, contribuído para desenvolver a idéia intensiva, ainda mais, se considerarmos o fato de que, em sua base de formação, participa um componente de noção enfática (*accu*).

Contudo, o caráter intensivo desse item é restrito apenas a conceitos substantivos. Desse modo, preserva as características de sua tradicional relação sintática e localização pré-nominal, como adjunto- determinante num SN. Por outro lado, embora tal uso seja o mais comum, há casos mais raros em que esse elemento aparece posposto ao nome – acompanhado de preposição –, intensificando-o, como ocorre, por exemplo, em sentenças do tipo "Hoje estou uma *dor de cabeça daquelas*", em que este equivale, mais ou menos, a "*enorme*" / "*terrível*" / "*muito intensa*". Essa singularidade, a meu ver, reforça ainda mais o

argumento em favor dessa nova funcionalidade/atribuição gramatical específica de *aquele* como produto intensivo.

Nesse processo de mudança funcional para exprimir intensidade, observa-se que essa palavra também passou de um estágio mais relacionado à concretude, uma vez que designava, exclusivamente, um elemento objetivamente identificável no contexto inter-comunicativo; depois, para uma designação relativamente mais abstrata, vinculando-o a um elemento do co-texto (como correferente anafórico) ou a algo na consciência do interlocutor; e, agora, para a esfera ainda mais abstrata da intensificação. Outro fato é que, nessa mudança, tal palavra teve, de igual modo, seu *status* sintático modificado. Isto porque, como pronome, pode ocupar a posição de um SN-nuclear; na condição de intensificador, é sempre um termo adjuntivo/satélite, sintaticamente mais dependente.

Há que se considerar, ainda, o fato de que, em posição pronominal, é analisado como determinante; sendo o termo intensivo, constitui-se um modificador, semelhante a um adjetivo, significando, relativamente, *grande/enorme* ou similares. Tais constatações permitem traçar, ao menos, provisoriamente, um esboço da trajetória evolutiva e diversidade funcional desse elemento em termos semântico-sintáticos, o que parece exibir a seqüência unidirecional *espaço* → *texto/discurso* → *intensidade*:

Demonstrativo da trajetória de modificação funcional de *aquele* (Q7)

Função	Dêitico ⇨	Anafórico ⇨	Intensificador
<i>Status</i> sintático	(-)-dependente	(-)-dependente	+dependente
Categoria	Pronome (determinante)	Pronome (determinante)	= Adjetivo (modificador)
Exemplos	"... mas <i>aquele</i> colega ali não..." (<i>Corpus D&G/RG</i> , p. 4).	"... <i>naquele</i> tempo era dente de leite..." (<i>Corpus D&G/Natal</i> , p. 24).	"... fez <i>aquele</i> fogaréu..." (<i>Corpus D&G/Natal</i> , p. 67).
Comentário	Apointa para o <i>colega</i> na cena enunciativa, mostrando-o ao interlocutor.	Remete ao <i>tempo</i> já referido no texto, retomando-o no discurso.	Exagera a proporção do <i>fogo</i> , reforça sua intensidade.

Quadro 7

Cabe assinalar que *aquele* em função intensiva pode vir, às vezes, combinado com o "pronome" quantitativo *todo* (anteposto ou posposto), de caráter reforçador, contribuindo para enfatizar/accentuar ainda mais o grau do conteúdo significado. Isso se verifica através das

seguintes ocorrências, em que a expressão "*todo aquele*" (Ex. 5-) *exagera a grande/enorme quantidade de sangue*, e a seqüência "*aquele... todo*" (Ex. 6-) designa a *excessiva intensidade* do "*aperreio*", respectivamente:

5- "... Minha mãe, ao ver ***todo aquele*** sangue e a mãozinha dela sobre o olho, imaginou que ela havia machucado a vista..." (*Corpus D&G/RG*, p. 20);

6- "... aí o motorista não deixou passar... aí ele cortou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na BR... aí foi ***aquele aperreio todo*** né..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 22).

Resta comentar, ainda, sobre esse novo comportamento gramatical de *aquele*, a distinção que este representa se comparado às suas tradicionais funções dêitica e anafórica. É que, na dêixis, tal elemento aponta para um referente do contexto comunicativo ou para algo já conhecido do interlocutor; como anafórico, remete a um componente co-textual dado. Portanto, nessas situações, esse item relaciona-se a informações velhas e de fundo. Porém, atuando como componente intensivo, observa-se que, além de não possuir caráter mostrativo ou correferencial, vincula-se mais a conteúdos novos, em posição de figura.

- ***Assim***:

1- "... Jorge tem um bom gosto espetacular né... e tem uma... uma... um senso de estética ***assim fantástico***..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 114);

2- "... e os crioulos do baile ((riso)) começaram a juntar *a maior muvuca assim... né?...*" (*Corpus D&G/RJ*, p. 9);

3- "... foi uma história *louquíssima assim*... foi uma história totalmente sem pé e nem cabeça mesmo..." (*Corpus D&G/RJ*, p. 26);

4- "... o irmão-diretor... Jorge Fernandes Correia... né? ele é uma pessoa ***assim super inteligente***... né?... (...) ... o irmão da biblioteca... por exemplo... é... é uma pessoa *assim*... logo de cara... eu achei ***assim super grossa***... sabe?..." (*Corpus D&G/RG*, p. 12).

Dentre os termos em processo de variação/mudança com função intensiva, "*assim*" parece o mais indefinido. Isto porque, na maioria dos contextos, tal elemento comporta-se ambigüamente, oscilando entre marcador discursivo, sinalizador textual (anafórico ou catafórico) e/ou adjunto enfático.

Entretanto, apesar disso, a possibilidade de percebê-lo como acompanhante intensivo não deve ser descartada. Nesse sentido, podemos admitir que, nas ocorrências

exibidas nesses trechos, embora se consiga atribuir-lhe outra função, "*assim*" parece atuar, também, como um componente de reafirmação/reforço às respectivas expressões, que já se encontram intensificadas ("*fantástico*", em 1-; "*a maior muvuca*", em 2-; "*super inteligente*"; "*louquíssima*", em 3-; e "*super grossa*", em 4-).

A trajetória dessa palavra é traçada em Martelotta et al. (1996, p. 261-276). De acordo com os autores, "*assim*" formou-se a partir da junção de *ad* (preposição) + *sic* (advérbio), com função dêitico-espacial. Posteriormente, além de outras funções, passou a atuar também como elemento de valor anafórico e catafórico, isto é, apontando para algum conteúdo mencionado ou por se mencionar no texto. Nesse caso, na visão dos autores, tal palavra seguiu a trajetória descrita em Heine et al. (1991), a saber, *espaço* → *tempo* → *texto*. No estágio atual, assume, ainda, o papel de marcador conversacional, representando a passagem *gramática* → *discurso*.

O fato de esse elemento servir, também, à manifestação de ênfase/intensidade pode estar associado à função demonstrativa/de sinalizador textual. Quer dizer, em razão de ser utilizado para apontar um dado conteúdo informativo, dando-lhe alguma saliência, a exemplo do que ocorreu com o dêitico "*aquele*", é possível que tal atribuição possa estar em vias de deslizamento, por alguma analogia, para exprimir noção intensiva.

Conforme foi explicitado, a gramaticalização refere-se à emergência de padrões lingüísticos, decorrente da busca pelo equilíbrio entre conteúdo e expressão, com vistas à eficácia da interatividade verbal. Significa dizer que os falantes estão a todo tempo lançando mão de recursos lexicais e morfossintáticos que lhes permitam comunicar-se de modo satisfatório, esperando produzir determinados "efeitos de sentido". A manipulação constante e bem sucedida de novos arranjos formais – ou mesmo de antigos já existentes –, cujos significados e aplicações funcionais emergentes são compartilhados/negociados socialmente na interlocução, acaba por forjar sua inscrição regular no sistema gramatical (cf. RAMAT, 1998, p. 108).

Como aquilo que mais se utiliza tende a desgastar-se com facilidade, assim acontece com as formas lingüísticas. Nesse sentido, o uso repetitivo de determinados padrões lingüísticos acaba por provocar seu enfraquecimento semântico e funcional. Curiosamente, na língua, alguns elementos tendem a maior sedimentação e, portanto, são mais resistentes a

alterações; outros, no entanto, estão mais expostos à corrosão funcional¹⁰⁸, o que pressiona o surgimento de novos modelos que respondam eficientemente às demandas cognitivas e socio-comunicativas dos usuários. Daí dizer-se que a gramática é uma estrutura relativamente motivada e instável.

Com respeito ao grau intensivo, é inegável a convivência entre formas canônicas, regularizadas no sistema lingüístico; umas menos convencionais, porém, de certo modo, recorrentes; outras mais incomuns; e outras que parecem ser criações *ad hoc*, utilizadas em circunstâncias especiais. Em todos esses casos, pelo que foi demonstrado nos exemplos vistos, a manifestação de intensidade é suscetível a variados níveis de nuances semânticas, em geral, subordinada à perspectiva imposta pelo falante e a seus interesses discursivos, em outras palavras, às especificidades das condições de produção discursiva. Isto, é óbvio, não poderia ser realizado através dos mesmos recursos, o que, forçosamente, resulta na necessidade de se encontrar meios diversos que o possibilitem. Assim, a ampla variedade de produtos intensivos, observada nos registros textuais, é decorrente da tentativa dos usuários em encontrar a forma, ao menos, mais apropriada e convincente possível de comunicar o que têm a dizer e interagir com o outro.

Lehmann (1991), estudando alguns mecanismos de intensificação no alemão contemporâneo e reconhecendo a ampla facilidade inventiva dos falantes nesse campo, admite que é impossível saber quais das inovações variantes que os hábitos de fala exibem são manifestações sincrônicas de genuína mudança lingüística em curso, e quais delas são apenas produções efêmeras. Significa que, num dado estágio de uso comunicativo, é temerário prever a sobrevivência ou descarte de qualquer das estruturas emergentes.

Por outro lado, mesmo sendo cauteloso em afirmar que certos recursos intensivos existentes possam caracterizar alguma evidência de gramaticalização, devo reconhecer que determinadas estruturas esboçam novos desenhos sintagmáticos no português contemporâneo. Além disso, já se mostram, de certo modo, um tanto recorrentes e "previsíveis". Entre estas, figuram, principalmente, as construções com os intensificadores *bem* e *super*, além daquelas com *mesmo* e *ainda*, por exemplo.

¹⁰⁸ Vejam-se os artigos de Bybee e Thompson (1997) e de Furtado da Cunha et al. (1999) quanto às discussões em torno do que chamam "efeito de redução" e "efeito de conservação".

Hopper e Traugott (2003, p. 122-124) observam que uma das características das formas que estão em processo de variação/mudança é a *renovação* ("*renewal*"). Significa que um determinado item, ao exibir um uso distinto do(s) já existente(s) com relativa frequência, além dessa nova função adquirida, pode também apresentar uma nova configuração estrutural, embora permaneçam, aparentemente, em sua posição original. É o que parece ocorrer, por exemplo, com itens como *danado* e *aquela* em acepção intensificadora, os quais, apesar de continuarem, na maioria dos casos, em suas respectivas posições lineares na relação com o termo adjacente, não devem ser confundidos com suas tradicionais funções, quer sejam sintáticas, semânticas ou discursivas.

Em vista dos fatos expostos sobre a gramaticalização de construtos intensivos, o que ficou demonstrado é que, em todos esses casos, confirma-se o pressuposto teórico quanto à passagem de itens lexicais para elementos gramaticais, ou de elementos gramaticais para um *status* ainda mais gramatical; também quanto ao percurso que parte de uma noção mais vinculada à concretude (percepção sensorial) para uma outra de natureza mais abstrata, em razão de alguma relação conceitual entre tais noções. No caso dos designativos de intensidade, verifica-se que estes, em geral, emanam de conceitos cujo lastro semântico exprime alguma idéia vinculada a saliência perceptual-cognitiva.

CAPÍTULO 6

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Neste capítulo, em primeiro lugar, procedo a alguns comentários apreciativos finais sobre o trabalho como um todo, considerando os resultados obtidos. Depois, dedico-me a tratar da aplicabilidade desse tema em sala de aula, expondo seu enfoque nos livros didáticos dos ensinos Fundamental e Médio. Nesse ponto, observo as limitações de suas propostas para as questões relativas ao ensino e à aprendizagem do grau intensivo, considerando as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de língua nesses níveis. Por último, forneço algumas sugestões quanto à abordagem dos recursos intensivos e do grau como um todo em sala de aula, as quais poderão auxiliar professores e alunos no estudo desse fenômeno.

1. Resumo apreciativo das conclusões deste trabalho

Tomando como ponto de partida as questões e desafios levantados em torno da intensificação, este trabalho propôs-se, sobretudo:

1. explicitar a diferença conceitual entre *grau* e *intensificação*, traçando também seus respectivos limites de alcance. Além disso, distinguir os processos de intensificação (atribuição conceitual de intensidade) das estratégias e formas de manifestação intensiva (codificação lingüístico-textual).

As abordagens que tratam desse tema, em geral, são tendentes a identificar *grau* e *intensificação* como conceitos semelhantes. Entretanto, as evidências apresentadas neste trabalho apontam que ambos os conceitos, apesar de afins, não podem ser tomados como equivalentes.

Segundo verificou-se, *grau* possui um alcance conceitual mais genérico, abrigando os subtipos *dimensivo*, *intensivo* (estes, em parte, já propostos por ROCHA LIMA, 1998, e por GONÇALVES, 2006), *quantitativo* e *hierárquico*. Um exemplo disso pode ser conferido com **alto**: *homem alto* (grau dimensivo), **alta** *periculosidade* (grau intensivo), **alta** *de preço* (grau quantitativo), **alto** *escalão* (grau hierárquico). O grau incorpora toda noção que pode ser

escalonada em variados níveis de gradiência semântica, numa escala fixada por parâmetros individuais ou socioculturais. Nesse sentido, a formação conceitual do grau se estabelece a partir de processos comparativos entre um estado de coisas e outro (concretamente observáveis ou não, estando o comparante presente ou na memória cultural do locutor), sobre os quais se impõe uma determinada perspectiva, "decidindo-se" em que nível ou direção escalar o conceito graduado deverá ser formulado.

Intensificação, por sua vez, representa uma das categorias abarcadas pelo grau (o *intensivo*), possuindo, assim, conceitualização mais específica e escopo mais limitado. Apesar de pautar-se, igualmente, por um *continuum* de matização semântica, a intensificação não se identifica com a noção de neutralidade, dada a sua própria natureza, que se fundamenta no conceito de alteração escalar de uma dada noção. Desse modo, diferentemente do grau como um todo, só pode ser concebida de modo ascendente ou descendente. Isso pode ser atestado, por exemplo, nas distinções entre "*ciúme*", "*redonda*", "*dormindo*" e "*ciúme doentio*", "*bem redondinha mesmo*", "*dormindo profundamente*", respectivamente, em que temos, nos três primeiros conceitos, o que se considera normalidade escalar de grau; nos três últimos, vemos esses mesmos conteúdos intensificados (o *grau intensivo*).

Por outro lado, o conceito intensivo pode ser aplicável às demais categorias do grau e, inclusive, incidir sobre si próprio. Significa que um conteúdo já graduado pode ter sua noção estendida/acentuada ainda mais. Outra particularidade da intensificação é que esta possui uma acepção mais abstrata, vinculando-se, em geral, à passagem de um conceito mais calcado na experiência com o mundo tangível para um outro de natureza mais "conotativa", ou seja, num plano eminentemente ideacional, operada mediante alguma associação analógica ou por haver certa contigüidade conceitual.

Finalmente, *grau e intensificação* se distinguem em razão de esta sempre incluir e pressupor aquele, mas o contrário não ser verdadeiro. Assim é que, em *torre muito alta*, por exemplo, temos um caso de intensificação (ou grau intensivo), porém em *torre alta*, vemos apenas manifestação de grau (o dimensivo), sem a noção de intensidade.

Devido ao fato de a comparação constituir-se uma propriedade básica e inseparável da conceitualização do grau, podendo ser verbalmente expressa ou permanecer apenas pressuposta, achei por bem rejeitar a classificação tradicional dos graus *comparativo* e *superlativo* e, em vez disso, adotar as noções de comparação *explícita* e comparação *implícita*.

Tal proposta traduz de modo mais adequado o caráter comparativo fundamental da graduação, já que, quando o falante diz, por exemplo, "*árvore imensa*", "*pouca movimentação*", "*o mais importante*", "*corpinho*", "*bem confortável*" (*Corpus D&G/Natal*, p. 169), parte sempre de um outro estado de coisas (tangível ou não) que lhe serve de parâmetro e com o qual o conceito graduado contrasta. Assim, essa clássica divisão torna-se inútil, uma vez que a comparação é um participante decisivo na definição desse conceito, conforme argumentam Ribeiro (1956), Said Ali (1971), Heine (1997), Flores (2004), entre outros.

Diferentemente, também, dos demais estudos, que associam o grau diretamente a categorias lingüísticas – como grau do substantivo, do adjetivo, do advérbio etc. –, a visão defendida aqui é que, embora esteja, de certo modo, vinculado a um item lexical ou expressão, o grau (e a intensificação, em particular) não se prende, necessariamente, a qualquer classe lingüística. É, antes, um conceito que pode ser expresso por alguma unidade verbal ou por outros meios não estritamente lingüísticos, não incidindo, portanto, sobre um item lexical identificável.

Isso ficou comprovado, por exemplo, no fato de um termo gradiente/intensivo vir relacionado a um pronome, que, convencionalmente, não é considerado uma classe passível de graduação; ou de um substantivo graduado não exprimir propriamente o grau de um referente nominal, mas de um(a) atributo/propriedade; ou mesmo de existir a noção de intensidade, e esta não se encontrar diretamente explicitada por meio de uma forma verbal específica, estando apenas implícita/insinuada no contexto discursivo. Assim, apesar de só poder ser apreendida no discurso, a intensificação não deve ser confundida com nem limitada ao grau de uma ou outra classe de palavra em si.

2. caracterizar as variadas formas de expressão intensificadoras em seus aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos, sintáticos e textuais. Observar, quanto a isso, os padrões formais e funções sintáticas mais recorrentes.

Afastando-se um tanto das abordagens existentes sobre esse tema, que o descrevem apenas no que se refere às suas características de expressão nas formas sintética e analítica, mais limitadas às respectivas classes adjetivo e advérbio, neste trabalho, verificou-se que o grau intensivo pode ser conceitualmente aplicado a noções verbalizadas por itens lexicais cuja base semântica já comporta em si mesma essa noção; também, não se circunscreve tão

somente àquelas classes mencionadas. Quer dizer, além de poder ser expresso por um adjetivo ("**hediondo**") ou por um advérbio ("**demais**"), pode, igualmente, exprimir-se por um substantivo ("**imundície**") ou por um verbo ("**adoro**"). Um detalhe sobre isso é a intensificação poder incidir sobre conceitos formatados em uma expressão perifrástica/lexia composta (por exemplo, "**muito sem graça**", "**super barra pesada**").

A atribuição de intensidade pode também manifestar-se através de certos recursos fonéticos/prosódicos ("**metiiiiido**", "**ar-ra-san-do**"), mórficos ("**hiperlotação**", "**riquíssimos**") e sintáticos ("**bem alto**", "**chora... chora... chora... chora**"). Pode, ainda, exprimir-se de forma indireta/implícita ("**os preços são inacreditáveis**", querendo dizer, nesse caso, que os preços são **excessivamente altos/caros**), por meio de uma seqüência gradual ("**perto, mais perto, pertinho, pertíssimo**" – *Veja*. 20/02/2008, p. 20) ou espalhar-se ao longo de um segmento textual maior.

Um dado curioso sobre a noção intensiva, conforme já foi assinalado, é o fato de poder ser expressa por uma dada categoria lexical, no entanto não ser aplicável a essa categoria mesma, e sim ao conceito que ela veicula, o que reforça o argumento defendido de que a intensificação não é da unidade lingüística em si, mas do conteúdo que esta representa. Uma amostra disso é, por exemplo, "... porque eu sou **muito palhaço**..." (*Corpus D&G/Natal*, p. 177), em que "**muito**" não designa quantidade nem incide sobre o substantivo como classe nominal em si; na verdade, é um termo intensivo aplicado ao conceito subjacente a esse nome, cujo significado equivale, mais ou menos, a "**brincalhão**", portanto, de valor adjetival. Em vista disso, parece não fazer muito sentido falar-se em grau ou intensificação de determinada categoria lingüística. O que interessa, sobretudo, é verificar como se constituem tais conceitos, a que se aplicam e qual sua importância discursiva no contexto em que ocorrem, o que não significa, evidentemente, desconsiderar os recursos de manifestação formal utilizados.

Entretanto, deve-se reconhecer que a manifestação do conceito intensivo, em alguns casos, é, de certo modo, restringida pela categoria lingüística, no sentido de que determinadas formas podem ser aplicáveis a alguma(s) categoria(s) e não a outra(s). Amostras disso são, por exemplo, *o(a) maior* e *aquele(a)*, que são exclusivos com referentes nominais; *bem*, por sua vez, combina-se com as demais classes lexicais, mas não com substantivos, provavelmente, devido à base adverbial daquele elemento.

Tal como se evidenciou através dos dados, de todas as manifestações expressivas de intensidade, a mais recorrente é a que se constrói por combinações sintáticas, desde as mais simples e rotineiras (como aquelas com apenas um termo intensivo e o intensificado) às mais complexas e/ou criativas (a exemplo das que incorporam mais de um elemento intensificador ou das que se configuram através de múltiplos e variados processos de formação). A alta produtividade desse recurso deve-se, ao que tudo indica, à sua natureza mais icônica, isto é, à propriedade de "espelhar" por meio da extensão material do significante o conteúdo intensivo significado.

Quanto à função sintática dos componentes intensificados, as amostras indicaram maior incidência do recurso intensivo em conteúdos na função predicativa (principalmente em relação ao sujeito da sentença). A possível explicação para o índice expressivo de predicativos do sujeito intensificados encontra-se, primeiramente, no fato de ser esse termo (explícito ou elíptico), juntamente com o predicado, um elemento, em geral, participante na composição do enunciado. Além disso, é através do predicativo que o locutor tende mais a exercer sua atitude avaliativo-subjetiva (FORD et al., 2003), principalmente em relação ao sujeito, que, na maioria dos casos, coincide com o tópico oracional/discursivo, atribuindo-lhe alguma propriedade ou valor, o que oportuniza o recurso à intensificação.

3. esclarecer a constituição conceitual da intensificação quanto às suas bases cognitivas vinculadas às noções de metáfora e/ou metonímia, observando se tal constituição obedece a modelos semântico-cognitivos mais gerais (*i.e.*, universais). Aliado a isso, investigar, ainda, se, além das determinações cognitivas básicas, a construção conceitual e a codificação dos processos intensivos são também influenciadas por fatores de ordem discursivo-interacional.

Pelo que ficou demonstrado através dos exemplos vistos, há farta evidência de que a formação do conceito intensivo é de natureza eminentemente abstrata. Ocorre que essa abstração, pelo que se comprovou, emerge, em grande parte, de conceitos cujo fundamento cognitivo relaciona-se a alguma observação empírica quanto a uma dada realidade, isto é, possui uma base físico-experiencial emoldurada pela percepção. Esses conceitos, em geral, vinculam-se às respectivas noções de *quantidade* (que parece ser a mais recorrente em diversas comunidades de fala), *tamanho*, *peso*, *localização* ou *algo considerado anormal*,

impactante em algum aspecto ou, ainda, que *possua alguma saliência/importância perceptual-cognitiva*.

Nesse sentido, as amostras textuais indicam que boa parte da formação conceitual de intensidade é um fenômeno decorrente de processos metonímicos e/ou metafóricos. Significa que, para formular o conceito intensivo, em muitos casos, os locutores estabelecem certas correspondências conceituais entre uma daquelas noções e a idéia do que é intenso, configurando-se, assim, uma *projeção/mesclagem metafórica*, em que um conteúdo intensivo mais abstrato é descrito em termos de outro mais "concreto".

Portanto, quando se diz, por exemplo, "**mais sério**", "**grande enganação**", "**super descreditada**" (*Corpus D&G/RJ*, p. 24), recorre-se a esquemas conceituais como, na ordem, INTENSIDADE É QUANTIDADE, INTENSIDADE É TAMANHO, INTENSIDADE É LOCALIZAÇÃO VERTICAL, em que esses respectivos domínios são mapeados no domínio da intensificação (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Mesmo em ocorrências aparentemente mais metaforizadas, como nas amostras *consumo gigantesco*, *diferença abissal*, *hercúleas proporções*, por exemplo, é possível entrever os respectivos conceitos de tamanho, localização vertical e força subjacentes a essas noções intensivas.

Algumas noções intensivas, por sua vez, – também metafóricas – parecem resultar de determinadas relações de contigüidade conceitual (numa palavra, por *metonímia*). A mais produtiva é a da relação causa-efeito. Um exemplo disso são as noções de *maior/menor* (designativas de *tamanho*), que derivam dos conceitos de *mais/menos* (referentes a *quantidade*), respectivamente (TAYLOR, 1992). Outras evidências disso podem ser vistas nas hipérboles *feio que dói*, *morrendo de medo*, *cansou de avisar* e similares, em que a idéia de efeito, em razão de algo exarcebado/excessivo, acaba por assumir o próprio conteúdo intensivo. Nesses casos, pode-se dizer que a intensificação se desenvolveu, em primeiro lugar, motivada pela ocorrência de associações metonímicas.

A conceitualização de intensidade a partir dessas noções parece ser uma propriedade não de um ou outro grupo social particular, mas do modo como a concebemos cognitivamente, não obstante as singularidades geoculturais e lingüísticas. Isso se evidenciou na diversidade de amostras de diferentes falares (quer no tempo, no espaço e na forma de vida material), em que as manifestações de conteúdo intensivo se configuram mediante termos/construções relacionadas a um ou mais desses valores ideacionais. Disso se depreende,

portanto, que a formulação do conceito intensivo segue um padrão básico de raciocínio mais geral, com relativa (in)dependência das demarcações diversas existentes entre os distintos círculos comunitários. Isso não significa um argumento em favor do inatismo desse conceito, como se os indivíduos nascessem com um aparato biológico que os predispuesse a conceber o grau intensivo nessas bases. O que defendo é que parece existir uma motivação comum para conceitualizar a intensificação fundada em princípios nocionais mais ou menos semelhantes, o que parece ser uma propriedade semântico-cognitiva inerente ao modo como construímos esse conceito.

Todavia, as características e condições socioculturais¹⁰⁹ e comunicativas (*i.e.*, as formas de organização de um povo e de sua relação com a realidade, o contexto de interação, o perfil e idiosincrasias dos sujeitos envolvidos na interlocução e os propósitos discursivos) exercem uma influência significativa na seleção, perspectiva e formas de codificação desse conceito (HEINE, 1997; GIBBS Jr., 1999). De acordo com o que já foi exposto, vimos que, em algumas comunidades, por exemplo, tende-se, com maior frequência, a associar intensidade à noção quantitativa (embora, provavelmente, não seja a única); noutras, à idéia de localização – vertical e/ou horizontal –; noutras, ao conceito de tamanho, e assim por diante.

Quanto à expressão verbal de intensidade, entre os fatores determinantes em sua codificação, contam-se a identidade pessoal e social dos interlocutores bem como a situação discursiva em que ocorre a interação e as intenções subjacentes a esta. Nestes casos: "*vilã malvadésima*" (Sônia Braga, entrevista à *Época*. 19/12/2005, p. 111); "*estupidez himalaica*" (André Petry, artigo de opinião em *Veja*. 31/05/2006, p. 48); "*tri grandão*" (aluna da 8ª série, narrativa oral, *Corpus D&G/RG*, p. 28), por exemplo, constatamos o peso desses fatores. No primeiro caso, a forma "*malvadésima*", com esse tipo de sufixo, faz sentido se considerado o fato de se encontrar numa entrevista informal de uma atriz como Sônia Braga. No entender de Gonçalves (2003), muitas formas lingüísticas servem como índice/sinal de traços sociais de um determinado grupo de falantes. Nesse caso específico, o sufixo intensificador *-ésimo* é mais característico do falar feminino (mais estilo "perua") ou "gay", conforme já esclarecido no capítulo 2. No segundo caso, o uso do adjetivo "*himalaica*" como intensificador explica-se

¹⁰⁹ Apesar de não ter-se constituído como objetivo aqui investigar diretamente a interferência de tais fatores nos processos intensivos, devo reconhecer sua importância na formação e embalagem lingüística de tal conceito.

em razão de estar inserido num artigo de opinião da revista *Veja*, cujo escritor, costumeiramente, expressa-se num tom mais formal, dirigindo-se a um público mais seletivo e, presumivelmente, possuidor de um conhecimento de mundo mais amplo, em condições de estabelecer o nexos semântico entre tal palavra e sua função intensiva. No terceiro, o item adverbializado "*tri*" revela um uso específico desse termo como intensivo por falantes gaúchos, além do fato de se restringir mais à interlocução cotidiana em situações de maior descontração.

Com relação à influência de fatores discursivo-pragmáticos na intensificação, vimos que necessidades informacionais e intenções argumentativas contribuem para o recurso a conceitos intensivos no discurso. No que se refere às demandas informacionais, constatou-se que o uso de um conteúdo intensificado, para além de interferências subjetivas, tem a ver, em muitos casos, com o fato de o locutor necessitar especificar/delimitar melhor algum referente, evitar mal-entendidos ou falsos pressupostos e/ou associar tal conteúdo com uma outra informação anterior ou posterior, proporcionando, assim, equilíbrio e coerência informacional ao seu discurso.

Uma amostra disso pode ser conferida, por exemplo, em "... Madonna de camiseta e sem maquiagem exibiu *uma magreza etíope*." (*Veja*. 20/08/2008, p. 134), em que o adjetivo "*etíope*" equivale, mais ou menos, a "*excessiva*"/"*extrema*" (numa referência metafórica a pessoas miseráveis da Etiópia, extremamente magras em decorrência da fome intensa a que são submetidas), portanto, de significado intensificador acerca do acentuado grau de *magreza* da cantora Madonna. Nesse caso, a presença desse termo intensivo – embora numa perspectiva um tanto exagerada –, sem dúvida, não apenas participa no recorte conceitual do referente (*magreza*), como também no oferecimento de informação mais adequada sobre o real estado físico da artista (aliás, exibido numa foto), relacionando-se coerentemente, ainda, com a informação precedente quanto ao fato de que a "fixação" da cantora por um corpo livre de gordura e por academias de ginástica "*vai além do bom senso*". Assim, a falta do elemento intensivo deixaria não só uma lacuna informacional no texto, como também um prejuízo nas relações de sentido entre esse estado de coisas e os demais conteúdos, além da perda de expressividade e da evidente saliência comunicativa.

Outra amostra também pode ser vista em "... Usain Bolt consagra-se como o *homem mais rápido do mundo*." (*Veja*. 27/08/2008, p. 120), em que o termo intensivo dá a

idéia implícita de que existem outros homens rápidos no mundo, porém não tanto quanto Usain Bolt. Em contrapartida, a ausência do intensificador deixaria o falso implícito de que não há nenhum outro homem rápido no mundo a não ser esse atleta.

O valor da intensificação não se restringe apenas a necessidades contedísticas do discurso, no sentido de fornecer informação mais precisa e coerente; também é importante no alcance dos propósitos sensibilizadores e persuasivos do locutor, conforme já explicitado. Apenas a título de reforço a isso, cito o seguinte exemplo: "... mexer com a família é *baixeza excessiva*." (Veja. 27/08/2008, p. 106). Nesse trecho, através da intensificação de *baixeza*, o locutor procura reforçar seu argumento de que não se deve responsabilizar um candidato a um cargo de administrador público ou julgar sua idoneidade e competência por causa de insucessos, limitações ou desvio de conduta de seus pais ou parentes. Tal recurso intensivo é utilizado, portanto, com o fim de potencializar no interlocutor as suspeitas levantadas quanto ao caráter e à intenção de quem se utiliza desse expediente junto à opinião pública.

Assim, essas poucas amostras corroboram o argumento de que, apesar de as evidências sinalizarem a existência de bases cognitivas mais ou menos comuns na construção do conceito intensivo, há que se admitir que tal conceitualização é, de um modo ou de outro, também dependente de pressões do contexto sociocomunicativo em que é utilizado. Significa que estas são, em parte, condicionadoras de determinadas "tendências" quanto ao modo de formulação conceitual e conseqüente embalagem lingüística (TOMASELLO, 1998); isso sem descartar, ainda, restrições de caráter propriamente interno do sistema lingüístico.

O outro ponto a ser destacado é que o recurso à intensificação é também orientado por contingências de ordem discursivo-interacional. Significa que, além das determinações cognitivas básicas e das interferências culturais e sociais, a manifestação da noção intensiva configura-se em função de exigências informacionais e necessidade de o falante ou escrevente impactar e conquistar seu interlocutor, tornando-o cúmplice da ótica discursiva adotada.

Nesse sentido, na atribuição de intensidade coadunam-se cognição, cultura, discurso e interação, o que reforça os postulados cognitivista-funcionalistas quanto à atenção a esses fatores na investigação lingüística.

4. observar as variações formais exibidas nas diversas manifestações do conceito intensivo, distintas dos modelos mais convencionais, procurando identificar possível regularização gramatical.

Sem levar em conta os padrões lingüísticos de expressão intensificadora já tradicionalmente estabelecidos no português brasileiro, de acordo com as amostras coletadas, os casos variantes de codificação de intensidade mais recorrentes são as construções sintáticas com *bem* e *super* (este, agora, aplicável até a expressões do tipo "***super a fim***" etc.), as quais parecem exibir uma certa regularidade e generalização. Uma diferença entre essas formas intensivas reside no fato de *super* ser, em geral, tomado como conceitualmente um pouco mais intenso/enfático do que *bem*. Outra é que este parece não ser muito aplicável a referentes nominais, a não ser que estejam em situação adjetival.

Há, ainda, outras formas que, embora de uso mais limitado, também indicam uma nova configuração sintagmática de valor intensivo. Trata-se das combinações com *ainda* e *mesmo* (conforme se vê nos respectivos exemplos "***melhor ainda***" e "***brega mesmo***"). Estas encontram-se ainda em processo de variação, uma vez que também são utilizadas em alguns contextos como termos enfáticos/reforçadores de conteúdos já intensificados.

Quanto ao uso de *aquele* em função intensiva, vale lembrar que tal uso, por enquanto, só ocorre com substantivos (como em "***aquela correria***", por exemplo), o que é justificável, uma vez que esse elemento é, historicamente, um acompanhante nominal, com valor dêitico ou anafórico. Um indicativo da nova funcionalidade gramatical desse termo é que, na condição de intensificador, em vez de pronome-determinante, deve ser visto mais como modificador nominal, equivalente a um adjetivo.

O processo de "mudança" de *danado* como intensivo mostra-nos que esse item passa da posição adjetival, relacionado apenas a conteúdos expressos por substantivos e exprimindo significações outras, para se aplicar a conceitos codificados pelas demais categorias lexicais. E a prova disso é que ele pode combinar-se, inclusive, com outro adjetivo (como "***bom danado***"), numa demonstração de seu novo caráter adverbial-intensificador. Apesar de ser mais comum à oralidade informal, seu uso como intensificador já se pode ver, inclusive, em textos escritos de linguagem mais distensa, o que atesta esse seu novo caráter funcional.

No caso de *assim*, este demonstra um comportamento ainda instável entre sinalizador anafórico ou catafórico, marcador discursivo e elemento de reforço intensivo. Dada essa instabilidade e indefinição funcional, dele não se pode dizer, seguramente, que já se afirmou, individualmente, como item intensificador, na mesma medida desses outros vistos até aqui.

Retomando o comentário de Lehmann (1991) sobre a emergência de recursos intensificadores, é bom lembrar a imensa criatividade e o subjetivismo dos usuários no emprego de tais recursos, o que resulta na acentuada variedade de formas coexistentes e no possível descarte de algumas delas, em especial, as menos produtivas. Em razão dessa alta rotatividade, torna-se bastante difícil prever qual (ou quais) delas permanecerá(ão) no acervo regular da língua (cf. HOPPER e TRAUGOTT, 2003).

Em face disso, a idéia de inserção "definitiva" desses elementos intensivos sob apreciação na regularidade do sistema lingüístico deve ser tomada com certa cautela. É bem verdade, no entanto, que, dentre eles, os que exibem maior freqüência e generalização de uso são *bem* e *super*, que podem ser facilmente encontrados em diversos registros tanto de fala como de escrita, demonstrando evidente processo de gramaticalização. Os demais (*mesmo*, *ainda*, *danado*, *aquele* e *assim*), apesar de também apresentarem certa produtividade como formas intensivas, parecem não possuir o mesmo grau de alcance daqueles, principalmente, no caso de *assim*, que, em dados contextos, atua com relativa imprecisão ou multiplicidade funcional.

Esses resultados permitem concluir que, no caso das formas intensivas, melhor é admitir a existência de padrões mais permanentes, que apontam para o mais "fixo" e regular no sistema lingüístico, por um lado; por outro, construções que parecem encontrar-se no caminho para adquirir certo grau de previsibilidade e outras que ou são formações esporádicas, apresentando-se como possíveis alternativas, ou são variantes específicas de um dado grupo social, ou, ainda, são criações inusitadas, circunscritas a um uso discursivo único. Tais fatos nos obrigam a tomar os produtos verbais intensivos numa perspectiva que inclui as noções de continuidade, variabilidade e mutação na língua, num *continuum* dinâmico e inter-relacionado.

2. Sugestões de trabalho em sala de aula sobre a intensificação

Neste tópico final, não pretendo fornecer alguma fórmula ou receita para o estudo da intensificação em sala de aula. Entretanto, conforme me propus num dos objetivos, no início deste trabalho, desejo tão somente apresentar algumas sugestões quanto ao tratamento desse tema na atividade docente. Isso se dá pelo fato de, em minha experiência profissional, atuar na formação e orientação de professores dos níveis Fundamental e Médio e conhecer, relativamente, as limitações e carências do contexto escolar nesses níveis.

Em primeiro lugar, observo a abordagem sobre o grau intensivo em livros didáticos efetivamente adotados em escolas de ensinos Fundamental e Médio. A intenção é verificar a forma como o assunto é exposto, a fim de inferir as práticas de ensino e aprendizagem em torno deste, uma vez que a tendência comum dos docentes é seguir de perto (e, às vezes, literalmente) o conteúdo do manual didático. Depois, confrontando tal exposição com as propostas de seus respectivos autores e com as orientações dos Parâmetros Curriculares (PCN), sugiro alguns procedimentos que podem nortear o estudo da intensificação no ensino de língua.

Para a revisão nos livros didáticos, escolhi dois exemplares representativos do Ensino Fundamental, distribuídos entre um adotado em uma escola pública e outro em uma escola particular, e dois do Ensino Médio, com a mesma distribuição.¹¹⁰ Tal investigação não se reveste de caráter estatístico; em vez disso, busca recolher uma amostra evidenciadora da(s) tendência(s) quanto ao estudo da questão intensiva.

Vejamos as abordagens em manuais do nível Fundamental:

O primeiro trata-se do livro *Português: linguagens*, para o 6º ano, de Cereja e Magalhães (2006), adotado em uma escola da rede municipal de Natal/RN. Não repetirei aqui a parte expositiva sobre o *grau*, em razão de ser ela uma reprodução fiel da tradição gramatical. Quer dizer: no caso dos substantivos, citam as noções aumentativa e diminutiva (em geral, de nomes cuja acepção relaciona-se mais ao mundo concreto; portanto, amostras restritas ao *grau dimensivo*), em suas formas analítica e sintética. No caso dos adjetivos e

¹¹⁰ Atendendo à solicitação de professores que cederam o manual didático para análise, as respectivas identidades das escolas que adotaram esse material serão mantidas em sigilo.

advérbios, o procedimento é igualmente conservador: apresentam-nos sob os aspectos comparativo e superlativo, em suas respectivas subdivisões semânticas e formas tradicionais de expressão (p. 133-139).

O que chama a atenção na obra é a proposta dos autores em considerar o estudo da língua numa perspectiva normativa, descritiva, prática e reflexiva (p. 5). No entanto, ao menos em se tratando da abordagem sobre o grau, limitam-se, tão somente, à normatização e descrição semântico-formal. Uma evidência disso pode ser atestada nas seguintes amostras, retiradas da seção "*Exercícios*" (p. 136), em que se explora o grau em duas tirinhas. Transcrevo aqui a parte de seu conteúdo que interessa e as questões propostas:

1. "– Poline Pilsen, minha amiga lindíssima!!!
– Rutezinha, minha amiga simples mortal...
a) Há, na tira, um substantivo empregado no diminutivo. Identifique-o.
b) Em que grau está o adjetivo **lindíssima**?" [destaque dos próprios autores].

Não é que seja reprovável solicitar dos alunos a identificação de uma forma (como em *a*) ou da noção semântica de um termo (como em *b*). Entretanto, pelo que se observa, o estudo do grau, nesse caso, restringiu-se a isso, o que não combina com a proposta geral dos autores. Estes poderiam ter explorado melhor o contraste entre *lindíssima* e *Rutezinha*, fazendo os estudantes concluírem que, enquanto Poline é supervalorizada por sua amiga Rute, esta é depreciada e desdenhada por aquela, que, na tirinha, é caracterizada (ou caricaturada) como uma prepotente "*aspirante a top-model*", preocupada apenas com a própria imagem. Além disso, poderiam, ainda, refletir com os alunos acerca do tipo de falante(s) mais tendente(s) a utilizar a forma *-íssimo*, testar a substituição desta, no texto, pela perífrase *muito linda* e ver se teria o mesmo resultado expressivo/valor semântico-discursivo. Também observar os diferentes significados de *-inho*, checando qual deles melhor se ajusta a esse caso, a partir da observação dos demais componentes informativos da tirinha, entre outras possibilidades. Vejamos o outro caso:

2. "Leia a tira a seguir e observe que nela há um adjetivo empregado no superlativo absoluto sintético: **felicíssimo** (de **feliz**). [grifos dos autores].

[Ratinho 1]: – Estou feliz. Trá lá lá! [Ante a indiferença do Ratinho 2, o Ratinho 1 acrescenta]: – Muito feliz. Trá lá lá! [O Ratinho 2 continua indiferente, o que leva o Ratinho 1 a dizer]: Felicíssimo! Muito felicíssimo!...

Professor: Comente com os alunos que a forma *muito felicíssimo* não é aceitável na variedade padrão. Trata-se de um pleonismo, pois *felicíssimo* já contém a idéia de *muito feliz*.

Em **felicíssimo**, o sufixo **-íssimo** junta-se a **felic-**, uma palavra de origem latina..." [destaques dos autores].

Quanto a esse texto, os autores atuam de modo bastante conservador, como se pode ver, reproduzindo o modelo descritivo-normativo tradicional. Com isso, deixam de explorar a riqueza formal e semântica dos recursos intensivos utilizados, bem como sua contribuição no texto/discurso como um todo. Primeiro porque, conforme já demonstrado, existe na seqüência entre *feliz* e *muito felicíssimo* uma gradação discursiva, em que um dado conteúdo vai sendo cada vez mais intensificado ao longo do texto, para atingir um determinado efeito de sentido. Nesse caso, o uso de *feliz* sempre mais intenso aponta, entre outras coisas, para o esforço do Ratinho 1 em conseguir a atenção do outro Ratinho (que finge estar desatento/indiferente) e despertar a curiosidade deste quanto ao motivo da felicidade. Seria também interessante observar a distinção entre *muito feliz* e *felicíssimo*, (tradicionalmente vistos como significados equivalentes), levando-se a perceber que este é sentido como mais intenso do que aquele. Outra atividade poderia ser a de solicitar a paráfrase de alguns desses elementos intensivos, na intenção de se verificar a variedade de formas apresentadas e discutir sua validade discursiva. Valeria comentar, ainda, além da adequação contextual/pragmática, o grau de saliência e impacto comunicativo das noções intensivas formalmente mais marcadas e incomuns, como a da última ocorrência no texto.

Na seção "*O grau na construção do texto*" (p. 137), os autores utilizam um poema, para explorá-lo em seguida. Cito apenas os trechos que interessa comentar:

3. "A primeira namorada, tão alta
que o beijo não alcançava,
o pescoço não alcançava,
nem mesmo a voz a alcançava.
Eram quilômetros de silêncio...

O eu lírico do texto, isto é, a pessoa que fala no poema, caracteriza a primeira namorada com um adjetivo.

- a) Qual é esse adjetivo?
- b) Como se classifica o grau desse adjetivo?"

Novamente, nessa proposta de atividade acerca do grau, os autores concentram-se na identificação e categorização semântico-formal de componentes lingüísticos, aí, apenas em relação a *alta*. Assim, minimizam a importância do intensivo *tão* e desconsideram sua relação com os demais conteúdos textuais, no caso, a causa para o fato de a *namorada* ser vista como inalcançável e a conseqüente falta de comunicação com ela. Poderia também ser explorada a hipótese de isso estar vinculado, de modo figurado, ao ponto de vista do eu lírico, um provável adolescente que, embora desejoso do contato e do diálogo com a pessoa amada, era ainda bastante tímido e inexperiente no namoro, o que o levava a "ver" a *primeira namorada* como praticamente inatingível, isto é, "*tão alta*". Deveriam ser levados em conta, ainda, os valores intensivos na repetição enfática de *alcançava* e na hipérbole metafórica de *quilômetros de silêncio*, os quais apontam para o acentuado "distanciamento" perspectivizado pelo locutor em relação à sua namorada, reforçando tal sentido.

Em outras questões, com base em sentenças inventadas, são solicitadas tarefas de reconhecimento do tipo de grau e de passagem de uma forma para outra (por exemplo, do superlativo analítico para o sintético). Portanto, como ficou comprovado, esses autores não cumprem cabalmente seu objetivo de também adotar uma postura mais prática e reflexiva sobre a língua, ou seja, de considerar aspectos discursivo-interacionais de seu uso, pelo menos no que se refere, mais especificamente, ao estudo do grau/da intensificação. Na verdade, continuam e reforçam o tão repetido modo de abordagem sobre esse tema.

O segundo livro para o Ensino Fundamental é utilizado numa escola particular de Natal. Refiro-me a *Português 6 – do Projeto Araribá* –, editado por Kanashiro (2007). Nos trechos expositivos, apresenta-se o grau dos substantivos (p. 94) e dos adjetivos (p. 203) nos mesmos moldes tradicionais. Uma particularidade sobre isso é o fato de o grau do substantivo ser igualmente relacionado apenas a tamanho físico (isto é, mais uma vez, a atenção recai apenas sobre o grau dimensivo, vinculado mais à concretude dos referentes), em contraste com o do adjetivo, que exprime intensidade. Outra curiosidade é a não referência ao grau dos advérbios.

Após as pequenas notas explicativas, nas seções "*Pratique*" (p. 96), "*A gramática em contexto*" (p. 98) e "*Aplicação*" (p. 203-206), são dados alguns pequenos textos para leitura e, em seguida, feitas explorações de reconhecimento sobre as ocorrências de grau. As questões são predominantemente voltadas para verificar apenas aspectos semânticos e formais dos constituintes graduados, abstraídos das funções discursivas que estes desempenham. Isso pode ser comprovado no que reproduzo a seguir:

1. "Transcreva, do parágrafo a seguir, exemplos de substantivos flexionados no grau diminutivo.
2. Que tipo de flexão sofreu o substantivo *Paulo* no fragmento lido?
3. Em que grau estão os substantivos *cachorrão* e *cachorrinha*? [destaques no próprio texto].
4. Na parte principal do texto, há um substantivo flexionado em grau. Identifique-o e diga em quais graus ele foi flexionado.
5. Localize no texto um adjetivo no grau superlativo relativo de superioridade.
6. Identifique em que grau está flexionado o adjetivo na frase 'Esse é o menor dos meus problemas'.
7. A palavra 'inho', nesse caso, tem valor de adjetivo. Em que grau ela foi empregada no texto?"

Como se pode ver através dessas poucas amostras, no estudo do grau (incluindo a intensificação), preserva-se a velha tendência em priorizar características mais superficiais desse conceito, quer dizer, dando-se especial atenção à sua tipologia semântico-formal, descolada do contexto discursivo-pragmático em que se manifesta. Nisso, deixam-se de lado aspectos funcionais importantes na constituição do discurso, tanto num plano mais localizado como no todo. Apenas para se ter uma idéia, cito um dos textos utilizados para estudo (p. 141):

"RICO EM FIBRAS

RICO EM CÁLCIO

PAUPÉRRIMO EM CALORIAS

Polenginho Fibras e Cálcio é o mais 'inho' dos Polenginhos: apenas 30 calorias. (...) é o alimento perfeito para qualquer hora do dia, em qualquer lugar: na academia, no escritório ou para quando bater aquela fominha."

Além da apreciação acerca da polissemia conceitual de *riqueza* e *pobreza* que o texto enseja, uma das coisas que poderia ser explorada é a repetição de *rico*. Também um teste para ver se daria o mesmo resultado caso essa repetição fosse eliminada, discutindo-se essa diferença com os alunos. Além disso, seria interessante o exame quanto à sobrecarga bem marcada e diferenciadora em *paupérrimo*, dando-se atenção à forma culta utilizada. Outra atividade poderia ser a de instigar os alunos a perceber os diferentes valores semântico-funcionais do sufixo *-inho* nesse contexto discursivo e, de preferência, confrontar esses casos com demais ocorrências em outros textos, observando-se as distinções de uso e sua eficácia comunicativa. Caberia observar, ainda, a relação entre os recursos intensivos presentes nesse texto e o fato de este pertencer ao gênero propaganda, o que leva o locutor a assumir um discurso de supervalorização do produto anunciado. Por fim, seria interessante promover um trabalho de produção textual, em que os alunos poderiam elaborar um anúncio de promoção de um produto, serviço ou evento, na modalidade oral e/ou escrita, com uso de linguagem verbal e não-verbal. Tal atividade teria o objetivo de, por ela, se estimular e desenvolver a criatividade e capacidade de expressão dos alunos.

Agora, passemos à apreciação dos manuais adotados no nível Médio:

O primeiro livro é de Sarmento e Tufano (2004), adotado no Ensino Médio de uma escola da rede estadual, em Parnamirim/RN.¹¹¹ Os autores abordam a intensificação sob o velho rótulo *grau* (dos adjetivos e dos advérbios). Após sucinta exposição do conteúdo, nas mesmas bases tradicionais, vem a seção dos exercícios ("*Aplicando*"). A primeira questão relaciona-se aos quadrinhos com Hagar e Helga, que reproduzo a seguir:

1. "[Helga]: – Você é o mais insensível, cruel e violento vikingue que jamais conheci!

[Hagar]: – Então por que se casou comigo?

[Helga]: – Os opostos se atraem.

a) Em que grau estão os adjetivos do primeiro quadrinho? Passe-os para o superlativo absoluto sintético e analítico." (p. 211).

Esse tipo de questão, tal como as outras nos demais guias didáticos, explora apenas o (re)conhecimento de categorias gramaticais ou a reprodução mecânica destas, sem qualquer

¹¹¹ Esse mesmo livro é também adotado em diversas escolas estaduais do RN.

consideração a suas funções textuais/discursivas. Na segunda parte da questão, por exemplo, pede-se para passar de uma forma a outra (não que isso seja, de todo, reprovável), desprezando-se seus diferentes valores e implicações no discurso.

A atribuição de intensidade nesses quadrinhos poderia ser trabalhada no sentido de observar as informações implícitas. Primeiramente, quanto à afirmação pressuposta de que há outros *viquingues* insensíveis, cruéis e violentos, porém não na mesma medida que Hagar, o que aponta, ainda, de modo indireto, para idéia historicamente formada acerca dos povos ditos *bárbaros*. Depois, com relação ao elogio disfarçado que Helga fez a si mesma ao falar em *opostos*, dando a entender que ela é proporcionalmente inversa ao marido, ou seja, querendo dizer, provavelmente, que é a mais sensível, amável e pacífica das mulheres viquingues.

Na parte sobre o grau do advérbio (p. 254), a única questão sobre isso constitui-se na exploração desse conceito em sentenças isoladas e feitas exclusivamente para esse fim:

2. "Identifique os graus dos advérbios destacados nestas frases:

- a) A gráfica ficava muito **longe** do centro da cidade.
- b) Meu projeto foi tão **bem** apresentado quanto o seu.
- c) O táxi ia **rápido** demais pela avenida congestionada.
- d) Há um bom cinema **pertíssimo** do nosso prédio.
- e) A empregada chegou **cedinho, cedinho** com as compras.
- f) Nervoso, ele explicou o plano **pior** ainda que seus colegas mais novos." [destaques dos autores].

O outro livro pesquisado, para o Ensino Médio, é adotado em uma escola particular de Natal, onde se segue a orientação tradicional de separar a disciplina Língua Portuguesa por modalidades, a saber, os estudos de Gramática, de Literatura e as práticas de Redação, cada uma ministrada por um professor específico. O livro citado é o "*Curso de gramática aplicada aos textos*", de Infante (2005).

A apresentação do assunto sobre "*Flexão do grau*", seja do substantivo, do adjetivo ou do advérbio, é feita do mesmo modo que nos demais livros didáticos vistos, isto é, de acordo com o padrão fixado pela tradição dos estudos gramaticais. Apesar da proposta do autor de trabalhar a língua subordinada ao estudo de textos (p. 3) – e, de fato, isso é feito com outros temas –, no caso do grau/da intensificação, repetem-se, predominantemente, os já conhecidos modelos de atividades, com alguns exercícios repetitivos sobre o "sentido" de

componentes lingüísticos ou para o reconhecimento/modificação das respectivas formas destes. Eis os exemplos disso quanto ao grau do substantivo (p. 203):

1. "Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases abaixo.
 - a) É um **sujeitinho**.
 - b) É um **mulherão!**
 - c) É um **timaço!**
 - (...)
 - g) Que **gentalha!**
 - h) Por que você se envolve com essa **gentinha?**
 - i) O **Carlito** chegou ontem à noite.
 - (...) [grifos do próprio autor].
2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:
 - a) uma boca?
 - b) um corpo?
 - c) um nariz?
 - (...)
 - g) um cão?
 - h) um gato?
 - i) um homem?
 - (...)"

Com relação ao "*Grau do adjetivo*" (o do *advérbio* foi apenas exposto, mas não explorado em exercícios), não há muita diferença. O excerto abaixo atesta isso (p. 226):

3. "Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal, como você verá nas frases a seguir. Reescreva-as, utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.
 - a) É um piloto hiperveloz!
 - b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.
 - c) Ela adotou uma posição supercrítica.
 - (...)"

Na mesma página, à exceção dos demais, há uma questão baseada num texto publicitário (a propósito, já utilizado neste trabalho), cujo conteúdo transcrevo parcialmente a seguir. Antes, porém, é feita a seguinte pergunta:

4. "Que efeito de sentido provocam no leitor as formas **garantidona**, **garantidaça** e **garantidésima** no texto seguinte? [grifos do autor].

VAI LEVAR

A GARANTIDONA,

A GARANTIDAÇA OU

A GARANTIDÉSIMA?

Linha de TVs Lumina. O máximo em tecnologia, o mínimo em consumo de energia.

(...)

SEMP TOSHIBA

Os nossos japoneses são mais criativos que os japoneses dos outros".

Sem querer comentar a generalidade e a imprecisão da pergunta sobre essas formas superlativas, creio que estas poderiam ser melhor exploradas observando-se tanto a diferença entre os sufixos intensificadores como a seqüência gradual ascendente entre eles. Isso parece relacionar-se, ao mesmo tempo, à distinção de tamanho dos televisores e à supervalorização desses produtos (com mais garantia que os demais concorrentes), independentemente de suas dimensões. Poderia também observar-se os tipos de sufixos, que são mais vinculados à linguagem informal, assumindo, desse modo, um estilo mais identificado com o uso popular.

Há outros recursos à intensificação no texto que também deveriam ter sido observados. Um deles é a antítese entre os termos *máximo* e *mínimo*, os quais apontam, igualmente, para as qualidades do produto, apresentando-o como o mais vantajoso entre seus pares, o que é bem típico do discurso publicitário. O outro trata-se da comparação entre os *nossos japoneses* e os *dos outros*. Quanto a isso, além do porquê da referência a *japoneses*, poder-se-ia explorar dos alunos o levantamento de hipóteses acerca da possível explicação para o fato de uns (*os nossos*) serem considerados superiores aos *outros*.

As diretrizes dos PCN, tanto para o Ensino Fundamental como para o Médio (sem querer entrar aqui na discussão quanto a certas incoerências observadas), no que se refere ao objetivo do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, são que

(...) o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas do uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998b, p. 32).

Para isso, os PCN propõem a adoção de uma postura pedagógica interdisciplinar, através da qual se articulem integradamente a leitura, a produção textual e a análise lingüística (cf. ESPÍNDOLA, 2004, p. 97). Significa que o trabalho em sala de aula com o ensino de língua materna mova-se no sentido de propiciar o diálogo com as demais disciplinas, expondo os alunos aos mais variados gêneros de discurso circulados no cotidiano da vida social, a fim de que não somente apreendam seu conteúdo, mas também analisem e reflitam sobre como são

mobilizados os diversos recursos lingüísticos (em seus aspectos lexicais, fonéticos, mórficos sintáticos e textuais) e não-verbais para a construção dos sentidos e o alcance dos propósitos discursivo-interacionais, isso aliado a atividades que explorem suas habilidades de expressão tanto de fala como de escrita (BRASIL, 1999, p. 129).

Alinhadas a essa tendência, Tavares e Furtado da Cunha (2007, p. 152) defendem que o educador tenha como prioridade a adoção de

(...) uma prática de ensino centrada na orientação dos alunos para a leitura e a produção de textos, acompanhadas de reflexões sobre o funcionamento da gramática da língua a fim de que melhor a compreendam e, assim, passem a empregá-la com eficácia em situações variadas de interlocução.

Assumindo perspectiva semelhante, Görski e Freitag (2007, p. 120) afirmam que cabe à escola, "*além do ensino reflexivo de gramática, trabalhar especificamente o aprimoramento das habilidades discursivas e atitudes sociolingüísticas*".

Assim, de acordo com essa visão, o estudo lingüístico na educação básica deve, acima de tudo, priorizar o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, que, nas palavras de Travaglia (2004, p. 97), significa

(...) possibilitar que ele seja capaz de utilizar, de modo adequado, variedades da língua em que ele não tem competência ou tem competência limitada, levando-o a usar adequadamente cada vez um maior número de recursos disponíveis na língua para a produção de efeitos de sentido e, conseqüentemente, para a comunicação competente.

Conforme se pode perceber em suas respectivas abordagens sobre o grau (e a intensificação), os livros didáticos, em ambos os níveis de ensino, não obstante constarem da lista dos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação, parecem não estar bem afinados ao direcionamento dos PCN. Isso em razão de ainda persistirem, predominantemente, no descritivismo metalingüístico, somando-se a este uma certa tendência normatizadora, o que aponta para a preservação do enfoque tradicional

desse fenômeno. ¹¹² Tal postura leva-nos a inferir que, por seguir de perto esses guias de estudo, o tratamento dessa questão em sala de aula, tanto no ensino público como no particular, é bem provável, tende a reproduzir esse modelo. Esse tipo de tratamento reduz o fenômeno da graduação a simples questão lingüística, cujos "significados" são definidos, na maioria dos casos, sem qualquer ancoragem contextual. Desse modo, desperdiça-se a oportunidade de captar sua multiplicidade formal e funcional, nas variadas situações de uso, e de compreendê-lo como um coadjuvante valioso na construção do discurso, para o alcance de intenções comunicativo-interacionais.

No último tópico de seu artigo, Gonçalves (2007, p. 164-167) sugere alguns procedimentos para o estudo do grau. No entanto, tais sugestões direcionam-se apenas ao Ensino Médio, limitando-se, ainda, a aspectos morfológicos, a saber, o emprego de afixos denotativos de grau. Entre outras coisas, o autor recomenda:

- separar o estudo do grau daqueles acerca da flexão de gênero e número. Assim, em vez de se chamar "flexão de grau", deveria dizer-se "modificação/variação de grau";
- atentar para os valores expressivos da gradação em textos variados, observando também aspectos quanto à modalidade e ao grau de formalidade;
- distinguir a noção efetiva de grau daquelas em que tal noção tornou-se opaca, como em *quentinha e pistolão*;
- associar o estudo do grau ao tópico sobre linguagem figurada;
- articular esse tema com as atividades de leitura e escrita.

Um dado interessante nessas "recomendações" de Gonçalves tem a ver com o fato de este afirmar que a reiteração de marcas morfológicas de grau é um procedimento meramente "estilístico", como se isso não se relacionasse a distintos valores semântico-discursivos, em comparação com as formas menos marcadas. Um outro ponto merecedor de destaque refere-se ao trecho em que o autor observa que os afixos de grau são mais comuns em gêneros relacionados a maior familiaridade existente entre os interlocutores. Em seguida, aconselha, em tom prescritivo, que tais afixos "*devem ser evitados em gêneros que requerem maior grau de formalidade, como o texto científico...*" (p. 166). Todavia, podemos encontrar,

¹¹² Não quero dizer com isso que, por adotarem tal postura em relação ao estudo do grau, esses livros sejam, de todo, inadequados como guias de ensino e que, por esse motivo, devam ter sua indicação desabonada.

no início desse mesmo artigo, além de outros recursos à intensificação, o uso da expressão "*raríssimas exceções*" (p. 150), em que o autor transgride sua própria recomendação.

Isso mostra o quanto é desaconselhável adotar qualquer atitude normatizadora em relação aos usos lingüísticos. Na verdade, o que podemos – e devemos – fazer é desenvolver atividades em sala de aula de modo a criar condições favoráveis a que nossos alunos adquiram progressivo espírito crítico-reflexivo e maturidade como usuários da língua, tanto no que se refere à leitura quanto à produção de textos nas variadas esferas da convivência sociocultural.

Por outro lado, sem a pretensão de ser prescritivista, acrescento, às sugestões já apresentadas na apreciação dos manuais didáticos examinados e às recomendações válidas de Gonçalves, os seguintes encaminhamentos para o estudo da intensificação, em particular (e do grau como um todo, conforme for o caso), no sentido de o professor promover atividades que propiciem aos alunos:

- (1) diferenciar os variados tipos de conceitualização do grau (*dimensivo, intensivo* etc.) e as diversas estratégias lingüístico-textuais para sinalizar tal conceito;
- (2) observar em que gênero(s) de discurso há maior ou menor tendência para o recurso ao grau intensivo, procurando identificar as possíveis explicações para isso;
- (3) perceber a diversidade de nuances e matizes semânticos envolvidos nesse conceito, a partir da variedade de configurações formais utilizadas, considerando os mapeamentos conceituais envolvidos e as implicações discursivo-interacionais;
- (4) examinar aspectos da coerência textual-discursiva estabelecidos através do recurso à intensificação;
- (5) inferir informações e intenções outras decorrentes do uso de determinados conteúdos intensificados;
- (6) atentar para as manifestações dos intensificadores relacionadas à variação sociodialetoal e de registro contextualmente motivado;
- (7) trabalhar a reprodução de texto(s) retirando as atribuições intensivas existentes, a fim de testar o quanto isso afetará o conteúdo semântico dos componentes textuais, tanto no plano mais local como no discurso como um todo (isso mostrará o valor funcional desse conceito na composição informacional e na intencionalidade discursivo-pragmática do texto);

- (8) transformar um gênero discursivo em outro, checando a validade dos recursos intensivos nessa mudança, bem como a adequação das formas lingüísticas utilizadas;
- (9) analisar criticamente suas produções textuais, mais particularmente, no que se refere ao emprego de noções graduadas, avaliando não só a funcionalidade semântica e discursivo-pragmática destas, como também as estratégias de significação e os recursos verbais utilizados em sua codificação.

Nisso, devem ser considerados o nível de ensino e a faixa etária em que os alunos se encontram, uma vez que, como se sabe, pode haver casos nos quais há turmas que, embora se encontrem no mesmo nível escolar, possuem faixas etárias distintas e/ou necessidades particulares, o que deve interferir na seleção dos gêneros a ser trabalhados, bem como nos procedimentos didáticos, atividades desenvolvidas, entre outras coisas. Vale salientar, ainda, que tais encaminhamentos não se esgotam aí. O professor poderá adotar outras práticas que facilitem e favoreçam o alcance dos objetivos quanto à aprendizagem e uso das variadas noções graduais/intensivas.

Como palavras finais, devo reafirmar que este trabalho não se pretende dogmático, completo nem definitivo sobre a intensificação. Nem poderia mesmo, dadas a amplitude e a complexidade desse fenômeno, bem como à impossibilidade de acesso à vasta gama de seus recursos expressivos, decorrente da imensa variedade de usos nas diversas comunidades e contextos de fala.

O que busquei aqui foi, tão somente, oferecer uma visão alternativa desse tema, considerando-o em alguns de seus aspectos semântico-cognitivos e discursivo-interacionais, a partir da perspectiva cognitivista-funcionalista dos estudos lingüísticos. Embora sabedor das limitações e lacunas ainda existentes, desejo contribuir, através deste, para o levantamento de questões outras que possam trazer mais luz para o estudo do grau intensivo, em particular, e do conceito da gradualidade no discurso. Espero, também, que a exposição e as análises feitas, bem como as sugestões apresentadas, sejam, de algum modo, úteis para os estudos da língua(gem) em sala de aula, mais especificamente, no tocante à questão intensiva.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ALAND, K. et al. *The greek New Testament*. 2. ed. Stuttgart, WG: WBS/UBS, 1970.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BAIÃO, R. de B.; ARRUDA, J. Gramaticalização de *até*. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 251-260.
- BARRETO, M. *Novos estudos de língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980. (Col. Linguagem, 13).
- BARROS, D. P. de. A comunicação humana. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 25-53.
- BARROS, E. M. de. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1985.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).
- _____. Flutuação categorial de base adjetiva no português falado. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. v. II (Níveis de análise lingüística). 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-97.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. (rev. e ampl.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Trad. E. Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 1989. (Col. Linguagem / Crítica).
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística: (Teoria lexical e lingüística computacional)*. São Paulo: Martins Fontes, 1978. (Col. Leitura e Crítica).
- BOLINGER, D. *Meaning and form*. London: Longman, 1977.
- BRANDÃO, R. de O. *As figuras de linguagem*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 47).
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília, DF: MEC, 1999.

BYBEE, J. *Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

_____. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ: LEA, 2003. p. 145-167.

_____.; THOMPSON, S. *Three frequency effects in syntax*. Santa Barbara: UC, 1997.

_____. et al. *The evolution of grammar: tense aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: UCP, 1994.

CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2005. (Série Didática).

CÂMARA Jr., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 7. ed. (rev. e aum.). Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

CARREIRO, C. P. *Gramática da língua nacional*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1917.

CASTILHO, A. T. de.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. v. II (Níveis de análise lingüística). 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996. p. 213-271.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 25. ed. São Paulo: Nacional, 1984.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. 5ª série. 4. ed. (reform.). São Paulo: Atual, 2006.

CHAFE, W. L. Giviness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, C. N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55.

_____. Cognitive constraints on information. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 21-51.

COMRIE, B. On explaining language universals. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ: LEA, 2003. p. 195-209.

COSTA VAL, M. G. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. T. et al. *Pedagogia cidadã: cadernos de formação – Língua Portuguesa*. v. 1. São Paulo: UNESP, 2004. p. 113-128.

CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge, United Kingdom: CUP, 1990.

_____. *Syntactic categories and grammatical relations: the cognitive organization of information*. Chicago: UCP, 1991.

_____.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistic*. Cambridge: CUP, 2004. (Col. Cambridge Textbooks in Linguistics).

CRUZEIRO, M. E. *Processos de intensificação no português dos séculos XIII a XV*. Lisboa: PCEF (18), 1973.

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999. (Col. Ariel Lingüística).

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. da. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971. (Col. Lexis).

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. (rev. e acresc.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. Trad. F. P. de Barros et al. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-365.

_____. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ: LEA, 2003. p. 47-87.

ESPÍNDOLA, L. C. PCNs do ensino médio: gramática e ensino. In: SOUSA, M. E. V. de.; VILAR, S. de F. P. (orgs.). *Parâmetros curriculares em questão: ensino médio*. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 2004. p. 91-110.

FELTES, H. P. de M. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FERRARI, L. V. A lingüística cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. In: *Veredas* (Revista de Estudos Lingüísticos). n° 9. Juiz de Fora, MG: UFJF. jul./dez., 2003. p. 23-29.

FERREIRA, L. M. A. Estabilidade e continuidade semântica. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A, 2003. p.73-87.

FICHER, E. R. *Metafora y lingüística cognitiva*. Chile: Bravo y Allende, 2005.

FLORES, C. M. M. *Zum ausdrück des höchsten grades* (im deutschen und im portugiesischen). Braga: Universidade do Minho/ILCH, 2004. (Dissertação de mestrado).

FONSECA, J. Sintaxe, semântica e pragmática das comparações emblemáticas e estruturas aparentadas. In: *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*. II série, v. II. Porto: Universidade do Porto, 1985. p. 213-250.

FONTAINE, J. *O círculo lingüístico de Praga*. Trad. J. P. Mendes. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.

FORD, C. E. et al. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ/London: LEA, 2003. p. 119-143.

FUKUMA, S. *Japonês para brasileiros*. 9. ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1993. (Col. Manuais de Estudo).

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal, RN: EDUFRN, 1998.

_____. Gramaticalização e os processos de variação e mudança lingüística. In: MOURA, D. (org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, AL: EDUFAL, 1999. p. 164-168.

_____. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. In: _____. *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal, RN: EDUFRN, 2000. p. 11-48.

_____. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 159-176.

_____.; COSTA, M. A. A interação sintaxe, semântica e pragmática. In: *Veredas* (Revista de Estudos Lingüísticos). n. 9. Juiz de Fora, MG: UFJF. jul./dez., 2003. p. 61-70.

_____. et al. Pressupostos teóricos fundamentais. In: _____. et al. (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ /DP&A, 2003. p. 29-55.

- GAMA KURY, A. da. *Português básico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- GEERAERTS, D. Prospects and problems of prototype theory. In: *Linguistics* 27, 1989, p. 587-612.
- _____. *Diachronic prototype semantics: a contribution to historical lexicology*. Oxford: OUP, 1997.
- GIBBS Jr., R. W. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. Cambridge: CUP, 1999.
- GIVÓN, T. Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist's field trip. In: *Papers from the 7th Regional Meeting*. Chicago: CLS, 1971.
- _____. Serial verbs and syntactic change: Niger-Congo. In LI, C. N. (org.). *Word order and word change*. Austin: UTP, 1975. p. 47-112.
- _____. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. I. New York: Academic Press, 1984.
- _____. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. II. Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- _____. The functional approach to grammar. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*. v. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 41-66.
- _____. *Sintaxe: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- _____. *Bio-linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações x-íssmo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. In: *Veredas* (Revista de Estudos Lingüísticos). nº 9. Juiz de Fora, MG: UFJF. jul./dez., 2003. p. 47-59.
- _____. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 149-168.
- GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. dos S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L. et al. (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 67-90. (Série Língua[gem], 21).

_____. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: _____. (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66. (Série Língua[gem], 21).

GÖRSKI, E. M. *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985. (Dissertação de mestrado).

_____.; FREITAG, R. M. Ko. Língua materna e ensino: alguns pressupostos para a prática pedagógica. In: SILVA, C. R. (org.). *Ensino de português: demandas teóricas e práticas*. João Pessoa, PB: Idéia, 2007. p. 91-125.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. In *Language*. v. 56, n. 3, 1980. p. 515-540.

_____. Iconic and economic motivation. In: *Language*. v. 59, n. 4, 1983. p. 781-819.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J. (org.). *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 134-178.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HARRIS, R. L. (org.) et al. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Trad. M. L. Redondo, L. A. T. Sayão e C. O. C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (ed.). *Perspectives on grammaticalization* (Current issues in linguistic theory). v. 109. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 255-287.

_____. *Cognitive foundations of grammar*. New York/Oxford: OUP, 1997.

_____. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: UCP, 1991a.

HEYVAERT, L. A. *A cognitive-functional approach to nominalization in English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

HONRUBIA, J. L. C. *Relaciones entre lenguaje y cognición: propuestas de metodología lingüística*. (Universidad de Alicante). cifu@ua.es. 1998. Acessado em mar. 2004.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*. v. 13., 1987. p. 139-157.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

_____. Some recent trends in grammaticalization. In: *Annual Review Anthropology*. n. 25. Pittsburgh: CMU, 1996. p. 217-236.

_____.; THOMPSON, S. A. Language universals, discourse pragmatics, and semantics. In: *Language Sciences*. v. 15, n. 4. Great Britain: Elsevier Science, 1994. p. 357-376.

_____.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

_____.; _____. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: CUP, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IBAÑEZ, F. J. R. de M. *Lingüística cognitiva: semântica, pragmática y construcciones*. Círculo de lingüística aplicada a la comunicación. Universidad de La Rioja. 8. nov. 2001.

ILARI, R. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 53-92.

_____. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *Gramática do português falado*. v. I.: a ordem. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. p. 63-141.

INFANTE, U. *Lições de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

_____. *Curso de gramática aplicada aos textos*. nova ed. São Paulo: Scipione, 2005.

KANASHIRO, A. R. (ed.). *Português. 6.: ensino fundamental de nove anos. (Projeto Araribá)*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

KEMMER, S. Human cognition and the elaboration of events: some universal conceptual categories. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ/London: LEA, 2003. p. 89-118.

KLEIBER, G. *La semântica de los prototipos: categoria y sentido léxico*. Madrid: Visor, 1995.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.

_____.; VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, da frase e do texto/discurso*. Coimbra: Almedina, 2001.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. In: *Esquisses Linguistiques II*. Munique: Fink, 1965. p. 38-54.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: UCP, 1987.

_____.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.

_____.; _____. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. GEIM. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Col. As Faces da Linguística Aplicada).

_____.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago/London: UCP, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1.: Theoretical prerequisites. Stanford: SUP, 1987.

_____. *Foundations of cognitive grammar*. v. 2.: Descriptive application. Stanford: SUP, 1991.

_____. Assessing the cognitive linguistic enterprise. In: JANSSEN, T.; REDEKER, G. (eds.). *Cognitive Linguistics: foundations, scope, and methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999b, p. 13-59.

LEECH, G.; SVARTVIK, J. *A communicative grammar of English*. 2. ed. New York: Longman, 1994.

LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. In: *Lingua e Stile*. v. 20, n. 3, 1985. p. 303-318.

_____. Grammaticalization and related changes in contemporary German. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 493-535.

LIBERATO, Y. G. A estrutura interna do SN em português. In: DECAT, M. B. N. et al. (orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 41-101. (Col. Idéias sobre Linguagem).

LOPES, C. A. G. *Processos de intensificação prefixais na norma urbana culta de Salvador*. anais_con2int_mr.pdf. 2000. (Acessado em mar. 2004).

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

_____. *Metáfora: da retórica à semiótica*. São Paulo: Atual, 1986.

LYONS, J. *Lingua(gem) e lingüística: uma introdução*. Trad. M. W. Averbug; C. S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1952.

MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.). *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora, MG: EDUFJF, 2005. p. 49-77.

MARMARIDOU, S. S. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: _____ et al. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996. p. 191-220.

_____. *Figura e fundo: uma proposta prática de análise*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. (reprod.).

_____; ALCÂNTARA, F. Discursivização da partícula *né*? In: MARTELOTTA, M. E. et al. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, 1996. p. 277-291.

_____; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A, 2003. p. 17-28.

_____; PALOMANES, R. Lingüística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 177-192.

_____. et al. Gramaticalização e discursivização de *assim*. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996. p. 261-276.

MARTIN, R. *Para entender a lingüística*. Trad. M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2003. (Col. Na Ponta da Língua, 6).

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Salvador, BA: INCM, 1984. (Estudos Gerais – série universitária).

McMAHON, A. *Understanding language change*. Cambridge: CUP, 1995.

MEDRADO, B. P. Cognição como mescal: o que está por trás da forma? In: PINTO, A. P. (org.). *Tópicos em cognição e linguagem*. Recife, PE: EDUFPE, 2006, p. 95-110.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique générale et linguistique historique*. Paris: Champion, 1912. p. 130-148.

MELO, I. F. A intensificação como mecanismo de avaliação implícita em narrativas orais. In: *Ao Pé da Letra: revista dos alunos de graduação em Letras*. v. 5., n. 1/2. Recife, PE:UFPE. Centro de Artes e Comunicação/Departamento de Letras, dez., 2003. p. 37-43.

MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa*. 8. ed. (ref. e atual.). São Paulo: Saraiva, 1999.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria, RS: EDUFMS, 1997.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MONTEIRO, J. L. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

MÜLLER, A. et al. Número e a distinção contável-massivo em karitiana. In: *Revista da ABRALIN*. v. 5., n. 1/2, dez. 2006. p. 185-213.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Col. Texto e Linguagem).

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. In: *Annual Review Anthropology*. n. 43. Pittsburgh: CMU, 1984. p. 97-117.

OLIVEIRA, L. de A. B. *A trajetória de gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista*. Natal, RN: UFRN, 1997. (Dissertação de mestrado).

OLIVEIRA, M. R. de. *Iconicidade e produtividade dos processos de repetição*. Trabalho apresentado no II Congresso nacional da ABRALIN, UFSC, 1999. (reprod.).

OLIVEIRA, N. F. de. Mecanismos de manifestação da subjetividade no texto argumentativo. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal, RN: EDUFRN, 2000. p. 111-169.

- OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v. 2., 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 17-46.
- PAULA, A. S. de. Formação de palavras na língua yawanawá. In: In: HORA, D. da. et al. (orgs.). *Revista do GELNE*. v. 5., n. 1/2. João Pessoa, PB: Idéia, 2003. p. 9-14.
- PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 59-79.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165-218.
- PIETZSCHKE, F. *Novo Michaelis: dicionário ilustrado inglês-português*. 25. ed. São Paulo: Melhoramentos/Wiesbaden: F A. Brockhaus, 1980.
- PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 223-255.
- QUIRK, R.; GREENBAUM, S. *A university grammar of English*. United Kingdom: Longman, 1979.
- RAMANZINI, H. *Introdução à lingüística moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.
- RAMAT, A. G. Testing the boundaries of grammaticalization. In: _____; HOPPER, P. J. (eds.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 107-127.
- RESENDE, V. de M.; GOMES, M. C. A. *Voz passiva sintética: uma nova proposta de análise*. In: www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno08-14, 2002. Acessado em jan. 2007.
- RIBEIRO, E. C. *Serões gramaticaes (ou Nova gramática portuguesa)*. 6. ed. Salvador, BA: Livraria Progresso, 1956.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 36. ed. (ret. e enr.). Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Investigando a origem e o desenvolvimento de orações dependentes nas famílias do tronco lingüístico tupi. In: *Revista da ABRALIN*. v. 5., n. 1/2, dez. 2006. p. 11-32.
- ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SARAIVA, F. R. dos. S. *Dicionário latino-português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1993.

SARMENTO, L. L.; TUFANO, D. *Português: literatura, gramática e produção de texto*. v. único. São Paulo: Moderna, 2004.

SHEDD, R. P. (ed.). *A Bíblia vida nova*. (rev. e atual.). Trad. J. F. de Almeida. 4. ed. São Paulo: Vida Nova S/R, 1980.

SILVA, A. S. da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*. v.1. Braga: Faculdade de Filosofia da UCB, 1997. p. 59-101.

_____. Linguagem, cultura e cognição, ou A lingüística cognitiva. In: _____ et al. (orgs.). *Linguagem, cultura e cognição: estudos de lingüística cognitiva*. v. I. Coimbra: Almedina, 2004. p. 1-18.

SILVA, J. R. *Estratégias discursivas de superlativação*. Natal, RN: UFRN, 2000. (Dissertação de mestrado).

_____. Variações de "super" no português do Brasil. In: PASSEGGI, L. S.; OLIVEIRA, M. do S. (orgs.). *Lingüística e educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001. p. 111-127.

SILVEIRA, S. da. *Lições de português*. 8. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972. (Coleção brasileira de filologia portuguesa).

SLOBIN, D. I. *Psicolingüística*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1980.

_____. The origin of grammatical encoding of events. In: HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. (orgs.). *Syntax and semantics*. v. 15. New York: Academic Press, 1982.

SOARES, M. F. *O supra-segmental em tikuna e a teoria fonológica: investigação de aspectos da sintaxe tikuna*. v. 1. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

STAUB, A.; REGUEIRA, P. B. *A estrutura do superlativo absoluto sintético português*. Brasília, DF: UnB, 1975. (reprod).

SWEETSER, E. Grammaticalization and semantic bleaching. In: *Berkeley Linguistic Society*. n. 14. Berkeley, 1988. p. 389-405.

_____. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: CUP, 1990.

TAVARES, M. A. *Reflexos da fala do Rio Grande do Sul em 1940: uma análise socio-funcionalista em "As vinhas da ira"*. Natal, RN: UFRN, 2004. (reprod).

_____.; FURTADO DA CUNHA, M. A. A gramática na sala de aula: leitura, análise e produção de textos orais e escritos. In: SILVA, C. R. (org.). *Ensino de português: demandas teóricas e práticas*. João Pessoa, PB: Idéia, 2007. p. 127-154.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Great Britain: Laredan Paperbacks, 1992.

_____. *Cognitive grammar*. New York: OUP, 2002. (Col. Oxford Textbooks in Linguistics).

TAYLOR, W. C. *Introdução ao estudo do Novo Testament grego: gramática*. 8. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

TERRA, E.; NICOLA, J. de. *Português: de olho no mundo do trabalho*. vol. único para o ensino médio. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004. (Col. De olho no mundo do trabalho).

THOMPSON, S. A.; COUPER-KUHLEN, E. The clause as a locus of grammar and interaction. In: *Discourse Studies*. v. 7 (4-5). London/Thousand Oaks/New Delhi: SAGE Publications, 2005. p. 481-506.

_____.; MULAC, A. quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenthetical in English. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 314-329.

_____. et al. *A reference grammar of wappo*. Berkeley/Los Angeles/London: UCP, 2006. (Col. Linguistics, v. 138).

TOMASELLO, M. Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. In: _____. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: LEA, 1998. p. vii-xxiii.

_____. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge / London: HUP, 1999.

_____. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v. 2. Mahwah, NJ/London: LEA, 2003.

TRAUGOTT, E. C. *From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization*. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. v. 24. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

_____. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, D.; STOCKWELL, R. (eds.). *Studying the history of the English language: millennial perspectives*. Belin: Mouton de Gruyter, 2002, p. 19-49.

_____.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. (eds.). v. 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

_____.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: _____.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. (eds.). v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *Gramática: ensino plural*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VACHEK, J. A teoria lingüística da Escola de Praga. In: TOLEDO, D. (org.). *Círculo Lingüístico de Praga*. Porto Alegre, RS: Globo, 1978, p. 30-49.

VINCENT, D. S. et al. Gramaticalização e pós-gramaticalização. In: *Langues et Linguistique*. n. 19. Québec: Université Laval, 1993. (reprod.).

VOTRE, S. J. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Québec: Université Laval, 1992. (reprod.).

_____. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, 1996. p. 27-43.

_____. A integração das objetivas diretas. In: *Cadernos do CNFL*. n. 2. (A perspectiva pancrônica da integração função-forma na sintaxe do português). Rio de Janeiro: UERJ, 2000. p. 71-87.

_____. Continuidade e mudança na língua portuguesa do Brasil. In: BASTOS, N. B. (org.). *Língua portuguesa: uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC/EDUC, 2002, p. 135-152.

_____.; CEZARIO, M. M. Gramaticalização na ordenação vocabular de sujeito e auxiliar-verbo. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, 1996. p. 115-126.

_____.; OLIVEIRA, M. R. *A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. (reprod.).

_____.; _____. *A língua falada e escrita na cidade do Rio Grande*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. (reprod.).

_____. et al. Marcação e iconicidade na gramaticalização de construções complexas. In: *Gragoatá*. n. 5. Niterói, RJ: UFF, 2. sem., 1998. p. 41-58.

WIERZBICKA, A. The semantics of English causative constructions in a universal-typological perspective. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: LEA, 1998. p. 113-153.

YU, N. *The contemporary theory of metaphor: a perspective from Chinese*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.